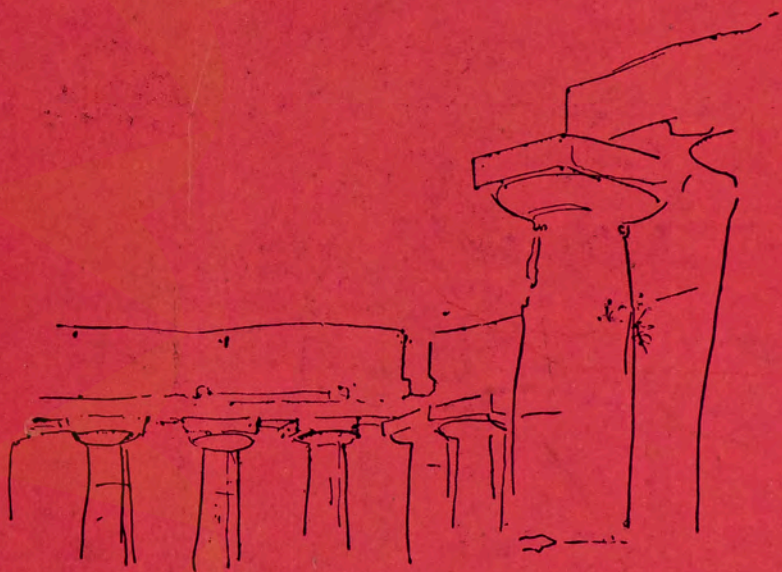


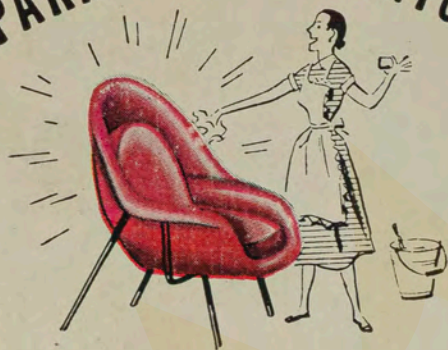
11

HABITAT

revista das artes no Brasil



PARA ESTOFAMENTOS

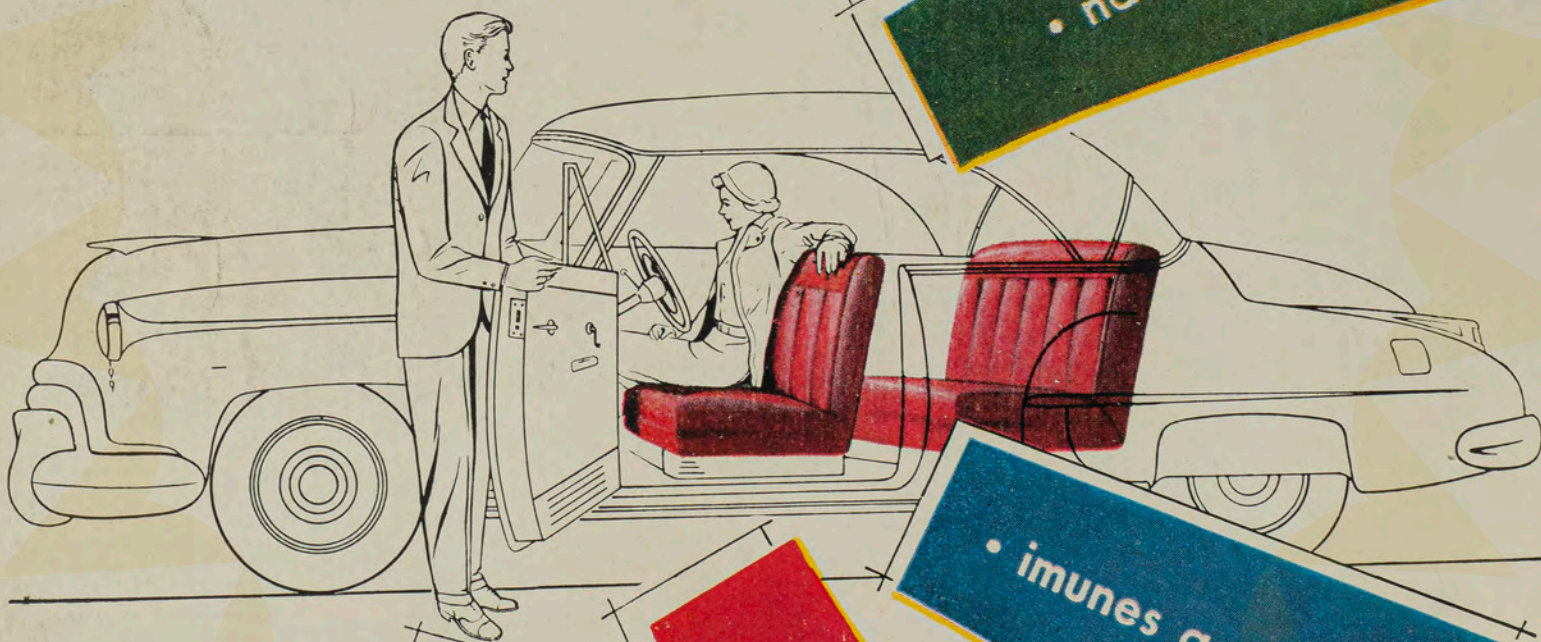


• cores firmes

• resistentes

• não mófam

COURO-PLÁSTICO PLAVINIL



• imunes aos insetos

• higiênicos

• não mancham

À VENDA
EM TODAS
AS BOAS
CASAS
DO RAMO.

o máximo
em qualidade

PLÁSTICOS PLAVINIL S. A.
Caixa Postal 12862 End. Teleg. "PLAVINIL" São Paulo

KNOEDLER

Established 1846



Pieter Claesz, *Natureza morta*, 1661 (33¼" x 22")

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
CONTEMPORARY PAINTING

Framing

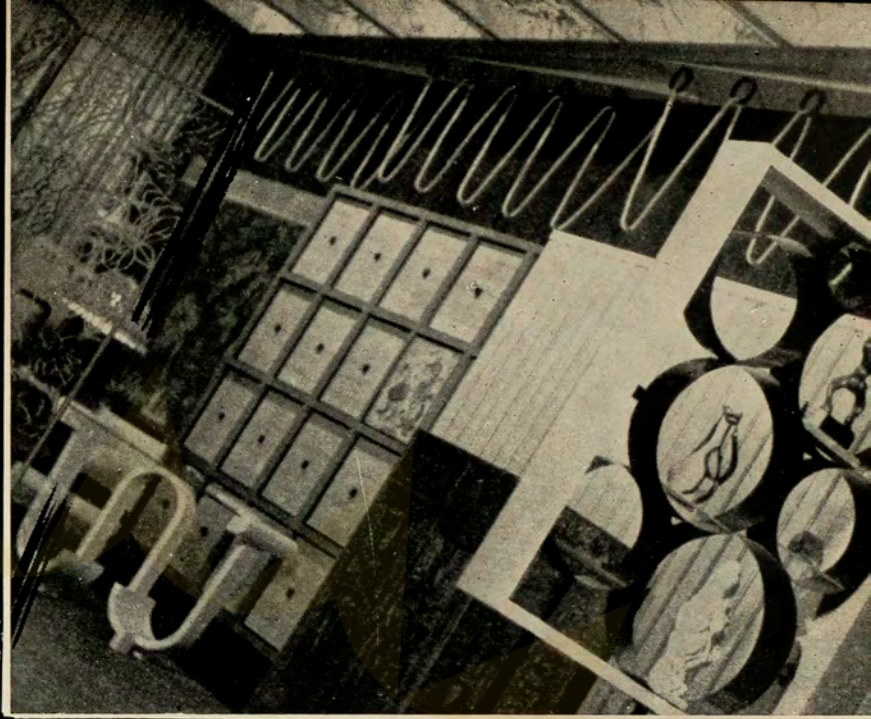
Prints

Restoring

NEW YORK CITY
14 East 57 th Street

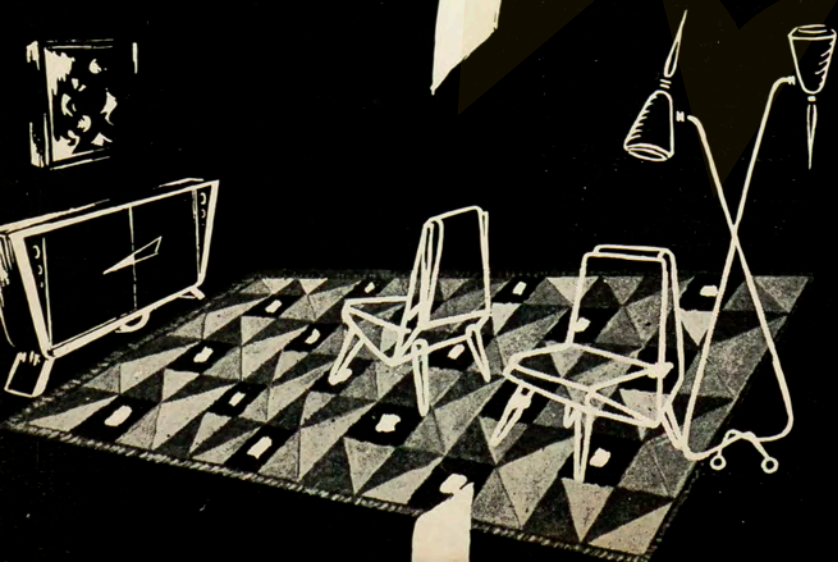
LONDON
14 Old Bond Street

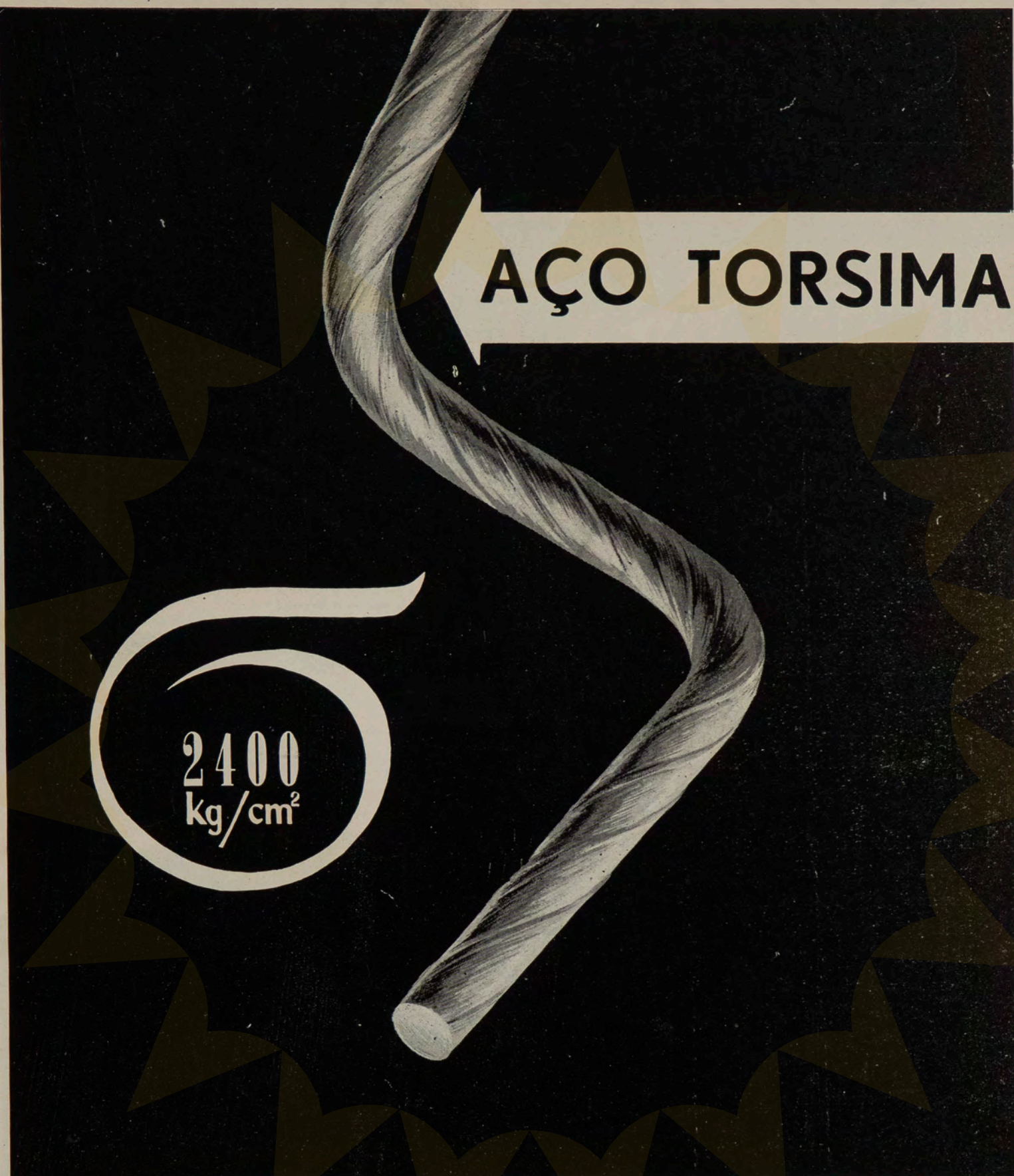
PARIS
22 Rue des Capucines



home

studio arte
decorativa
home ltda
rua santa izabel
58 66 fone 367354





AÇO TORSIMA

2400
kg/cm²

P A R A A S E M P R E S A S P R O G R E S S I S T A S

AÇO TORSIMA LTDA.

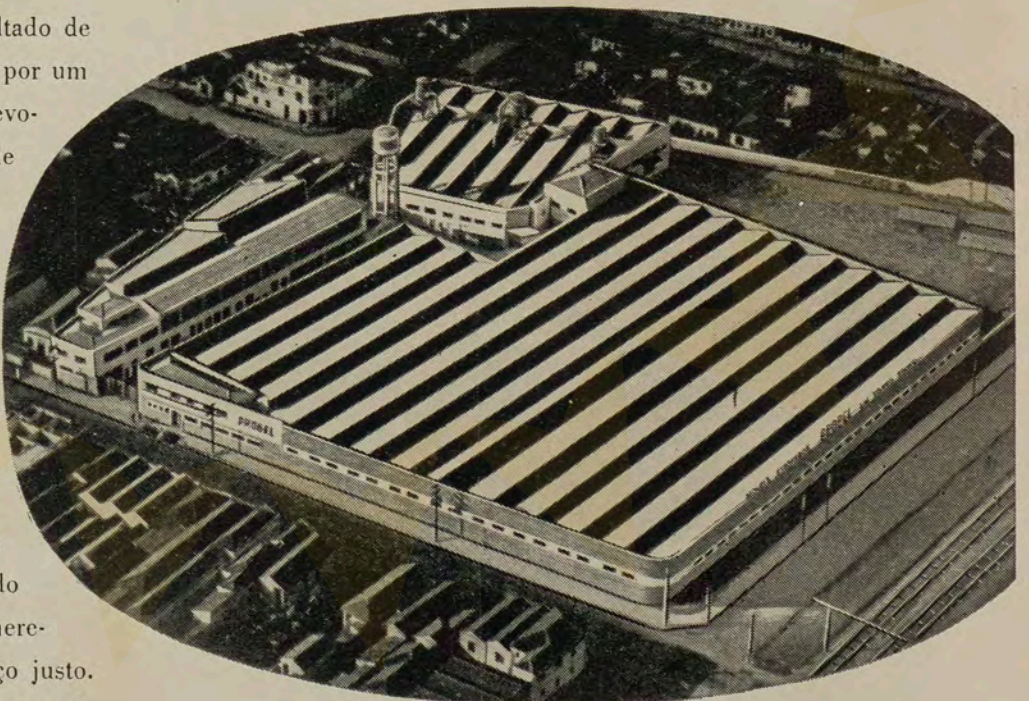
Escritório: Rua 7 de Abril, 264 - 13.º - Fone 35-6758
SÃO PAULO

A Mola Mágica



que construiu **PROBEL** — uma grande indústria!

É uma história simples: foi tudo resultado de uma mola mágica, concebida, certa vez, por um cérebro inventivo. Ela trazia novos e revolucionários rumos para a indústria de colchões e móveis estofados. O público aprovou-a... preferiu-a. E a indústria cresceu. Claro, que essa pequenina mola apoiava-se numa filosofia: o princípio de que uma indústria não é composta apenas de máquinas, nem visa apenas vender. Ela está antes de tudo, a serviço do Homem. Do Homem que nela trabalha e merece conforto, segurança e dignidade. E do Homem para o qual ela trabalha, que merece produtos de qualidade, por um preço justo. E esta foi sempre a filosofia de Armações de Aço Probel S. A. — a filosofia que a transformou, de pequenina organização, na maior indústria do gênero na América do Sul!



Vista aérea da moderníssima Fábrica Probel em S. Paulo, a maior indústria de colchões de molas e móveis estofados, na América do Sul

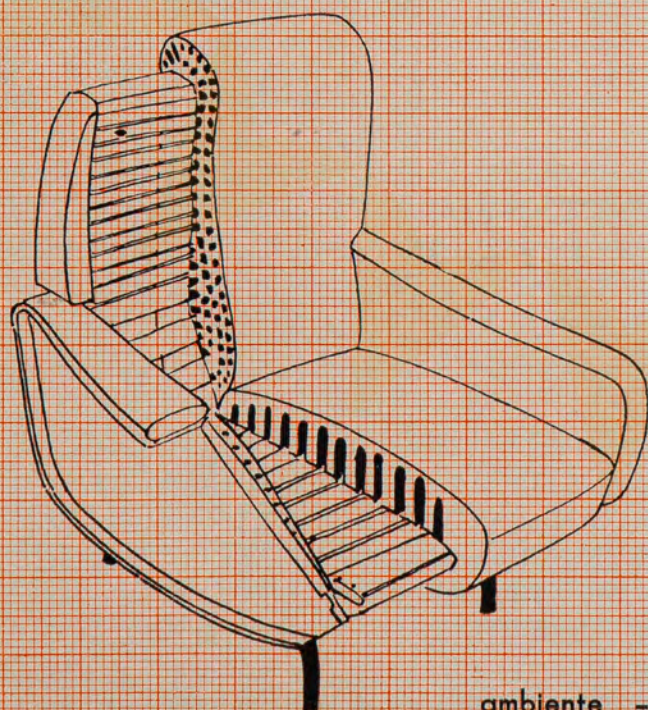
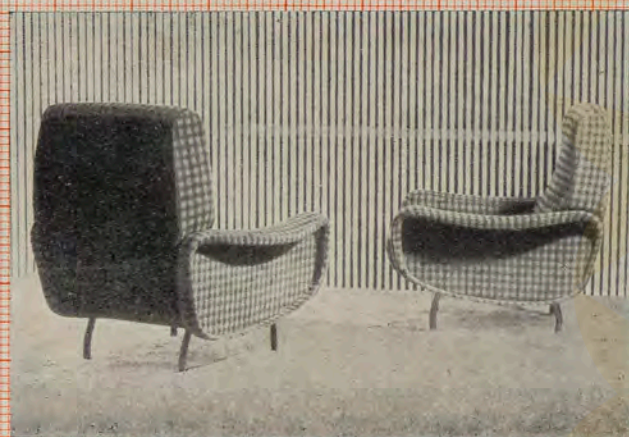
ARMAÇÕES DE AÇO **PROBEL S. A.**

Pioneira da industrialização do conforto no País

Fábrica: Rua Vilela, 307 (Tatuapé) - Caixa Postal, 1711 - FONE 9-0927 (P. B. X.)
Exposição: Av. Ipiranga, 442 - Esq. Rua São Luís - FONE 36-5597 - São Paulo

as superfícies que envolvem o corpo humano numa poltrona são o assento, encosto e braços. todos estes elementos exigem diversos graus de espessura no estofamento, que se realizam neste modelo com o uso de "borracha esponjosa" de varias compressões aplicada sobre "nastro-cord" em diferentes tensões. também os braços são revestidos de borracha adequada. pés de ferro, pintados a fogo.

modelo "lady", criado pelo arquiteto Marco Zanuso - milano - italia. direitos exclusivos de fabricação para a america latina, adquiridos por ambiente - sociedade comercial de moveis ltda., são paulo - brasil. todas as poltronas levarão um rotulo com o número de ordem e assinatura do arquiteto criador.



fabricação própria
tecidos originais
desenhos exclusivos

ambiente - rua martins fontes, 223 - tel.: 35-0306 - são paulo



Painel de Roberto Burle - Marx

MOSAICO
VIDROSO

«VIDROTIL»

VENDAS:

SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 - Telefone, 32-2326

RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Almirante Alexandrino, 200, S. 202 - Fone, 22-4394

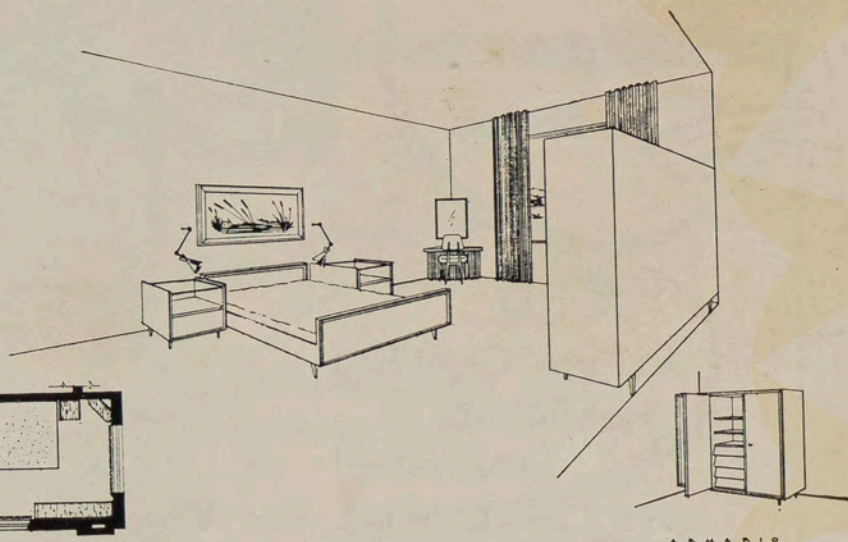
PORTO ALEGRE: C. TORRES S. A. - Rua Voluntários da Pátria, 338 - Fone, 7144

SALVADOR: GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8

BELO HORIZONTE: BITTENCOURT & CIA. LTDA. - Av. Amazonas, 266, 12.º andar, Sala 1218 - Fone, 2-6354

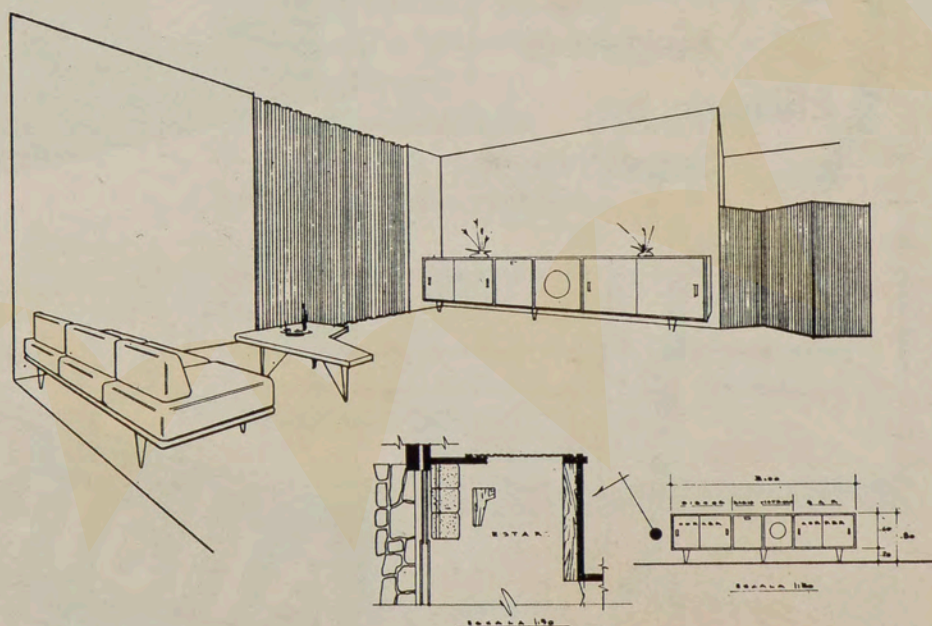


Clube de Engenharia, Rio de Janeiro, Perspectiva do Salão da Presidência, Projeto



Projeto de decoração de um moderno dormitório

m o v e i s
m o d e r n o s
d e a l t a
q u a l i d a d e



Projeto para decoração de um living

m o v e i s a r t e s a n a l l t d a .

são paulo, rua arnaldo, 13, itaim; caixa postal, 6510, telefone 8-5635

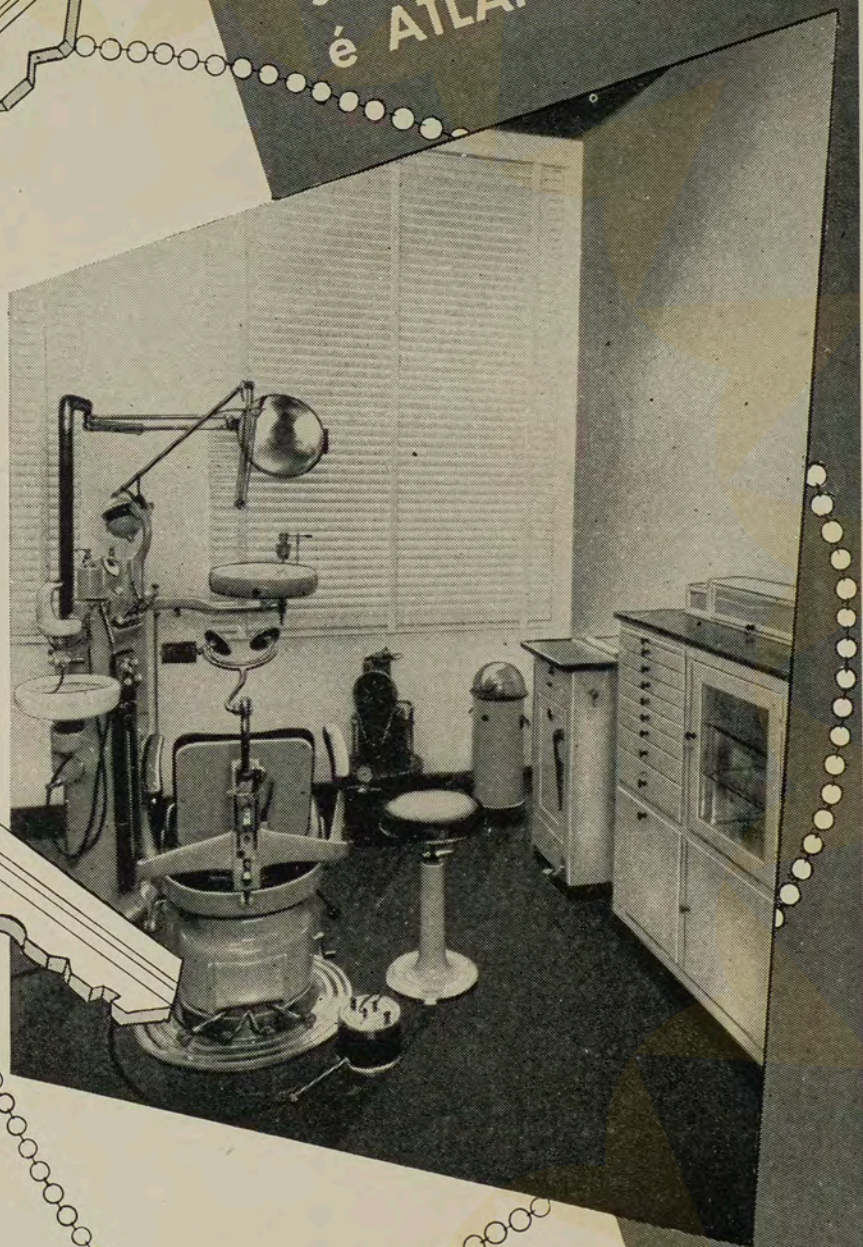
DOUTOR!

uma das chaves do
sucesso profissional
é ATLANTE!

Personalidade
Relações
Sociais

Cultura Científica
Habilidade
Profissional

Consultório
Moderno,
Eficiente e
Sugestivo



Atlante s/a

A maior
indústria Sul-Americana
de equipamentos odontológicos

Rua Diogo Vaz, 85 - Tel. 33-5119 - Caixa Postal, 3962 - S. Paulo - Brasil



Edifício da Caixa de Seguros de Vida dos Funcionários Cíveis e Militares do Paraná (obra iniciada em junho de 1952)

Eis as nossas credenciais...

Este edificio figura entre os mais belos, arrojados e modernos que construimos em Curitiba. Constitue, por si só, o melhor atestado da capacidade e experiencia da nossa equipe de técnicos, que, nos últimos sete anos, tem projetado e construido os mais diversos tipos de casas residenciais, edificios, hospitais, armazens, fábricas, estradas e pontes em diversas cidades do nosso Estado e em Santa Catarina.

Se o problema de V. S. é de construção ou urbanização, lembre-se de que, por mais difícil que ele seja, IWERSEN, LOYOLA & PIERRI S. A. o resolverá.

Completa linha de equipamentos especiais, como tratores, scrapers, rolos compressores, betoneiras, bate-estacas, geradores, motoniveladoras, perfuratrizes, compressores de ar, bombas, serras elétricas fixas e portateis, guinchos, caminhões, caminhonetes, tornam os serviços dos técnicos e operários da ILOPI mais rápidos, econômicos e eficientes.

OUTRAS OBRAS DA ILOPI: (concluídas ou em execução)

Edifício Copacabana (12 pavimentos)	- Curitiba
Edifício Paulo Renaux (4 pavimentos)	- »
Hospital das Clínicas (15 pavimentos)	- »
Manicomio Judiciario	- »
Hospital Colonia Padrão para Psicopatas	- »
Três novas alas da Universidade do Paraná	- »
Vinte casas populares	- »
Trinta residencias de todos os tipos e tamanhos	- »
Grupo Escolar Barão do Rio Branco	- »
Serviço de Padronização de Produtos de algodão	- Jacarezinho
Inspetoria e Recebedoria de Rendas	- »
Ginasio Estadual de Ribeirão Claro	- Ribeirão Claro
Quatro Entrepósitos de Inflamaveis	- Varias cidades
Sucursal da Sul America Capitalização S. A.	- Florianopolis



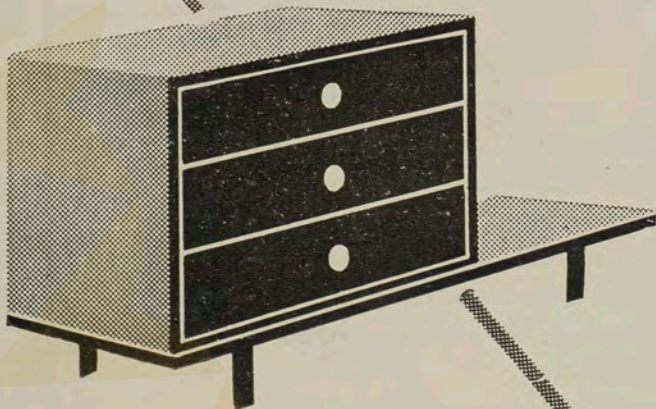
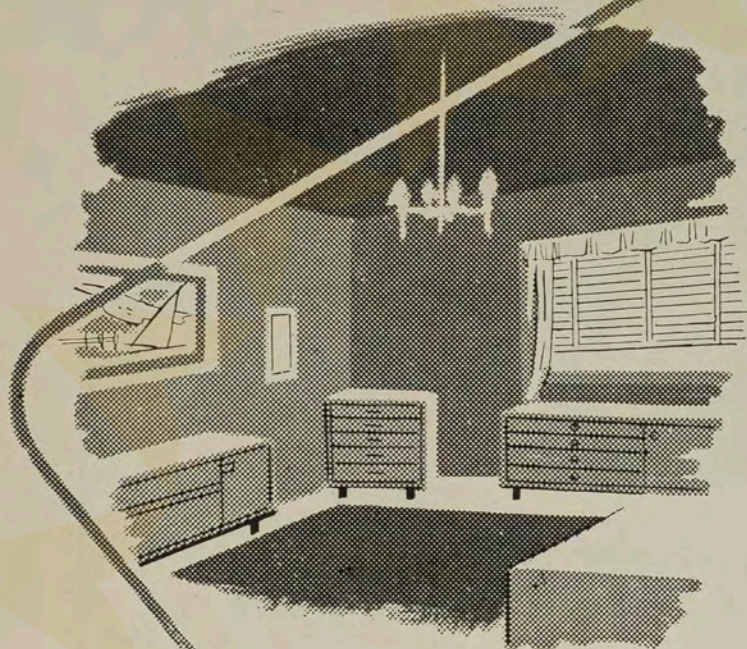
Consulte, sem compromisso, o Departamento Técnico de

iwersen, loyola & pierri s. a.

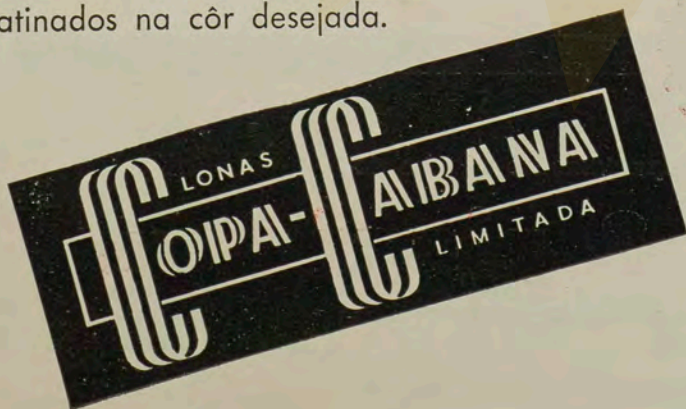
ALICERCE DAS MELHORES CONSTRUÇÕES

Rua José Loureiro, 51 (Ed. Mauá) - Fones: 124 - 2355 - 2792 - 3162 e 3423
Caixa Postal, 1143 - End. Teleg.: "ILOPI" - Curitiba - Paraná

móveis

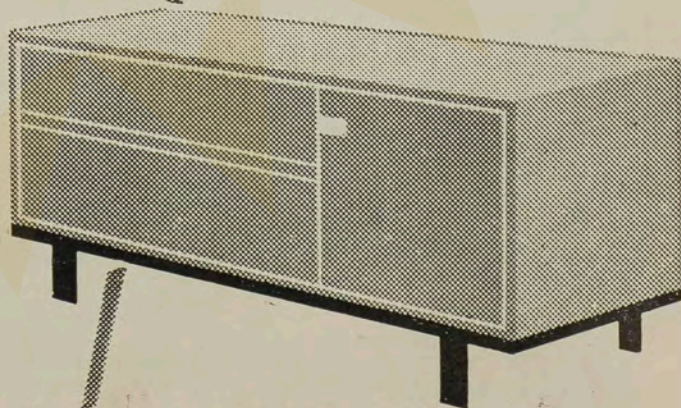
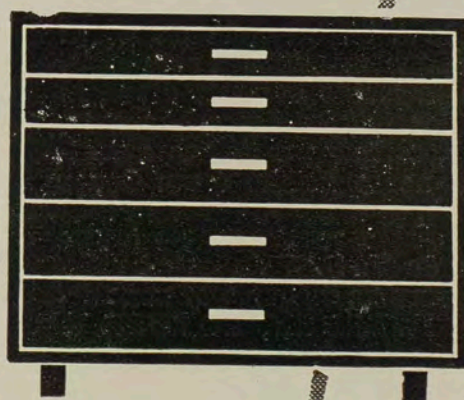
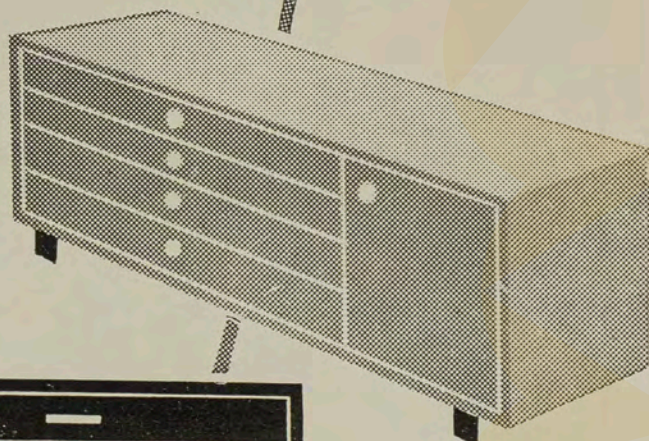


Venha conhecer a nova linha de móveis funcionais COPA CABANA. Cômodas, estantes, buffets, armários, secretárias, etc. próprios para apartamentos, patinados na cor desejada.



funcionais

(PATINADOS A CORES)



Av. Brig. Luís Antônio, 378

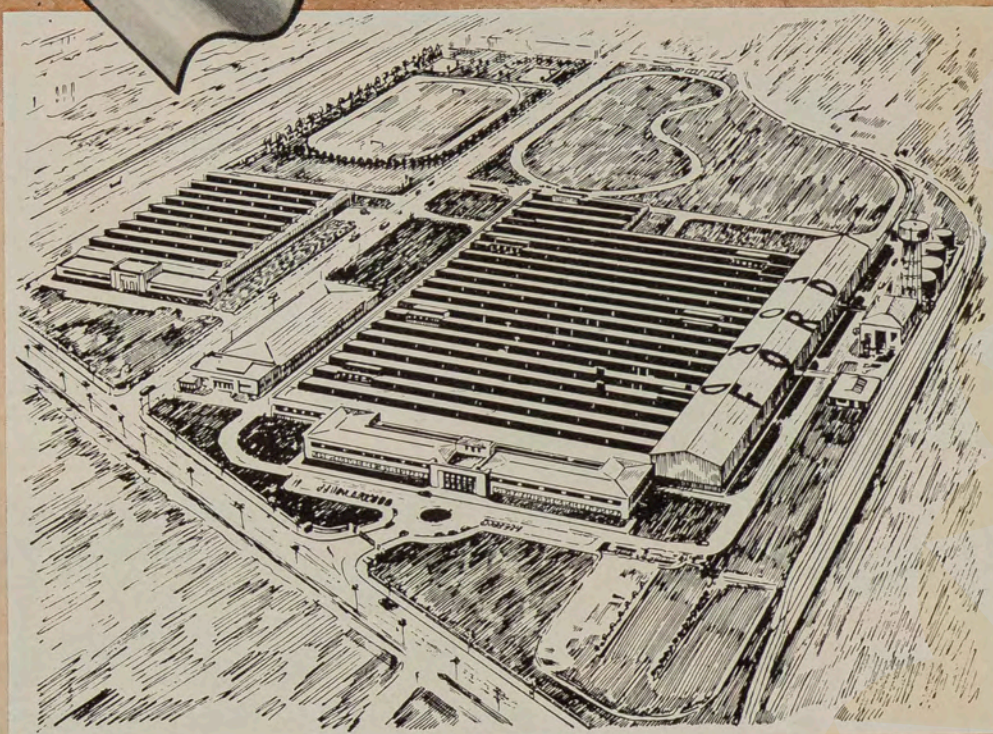
Tel. 32-7847 - S. PAULO

ETERNIT NAS GRANDES CONSTRUÇÕES

Precedida de 50 anos de fama mundial, a ETERNIT, iniciadora da fabricação do material de cimento-amianto, continua desenvolvendo as suas atividades no âmbito das grandes construções em todo o Brasil.

A grande fábrica de automóveis FORD em São Paulo, recentemente inaugurada, reconhecendo sábiamente as excelentes qualidades do famoso material ETERNIT, escolheu para a cobertura e tapamento de sua nova e gigantesca usina de montagem as insuperáveis chapas onduladas ETERNIT.

O Brasil, com seu espírito progressista pode sempre contar com a colaboração da...



Eternit

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S. A.

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

TERRAPLENAGEM
LOTEAMENTOS
CONSTRUÇÕES CIVIS
PARQUES E JARDINS

HABITAT

ENGENHARIA S/A

NOVO ENDEREÇO:
RUA STA. EFIGENIA, 89-7.º
FONE: 36-1953 — SÃO PAULO

Modernise seu banheiro

PLÁSTICOS



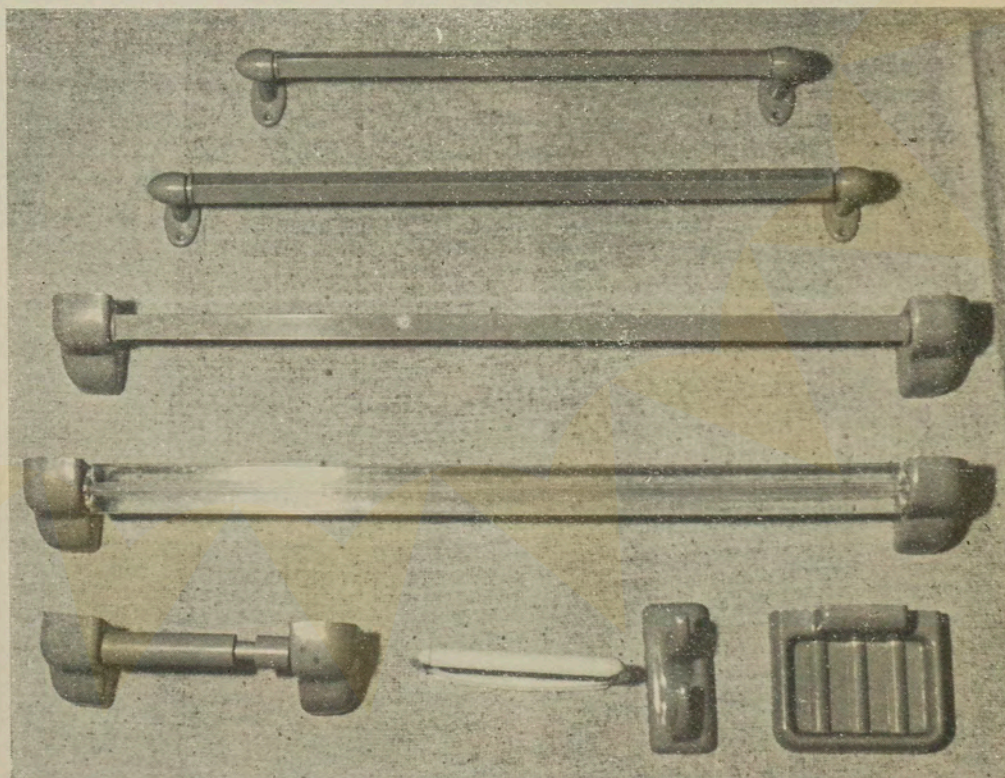
LIMITADA

apresenta conjuntos de:

porta-toalha
saboneteira
cabides
porta-papel

**em todas as
côres modernas**

uma das linhas da fabricação da



higiénico ! inquebrável ! de fácil colocação !

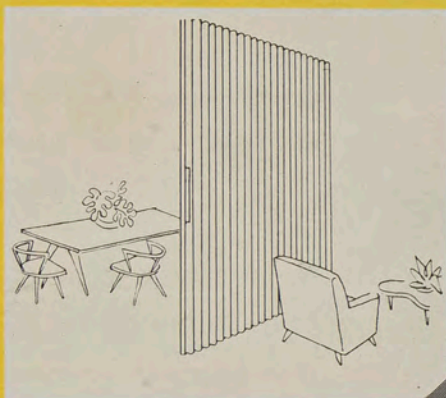
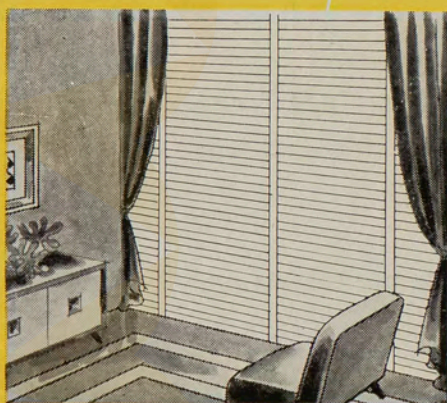
PLÁSTICOS HEVEA LIMITADA

Rua Bixira, 234 - fone: 9-5385 - São Paulo

Presentes modernos

PARA OS LARES MODERNOS!

PERSIANAS
sun-air **Kirsch** *
Lâminas em forma de "S"



DIVISÕES SANFONADAS
modernfold *

DIVIDE - SEPARA E FECHA
- a solução ideal para todos
os problemas de espaço!

PERSIANAS

flex-o-lite
SUPER-LUXO

Lâminas em forma de arco

* EM LINDAS CÔRES



FERRAGENS DE EXTENSÃO

Kirsch

A maior novidade para colocação de cortinas. Decorativas e práticas

LOJA **Kirsch**

S. PAULO: Rua Cons. Crispiniano, 115 - Fone 32-6041
SANTOS: Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - sala 408

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Há 27 anos que...

MILHÕES

conhecem "CIL"

MILHÕES

usam "CIL"

MILHÕES

preferem "CIL"



PANAM - Casa de Amigos

TINTAS E VERNIZES
"CIL"

BETONOL
WALKIRIA
FLEXCIL
RUTILACK
FACILIT
SOLÚVEL EM ÁGUA

porque as Tintas e Vernizes "CIL" representam a mais alta qualidade em tintas, no Brasil!

Nada mais justo do que esta preferência de milhões de brasileiros pelos produtos "CIL"! E suas raízes repousam em fatos comprovados: nos ingredientes nacionais de alta seleção; nos modernos métodos de fabricação; na técnica de laboratório; no estudo minucioso dos diversos tipos para atender às conveniências dos diferentes usos e, sobretudo, na excelência dos resultados obtidos.

PRODUTOS DA

CIA. QUÍMICA INDUSTRIAL

"Cil" S.A.

São Paulo: R. Cajuru, 552 - Telefone: 9-1131
Rio: R. Uruguaiana, 118 - s/505 - Tel. 43-4529

Tintas e Vernizes "CIL"

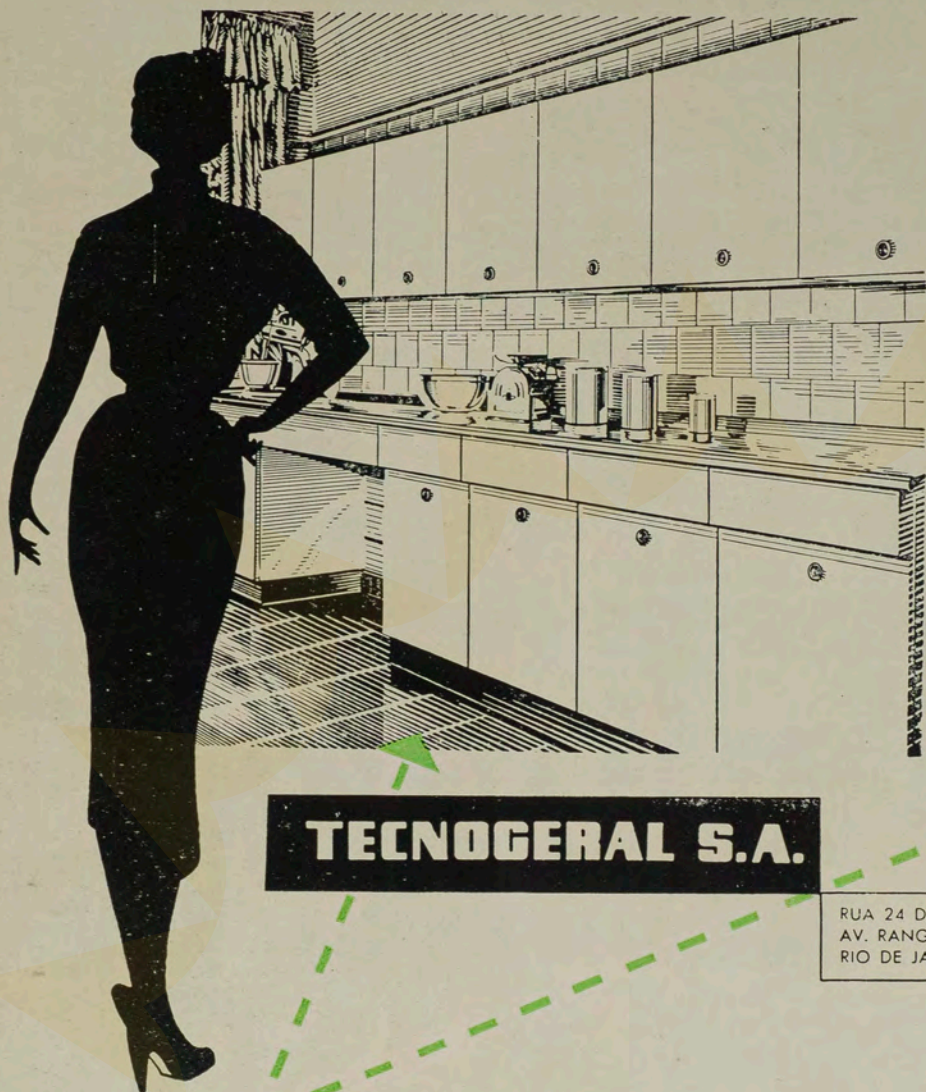
— protegem o Brasil



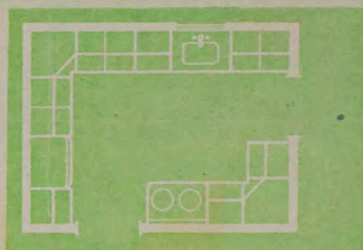
MOSAICO CRISTAIS
ENEZA S/A

ESCRITÓRIO E VENDAS: R. DA QUITANDA, 96 - 1.º - S/ 109 - FONE, 34-4472

FÁBRICA: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 4519 - SÃO PAULO



Cozinha



SECURIT

TECNOGERAL S.A.

RUA 24 DE MAIO, 47 - FONE: 35-5187 (10 ram.) S. PAULO
 AV. RANGEL PESTANA, 2085 - FONE: 9-3177 S. PAULO
 RIO DE JANEIRO - RUA DO MEXICO 16 - FONE: 52-3616

tecnoprop

Vista interna de uma das salas
da nova fábrica da FORD

PERSIANAS "LEVOLOR"

Escolhidas e recomendadas pelos mais famosos arquitetos internacionais. Produzida nos E.E. U.U. pelo maior fabricante mundial de persianas e agora fabricada em São Paulo pela



INDUSTRIAL MECÂNICA NOVITAS LTDA.

Rua da Consolação, 335; Fone: 35-1494; São Paulo.

A PERSIANA ESCOLHIDA PARA A NOVA FÁBRICA DA FORD MOTOR CO.



SOLAR SOFLEX VIDRAS FALT TEK MOLUX

FABRICAÇÃO BRASILEIRA FIBRAS DE VIDRO S. A.

Vendas: Praça Ramos de Azevedo, 206 - 21.º Andar - Sala 2110 - Fone 34-6745 - São Paulo

Luz que orienta

Ao cruzar os céus, ou palmilhando as ruas, os paulistas voltam o olhar para a luz que brilha no alto do Edifício do Banco do Estado, buscando localizar o centro da pauliceia. Coroando o magestoso bloco de cimento armado, a luz do Banco do Estado simboliza muito mais que simples ponto de referência. Significa a solidez de um estabelecimento de crédito, que há dezenas de anos fomenta o desenvolvimento da Indústria e do Comércio. A excelência de sua perfeita organização bancária, a rapidez com que se atende os correntistas, fazem aumentar dia a dia, a preferência geral pelo Banco do Estado de São Paulo.

- Depósitos
- Empréstimos
- Descontos
- Câmbio
- Cobranças
- Transferências
- Títulos
- Cofres de Aluguel

Agências em cidades do interior
Correspondentes nas principais praças do exterior

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
CAPITAL REALIZADO:
Cr. \$ 100.000.000,00

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO



Profissionais e Amadores — concordam... —

Kem-Tone é fácil de aplicar!

Não há ciência alguma. É só misturar água e pintar! Graças à sua consistência especial, espalha-se por igual, não racha e nem empelota.



Kem-Tone seca em 1 hora!

E a sala pode ser usada logo depois, porque KEM-TONE não deixa cheiro de tinta. Depois de bem seca pode ser lavada à vontade sem alterar o acabamento.



Kem-Tone é econômica!

Um galão de KEM-TONE dá um galão e meio de tinta pronta para uso. É só misturar meio galão de água. Uma só demão cobre bem a maioria das superfícies!



Seu revendedor mais próximo ou seu pintor lhe mostrará as lindas cores de KEM-TONE. Misturando 2 ou mais cores de KEM-TONE, você pode criar uma tonalidade especial, segundo o seu gosto pessoal.



UM PRODUTO DA

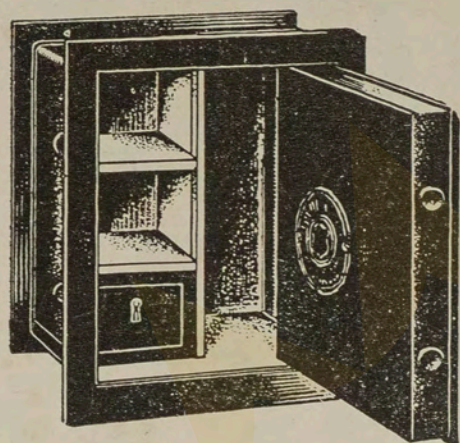
SHERWIN

TINTAS E



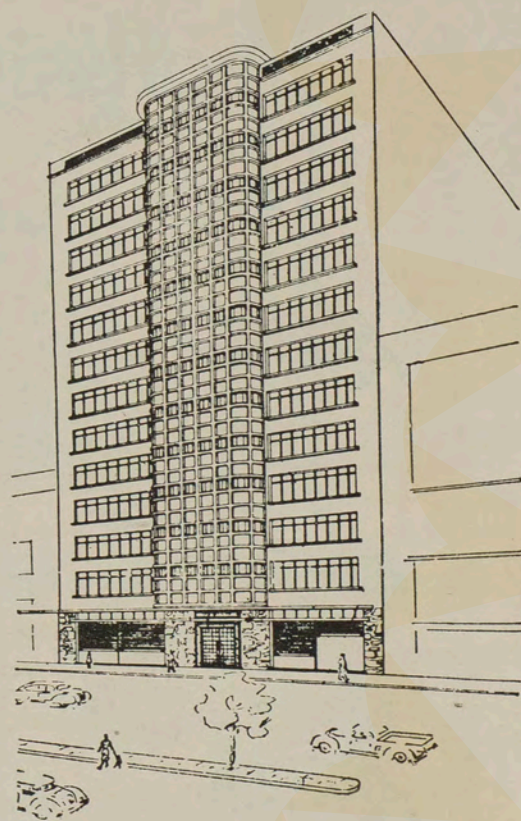
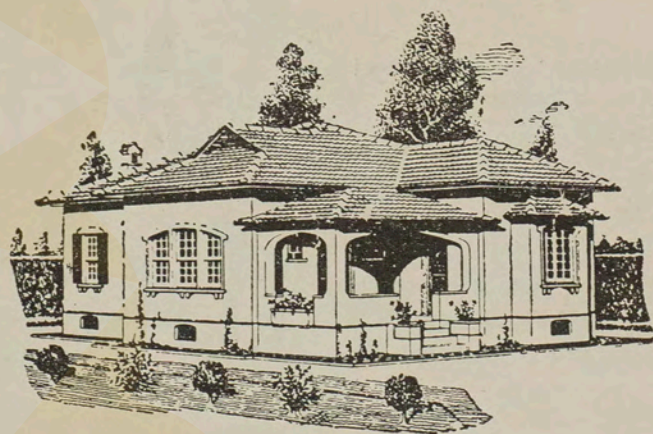
WILLIAMS

VERNIZES



Cofre de embutir

BERNARDINI



LOJA:

Rua Boa Vista, 57
 Telefone: 32-1414

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

Rua Hipólito Soares, 79
 Telefone: 3-0786
 São Paulo

FILIAL NO RIO DE JANEIRO:

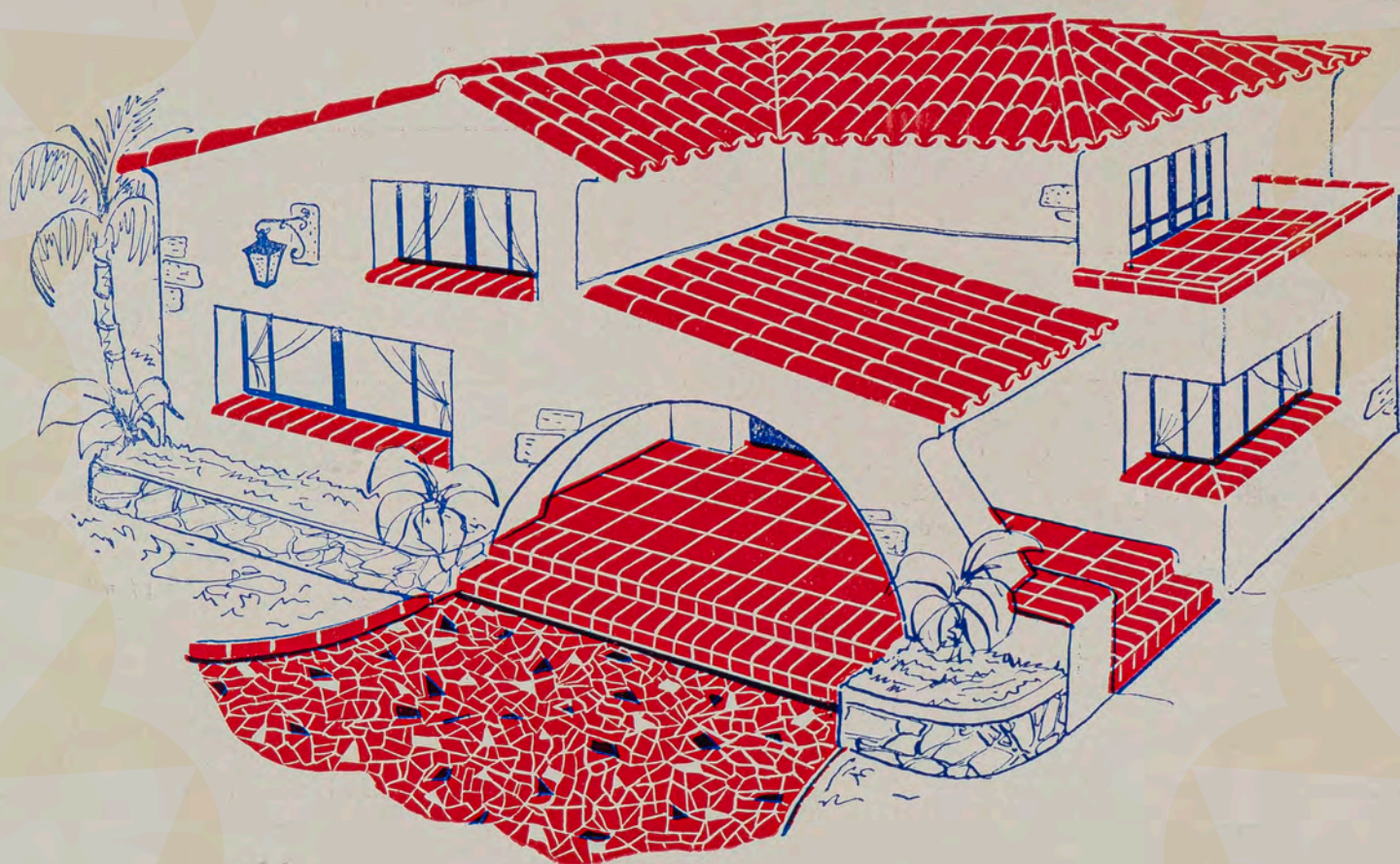
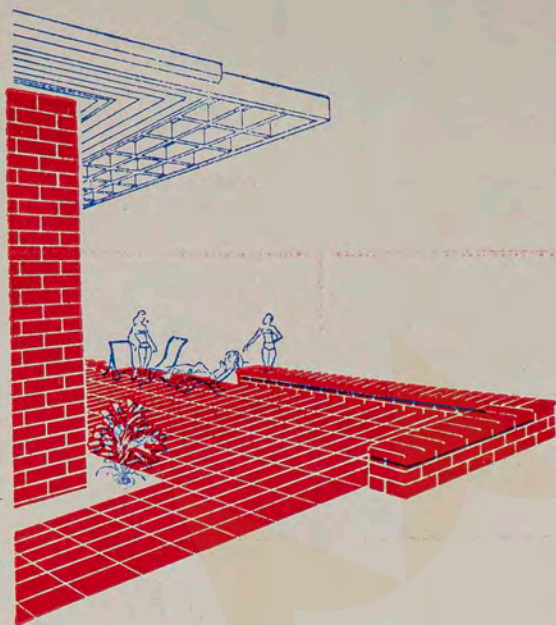
Rua do Carmo, 61
 Telefone: 22-3541

FILIAL EM CURITIBA:
 Rua Carlos de Carvalho, 134

Vai construir?

Então vai precisar de

*ladrilhos
lajotas
telhas
tijolos,
etc.*



Chame nossa secção de vendas pelos

fores

36-3610

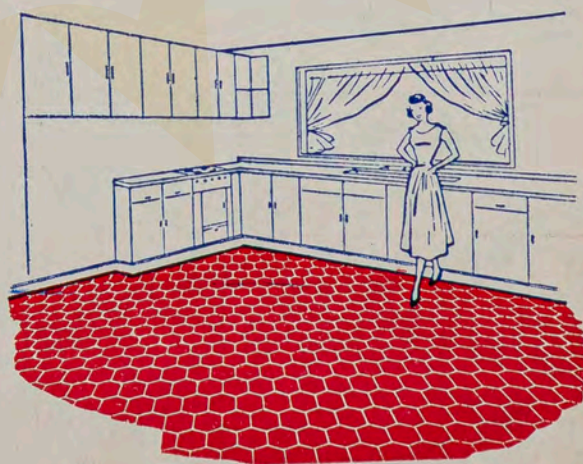
33-4453

33-4277

nosso vendedor irá procurá-lo com amostras e
oferecer-lhe nossos produtos **a preço de fábrica.**

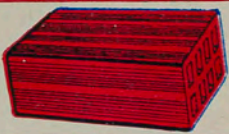
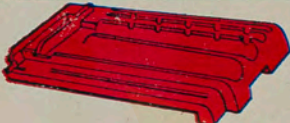
Cerâmica **S**acoman S.A.

CX. POSTAL 256 - SÃO PAULO



Alguns produtos



	NOME E NÚMERO DA PEÇA	DIMENSÕES EM MILÍMETROS	NÚMERO DE PEÇAS POR METRO
	Tijolo furado N.º 59 - 4 furos N.º 60 - 6 furos N.º 63 - 8 furos	250 x 120 x 120 250 x 180 x 120 300 x 180 x 120	36 p/ m ² 17 p/ m ²
	N.º 1 - Telha tipo Marselhêsa lustrosa	400 x 240 x 12	16 p/ m ²
	Telha Colonial Paulista N.º 4 - canal N.º 5 - capa	410 x 180 e 410 x 150	30 p/ m ²
	N.º 34 - Peitoril com pingadeira	250 x 120 x 50	20 p/ m ²
	N.º 65 - Tijolo laminado N.º 31 - Tijolo prensado lustroso	240 x 115 x 55 250 x 125 x 50	—
	N.º 35 - Tijolo para degrau	250 x 120 x 50	20 p/ m ²
	Lajota boleada N.º 37 - para degrau N.º 40 - para peitoril N.º 47-A - para peitoril	300 x 120 x 25 250 x 120 x 25 170 x 120 x 25	8 p/ m ²
	Capa de muro N.º 43 - grande N.º 48 - média N.º 45 - pequena	310 x 120 x 25 200 x 120 x 25 170 x 120 x 25	8 p/ m ²
	N.º 86 - Ladrilho retangular vermelho, preto e amarelo	145 x 72 x 8	96 p/ m ²
	Ladrilho quadrado vermelho, preto e amarelo N.º 84 - grande N.º 81 - pequeno	145 x 145 x 8 95 x 95 x 8	48 p/ m ² 110 p/ m ²
	N.º 89 - Ladrilho hexagonal vermelho, preto e amarelo	105 x 105 x 8	106 p/ m ²
	N.º 97 - Ladrilho Trottoir 4 gomos N.º 98 - Ladrilho Trottoir sulcado	103 x 103 x 12	94 p/ m ²
	N.º 99 - Ladrilho canaleta para piso de lavanderias, entrada de automóvel etc.	135 x 135 x 12	55 p/ m ²
	Lajota para piso N.º 121 - especial N.º 123 - grande N.º 124 - pequena	285 x 142 x 15 350 x 172 x 20 250 x 120 x 15	25 p/ m ² 17 p/ m ² 34 p/ m ²

VITRINE *de* CONFÔRTO

EPEDA

apresentando o famoso molejo Epeda
em 4 acabamentos diferentes

Luxuosíssimo

Acabamento em finíssimo tecido assetinado, luxuosamente bordado, com estofamento em fofas camadas de pasta feltro, formando um verdadeiro "edredon".

Preço: Cr\$ 1.900,00

Preço em S. Paulo - para Solteiro + 4 % de imposto

Luxo

Acabamento em fino tecido "Damasco", de grande beleza e alta resistência. Estofamento em pasta feltro, especialmente preparada.

Preço: Cr\$ 1.680,00

Preço em S. Paulo - para Solteiro + 4 % de imposto

Junior

Acabamento de grande resistência em tecido "Jacquard". Estofamento extremamente confortável.

Preço: Cr\$ 1.480,00

Preço em S. Paulo - para Solteiro + 4 % de imposto

Universal

A mais recente criação Epeda. Produzido pelo sistema americano, com botões externos.

Preço: Cr\$ 1.250,00

Preço em S. Paulo - para Solteiro + 4 % de imposto

COLCHÕES
DE MOLAS

EPEDA

A VENDA NAS BÔAS CASAS DE MÓVEIS E TAPEÇARIAS

Um produto da melhor fábrica de Colchões de Molas, da América do Sul

Exposição: Rua Vieira de Carvalho, 169 — Telefone: 34-1691

Únicos fabricantes: INDÚSTRIAS RAPHAEL MUSETTI S. A. - R. Catarina Bralda, 79 - Tels.: 9-2486 e 9-3857 - S. Paulo

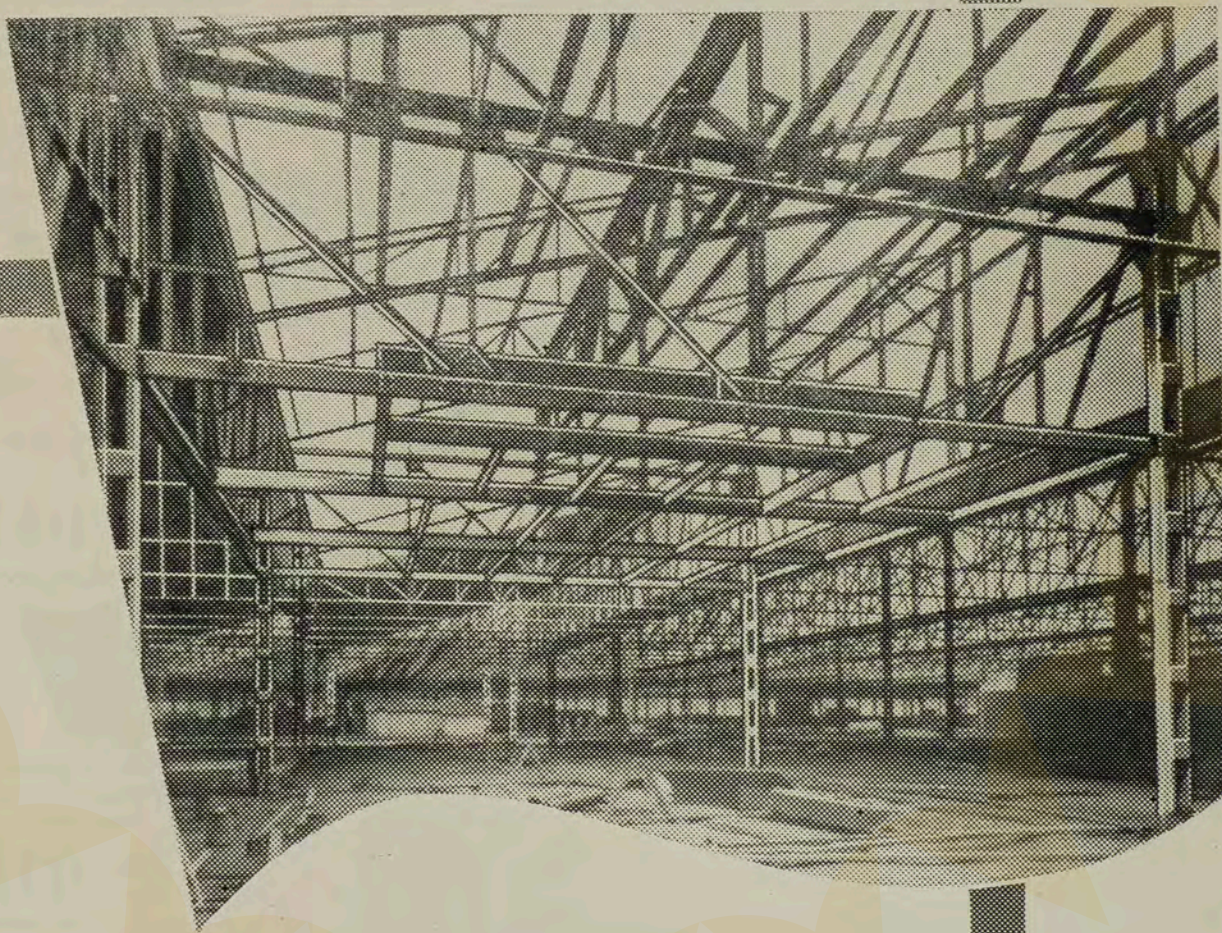
A Companhia Brasileira de Construção
FICHET & SCHWARTZ-HAUTMONT

congratula-se com a

FORD MOTOR co.

pela inauguração de suas
grandiosas instalações
industriais, situadas no
Ipiranga, que vem enri-

quecer ainda mais o par-
que industrial paulista e
reafirmar o otimismo no
futuro industrial do país.



FORNECEMOS
para estas
instalações:

Todas as estruturas metálicas cobrindo
uma área total de 60.000 mts.²

Todas as esquadrias metálicas
assim como os reservatórios metálicos
e as pontes rolantes



é mais agradável pisar sobre tapetes chenile!

Chenile - o tapete da moda, oferece estas vantagens:

- cores firmes, modernas e vistosas
- fabricado em qualquer tamanho e formato
- grande variedade de padrões
- não escorrega
- quando mudar de ambiente, pode-se retingir o tapete, para harmonizar com a nova decoração
- 15 cores diferentes
- facilmente lavável
- quando sofrer queimadura, é consertável

*Procure conhecer também as Colchas **Chenile***

os produtos **Chenile** são vendidos nas boas casas do ramo

Chenile

DO BRASIL S. A.

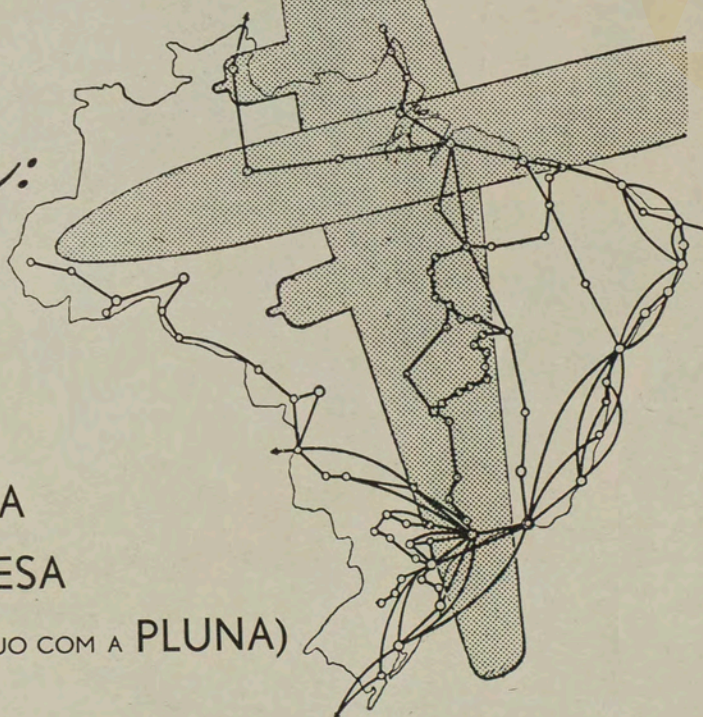
Rua Venancio Aires, 29 - Telefone: 52-6893 - São Paulo

O BRASIL INTEIRO

INCLUSIVE TODAS AS CAPITAIS DE ESTADOS E TERRITÓRIOS

e ainda:

BOLÍVIA
ARGENTINA
VENEZUELA
GUIANA INGLESA
GUIANA FRANCESA
URUGUAI (TRAF. MÚTUO COM A PLUNA)



atingidos pelos modernos e confortáveis aviões

da



SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL

A MAIOR E MAIS ANTIGA EMPRESA DE AVIAÇÃO COMERCIAL DO PAÍS

INFORMAÇÕES

AVENIDA RIO BRANCO, 128 TEL. 42-6060
AVENIDA NILO PEÇANHA, 26-A TEL. 32-7000

ESTÉTICOS

CONFORTÁVEIS

FUNCIONAIS

MÓVEIS

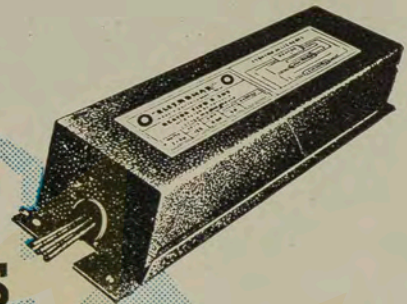
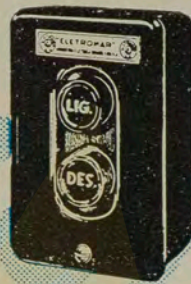
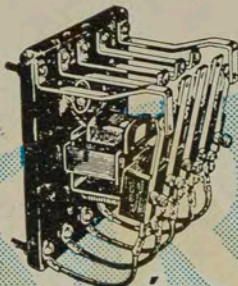
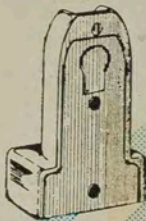
BRAFOR

originalidade de linhas...
construção racional...
para atender às exigências
de bom gosto e eficiência
da vida comercial
moderna.



*
A famosa
"Unidade Tripartida"
do escultor Max Bill,
magnífica concepção de forma,
prêmio de escultura na
I Exposição Bienal
de São Paulo.

LOJA BRAFOR (Rio): Rua México 21-A - Tels. 22-0180 e 32-7178
LOJA BRAFOR (S. Paulo): Rua 7 de Abril, 125 - Tel. 34-6665

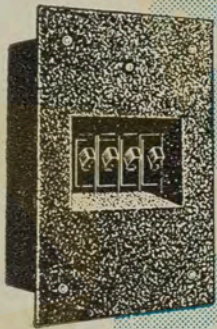


RELÉS
MAGNÉTICOS

BOTONEIRAS

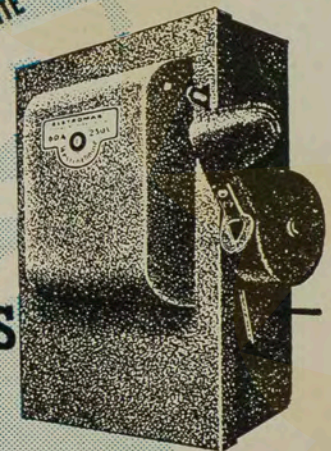
RECEPTÁCULOS
PARA LÂMPADAS FLUORESCENTES

REACTORES
PARA LUZ FLUORESCENTE



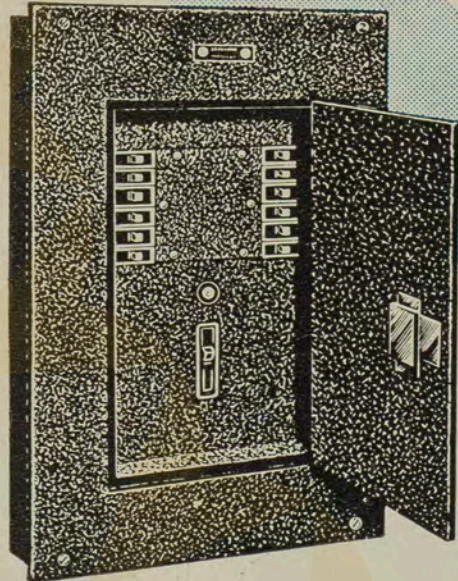
CENTROS
DE DISTRIBUIÇÃO

CHAVES
BLINDADAS

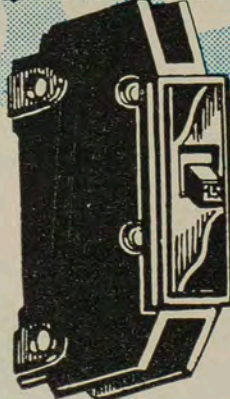


QUADROS
DE DISTRIBUIÇÃO

GUARDA
MOTORES



UNIDADES
"QUICKLAG"



PRODUÇÃO

DA

ELETROMAR

INDÚSTRIA ELÉTRICA BRASILEIRA S. A.

Concessionários e distribuidores da Westinghouse Electric International Co.

RIO DE JANEIRO

Rua México, 90-1.º and.
Telefone: 32-8103

FILIAL SÃO PAULO

Rua Major Sertorio, 92 - 4.º and.
Telefone: 36-2745

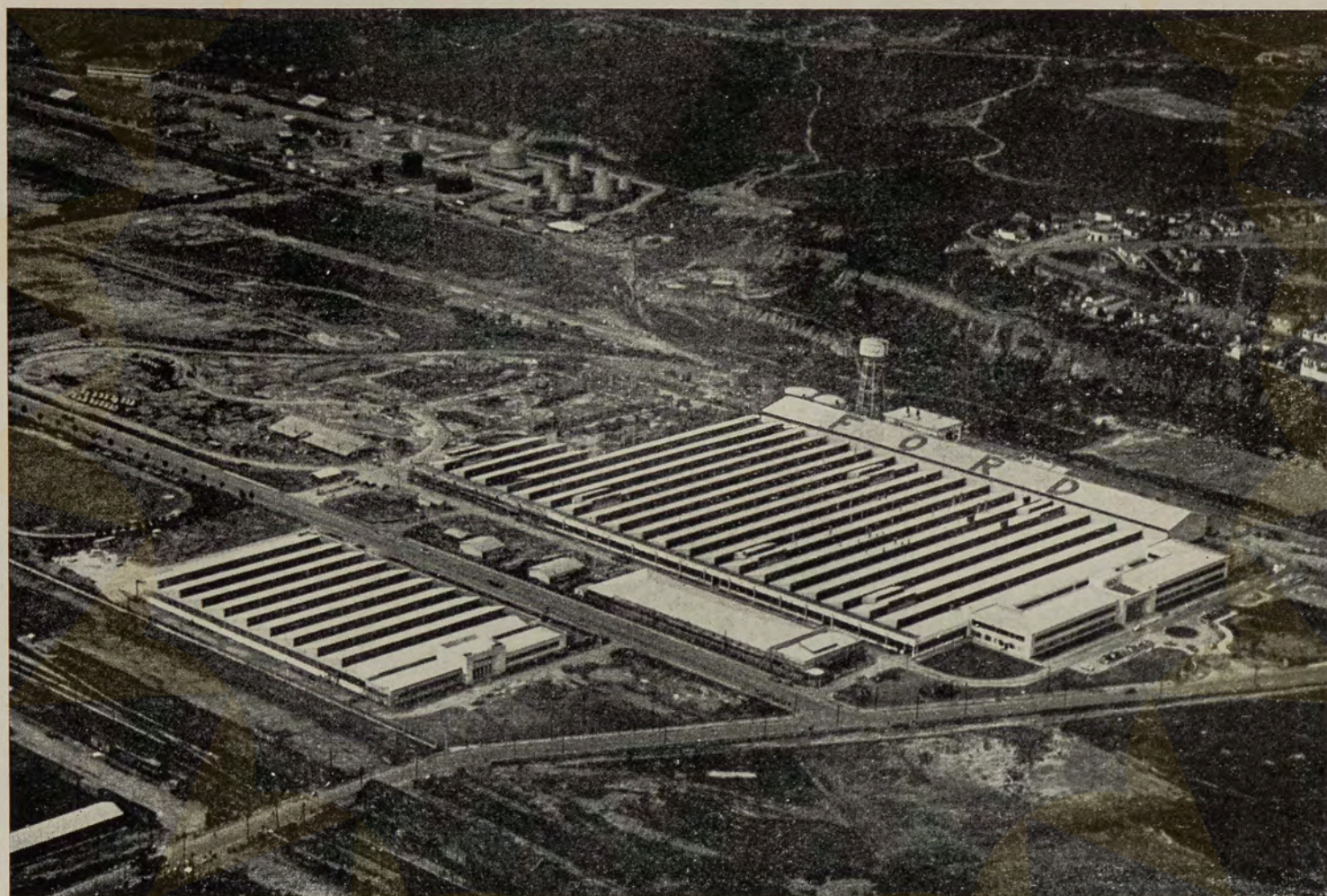
A NOVA FÁBRICA DA FORD MOTOR CO., EM SÃO PAULO

CONSTRUÇÃO DA FIRMA

CHRISTIANI-NIELSEN
ENGENHEIROS E CONSTRUTORES S. A.



FILIAL SÃO PAULO



Vista aérea das novas instalações da Ford, com uma área coberta de 63.000 m², construídas em 3 anos

CHRISTIANI-NIELSEN
ENGENHEIROS E CONSTRUTORES S. A.

ESCRITÓRIO: AV. IPIRANGA, 795; 6.º ANDAR
CAIXA POSTAL, 7204; TEL.: 36-3311 - S. PAULO

residências ambientes

Ampla exposição de móveis finos para salas de jantar e visita, ambientes e dormitórios. Móveis para terraço, de cana da índia, junco e ferro.



Refrigeradores - Máquinas de lavar roupa - Máquinas de costura - de escrever - calcular somar - Cofres - Móveis para escritório - Rádio - vitrolas Rádios - Televisores

ao movelheiro Ltda.

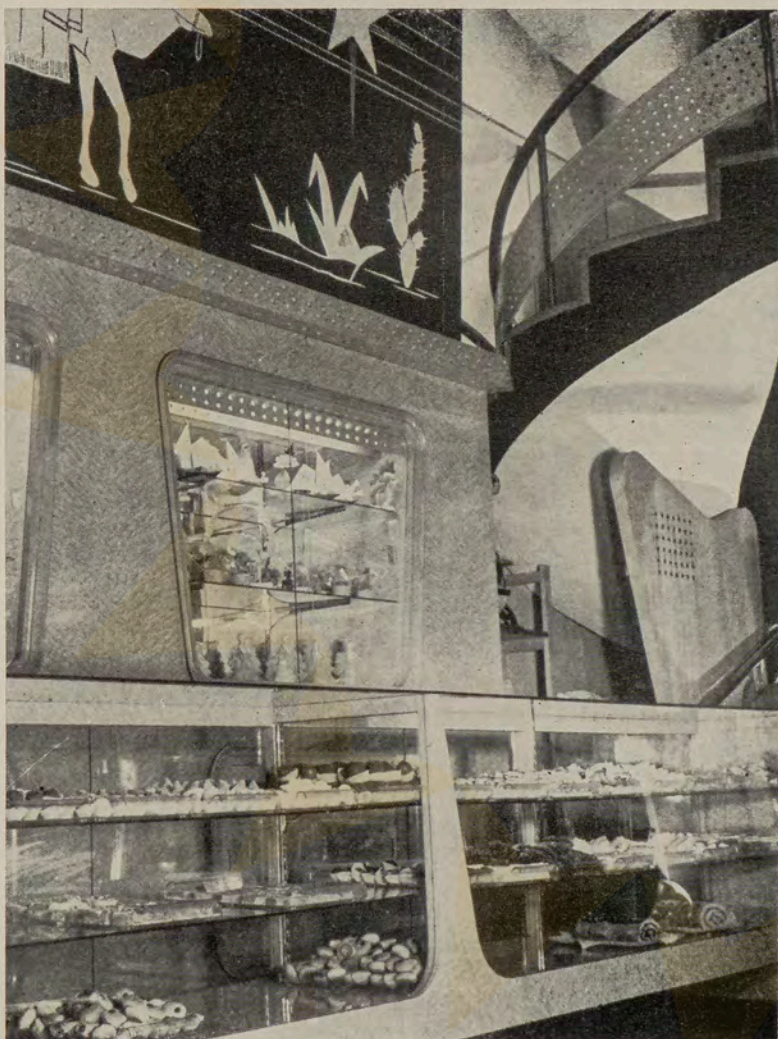
CASA FUNDADA EM 1900

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 289 - São Paulo

A instalação de sua loja
é seu melhor
cartão de visita!

DO PROJÉTO À EXECUÇÃO!

Modernize seu estabelecimento e lucrará mais. INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE", com seu corpo de técnicos experimentados no ramo, estão aptos a criar e executar os mais lindos trabalhos, tornando seu estabelecimento um verdadeiro atrativo para seus clientes. INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE" e seus técnicos estão prontos a apresentar projetos sem compromisso, para qualquer parte do país.



Alguns aspectos das novas instalações da Panificadora "Pão de Açúcar", em S. Paulo, executados pelos nossos técnicos especializados.



INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE"

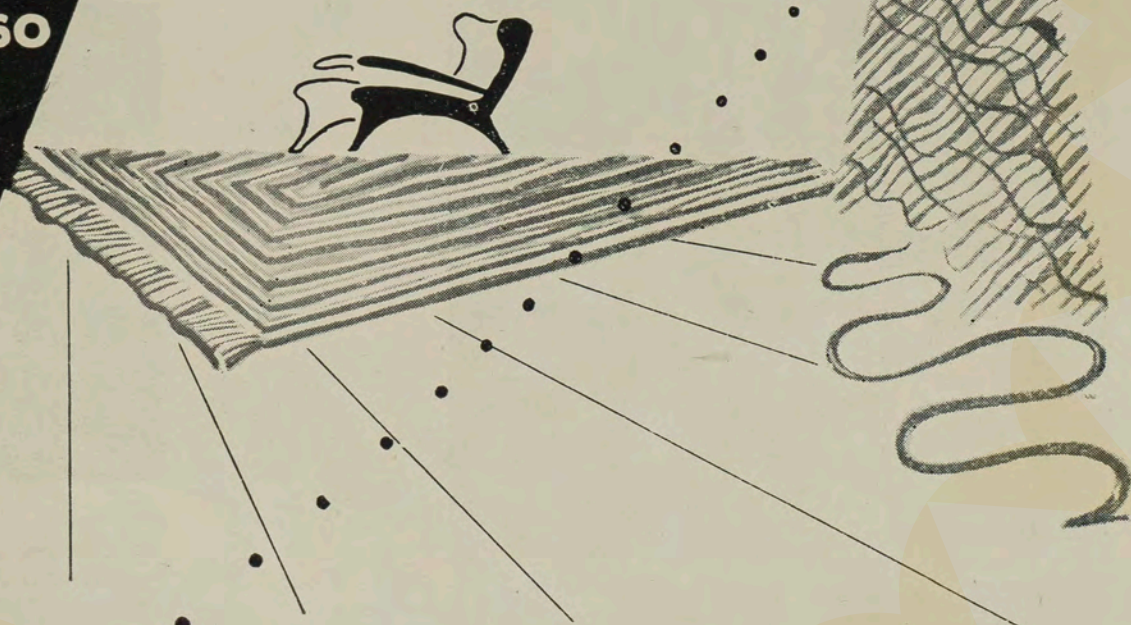
"JOTE"
J. J. J. J. J.
MÓVEIS — DECORAÇÕES

Rua Lavapés, 225; Fones: 36-4745 e 36-1699 — SÃO PAULO

**CORTINAS
DECORAÇÕES**

**OFICINA
PRÓPRIA**

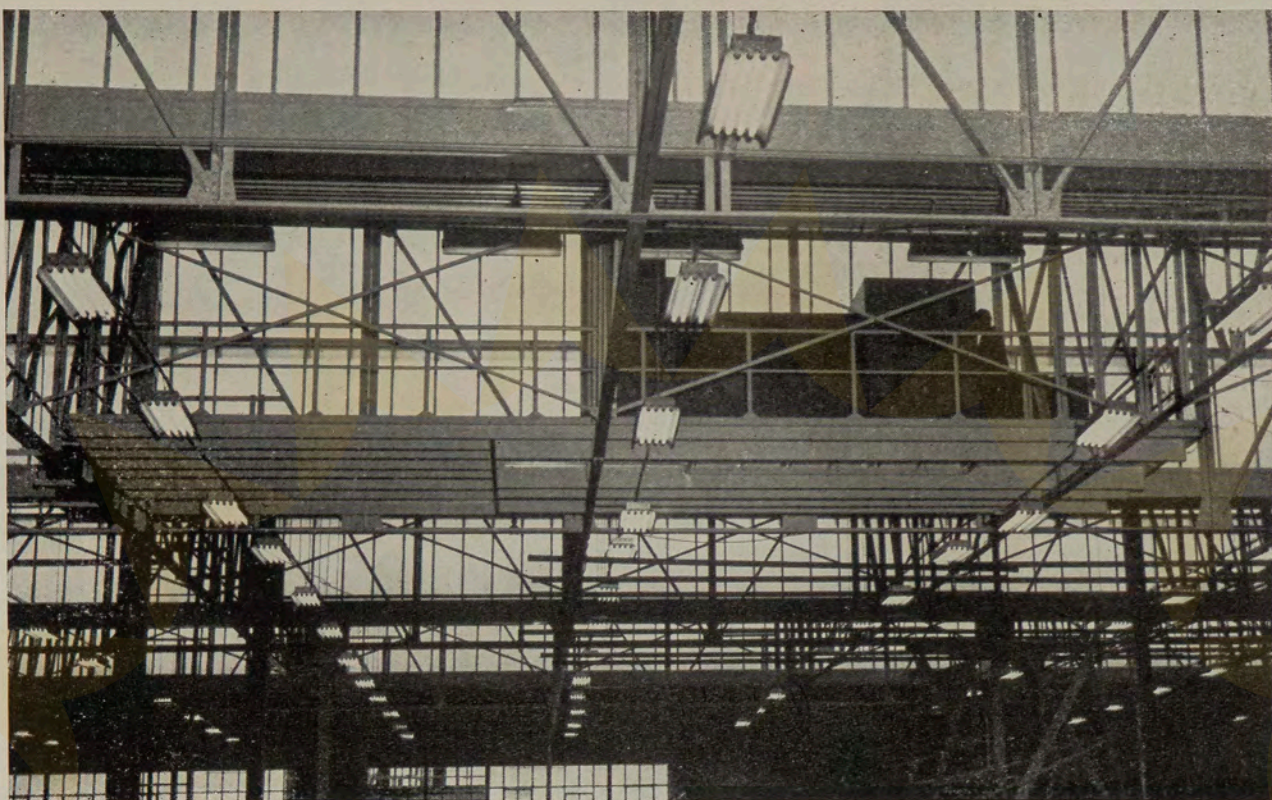
**ESTUDOS
E
ORÇAMENTOS
SEM
COMPROMISSO**



• • TAPEÇARIA ALFREDO

Rua Santo Antônio N.º 811
Telefone: 34-7472

São Paulo



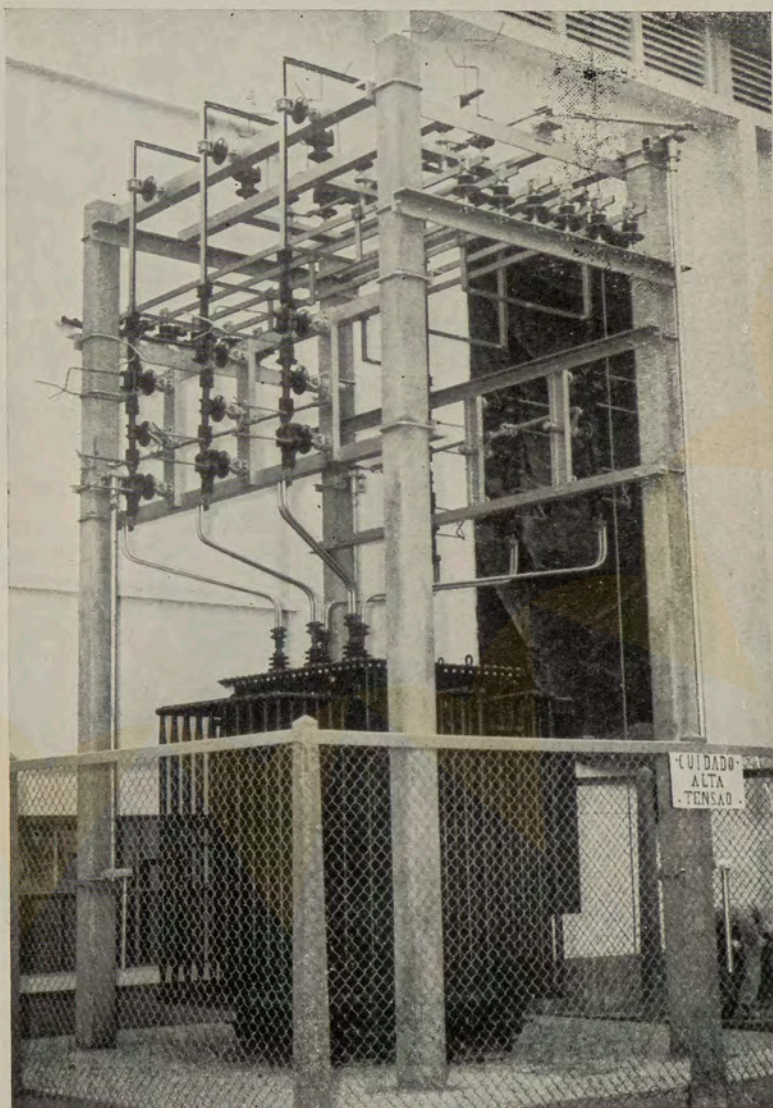
EMPRESA BRASILEIRA DE ENGENHARIA

ÉLETRICIDADE
HIDRÁULICA
MECÂNICA

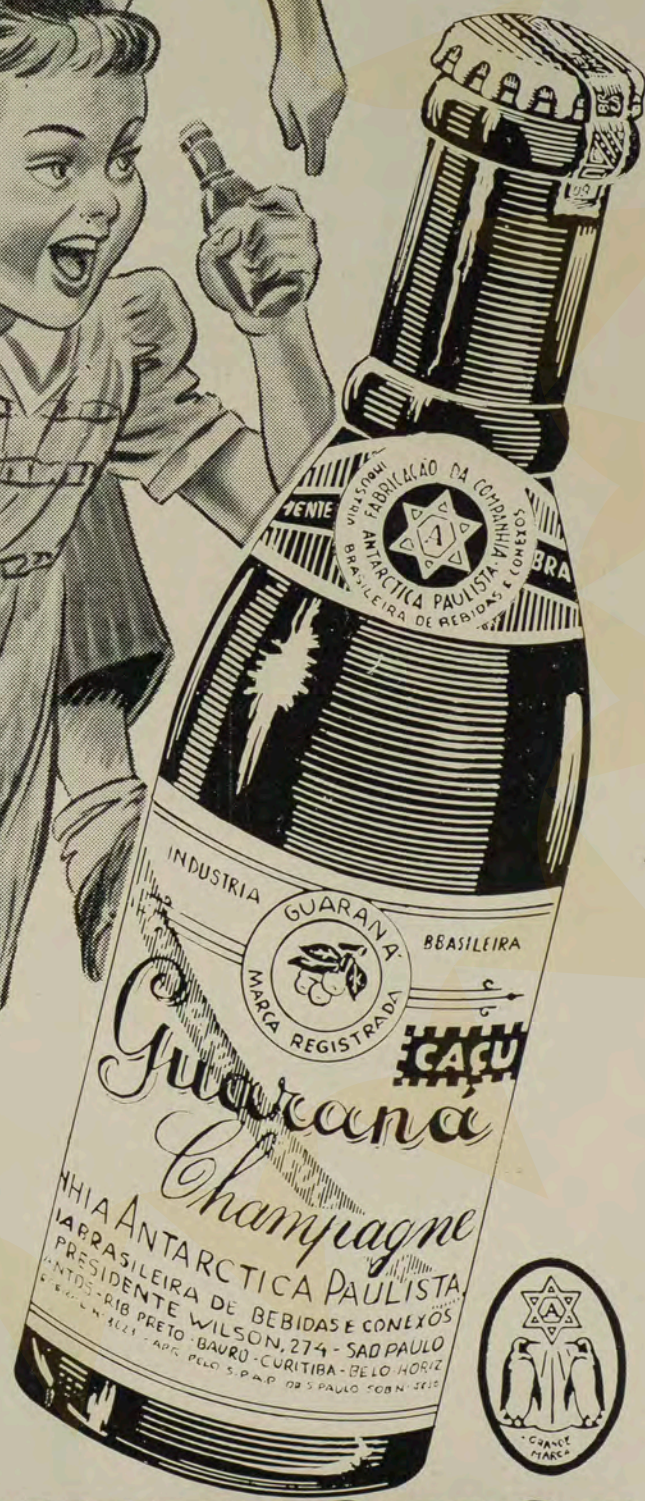
RIO - S. PAULO - BAHIA

Projeto e Instalação

Ford Motor Co.



O melhor da
festa!!!!

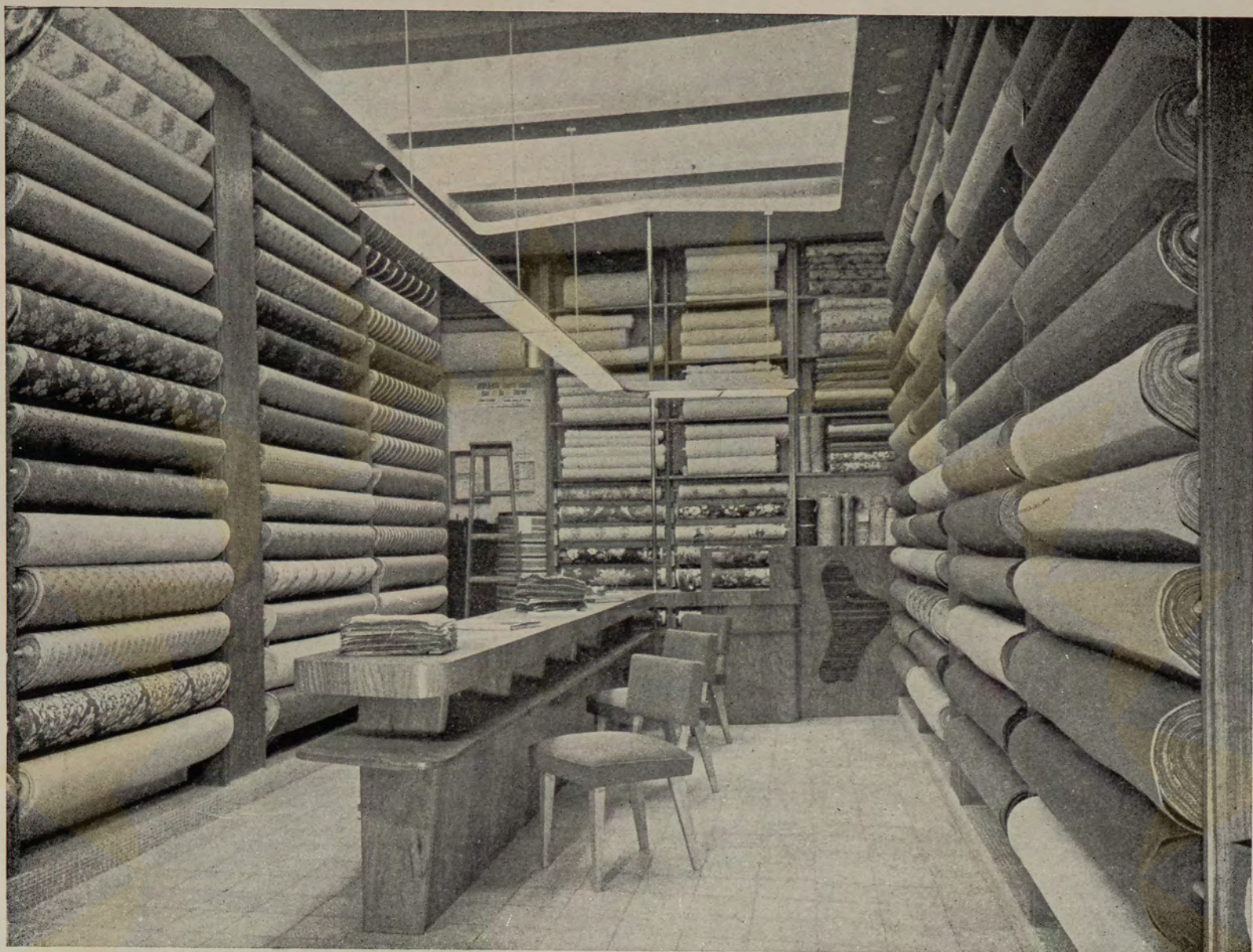


GUARANÁ
Champagne

CAÇULA

da **ANTARCTICA**

Menor em tamanho, porém grande em sabor e qualidade
como o de 1/2 garrafa



PEÇAM ESTUDOS E
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

*

TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

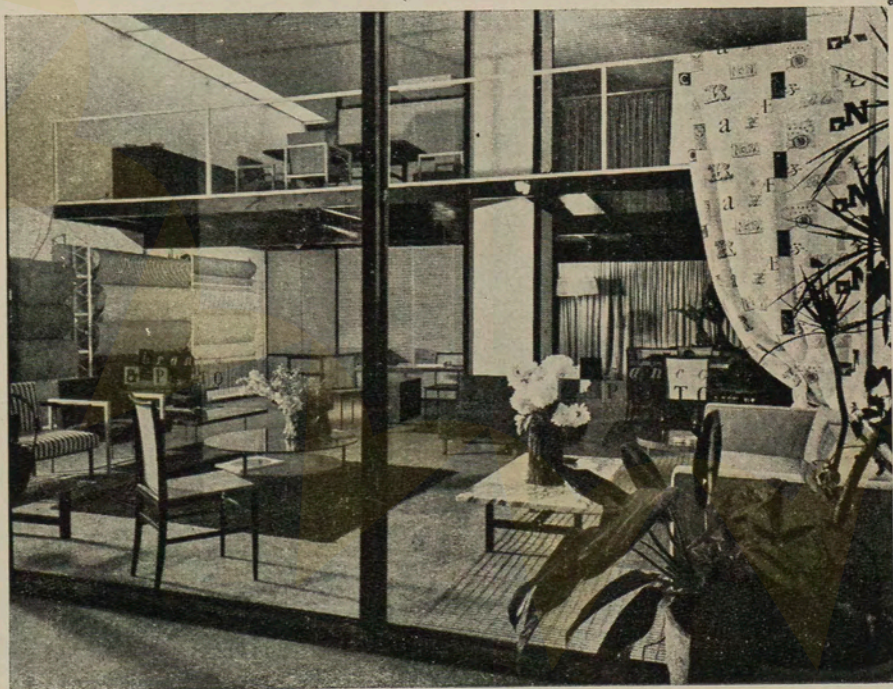
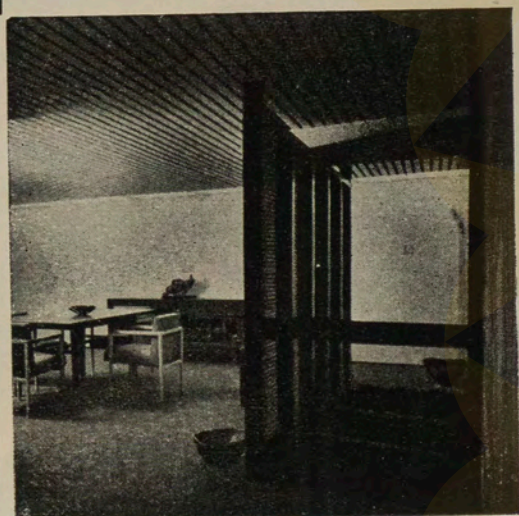
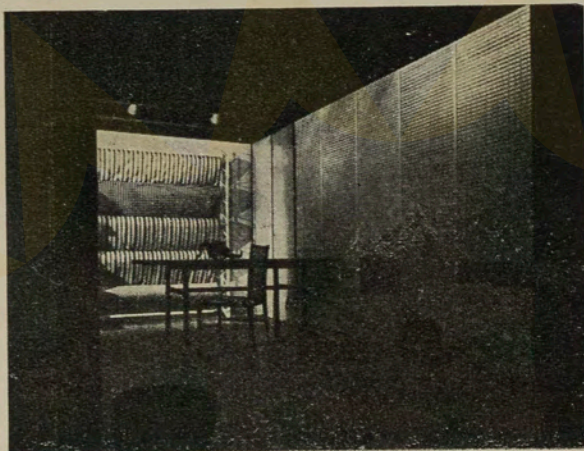
Cortinas Ludovico

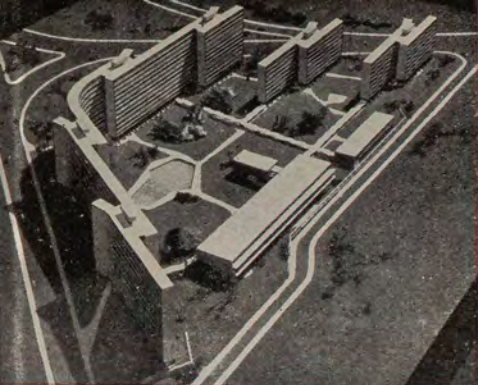
NO CENTRO: Largo do Arouche, 99

Fones: { 36-2126 - São Paulo
51-6862

F I L I A L: Rua Augusta, 2699

Fone: 52-5354 - São Paulo





Conjunto residencial do Estudante, S. Paulo (pág. 7)
Arq. Rino Levi



Estádio do S. Paulo F. C. (pág. 12)
Arq. J. V. Artigas

Piscina coberta (pág. 4)

Projeto: Arq. Icaro de Castro Mello

Construtora: Sociedade Construtora Brasileira Ltda.



Eng. residente das obras: Arthur Pitta

FORNECEDORES:

Filtros e bombas: S. I. A. M. - Torcuato di Tella S. A. - Instalação hidráulica (execução): CIVILSAN, Engenharia Civil e Sanitária Ltda. - Eletricidade (execução): Ca a B. Sant'Anna de Eletricidade - Cerâmica: Cerâmica São Caetano S. A.



Hospital do Radialista no Rio de Janeiro (pág. 97)

PROJETO: Est. V. Zaremba e Helmut Braunschweiger

CONSTRUTORA: Federal Imóveis Engenharia "FIEL" Ltda., Rio de Janeiro - D. F.

Fábrica da Ford Motor Co., São Paulo (pág. 106)

Projeto: Severo & Villares S/A

Construção: Christiani - Nielsen, Engenheiros e Construtores S. A.

Estr. metálica: Cia. Bras. de Constr. Fichet & Schwartz Hautmont



FORNECEDORES:

Aparelhos de controle, elétricos: Eletromar S. A. - Armários nos vestiários: Ibesa S. A. - Caldeiras: Combustion Engineering Ltda. - Cobertura e paredes laterais: Eternit do Brasil S. A. - Divisões nos escritórios: Firmex S. A. - Eletricidade, hidráulica, mecânica: Empreza Brasileira de Engenharia - Fogões a óleo e caldeirões a vapor: Metalurgica Wallig S. A. - Instalações hidráulicas, sanitárias, vapor: Irmãos Pugliese S. A. - Isolamentos e impermeabilizações: Socisola Ltda. - Ladrilhos e lajotas: Cerâmica Sacoman S. A. - Móveis para escritórios: Tecnogeral S. A. - Parafusos na estrutura metálica: Sokofer Ltda. - Pavimentação: Pavimentadora Lapa Ltda. - Persianas de alumínio: Ind. Mec. Novitas - Portas de elementos articulados de enrolar: Pinatel S. A. - Pastilhas: Argilex S. A. - Pedra britada e bruta: Pedreira Tremembé Ltda. - Proteção c/incêndio: "Automatic" Sprinklers do Brasil S. A. - Revestimento c/arenite: A. Pedrini & Cia Ltda. - Talhas elétricas e equipamentos de monovias: Elevadores Atlas S. A. - Tintas para pintura de carros: Cia. Quím. Ind. CIL S. A. - Válvulas de aço p/alta pressão: Industrial e Importadora CORNERSOL Ltda., S. Paulo

Fotografias: Silvio Fornasaro (Ford Motor Company)

HABITAT 11

ENGLISH SUMMARY

Negro Experimental Theatre

Page 22

Indoor swimming-pool

The building of this indoor swimming-pool is a great advantage for the athletes of São Paulo who at present are not able to train during cold weather.

The pool is twenty five metres long and has eight lanes. The water will be heated to 26°C. The amphitheatre will seat 4.500 persons. Beneath the tiers of seats there are changing rooms and showers for men and women swimmers, toilets for the public, bar, and so on, divided into two floors. Filters and pumps for the water are at one end of the swimming-pool, while the heaters are set up in a small adjoining building.

Residential quarters for students

The study of residential quarters for the students of the University of São Paulo — at present being built on the outskirts of the town — follows the general direction and programme of the organization as a whole. The residential quarters are set on a slope of a hill, facing the town of São Paulo.

Its situation is approximately between the sport grounds and the University buildings. The residential quarters are planned to house 2.000 students and are divided into six buildings, four for male students and two for girls. Each of the four buildings has twelve floors, while each of the two buildings contains only eight of them: there is room for 1488 male students and 512 girls, in individual bed-rooms.

The club-building has two upper floors with restaurant and lounges; the service quarters are on the lower floor. The restaurant can serve 700 people at a time, with a cafeteria system.

The kitchen has been planned in a separate block, and will be used also by the adjoining infirmary.

The orientation of all the buildings allows the maximum view of the University and the city of São Paulo.

Planning of hospitals

It is clear that three factors are involved in the study of an architectural project: function, technique and form. Those three factors fuse into one unity, that is the work of architecture.

It clearly results that architecture implies coordination of knowledge of a different nature, since it cannot be properly conceived without close collaboration. Human life is forcibly attached to the house, as a shelter, so that every person can make a suggestion for the building of a house.

The same way, a project for a hospital has to rely upon the experience and knowledge of the doctors, of the administration, of each individual responsible for the various sections, and of the staff. For the strictly constructive part, the collaboration of technicians and architects will be necessary. To study a functional programme, the first step will be research in order to obtain all necessary information and details, some of which can

definitely influence the conception of the project. It must be stressed that the programme should not contain any architectural suggestions, which will only hinder the architect in his work. All information referring to the capacity, sectors and work of the hospital must be given to the architect, since the organization of the hospital is not less important than the conception of its architecture. No definite architectural form should be taken into consideration while elaborating the project: usually each hospital has some special needs or peculiarities which directly influence its planning. Besides those, the topography of the ground, its situation, sanitary or municipal restrictions intervene in the study of the project. Therefore, as far as the structure of the hospital is concerned, the architect should be completely free from any prejudice. The conception of the project will then be the result of the study of the functional and technical problem, with no interference from outside elements. This is the basic point of view of the architect and has a decisive importance in all details of the construction and functioning of the hospital, as well as of any other building. In the planning of a hospital there are three basic factors to be studied: proximity of similar services, good circulation, and flexibility of the plan.

After having fixed a general scheme of circulation, it will be necessary to join similar services in independent architectural blocks, which will be linked to each other and whose situation will obey its fixed purpose.

On the ground floor will be placed those services which need a direct connection with the street, such as first aid, outpatients' department, auditorium, kitchen, laundry, and so on. On the other hand, the residential centre will be as far as possible from the hospital, to allow better rest and relaxation for the staff during their free time.

The circulation problem is very complex and manifold, since it comprises doctors, hospital staff, patients, visitors, accidental cases, corpses, waste, hospital material, medical supplies, food etc. This mere listing shows the complexity of the problem: each single route should be separately studied, and then coordinated into the general scheme.

As to the flexibility of the project, the materials now employed in contemporary architecture permit the following of the new conditions and new needs which appear daily with the progress of medicine. The building must then obey those requirements. It becomes evident that the architect will need a close collaboration from all professionals and experts.

The frescoes in the church of Batatais

Habitat is publishing the latest work of Candido Portinari, the internationally known Brazilian painter. This is not the first time Portinari has tackled a religious subject: everybody remembers the paintings of another famous modern church, that of Pampulha.

Batatais is close to the home town of Portinari, it is a place where he is most dearly

loved not only as an artist, but as a member of the community as well. In this work Portinari has left aside his manner, which we could call one of homage to Guernica, to penetrate with his imagination into the world of Italian sacred painting, which from Masolino and Antonello da Messina gives unlimited examples of how to glorify Christ and other religious figures.

The next great work awaiting Portinari is the frescoes which the Ministry of Foreign Affairs has commissioned for the new UNO building in New York.

Painting

Page 26

Habitat is publishing in this issue some painters of different trends. The first one, Yolanda Mohaly, held an exhibition of her water-colors and drawings in the Museum of Modern Art of São Paulo, on her return from Bahia. She proved that sensibility does not need any travel abroad, that everything which surrounds us might be a source of inspiration. The next one, is Carlo Plattner, an Italian artist recently arrived from Europe. From his native Tyrol, from which he mimetically took the colours of the country of Egger Lienz, Plattner went to Paris. Nowadays it is not possible for a painter to avoid any "isms": his personality is the way in which he expresses himself by using those common great terms. In his recent emigration to Brazil, Plattner has found a different atmosphere and his first works in the new country were attempts to seize it. But we can easily say that in a very short time he will master it and show his artistic personality in a sure and determined way.

Marina Caram, a young Brazilian painter who has already held an exhibition at the Museu de Arte, was given a scholarship by the French Government and has spent over a year in Paris. She recently returned from Europe, with a series of lithographs which, without doing anybody an injustice, is the best of what has been done in the field of engraving in Brazil. The Museu de Arte will hold another exhibition of this young artist who, we feel certain, will give a substantial contribution to Brazilian art.

C. P. Cuoco devotes himself especially to drawing. From his Italian experience he brought back some rapidly caught glimpses of architecture, which he rendered with sureness on paper. Without indulging in superfluous details, he was capable of expressing the ensemble and lessons which Piazza Navona or Paestum contain for anyone with an open mind and the eagerness to understand them. The last one is Marianne Overbeck, a German artist now living in the state of Paraná. She clearly shows the influence of the Expressionists, against a Brazilian background.

Life of Spam

Page 49

São Paulo witnessed during the years of 1932 to 1934 the birth, growth and decay of a "state" which brought together all artists of that time. The state was named "Spamolandia", having arisen from the

imagination of the most enthusiastic artists, grouped around a society of intellectuals, called "Spam". Spamolandia was defeated by a real enemy, the political organization of Integralists, which bore some resemblance to nationalistic movements of other countries: the integralists wore green shirts, while the nature of the people of Spamolandia was that of intelligence, sensibility, wit, freedom, enthusiasm and spontaneous vitality. Spam, considered now after the lapse of twenty years, shows that there existed in São Paulo a group of people who studied, searched, criticized and were at the same time controlled by stern and courageous criticism. Spam called to its centre painters, musicians, literary men, architects, journalists, dancers and "friends of the arts", as patrons of the arts were shyly called and who were entirely different from the patrons of nowadays, in search of honours and distinctions. The birth of the Spam society was marked by a ball which obeyed the theme "New Year's Eve in rags". It was shortly followed by a series of concerts, lectures and finally by the other memorable ball, "Carnival in the town of Spam". The fact that they were going to build their own town set all those artists in a state of excitement and frenzy: like volcanoes uninterruptedly ejecting new ideas and improvements. An actual town was built, with its squares, streets, jail, monuments and everything that a ball-room was able to contain. The programme of the ball read as follows: "Carnival in the town of Spam, with the Circus of Spam, a monument to Spamiondas, the zoo of Spam, restaurants of Spam, and audacious domestic scenes revealed by the colours of the Spam artists. At midnight, in the central square of Spam, patrolled by Spam policemen, prince Carnival will be welcomed. The national anthem of Spam will be sung by the loyal Spamists". At midnight the newspaper "Life of Spam" started its circulation: it was a humorous paper, directed by Mario de Andrade, a foremost literary man of the time. It only spoke of Spam, Spamists, Spamiondas, spamtriotic. It was the symbolism of an imaginary world which had nevertheless an acute criticism and a deep reality. The atmosphere was thoroughly expressionist. Everyone was taking part in those manifestations with intelligence, humour and taste; there was a real vitality and a sound spirit among artists and intellectuals, led by Lasar Segall and others.

The preface of the First Exhibition of Modern Art organized by Spam is an analysis of the modern movement in relation to other epochs and an attempt to place Brazilian art in a critical and comparative panorama.

It shows a deep contrast with the greater number of to-day's art-reviewers, for whom systematic praise is a sound way leading to success, social relations, money, travel and first of all, to security. On the contrary the preface of the Exhibition was complaining about the lack of social art, of an attitude of the painters not only toward nature but toward life itself. Spam was the sinew of artistic life of those years; it organized lectures, concerts, it had its own library and ateliers. "Spamists" were fond of gay parties. The last ball of Spamolandia was called "Expedition to the virgin forests of Spamolandia". And again the artists, out of their sheer imagination, built a savage world with pre-historic animals. Looking through the album of old photographs, with Lasar Segall, one of the most active "Spamists", and trying to seize the spirit of São Paulo of twenty years ago, we notice the deep coherence with literature of that time and social events in general. But as we pointed out,

Spam was to die. And from the time it ceased to exist museums, magazines, schools, biennials were founded, but nothing which bore the same vitality of Spam, and where artists could find the necessary stimulus. Artists became isolated, and are more so every day. The phenomenon of Spam is of great importance in the artistic life of São Paulo; it shows that from time to time this city is capable of similar movements and events which, unfortunately fade away without notice, leaving no impression on which tradition can find a foothold.

Pellizzari

Page 61

It is a long time we want to write in *Habitat* about a great friend of ours, Antonio Pellizzari, who from time to time comes to visit us from Italy, where he resides. If we did not do so up to now, it was because we are still looking forward to what he promised, that is, to conduct a concert of the Juvenil Symphony Orchestra of the Museu de Arte. He is always postponing his visit to São Paulo because in Arzignano near Vicenza he conducts his own orchestra, which plays for his workers.

His factory makes pumps and electrical appliances. Pellizzari himself holds a very contemporary view of the relationship between capital and workers. As an industrialist, he provides for his people's both living means and spiritual recreation. His last concert was devoted to Vivaldi. The latest lectures on the history of the arts were given by G. C. Argan; the cinema revivals comprehend all the best classic movies.

Arzignano is a small town, built around a factory; but there, one can find civic spirit, sensibility, fondness for all that is beautiful, reflection upon the future and the evolution of the world.

Pellizzari was not in the least surprised, as Europeans usually are on their first visit to the Museu de Arte, because he was born in Arzignano, a little America of northern Italy, where his father, starting as a simple technician, built a huge factory, known all over the world. He likes the ways of the Museu de Arte, its swift reaction to any new enterprise, its achievements in a newly formed artistic field, the fact that it is housed in an office building, and its spirit so different from the humanistic one.

Following the example of another Italian industrial firm, the Olivetti, Pellizzari is also devoting special care to the advertising of his products. The beautiful posters which are already a familiar sight along the routes of Brazil, are designed by Antonio Pellizzari himself.

It is not by coincidence that we are speaking about a far-away friend, in this magazine strictly devoted to Brazilian art: if we do so, it is because we consider him a friend of our country and a real artist.

Thieves of ex-votos

Page 67

The ex-votos are usually found in the northern part of Brazil, in the desolate lands described by Euclides da Cunha in his famous book "Os Sertões".

It frequently happens to find among the ex-votos left in the church-yards, pieces of great interest, works which resemble the sculptures of Modigliani, Picasso or Marino Marini. In 1948, the Museu de Arte showed an exhibition of ex-votos collected by the brothers Abelardo and Augusto Rodrigues, who are frequently mentioned in this magazine for their activity in preserving ancient and popular art of Brazil.

Mario Cravo, the sculptor whose most recent works are published in this issue, is one of the most enthusiastic ex-votos thieves. He sometimes starts on a eight or ten days journey on a jeep, in search of those forgotten pieces which express the faith, simplicity and value of Brazilian popular artists.

Negro Experimental Theatre

Page 82

The day that Abdias Nascimento saw a performance of O'Neill's "Emperor Jones" played by a white cast made up to resemble negroes, he immediately set his mind on forming a Negro Experimental Theatre, which became a fact some years later, in 1944. Its purpose was not only of an artistic nature but of a social one as well, that is, to hasten the integration of coloured people into Brazilian society. To this end, the newly founded Theatre organized a National Conference of Negroes and the First Congress of Brazilian Negroes, where white and coloured people were able to discuss their problems, not as in the previous Afro-Brazilian Congresses in which negroes were studied as if they were fossil or cultural mummies.

The Experimental Theatre opened a new phase in the study of coloured people starting from an elementary historical fact: coloured people when freed, had to face the life of normal citizens without any psychological, economic, professional or cultural preparation. The indisputable progress which the abolition of slavery was in 1888, was in fact more symbolic than practical: Brazilian society did not wish or was not able to understand its responsibility in this problem aroused by four centuries of white rule. This very society avoided facing bare facts by affirming that in Brazil there is no negro problem or race prejudice, this being a slogan which soothed national conscience and hindered the rare attempts made by negroes to improve the conditions of their people. A step previous to the forming of the actual theatre has been the organization of schools and courses to provide coloured people with means of freeing themselves from the social marginal boundaries. The theatre was used as a tactical means, and after six months of teaching some pupils were able to take part in performances which staged, for instance, Eugene O'Neill's plays. We can proudly stress that to-day some of those newly formed actors have attained an excellent experience in their career. Unfortunately enough, such an enterprise cannot live on mere heroism; it needs comprehension, help and stimulus.

Even while struggling against all difficulties, the Experimental Theatre was able to stage many plays: white artists and authors such as Albert Camus and Eugene O'Neill himself offered their collaboration. From the moment it was founded, one of the main concerns of the Experimental Theatre was that of the dramatic and intellectual level of the performances of the Brazilian theatre in general. Because of it, special care was devoted to the choosing of its programme. But, first of all, the Experimental Theatre endeavours to open a new path for a thoroughly Brazilian literature. Negroes are no more taking an inferior place in the stage: this is already a step of great importance from the artistic and social point of view. At present the Experimental Theatre is starting a new cycle in its development, having received from the Museu de Arte a place where to rehearse and hold its classes, with the unchanged aim of promoting a better relationship between white and coloured people, and the elimination of emotional tensions, the outcome of different past experience.

HABITAT 11

Ano III; Junho de 1953

Diretor: FLAVIO MOTTA

SUMÁRIO

Juventude desesperada
Ibirapuera
Piscina coberta (Arq.
Icaro de Castro Mello)
Cidade Universitária
(Arq. Rino Levi)
Planejamento de Hos-
piais
Estádio em São Paulo
(Arq. Villanova Artigas)
Duas grandes lojas
Outras lojas
Materiais novos
Os afrescos da Igreja de
Batatais
Yolanda na Bahia
Pintura de Plattner
Volta de Marina de Paris
Desenhista na Itália
Pintora alemã no Paraná
Badia Vilato
Detalhes de Ouro Preto
Paliteiros numa coleção
Inéditos do Rio

RINO LEVI

AFFONSO DE E.
TAUNAY

F. MOTTA

BERNABÓ

R. FRONTINI
DE BORBA

Outras aventuras de um
artista malgrado
Album de fotografias
Um restaurador

A época do "Spam"
Intercâmbio com Pel-
lizzari

A alma do capoeirista

Mario Cravo
Os ladrões de ex-votos
Bandeirantes
Metamorfose e escul-
tura de plantas
A escultora Sonja Ebling
Tecidos decorativos
A primeira turma da Es-
cola de Propaganda

A. NASCIMENTO

F. BARBOSA
E SILVA

Teatro: Uma experiên-
cia social e estética

Cinema: Propósitos e
despropósitos de Lima
Barreto

Bailado: Valery Oeser

ALENCASTRO



Fotografias:

Alice Brill, Giacomo
Brogi di Lauranti, Diá-
rios Associados, Usa Bor-
chert, José Medeiros,
F. Albuquerque, Odori-
co Tavares, Peter Scheier,
Leon Liberman, Fiorenza,
Flieg, Lise Modern, Car-
los, Germano, Edson,
Leão Rozemberg, Sasso

Na capa: um desenho de Cuoco; uma pintura
de Plattner; conjunto residencial do estu-
dante, Arq. Rino Levi; estádio do S. P. F. C.,
Arq. Icaro de Castro Mello

Propriedade: HABITAT EDITORA LTDA.

Diretor responsável: GERALDO N. SERRA

Administração e Publicidade:

HABITAT EDITORA LTDA.

Rua Sete de Abril, 230, 8.º andar
Conj. 837/8, Fone 35-2837, São Paulo

Assinaturas: (4 números anuais)

Brasil	Cr\$ 150,00	Exterior	US\$ 6,00
c/registo .	Cr\$ 165,00	c/registo ..	US\$ 7,00
N.º avulso .	Cr\$ 40,00	Exterior	US\$ 1,75
N.º atrasado	Cr\$ 60,00	Exterior	US\$ 2,75

DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO:
Importadora e Exportadora BRASITODO Ltda.
Avenida Almirante Barroso, 54, térreo (Edifi-
cio Valparaíso). Correspondência: Cx. P. 4057

DISTRIBUIDOR NA ARGENTINA:
Galeria Bonino, Maipu, 962 - Buenos Aires

DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL E
ESPANHA: ARICIE Ltda. Rua Antônio
Maria Cardoso, 19 - 3.ª D - LISBOA

Impressão: Arco - Artusi Gráfica Ltda.
R. Marques de Itú, 282/4, Fone 35-5797, S. Paulo



Juventude desesperada

Um dos fatores mais alarmantes no pa-
norama atual do Brasil é a queda brusca
do nível educativo das escolas. Inclusive
o ensino normal e o ensino primário —
tão bem sistematizados nos primeiros anos
da República, na época do "Parecer sobre
o ensino primário" de Rui Barbosa —
e que eram uma grande garantia, estão
sofrendo o mal de um processo de disso-
ciação, profundo e quase incontrolável.
O ensino secundário nem se conta. O en-
sino universitário também. Tem-se a exa-
ta impressão que as escolas continuam pa-
ra garantir, apenas, o sistema e a organi-
zação material, porque na ordem moral
elas já teriam acabado há muito tempo.
O Estado, a Sociedade, parece que não têm
mais na escola um instrumento de con-
quista, de progresso, ou melhor, um fator
de vanguarda. A escola vem atrás. Ela
perdeu a sua vitalidade. Na opinião da
maioria, até incomoda. Esta é a impressão.
Porém, veremos os fatos num pequeno
exemplo.

Todos os anos, antes do início das aulas
no Museu de Arte, realizam-se provas de
seleção. Todos os anos, repete-se a mesma
coisa: a maioria dos jovens que compa-
recem para preencher um teste de cul-
tura geral, dão as respostas mais absur-
das. E veja-se que entre eles estão ba-
chareis e doutores. O teste compreende
perguntas sobre as preferências do candi-
dato em matéria de cinema, literatura,
revista, rádio, secções dos jornais, música,

pintura e também sobre algumas das mais
expressivas figuras da história da Huma-
nidade. A maioria, a grande maioria,
gosta de filmes como "Sansão e Dalila";
lê J. Cronin — quando lê!, aprecia revis-
tas tipo "O Cruzeiro", "Manchete" ou "Al-
terosa", ignorando, absolutamente, revis-
tas de cultura; gosta de bolero e "músi-
cas leves"; não vai ao teatro ou à confe-
rências. Si colecionarmos as respostas,
então teremos uma verdadeira tragico-
média. Vejamos alguns exemplos:

Newton escritor

Eça de Queiroz escritor brasileiro

autor do livro

"Cabana do Pai Thomaz"

Rodin pintor dinamarquês

Van Gogh humorista

Péricles desenhista e humorista

Toulouse-Lautrec famosa dupla de

arquitetos que

construiu o Ca-

nal da Mancha

Arquimedes (neste caso o candidato acres-
centou um sobrenome) Dutra, pintor pira-
cicabano, autor do quadro "Moendo café".

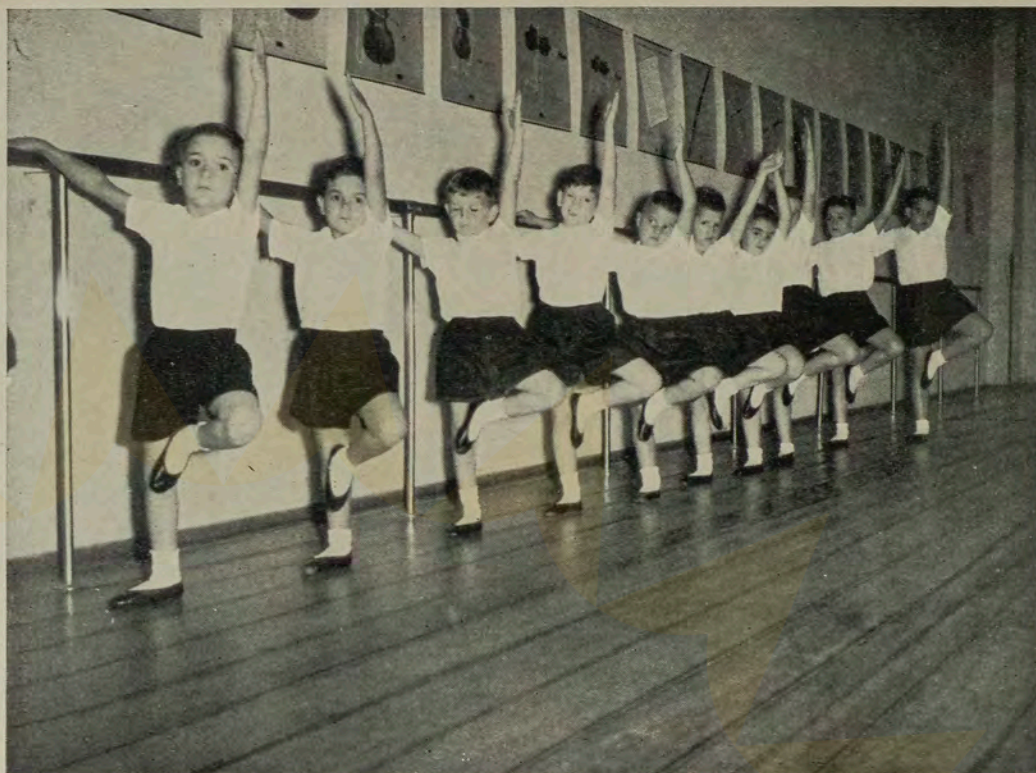
Kant recalçado

Kant .. filósofo. Discordo das idéias dele.

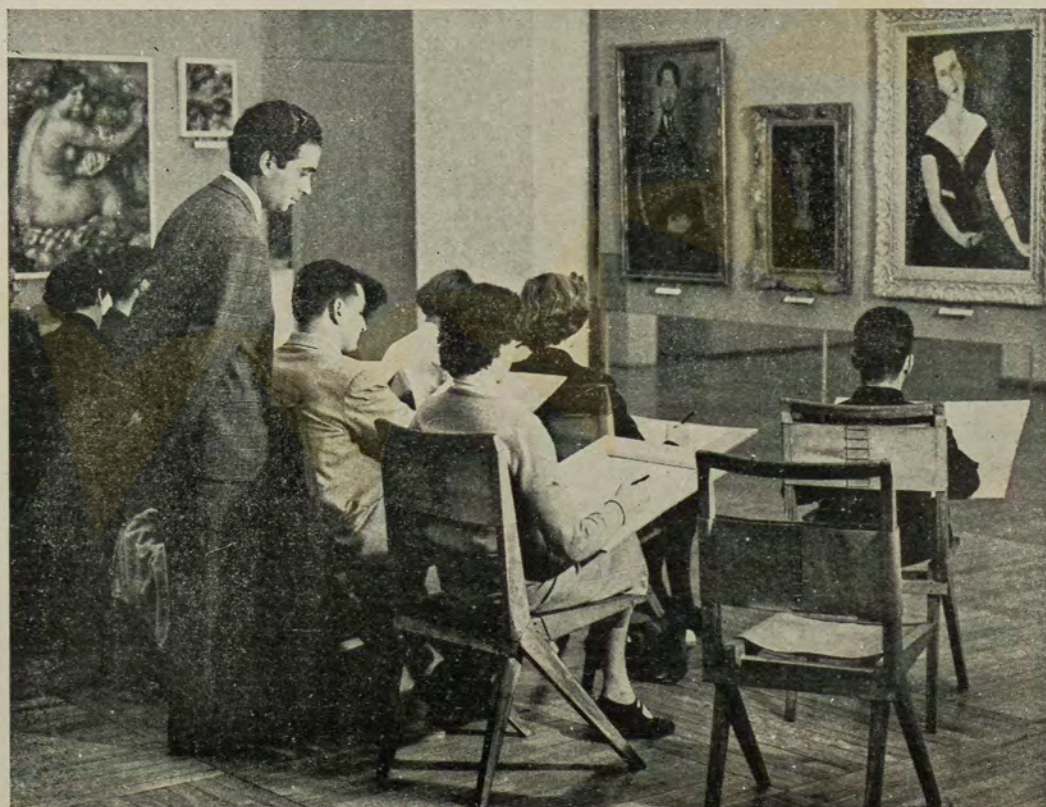
São centenas e centenas de respostas as-
sim. Respostas de gente que fez ginásio,
colégio ou ainda o que é pior, universidade.
A conclusão é evidente: a juventude
aprende mais através de veículos como
rádio, cinema, revistas e televisão, do que
nas escolas. O Curso secundário não é nem
formativo nem informativo. A rapaziada
ignora; não tem noção do que é cultura,

do que é o mundo moderno. Eles, apenas, reagem à propaganda, ao rádio, ao cinema e à televisão, provocados por uma irritação epidêmica. Não aprenderam a pensar os problemas trazidos pela realidade que estão vivendo e vão viver. Ignoram aquilo que John Dewey chama de "experiência", isto é, esgotar um problema, uma idéia, ir até o fim, criticar, pensar, possuir. A juventude é a maior vítima, juntamente com a escola, dessa tendência do mundo moderno em irritar, através dos veículos, a sensibilidade humana. Na realidade, a juventude não está preparada para se defender. Nem a escola. Ambas assistem, passivamente, à invasão impetuosa da propaganda política, comercial, industrial, etc. Não lhes é dada a oportunidade de compreender por si mesmas. Parece que o mundo moderno se organizou contra o homem, como experiência, como personalidade, como ser livre. Enquanto a escola permanecer alheia a esses problemas; enquanto descuidar do lado formativo da juventude, preparando-a para reagir contra as arbitrariedades do cotidiano no mundo moderno, a escola estará fazendo um trabalho negativo. A realidade é esta: para a maioria dos jovens brasileiros, Péricles não é mais o grego que deu o nome a um século, mais sim o vulgar desenhista de uma revista; Van Gogh não é mais o grande pintor, mas o homem que faz umas "piadas" no "Cruzeiro" sob o pseudônimo de Van Gôgo. É doloroso, mas precisamos compreender esta trágica realidade: que na formação de uma elite, os veículos como rádio, televisão, jornais e revistas estão com capacidade de penetração maior que a escola. Eles, em vez de irritarem superficialmente no alarido das manchetes, poderiam dar uma contribuição formidável, suprimindo em grande parte as deficiências do ensino no País.

O Museu de Arte de São Paulo que mantém cerca de 16 cursos, entre eles um de formação de professores de desenho para o ensino secundário, procurou sempre servir à juventude nesse sentido. Mas o trabalho do Museu é apenas uma tomada de consciência do problema. Seria de todo interesse desenvolver essa atividade em proporções compatíveis com a gravidade do problema educativo no Brasil. Estamos certos que se a juventude fosse chamada a falar com franqueza, dentro dos seus próprios e reais interesses, ela lançaria este apelo: a juventude quer uma oportunidade para pensar, com independência, o seu próprio caminho, porque ela está desesperada com a constante irritação dos grupos políticos, dos grupos artísticos, da má fé intelectual, da propaganda, do exibicionismo. A juventude de hoje assim quer, porque no abandono em que vive, ela cresceu mais do que seus antepassados; cresceu no ímpeto do desespero.



O Museu de Arte de São Paulo no ano letivo de 1952 com o patrocínio da Prefeitura de São Paulo e dos Diários e Emissoras Associadas ministrou 3731 horas de aulas





Projeto ideal e gratuito para a instalação do edifício da Exposição do IV Centenário de São Paulo, no Parque Ibirapuera (Arq. Lina Bo)

Ibirapuera

Parece que por ocasião do IV Centenário de São Paulo teremos no Parque Ibirapuera uma grande exposição internacional das indústrias. Será realizada num edifício que está sendo acabado e será inaugurado em 25 de janeiro de 1954, data fatídica do aniversário. Teremos a oportunidade de falar, com elementos na mão, da arquitetura desse edifício destinado à exposição: trata-se duma construção de vários andares, de duzentos metros de comprimento e cinquenta de largura. Se imaginarmos que essas salas contém, por cinquenta metros de largura, quatro colunas cada 10 metros e mais dois contrafortes ao lado, teremos uma idéia da floresta de colunas nesse ambiente. A técnica de exposições que já, em 1851 (Palácio de Cristal) e depois (Galerie des Machines), conseguiram um espaço sem embaraços e suportes excessivos, terá em 1954, em São Paulo, a vergonha, aliás, a

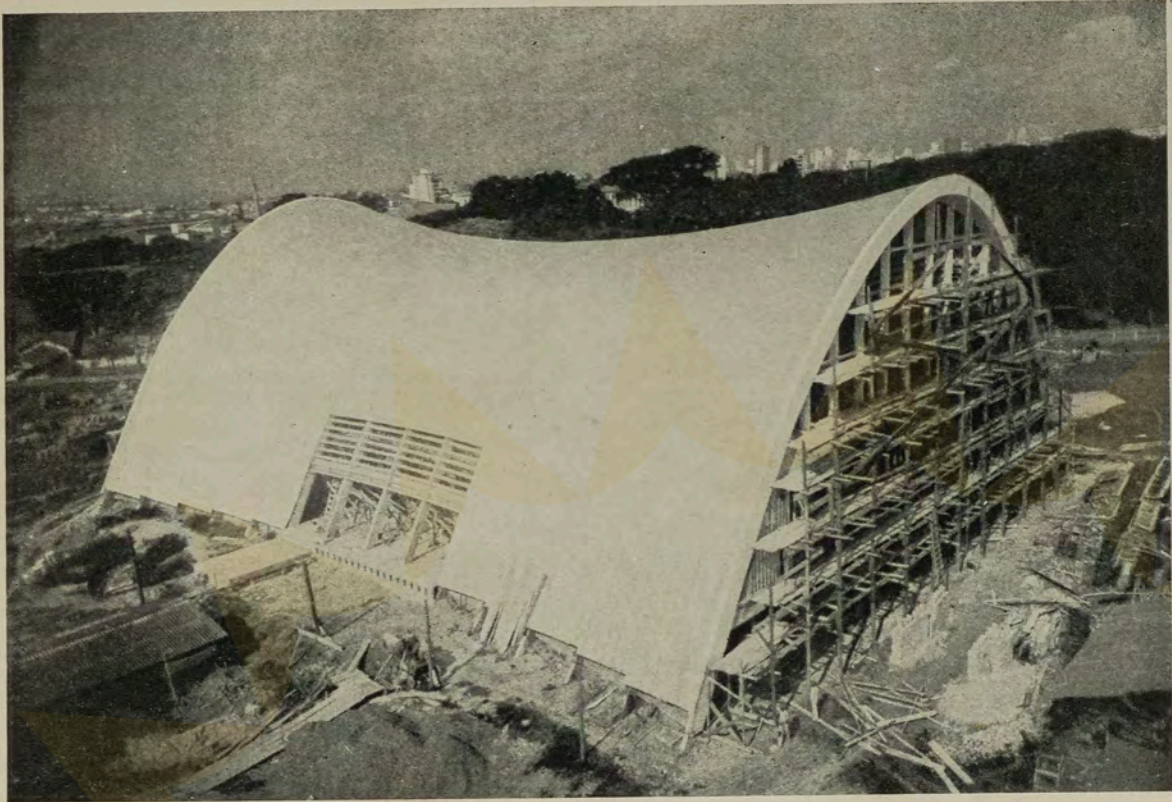
humilhação dum recuamento provinciano e ignorante.

O último grande edifício para exposições é, como sabem também os leitores das mais corriqueiras revistas de arquitetura, o Salão do Automóvel de Turim, de autoria do engenheiro Pier Luigi Nervi que ilustrou essa construção, em todos os seus detalhes, durante o ciclo de aulas realizadas no Museu de Arte de São Paulo. Esse salão do engenheiro italiano tem um vão de 100 metros sem, — naturalmente — qualquer suporte a não ser os laterais. E é de concreto armado.

O que é que vamos mostrar ao visitante, no 25 de janeiro de 1954, o que de notável do ponto de vista da arquitetura e técnica de construção, aqui em São Paulo, a cidade que mais constroe no mundo? Talvez esse edifício para exposições industriais? Conforme foi noticiado pelos

jornais, foram chamados pela Comissão do Centenário, à última hora, os arquitetos italianos Ernesto Rogers e Enrico Peressuti, de Milão, para salvar o que ainda era possível, da referida arquitetura: eles contribuíram com modificações que melhoraram de muito o conjunto. Por cúmulo de falta de conhecimento dos problemas estéticos, o presidente da Comissão do Centenário convidou, para estudar um arranjo decorativo, um funcionário da "Feira de Milão", cujo gosto é conhecido por todos.

"Centenário à milanesa", como observou um comentário do "Correio Paulistano". Os leitores devem lembrar que "à milanesa" quer dizer uma sopa onde se bota de tudo, dos macarrões às batatas, do toicinho às couves. Em nosso caso, da ignorância à presunção, e da presunção à ignorância.



Piscina coberta, construída para o Departamento de Esportes do Estado de S. Paulo, no Parque da Água Branca

Piscina coberta

ARQ. ICARO DE CASTRO MELLO

A piscina propriamente dita, tem 25 x 18 metros, com 8 balizas. A água é aquecida a uma temperatura de 26.^a C. Arquibancadas para 4.500 assistentes.

A estrutura em concreto armado, com arcos parabólicos, ligados entre si por elementos pré-moldados em tijolos furados, formando no conjunto uma abóbada. A cobertura foi toda feita com telhas de alumínio, assentes sobre madeiramento de peroba, sobre os arcos.

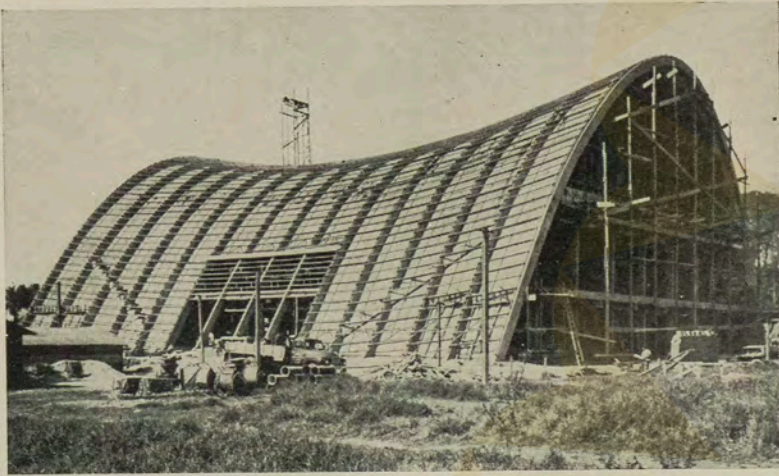
Sob as arquibancadas foram localizados os dois vestiários e sanitários masculino e feminino para os nadadores. Sanitários para o público, bar e dependências para o Dept. de Esportes do Estado.

Os filtros e bombas para tratamento da água, foram localizados junto a uma das cabeceiras da piscina e as caldeiras para a calefação, foram localizadas num pequeno edifício anexo, próximo à piscina.

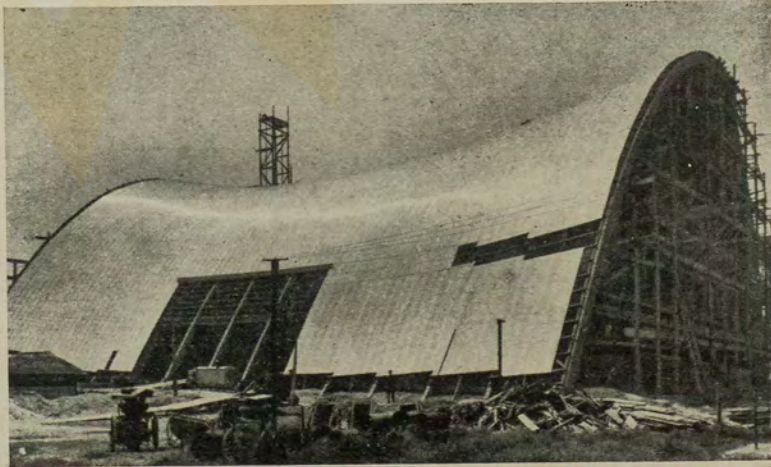
A execução das obras está a cargo da Sociedade Construtora Brasileira, sendo responsável pelo andamento da mesma, o Eng.^o Arthur Pitta.

A obra está em vias de conclusão, sendo prevista a sua inauguração para agosto próximo, com grandes competições internacionais, patrocinadas pelo Departamento de Esportes do Estado.

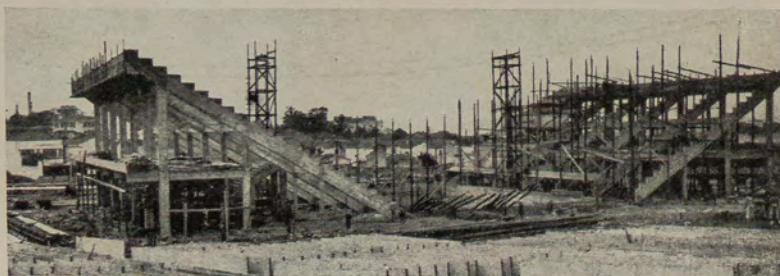
Na estrutura da abóbada foram aplicados arcos parabólicos de concreto e elementos pré-moldados de tijolos furados



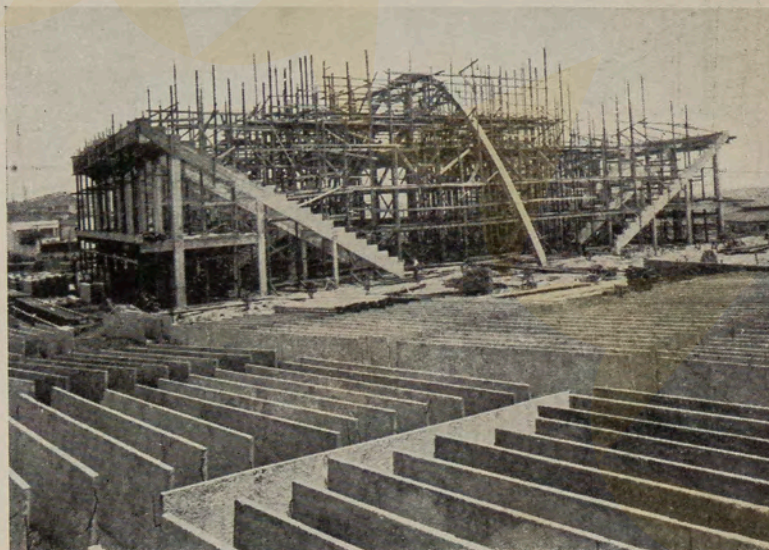
A mesma abóbada, já quase acabada, com sua cobertura em chapas de alumínio ondulado. Entre o alumínio e a abóbada formada por elementos pré-moldados, existe um espaço de 50 cms que cria condições refratárias ao calor



Fase da construção, vendo-se os pórticos da estrutura das arquibancadas



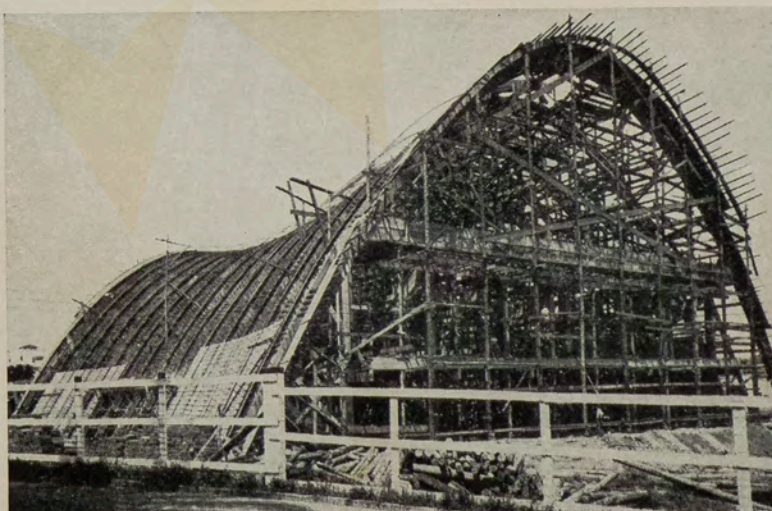
Levantamento do primeiro arco e cimbramento

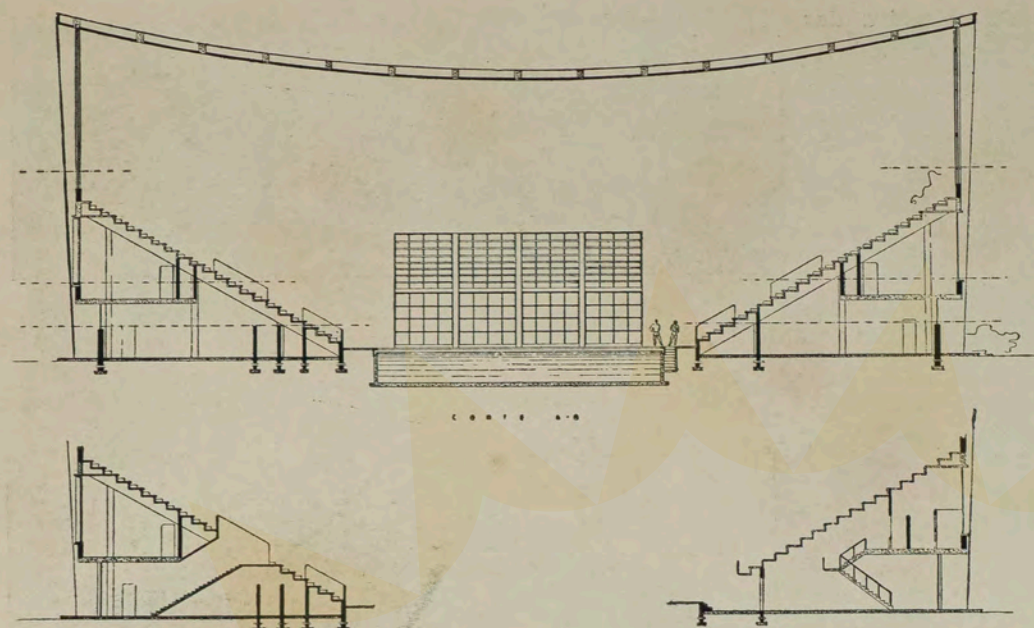


Cimbramento completo com todos os arcos. A estrutura, nesta fase, está pronta para receber os elementos pré-moldados

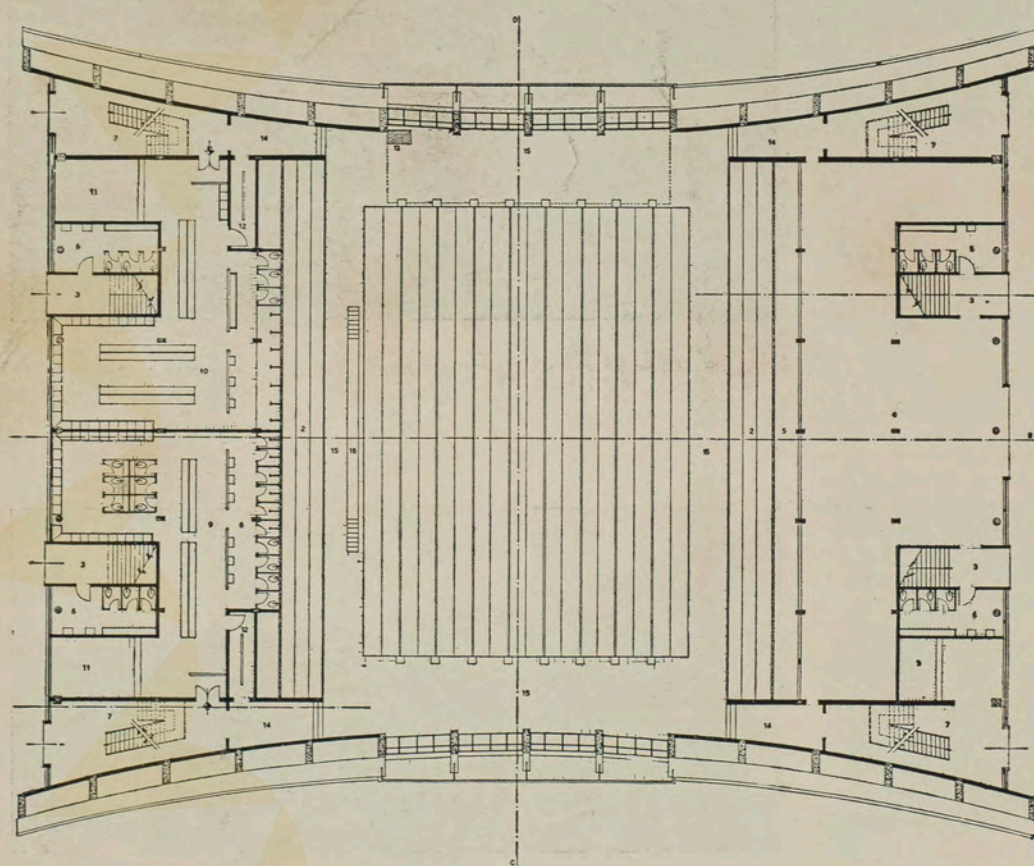


Fase da construção, vendo-se as ligações da arquitetura com a abóbada



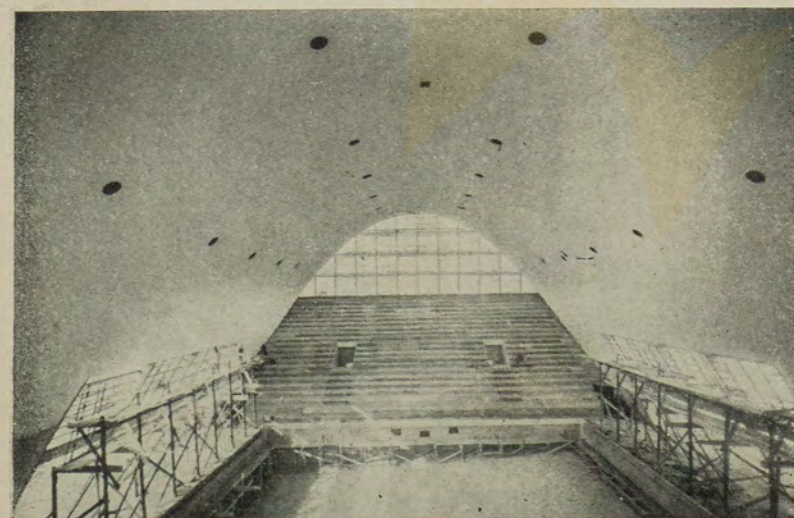


Corte transversal, mostrando o aproveitamento de dependências sob as arquibancadas

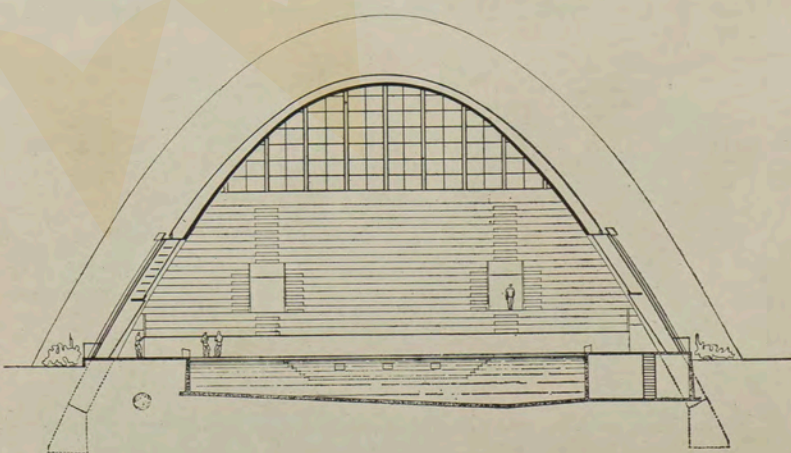


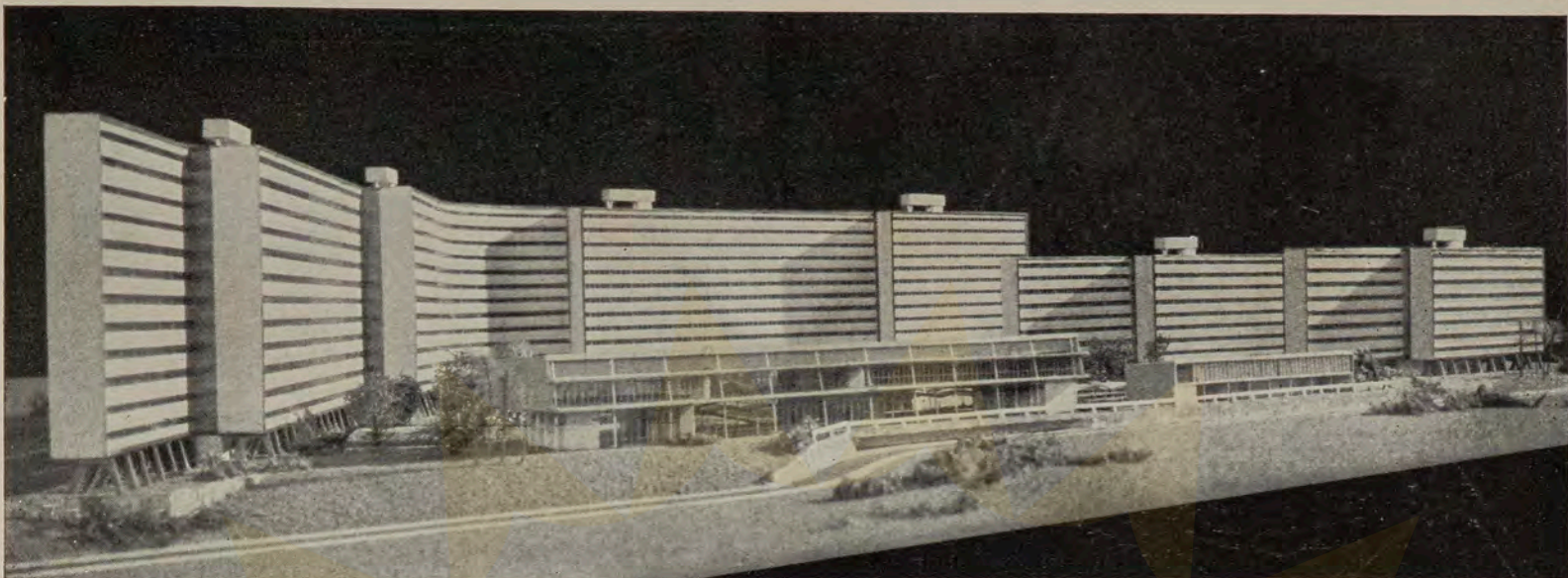
Planta do pavimento térreo, com a piscina e dependências auxiliares

Vista interna da piscina que está sendo ultimada no Parque da Água Branca. No teto observam-se algumas aberturas destinadas a refletores e alto-falante



Corte longitudinal, mostrando a arquibancada, o perfil da piscina e a casa de bombas e filtros na extremidade mais profunda da piscina





Arquiteto Rino Levi, Projeto para o conjunto residencial do estudante na Cidade Universitária de São Paulo

Setor residencial do Estudante

ARQ. RINO LEVI

O estudo do setor residencial do Estudante, no conjunto da Cidade Universitária de São Paulo, que se encontra atualmente em construção numa zona colinosa, na periferia da cidade, obedece às diretrizes gerais e ao programa circunstanciado da comissão da Cidade Universitária, que acompanhou e orientou o desenvolvimento dos trabalhos.

O terreno escolhido para a construção do setor residencial está situado na encosta de uma colina e desfruta de magnífica vista da cidade de São Paulo. Localizado na proximidade da entrada principal da Cidade Universitária, a sua posição é aproximadamente intermediária entre o setor esportivo e as faculdades.

Além dos alojamentos previstos em vários edifícios independentes, o estudo prevê as instalações complementares de uso comum, que constituem o centro de convergência do conjunto. Estas instalações são distribuídas em 2 edifícios, constituindo um deles o clube dos estudantes e outro o prédio da administração central e das enfermarias.

Toda a circulação de veículos é feita pelas ruas perimetrais do conjunto residencial. A parte central do terreno é ocupada por um grande pátio ajardinado, semi-fechado, ponto obrigatório de encontro, através do qual são feitas as ligações entre os vários edifícios. O jardim se estende por baixo dos edifícios dando transparência e leveza ao conjunto.

O acesso externo do pessoal de serviço e de todo o material de abastecimento, é feito pela rua norte, projetada com nível de 4.00 mts. abaixo do nível do patamar sobre o qual se erguem os prédios.

ORIENTAÇÃO

O local é protegido dos ventos dominantes, frios e úmidos, pela colina que se leva na direção S. E.

Afim de obter isolamento máximo, os dormitórios foram voltados para N. N. O. e N. N. E. O excesso de calor que resulta destas orientações nos dias mais quentes,

é corrigido por meio de anteparos de tipo comum (persianos de enrolar, no caso), e por uma ventilação cruzada regulável, estabelecida entre as janelas e as aberturas previstas nas paredes dos corredores. As enfermarias são voltadas para N. N. O. A sua insolação é regulada por dispositivos semelhantes aos adotados nos dormitórios. Nas demais peças que são usadas com mais frequência durante o dia, para repouso, estudo ou trabalho, o problema foi estudado caso por caso. Nestas peças há interesse, em geral, em se criar uma luz difusa. Isto é feito por meio de saiências previstas acima das janelas ou então por "quebra-sol".

A orientação adotada para os edifícios permite desfrutar ao máximo a vista panorâmica da Cidade Universitária e da cidade de São Paulo.

ALOJAMENTOS

Os alojamentos tem uma capacidade para 2.000 estudantes, distribuídos em 6 edifícios, sendo 4 para a seção masculina, num único bloco de 315,00 m de comprimento, e 2 isolados para seção feminina. Cada edifício dos rapazes comporta 12 andares de dormitórios com 31 quartos individuais por andar e um total de 372 quartos. Cada edifício das moças possui 8 andares com 32 quartos individuais por andar e um total de 256 quartos. A capacidade total é portanto para 1488 rapazes e 521 moças.

Os dormitórios são dispostos de um só lado dos corredores, de modo a garantir para todos, as melhores condições de orientação.

Ponto importante do estudo é o da determinação da unidade dormitório. A solução adotada de quartos individuais, resultou das 3 considerações que se seguem:

- 1 — Para o desenvolvimento da personalidade do estudante é importante que ele possa em determinados momentos se isolar e se concentrar, fora de qualquer convívio.

Num conjunto deste tipo, que é a Cidade Universitária, isto só é possível no dormitório de tipo individual.

- 2 — Só o quarto individual garante a responsabilidade plena de cada um em relação ao material que lhe é entregue.
- 3 — Estando fora de cogitação o quarto de 2 leitos, foram examinadas várias soluções para quartos de 1 e 3 leitos. Como conclusão verificou-se que dentro de um certo padrão de conforto, o quarto individual, incluindo paredes, é tão ou mais econômico que o de 3 leitos.

Por representar apreciável economia de construção, os sanitários são centralizados em conjuntos coletivos. Um lavatório em cada quarto evitará o atropelo que fatalmente se verificaria no banheiro coletivo para barbear-se.

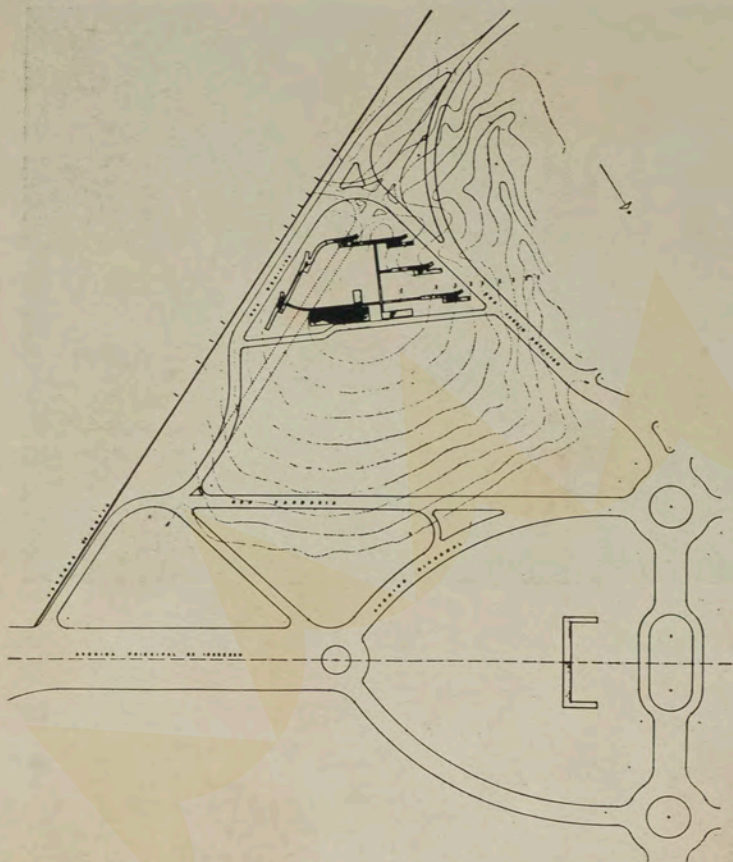
No centro de cada andar são localizados também os comodos de serviço, uma sala de estudo coletivo e a circulação vertical. No pavimento térreo, o terreno é mantido livre, com exceção de uma pequena área em cada prédio, ocupada pela portaria, gerência, pequeno bar, depósito de malas e garagem para bicicletas.

CLUBE

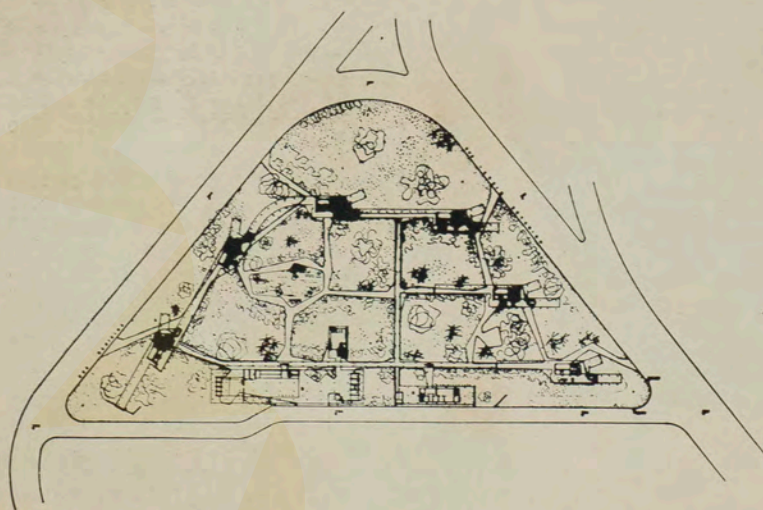
O edifício do clube comporta 2 pavimentos superiores para repouso, reunião, distração e restaurante, e um pavimento inferior para alguns serviços centrais, como lavanderia, rouparia e almoxarifado. Neste pavimento de serviço é prevista também a entrada do pessoal subalterno e um grande alpendre para carga e estacionamento de caminhões.

Nos 2 pavimentos superiores encontram-se vários locais de estar, biblioteca, 4 lojas, bar, salão de festas e restaurante.

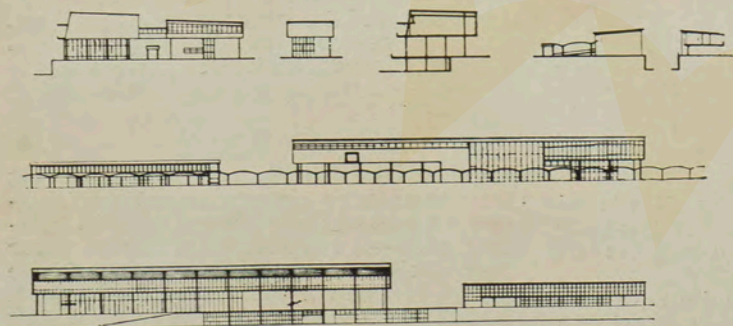
Para atender a casos especiais de festas, banquetes, espetáculos etc., o último pavimento foi estudado de modo a apresentar



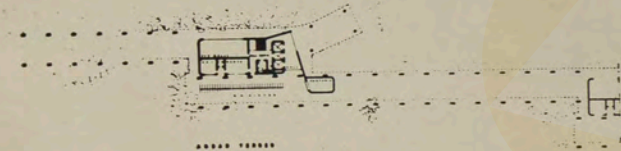
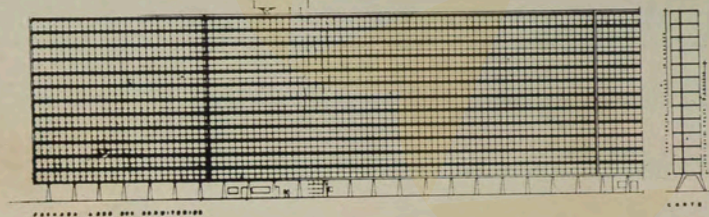
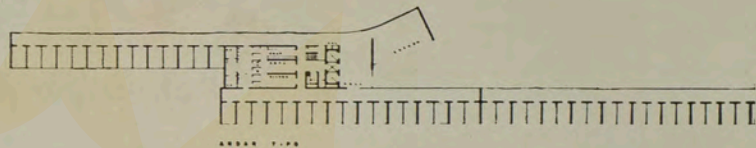
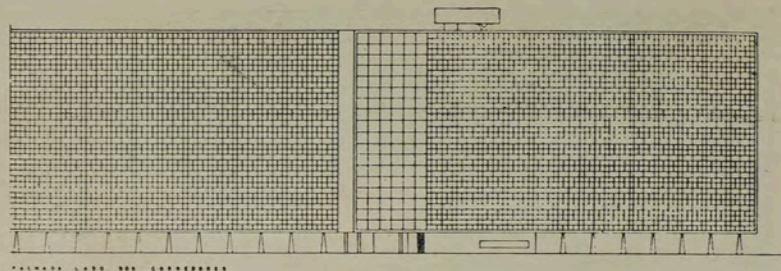
Planta da situação do setor residencial do Estudante no conjunto da Cidade Universitária de São Paulo



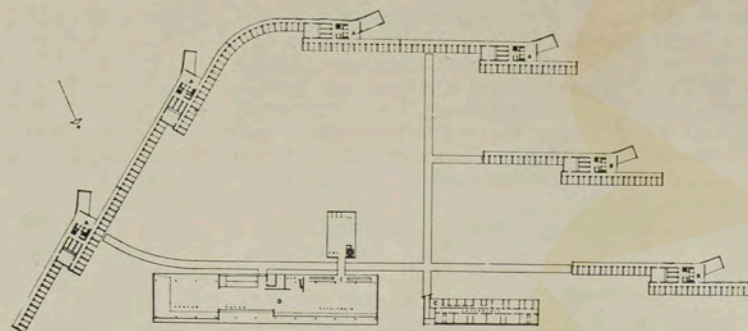
Planta geral



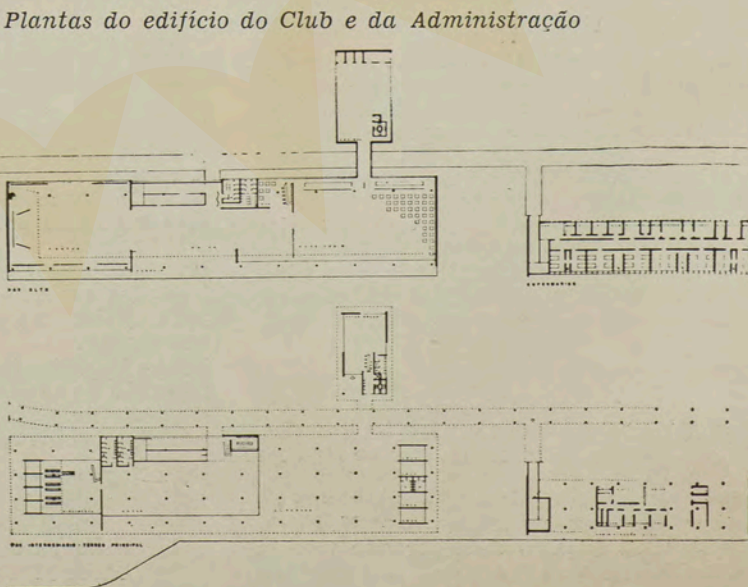
Fachada e corte do edifício do Club e da Administração



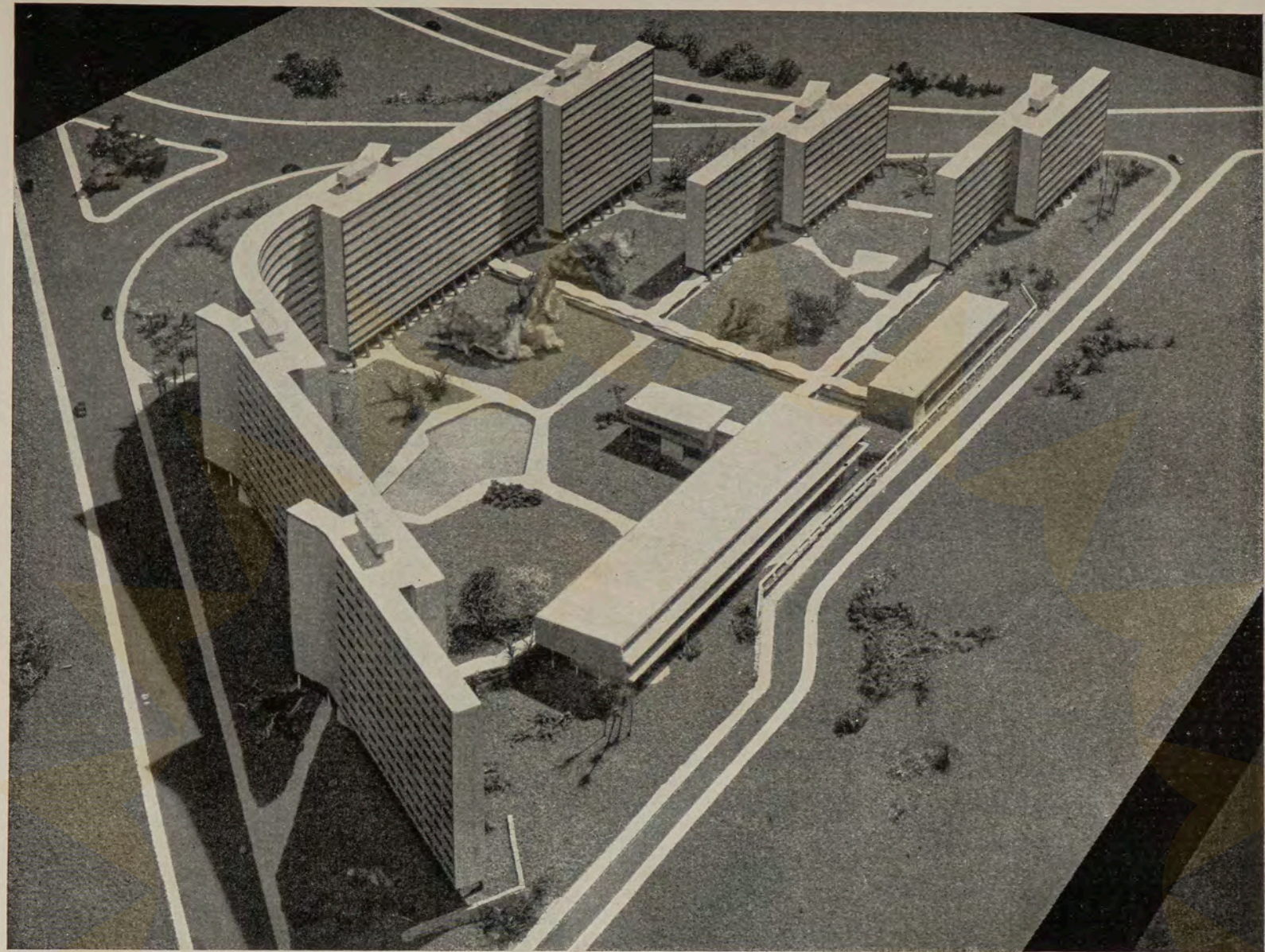
Plantas, cortes e fachadas do setor



Planta de locação, andares elevados



Plantas do edifício do Club e da Administração



A maquete, vista do alto



Edifício do club e da administração

certa flexibilidade no uso da sua área, que pode ser conjugada de várias maneiras. O restaurante tem capacidade para cerca de 700 pessoas. O seu funcionamento é previsto em 3 turnos, pelo sistema de “cafeteria”. A cosinha é projetada em corpo separado, devendo servir também as enfermarias, colocadas em outro edifício, ao lado do clube.

ADMINISTRAÇÃO E ENFERMARIAS

O edifício comporta 2 pavimentos independentes, sendo o inferior destinado à administração central e o superior às enfermarias, assistência médica e cuidados de urgência.

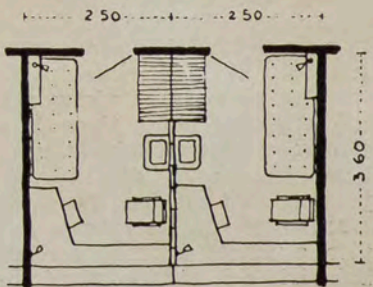
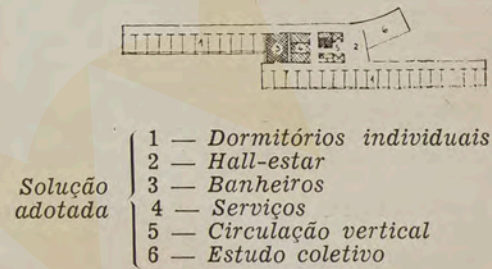
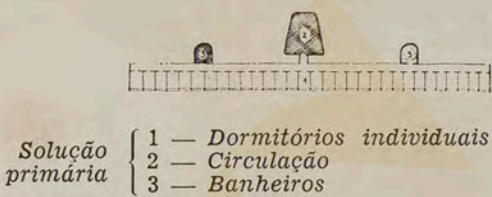
ÁREA CONSTRUIDA

Somando-se todos os andares, obtém-se as seguintes áreas construídas:

Alojamento masculino —		
4 prédios de m² 8.364 ..	m²	33.456
Alojamento feminino —		
2 prédios de m² 5.741 ..	m²	11.482
Clube	m²	5.460
Administração e enfermarias ..	m²	806
Total	m²	51.779

É a seguinte a área média por estudante:

Alojamentos	m²	22,50
Clube, administração e enfermarias	m²	2,10
Média total	m²	25,60



Dormitórios individuais

Problemas de arquitetura

Planejamento de hospitais

Por iniciativa do Instituto dos Arquitetos do Brasil, secção de São Paulo, reuniram-se no grande auditório do Museu de Arte de São Paulo cerca de quatrocentos arquitetos, médicos, construtores, estudantes de arquitetura e engenharia, a fim de participar do Primeiro Curso de Planejamento de Hospitais. Esse tema, como todos os temas de arquitetura coletiva, foi examinado e discutido com o máximo interesse e com o resultado de esclarecer idéias novas e proveitosas. Sublinhamos na iniciativa do Instituto uma de suas verdadeiras funções: a cultu-

ra dos profissionais, sua educação social e o sentido de sua responsabilidade.

Embora não seja esta a circunstância para examinar um assunto estritamente técnico, queremos publicar neste número, dedicado a várias arquiteturas coletivas, a aula inaugural do curso proferida pelo arquiteto Rino Levi que, além de ser presidente do Instituto em São Paulo, é também o autor do Instituto do Câncer, um extraordinário exemplo de arquitetura hospitalar e reflexo das boas idéias aqui expostas:

Três fatores intervêm nitidamente no estudo de um projeto de arquitetura: a função, a técnica e a plástica. Estes três fatores se fundem numa unidade, isto é, a obra de arquitetura.

Resulta claramente que a arquitetura implica a coordenação de conhecimentos variados e que não pode ser concebida corretamente sem um trabalho de colaboração estreita.

A vida humana está obrigatoriamente ligada à casa, no sentido de abrigo. Em consequência, todo indivíduo tem alguma sugestão a fazer a este respeito, e de modo particular os estudiosos e especialistas de qualquer assunto.

Assim, um projeto de hospital, não prescinde dos conhecimentos e da experiência do médico, do administrador hospitalar, do responsável de cada um dos seus setores e mesmo do enfermeiro.

Na parte propriamente construtiva será indispensável a colaboração de engenheiros e técnicos.

Não menos importante é a parte que cabe ao fabricante do grande, variado e complexo equipamento do hospital.

Virão depois as informações sobre a direção do hospital, seja clínica, administrativa, de enfermagem e serviços domésticos, e os dados completos do serviço social, arquivo científico, salas de aula, auditório, biblioteca e museu.

Por último o programa indicará os serviços gerais como almoxarifado, cozinha, lavanderia, oficinas de reparação, as instalações e as dependências do pessoal, alojamentos, restaurante e vestiários.

Infelizmente não chegamos ainda ao planejamento do hospital tendo em vista o conjunto de necessidades médicas da cidade e da região. Este seria, sem dúvida, o caminho certo a ser seguido. Evitar-se-ia assim grande desperdício de energias e de resistência, não se levando em conta o fator mais importante de uma assistência médica realmente eficiente.

A organização do programa constitui etapa importante e representa trabalho não menos extenso que o da concepção da obra. O tempo nele empregado será amplamente recuperado no estudo do projeto e na construção da obra, com a vantagem de se alcançarem plenamente os objetivos visados e de se realizar apreciável economia de construção e de instalação.

O estudo de todo projeto arquitetônico implica desde logo a criação de formas plásticas. Estas possuem frequentemente certo poder de sugestão e de fascínio, tanto assim que necessitamos de algum esforço para nos desprendermos delas.

Torna-se evidente, pois, o inconveniente e a perda de tempo que representa o início do desenho antes de se completar e definir o programa. Com a modificação deste, a forma tende a permanecer, o que pode levar a se perder até a unidade de concepção.

Do mesmo modo e com mais razão não se admite mais a adoção de formas preestabelecidas, com plantas em X, em H ou em pente, como também discutir se o hospital deve ser horizontal ou vertical, em pavilhões ou em monobloco.

Em geral, cada projeto de hospital, tem suas próprias exigências e particularidades, que podem influir decisivamente no seu planejamento. Para maior diversidade de soluções entram em jogo também a topografia do terreno, a sua situação e orientação e as restrições estabelecidas nas posturas sanitárias e municipais, bem como outros fatores.

Como vemos, tantas e tão variadas são as condições e imposições que será conveniente evitar novas dificuldades, principalmente do ponto de vista da forma, que deverá ser inteiramente livre. A concepção do projeto deverá resultar unicamente do estudo funcional e técnico do problema, livre de quaisquer outras injunções.

Este é um ponto de vista básico do arquiteto na fase de renovação em que se encontra hoje a arquitetura. Este ponto de vista tem importância decisiva em todos os detalhes da construção e do funcionamento do hospital, como de qualquer outro edifício.

Isto não significa que o estudo de um projeto de arquitetura não admita determinadas tendências práticas. No caso do hospital verifica-se a tendência de elaborar o estudo levando em conta três fatores principais: primeiro, agrupamento dos serviços afins; segundo, estudo adequado da circulação, e terceiro, flexibilidade do plano.

Vejam os detalhes de cada uma destas partes de per si.

Os diferentes departamentos do hospital constituem unidades mais ou menos independentes, com características e necessidades próprias, que se refletem nitidamente no arranjo das divisões internas, na solução da estrutura e na disposição das instalações.

Fixando um esquema geral de circulação, a solução que se impõe é a de reunir os serviços afins em grupos distintos, alojados em blocos arquitetônicos independentes, mas ligados entre si, cada qual com suas características construtivas próprias. Do ponto de vista funcional, as várias unidades do hospital, terão maior autonomia, sem qualquer interferência; do ponto de vista técnico-construtivo ter-se-á plena liberdade na distribuição das divisões internas, na escolha do tipo adequado de estrutura e na disposição das canalizações, caso por caso; do ponto de vista plástico, cada unidade terá sua fisionomia própria, que obedecerá unicamente à sua função e à sua técnica, dentro de uma concepção de conjunto.

Para exemplificar, a secção de hospitalização, cuja planta é organizada tendo em vista a distribuição dos leitos e dos serviços de enfermagem, constituirá um bloco exclusivamente destinado a este fim; quanto à situação, será em geral central e mais elevado.

O ambulatório, que agrupa certo número de consultórios e outros serviços afins, portanto com características e necessidades bem diferentes, constituirá outro bloco, também exclusivamente destinado a este fim.

Superpôr hospitalização e ambulatório, como se verifica frequentemente, significa criar um organismo híbrido, não levando na devida conta os seus diferentes arranjos internos e os seus diferentes padrões de construção. As plantas serão adaptadas à força e apresentarão interferências incômodas para os respectivos serviços e para a circulação, com sérias complicações de estrutura e de instalações.

Do mesmo modo e pelas mesmas razões, há toda conveniência de separar em blocos arquitetonicamente independentes, os serviços gerais, o centro de estudos e os alojamentos do pessoal.

Na disposição destes grupos deverão ser considerados vários outros fatores. Em primeiro lugar, localizar-se-ão nos andares inferiores os serviços que têm maior necessidade de ligação direta e imediata com a rua. É o caso, por exemplo, do ambulatório, cujo acesso de fora deverá ser feito sem atravessar outros setores do hospital; do pronto socorro, que deverá ser acessível pela ambulância; do auditório, frequentado em parte por um público estranho ao hospital; dos serviços de almoxarifado, cozinha e lavanderia, cujo numeroso pessoal não tem qualquer relação com outras dependências do hospital.

Os serviços técnico-científicos, devido ao seu elevado custo, atendem tanto aos doentes internos, como aos ambulantes. Procurar-se-á, portanto, para eles, uma localização intermediária entre o ambulatório e a hospitalização.

Por sua vez, o centro residencial, deverá ser afastado do hospital, para maior repouso e distração do pessoal durante as horas de folga. Será conveniente localizá-lo de modo a ter ligação direta com o restaurante e dando para o jardim.

Vejamos agora o problema da circulação, mais complexa no hospital do que em qualquer outra obra de arquitetura. Grande parte da eficiência do hospital depende da sua solução. Os percursos devem ser tanto quanto possível diretos, curtos e independentes.

Uma vez fixado o programa de se iniciar o trabalho de desenho, deverão ser estabelecidos os gráficos de circulação, levando em conta as ligações nas várias secções, entre si e com o exterior.

As ligações com o exterior implicam normalmente em vários acessos da rua: para doentes a internar, para ambulantes, para médicos, para enfermeiras, para visitantes, para o pronto socorro, para o necrotério, para o pessoal subalterno e para o material.

O trânsito interno compreende a circulação de pacientes, de médicos, de enfermeiras, de estudantes, de pessoal de serviço, de visitantes, de cadáveres, de drogas, de refeições, de roupas e de lixo.

Esta simples enumeração mostra claramente a complexidade do problema. Cada um dos percursos enumerados deverá ser estudado de per si. Em seguida eles deverão ser coordenados num esquema geral.

Vejamos agora a importância que assume no planejamento do hospital o estabelecimento de um organismo tanto quanto possível flexível, facilmente adaptável a circunstâncias novas.

Nas épocas passadas a construção apresentava condições rígidas. Nunca se pensou e provavelmente nunca surgiu a necessidade de modificar o seu destino. Isto não seria mesmo possível ou fácil, pois a técnica só conhecia materiais pesados e maciços, as paredes tinham a função de suporte e o tamanho das janelas e dos vãos era limitado pelas possibilidades reduzidas do material e da técnica.

Tudo isto mudou de maneira radical. O progresso trouxe novas necessidades e a técnica evoluiu a ponto de inverter a situação. As paredes tornaram-se finas e leves e passaram a ser suportadas, pilares delgados passaram a suportar a construção, grandes vãos são vencidos com facilidade e as fachadas tornaram-se transparentes.

Paralelamente, vemos a evolução rápida da medicina e da técnica hospitalar. Novas condições e necessidades surgem incessantemente exigindo a modificação contínua da organização do hospital e do seu arranjo interno.

Procuramos então fazer com que a construção possa atender a estas necessidades. Construimos paredes que podem ser deslocadas com certa facilidade. As lajes apresentam forros lisos, sem nervuras aparentes, o que dá ampla liberdade à nova localização das paredes. As mesmas lajes são providas de câmaras de ar pelas quais passam todas as canalizações, permitindo modificar e ampliar as instalações e mesmo criar novas, sem maiores danos ao prédio.

Em conclusão, é o seguinte o ponto de vista do arquiteto em relação ao tema "Planejamento do Hospital": -

1 — Dada a complexidade do assunto, que envolve especialidades tão variadas e tão diferentes, o arquiteto não pôde prescindir de uma colaboração estreita com todos os profissionais e especialistas interessados.

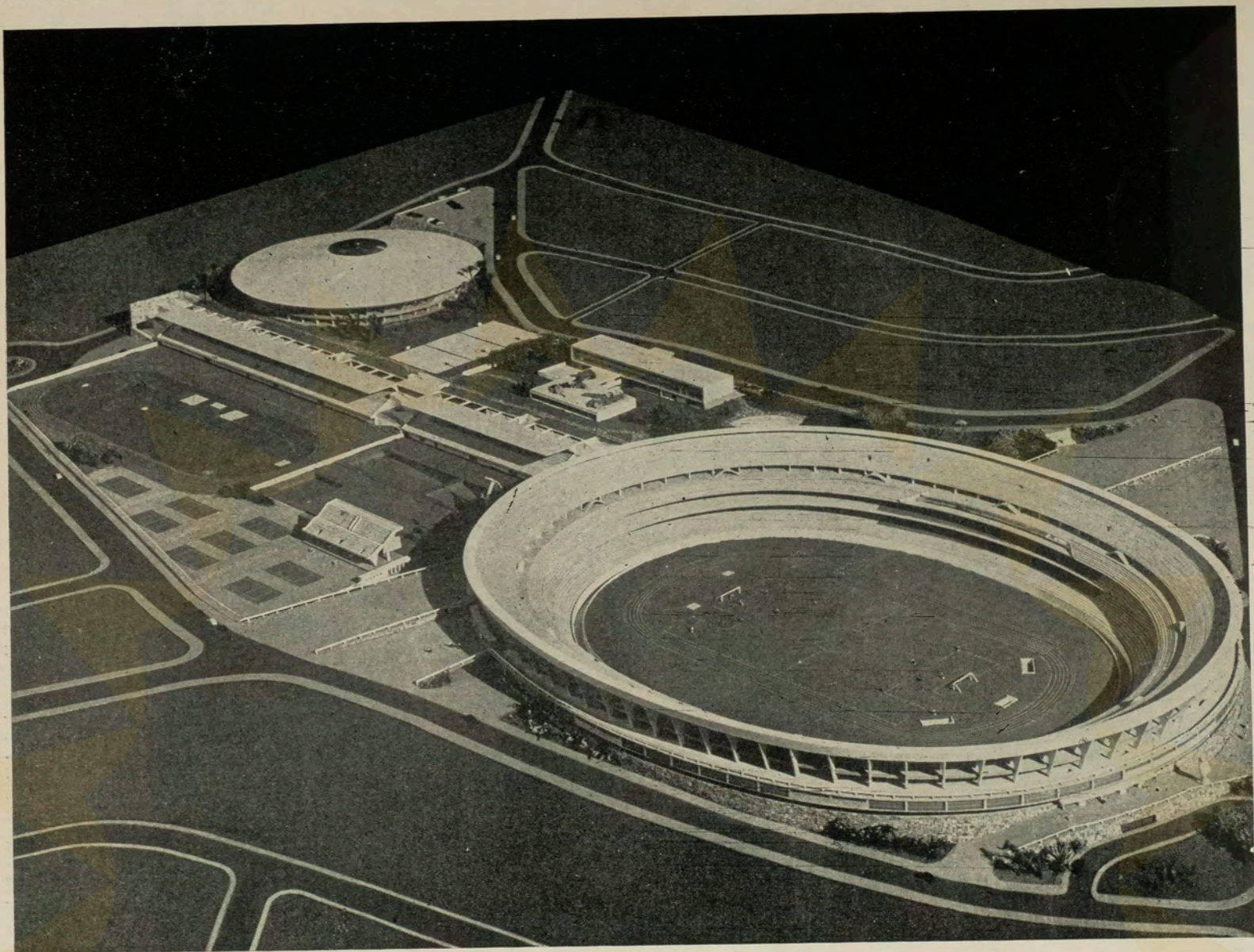
Esta colaboração deve ser realizada com espírito de equipe, cada qual trazendo a contribuição dos seus conhecimentos e da sua experiência;

2 — O arquiteto se exprime por uma linguagem plástica. Ele só é realmente especialista da forma, no sentido de plasmar o espaço. Este é um problema de criação artística, que deve realizar-se com liberdade de espírito e sem qualquer injunção.

A forma, na arquitetura, é intimamente ligada à função e à técnica. Em relação às outras artes plásticas a arquitetura se distingue por uma particularidade: o observador tanto se encontra fora como dentro do objeto plástico. Quer dizer, este é plasmado de modo a apresentar ritmos no exterior e no interior, que se completam e se fundem numa harmonia.

3 — Neste sentido, o arquiteto não vê a mínima diferença entre o planejamento do hospital e o de qualquer outro edifício, a não ser a maior complexidade funcional e técnica do hospital, que exige do arquiteto uma série de conhecimentos muito particularizados e elevado espírito de colaboração, para a coordenação correta de todos os dados do problema, de modo a criar um todo unitário.

O tema "hospital" sempre foi visto de maneira empírica e portanto sujeito a todas as séries de controvérsias áridas. Esta situação está felizmente se modificando a grandes passos. A investigação científica substitue sempre mais o critério pessoal e o problema se encaminha francamente no sentido mais amplo de serviço social organizado.

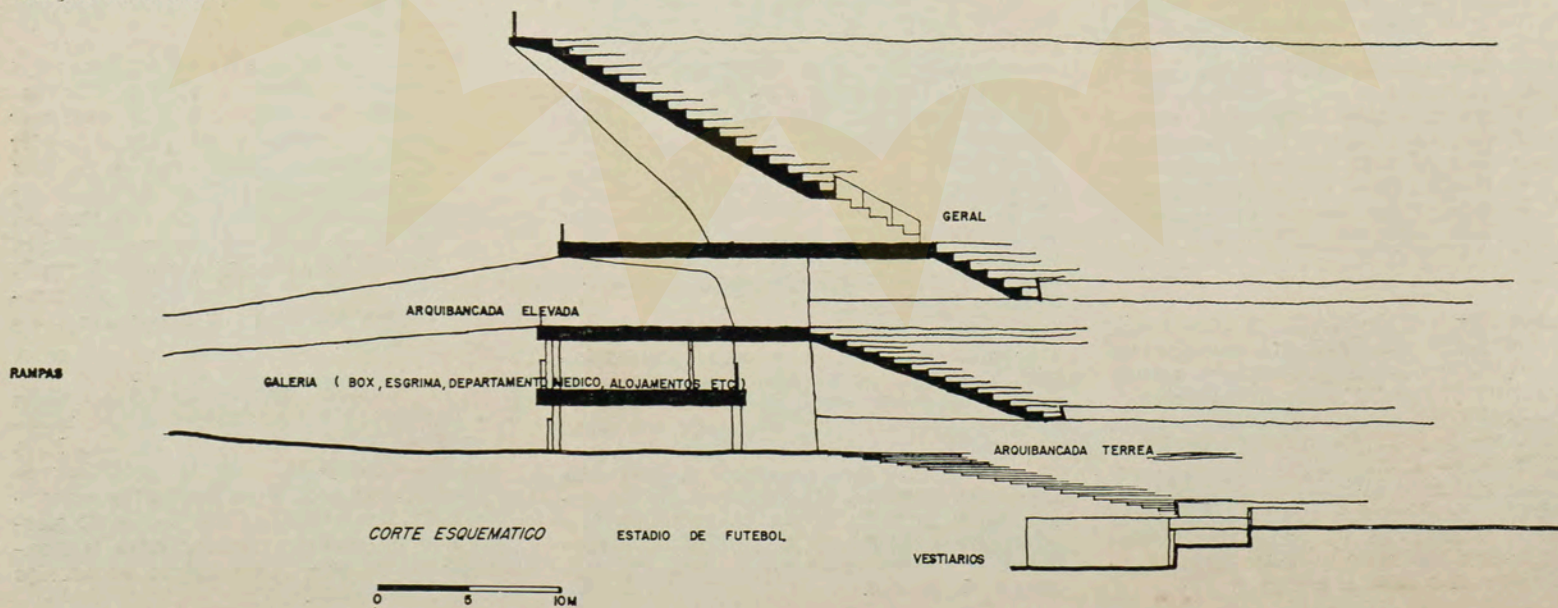


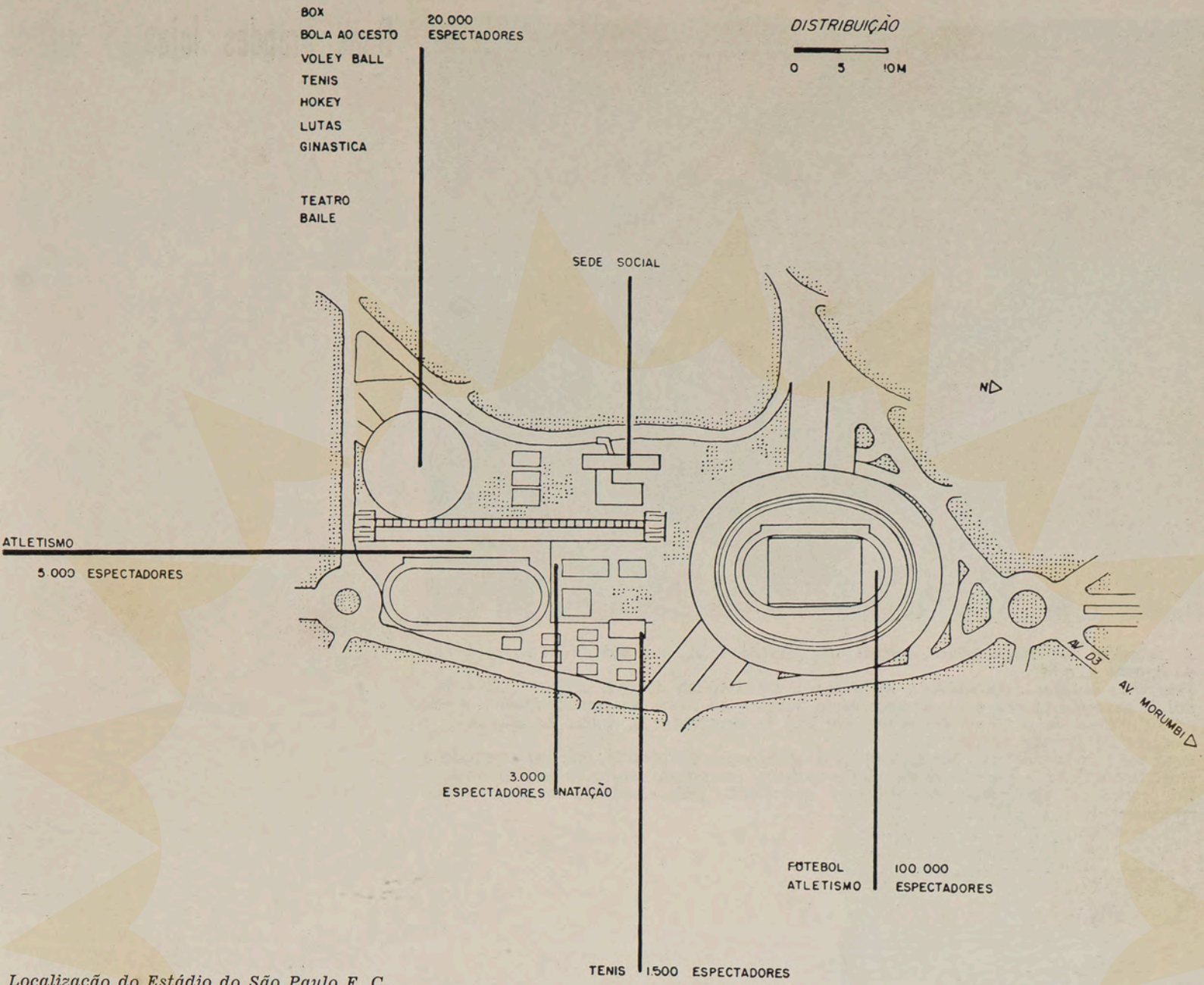
Arq. Villanova Artigas, Maquete do Estádio do São Paulo F. C. que venceu o concurso promovido por aquêle clube esportivo

Estádio em São Paulo

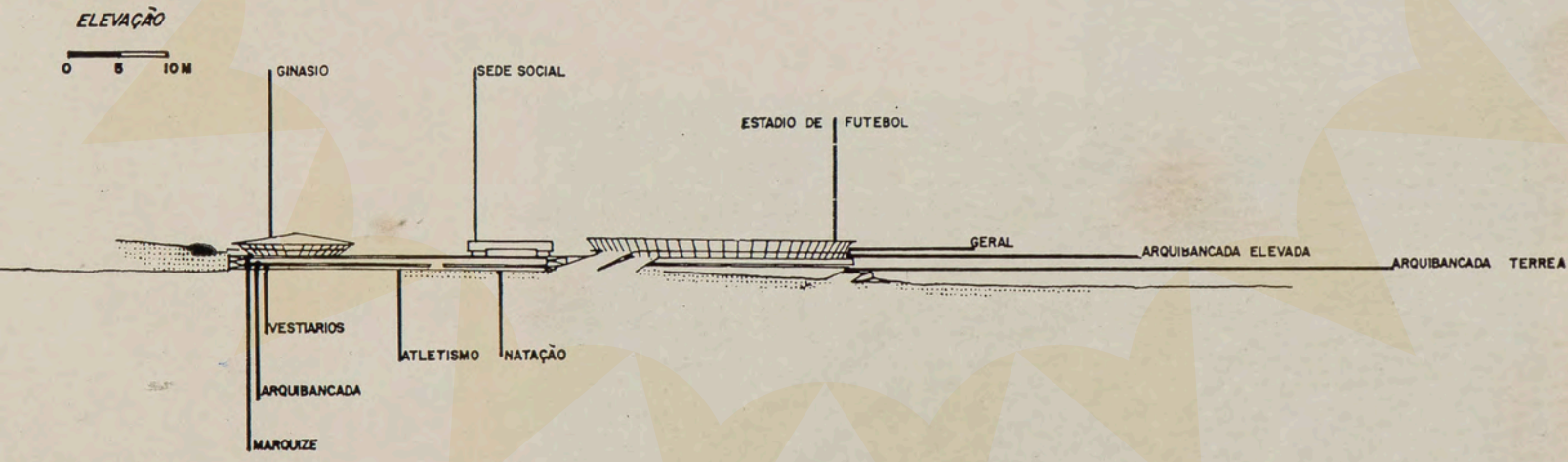
ARQ. VILLANOVA ARTIGAS

Secção do Estádio

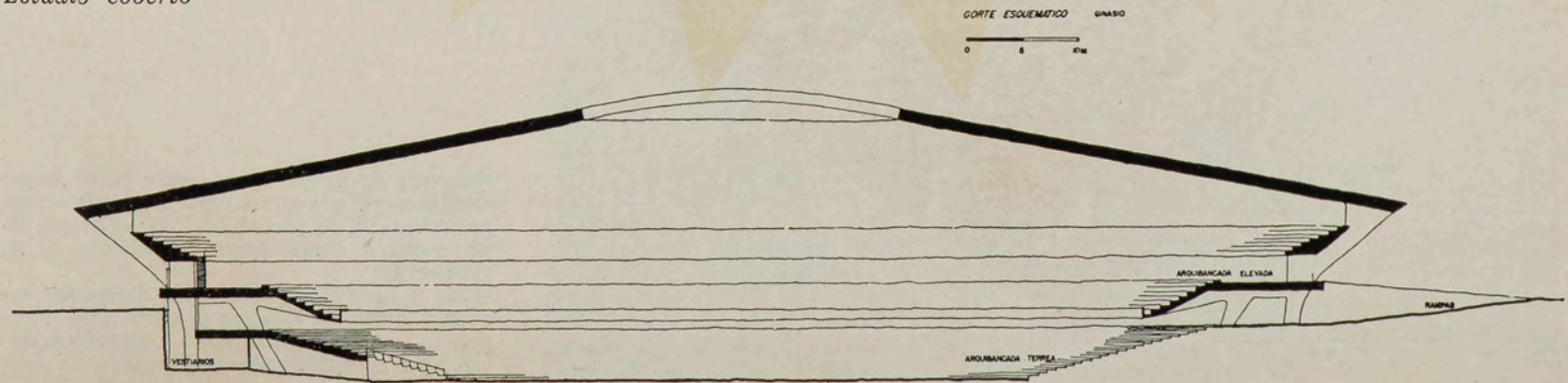




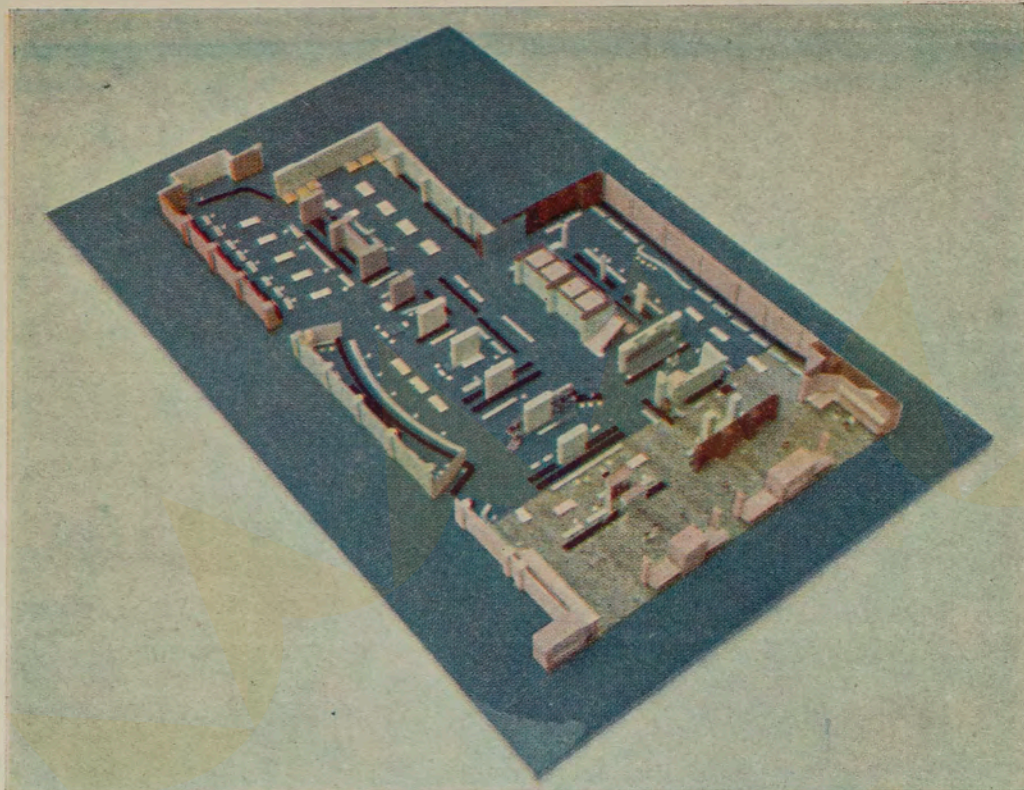
Localização do Estádio do São Paulo F. C.



Estádio coberto



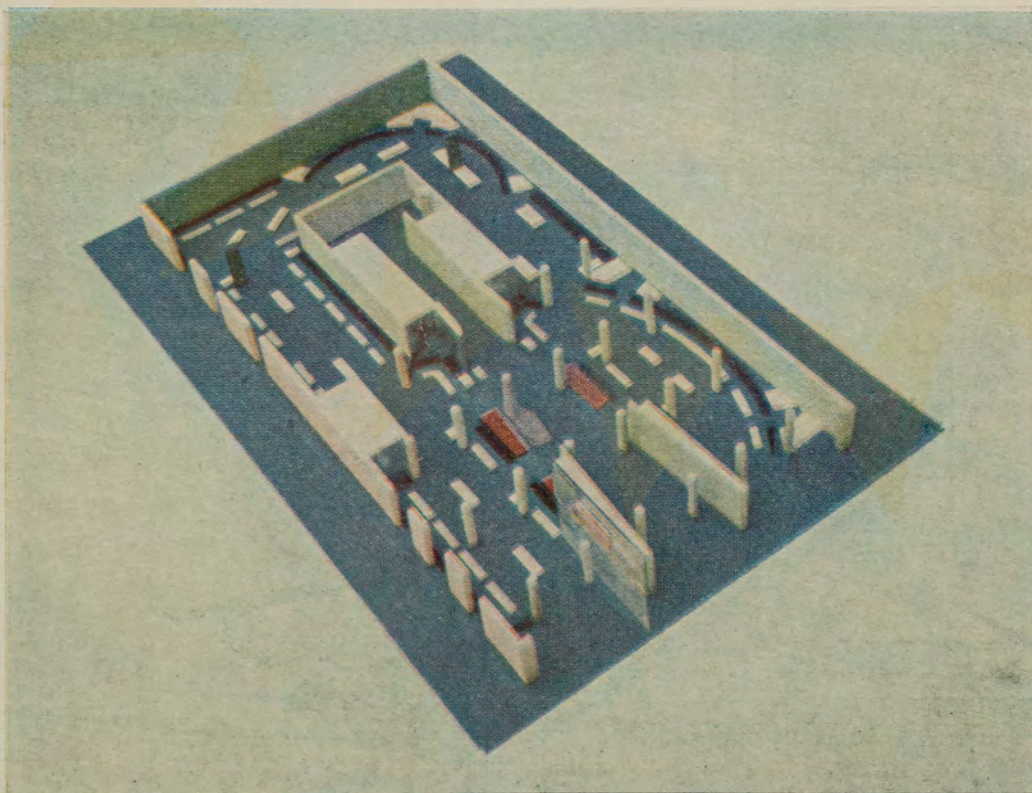
Duas grandes lojas



A maquete da nova sede central da Mesbla S. A., no Rio de Janeiro, à rua do Passeio 42 a 54

Este novo magasin, destinado a ser o maior da América do Sul, ocupará nada menos de quinze andares, nêles comportando secções de todas as especialidades, desde as de artigos de perfumarias e lingerie até às destinadas à venda de máquinas e motores de grande porte.

Para tão variados artigos, meticulosa foi a elaboração do projéto, que foi confiado à Itart Decorações, e que exigiu de seus projetistas um estudo profundo para que o sentido funcional da instalação não seja sacrificado pela elegância da distribuição e vice-versa



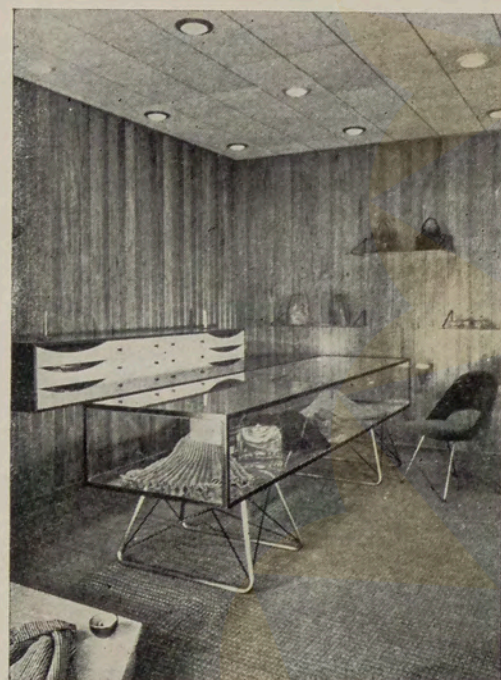
Maquete do projéto feito pela Itart Decorações para as novas instalações a serem feitas na ala da rua Conselheiro Crispiniano, para a Casa Anglo Brasileira S. A. (Mappin)

A ala a ser reformada conterà secções especializadas em artigos para viagem, roupas para homens e rapazes, camisaria, artigos para esporte em geral, etc.

Outras lojas



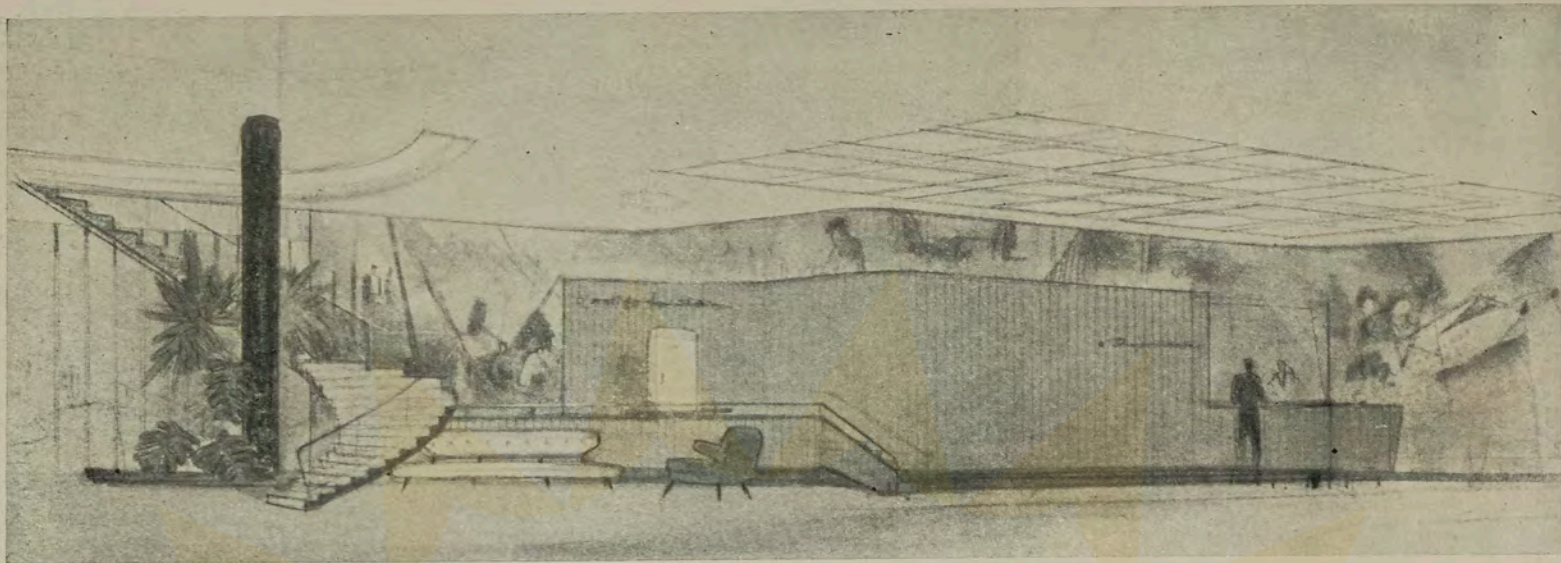
Loja de modas na rua Augusta. Execução Móveis Artesanal, São Paulo. Desenhos: Carlos Hauner



Lambris: em perobinha do campo; Balcões: Cantoneiras em L, pintadas em preto, em latão polido; Suportes: em ferro, com prateleiras de cristal; Móveis suspensos: em Jacarandá da Bahia, e a parte da frente em perobinha

As mercadorias expostas são desenhadas por Giovanni Bori





Loja para exposição e venda de automóveis da Distribuidora "Vemag". Projeto de decoração dos Arquitetos Gilberto Muylaert Tinoco e Ibsen Pivatelli

A fotomontagem que abrange uma área de 50 ms². é a principal atração da loja, pois ilustra as diversas fases de fabricação e montagem dos primeiros aos últimos modelos. Um belo contraste é dado pelo lambrís vertical ligado com o balcão de informações, ambos de plástico amarelo polido com junta reentrante branca do mesmo material, servindo de fundo para o "Artigo do Dia", que fica colocado sobre plataforma giratória à 90 centímetros de altura do piso.

A escada e pisos adjacentes de forma irregular em borracha azul e o corremão recoberto de plástico preto. O sofá recoberto com plástico branco foco, sendo as poltronas em vermelho. A jardineira a esquerda serviu para amenisar o ambiente.



Aspecto da "Lojas Ambiente" em São Paulo

Fachada do Restaurante Giordano, obedecendo às linhas funcionais, da Itart Decorações. A fachada recebeu um revestimento de pastilhas, sendo seu letreiro de metal e iluminação indireta à neon



Preceitos

Não atulhar a loja de móveis, deixando amplo espaço para a boa circulação.

Formar grupos de mobília para dar a melhor possível idéia de arranjo dentro de uma residência, sem no entanto perder de vista a unidade da arrumação geral da loja.

A divisão destes grupos formados na loja pode ser a mais casual possível, servindo-se de motivos de fundo ou divisórios, painéis pintados, cortinas, modern-folds, arranjos de flores ou paraventas. Quanto mais "vazia" a loja, mais os móveis nela expostos ganham de importância individual.

A iluminação em relação à mobília e ao painel de exposição de quadros e cerâmicas. Lustres de vários refletores orientáveis para favorecer os arranjos de móveis ou quadros desejados.

Formar com os tecidos o fundo de decoração da loja, dispondo-os de fácil alcance, ao comprido das paredes.

Ser discreto na propaganda e no anúncio dos preços da mercadoria. Uma loja com os seus móveis bem arrumados e originais, fala por si.

MATERIAIS NOVOS

As fibras de vidro e os pisos flutuantes

A montagem dos pisos flutuantes, como barreira à transmissão dos ruídos de choque de um andar para outro, não é senão uma aplicação do princípio geral das estruturas descontínuas já há muito usadas para o isolamento térmico. É conhecido que a transmissão dos ruídos de choques é produzida por contato direto com a estrutura das construções e que estes se propagam através das mesmas, sob a forma de vibrações mecânicas. De fato, nas construções reforçadas, protegidas às vezes por varios metros de espessura de concreto armado, qualquer ruído determinado pelo atrito direto sobre a superfície externa, é transmitido em direção do interior. Para poder assim criar estruturas descontínuas, foram procurados materiais que apresentassem uma resistência mecânica e ao mesmo tempo um gráu notável de elasticidade. Muitos materiais, entre eles cortiça expandida, que podiam servir para o fim desejado, foram reconhecidos de improprios por tratar-se de produtos orgânicos e que consequentemente, não conservarem durante o tempo as características requeridas. Com o aparecimento, nos mercados internacionais, das fibras de vidro, que reúnem todas as características desejadas, inclusive um custo moderado, foi-se rapidamente desenvolvendo, na construção civil, a utilização dos pisos flutuantes. O tipo de fibra de vidro usado é uma fibra longa capilar, cujo processo de fabricação é chamado "Gossler" e que não deve ser confundido com o tipo normalmente chamado "lã de vidro" (fibra curta) cujas qualidades físico-mecânicas são completamente diferentes. A confecção é feita em feltros de diversas espessuras.

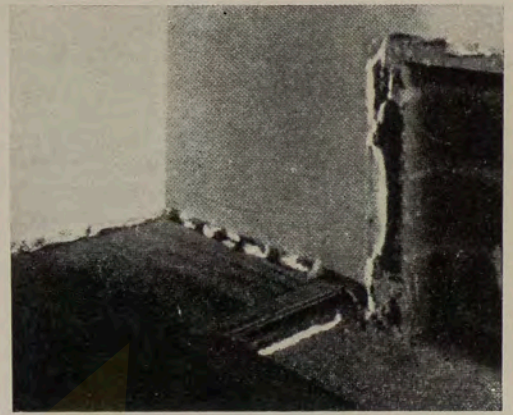
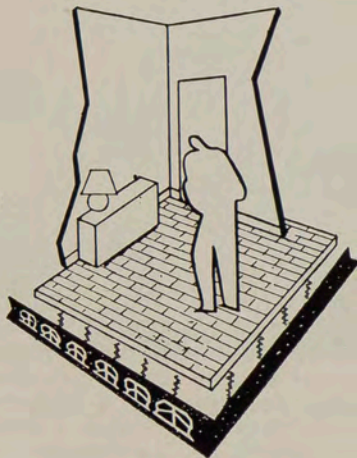
A realização de um piso flutuante é sumamente simples, apesar da necessidade de certas precauções:

a — a lage na qual será colocada a fibra de vidro, deve ser livre de qualquer aspereza, para evitar a formação de "pontes" acústicas que poderiam reduzir o efeito da isolação até torná-lo quasi nulo.
b — para evitar qualquer contato do piso com as estruturas das construções, o feltro de fibras de vidro deve, parcialmente, recobrir as paredes perimetrais até o nível que será atingido pelo piso, quando acabado.

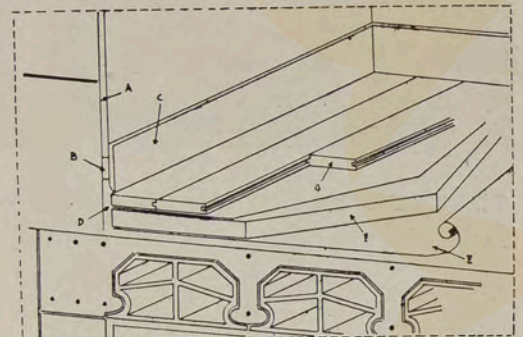
c — a espessura isolante será recoberta por um feltro asfáltico com juntas sobrepostas e soldadas.

d — a espessura do concreto magro não deverá ser, para a construção civil, inferior a 35 mm.

e — só se procederá ao acabamento do piso e dos rodapés 15 dias após as operações acima indicadas.

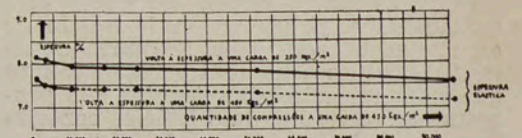


Isolamento de ruídos de choques entre um andar e outro, executado com fibras de vidro



A - Reboco. B - Tacos, fixação de rodapés. C - Rodapés. - Feltro de fibras de vidro longas. E - Feltro asfáltico. F - Acimentado. - Tacos

RESISTÊNCIA DO FELTRO DE FIBRAS DE VIDRO LONGAS, AS VARIAÇÕES DE CARGA



Provas realizadas no laboratório da escola de Engenharia de Lausanne (Suíça), processo n.º M 649 de 18 - 1 - 1941; confirmado pelas mesmas provas no O. R. E. X. de Bruxelas, proc. n.º 28276, de 14 - 2 - 1950



Cândido Portinari, "A Transfiguração", óleo, 2 x 3 mts

Os afrescos da Igreja de Batatais

O último trabalho de Portinari que procede aos grandes murais encomendados pelo Ministério das Relações Exteriores e destinados ao Palácio da ONU, em New York, é uma série de afrescos na igreja de Batatais, cidade próxima da Brodowski que, como todos sabem, é a terra natal do mais popular entre os pintores brasileiros. É esta mais uma vez que Portinari, o mesmo que tentou contar acontecimentos da história nacional, dedica-se a um grande ciclo de pintura sacra, algo fora da moda, pois a rivalidade entre o clero e os pintores modernos continua irreduzível: os primeiros sustentam a impossibilidade da arte nova interpretar os testamentos, os outros respondem que a arte conquistou a já conhecida liberdade de expressão. É certo que Rouault encontrou discípulos e por outro lado sabemos que existem padres inteligentes que possuem um conceito da história, conceito esse da evolução dos acontecimentos. Para Portinari, esse último trabalho não apresentava dificuldades, devido à grande autoridade que goza no Brasil; e ainda, esse trabalho destinava-se a um ponto do país em que ele é o mais predileto entre os prediletos.

Deixamos os leitores julgar qual foi a perspicácia, poder-se-ia dizer, a condescendência e compreensão dos deveres dum pintor que deve ilustrar a história dos santos e do povo mais simples e humilde. Portinari deixou de lado aquelas idéias que, depois da maneira que chamaremos de homenagem a Guernica, sistematizara numa forma pessoal com um prazer algo retórico, para agradar o comitente, de ilustração de temas que os brasileiros antes imaginavam e infelizmente ainda imaginam, nos moldes das telas de Pedro Américo e Victor Meirelles. Portinari é um artista que não sabe fechar as portas na cara: isto lhe vem de seu caráter bonachão, sutilmente filosófico, de seu engenho cheio de tradição italiana, de saber que entre o ato do homem e o infinito, há uma grande distância e que fixar-se em posições excessivamente egocêntricas, é algo de passado. Não queremos contudo afirmar que em Batatais, Portinari transformou-se em diplomata ou clérigo. Com sutileza e inteligência vivíssima que se percebe em seu olhar, conseguiu ele conciliar as aspirações das autoridades eclesiásticas e a elegância de seu trabalho, rece-

bendo o aplauso de todos. Quem não ignora que no coração rebelde do antigo candidato a senador, além de cachoeiras de sangue revolucionário, há palpitações de amor, larga e intensamente humano, compreende que nosso Portinari quiz se manifestar e immortalizar como cristão, sabendo perfeitamente que a história dum santo é um acontecimento respeitável e universal, mesmo pelo fato de ser história, e como vemos justamente das ideologias mais avançadas, a exaltação e a exumação dos campeões da humanidade, tornou-se uma praxe. Portinari, nessa ocasião, penetrou com sua fantasia na história, naquela maré da pintura sacra italiana que, desde Masolino até Antonello da Messina, apresenta edificantes exemplos de como exaltar Cristo e os outros personagens da religião. É antes o leitor que deverá julgar. Por nosso lado, magoaremos aqueles pintores que ainda hoje ficam pensando por horas a fio se o traço pintado no branco de sua tela abstracionista devia ser um centímetro mais curto ou mais longo; vamos magoar esses amigos, afirmando que os afrescos de Batatais são muito bonitos.



Anjo (detalhe do altar-mór), 4,50 x 3,50 mts



A Fuga para o Egito (detalhe) 1,60 x 1,40 m



N. Senhora (detalhe), da Sagrada Família



Apóstolos (detalhe)



Apóstolos (detalhe)

AFRESCOS DE CANDIDO PORTINARI

São Sebastião (detalhe), 3 x 2 mts



O Batismo, óleo, 2 x 3 mts



São Sebastião (detalhe), 3 x 2 mts



Bom Jesus da Casa Verde (detalhe)



*São José (detalhe da Sagrada Família),
1,60 x 1,40 mts*



São Sebastião (Detalhe) 3 x 2 mts

AFRESCOS DE CÂNDIDO PORTINARI



Yolanda Mohaly, Vista do porto

Yolanda na Bahia

Yolanda Mohaly, Cidade alta



Yolanda Mohaly, Pescadores

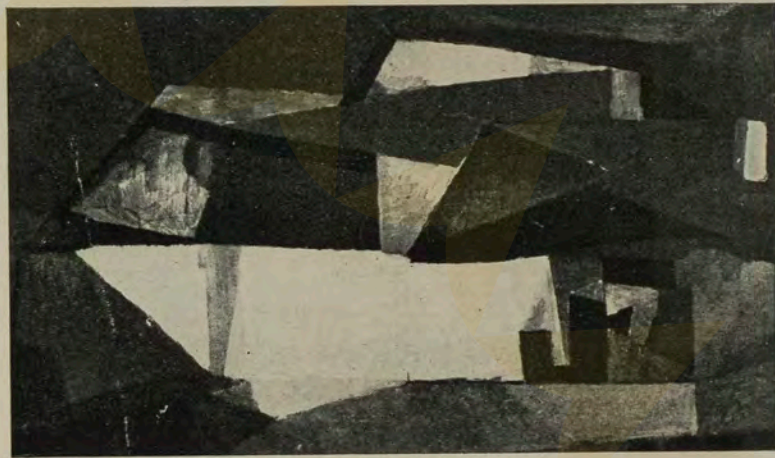


Muitos jovens artistas agitam-se pela impaciência de ir a Europa, com bolsas de estudos ou outros meios, a fim de aperfeiçoar sua arte. Na maioria dos casos, esses jovens que vão a Paris, porque ir a Paris está na moda, não pensam que o Brasil é um espetáculo contínuo de coisas e fatos que podem inspirar a pequena, a média e a grande arte. Chegaria Bahia com suas fontes inesgotáveis de formas e cores, emoções, situações, paisagens, povo, antigo e moderno, mar, morros etc., para compreender que um jovem pode cultivar em si mesmo as mais belas sensações. Yolanda Mohaly esteve recentemente na Bahia e voltou com uma série de belíssimas vistas da cidade, que foram expostas no Museu de Arte Moderna, com o sucesso que essa interessante artista sempre obtém. Nesta exposição havia também um estímulo aos jovens artistas de tomarem em consideração viagens pelo interior do país, experimentando, antes, atmosferas mais compreensíveis para eles. Neste mesmo número, *Habitat* publica o caso de Marina Caram: mas seja bem claro que ela é a exceção da regra geral.



Esboço para um mural, 1953

Casas no Tirol, 1952



Pintura de Plattner

Mulher com papagaio, 1953

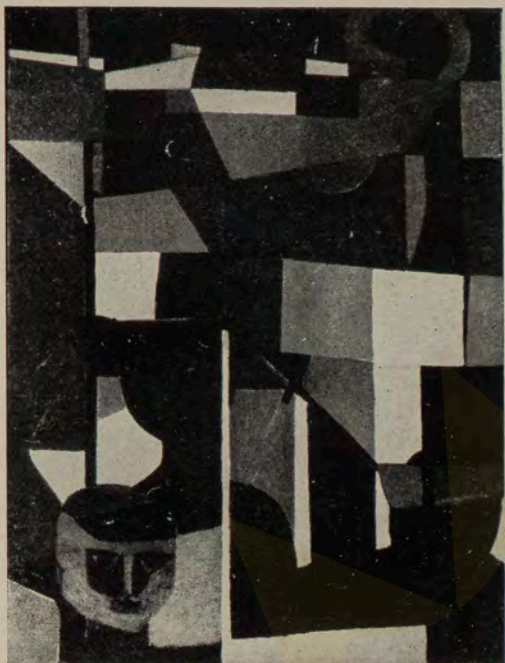


Carlo Plattner chegou há um ano à São Paulo. Procedente do Tirol, onde nasceu, passou alguns anos na França e em seguida, cansado de Paris, procurou caminhar e pintar num país desconhecido e, sob alguns aspectos, famoso: o nosso Brasil. A origem e os roteiros dum pintor são passos obrigatórios, para a crítica, a fim de se definir um artista. O movimentar-se dum pintor, o encontrar-se com outra gente e outros países, as fatais influências que provêm disso, as ilusões e desilusões decorrentes destes aspectos da vida, formam sua personalidade. Se um pintor, suponhamos El Greco, para dar um exemplo entre os mais fáceis, tivesse ficado na ilha de Greta ou, em lugar de passar por Veneza, tivesse chegado diretamente de Creta à Espanha, sua pintura teria sido totalmente diversa: são as estadias numa cidade, os contactos com um ambiente, com o gosto, a moral, as dificuldades ou facilidades e inúmeras outras coisas que durante uma estadia mesmo de poucas semanas, deixam o marco no caráter, que é, no fundo, o caráter da arte dum indivíduo.

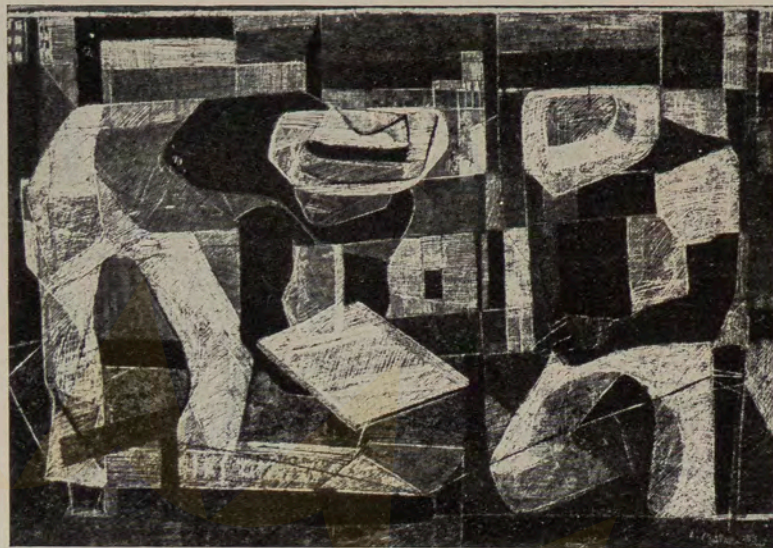
Hoje em dia, com a possibilidade de comunicações rápidas, podendo ver em qualquer parte do mundo no dia seguinte, o que um artista produziu, transformou-se o caráter das imigrações e suas consequências em relação aos séculos passados. Alguém que conheça um pouco a alquimia, o funambulismo, os truques — digamos da história da arte contemporânea, vendo uma pintura de Plattner, logo percebe que o artista esteve em Paris, que esteve de fato e não com a fantasia olhando as páginas de um "Cahier d'Art" ou, ainda pior, da seção artística dum jornal de domingo, como acontece com a maioria dos artistas que realizam assim suas viagens. Um pintor que chegue na capital da arte, procedente duma cidade como Bolzano, duma cidade que logo evoca Egger Lienz,

assume mimeticamente cores, maneiras de ver, de esmiuçar a composição e todas as produções mais ou menos válidas dos "ismos" locais. Não existe hoje em dia pintor algum da nova geração capaz de escapar a estas influências: a sua originalidade está na forma com que ele saberá usar inteligentemente esses grandes vocabulários, empregando as palavras com uma sintaxe em que prevaleçam seu instinto e seu sentimento.

Carlo Plattner, nas pinturas que vimos e que reproduzimos em parte, dá uma demonstração e uns exemplos de como um pintor jovem pode se servir das experiências da última moda abstracionista ou concretista que seja, sem copiar as idéias e invenções de outros. Plattner dissimula em suas pinturas as lições milagrosas depois de Cézanne. A sua pintura é antes de mais nada desenho: a construção é executada por meio duma linha preta, os espaços ocupados com cores sem relêvo; raramente são acrescentados elementos pitóricos, "pinçeladas". Plattner vê através de planos, e pode-se pensar nos vitrais da arte gótica. As cores são elementares, mostrando prazer em usar o amarelo, o vermelho, o verde limpos. É difícil dizer qual será o rumo deste pintor no Brasil; o Trópico é um diabólico enganador das cores, mas, pelo que podemos compreender, Plattner encontrou uma forma de superposição das cores e das luzes do País, uma espécie de redução desses elementos a um mínimo denominador comum, exprimindo-se através de símbolos, fazendo, aliás, entrar para a sua arte um simbolismo colorístico que seu valor possui indiscutivelmente. Trata-se até a esta altura de exercícios, de procura do ambiente, tendo já alcançado resultados tangíveis. Percorrendo de novo a emigração de Plattner e considerando o trabalho feito até agora, fácil é prever que a sua pintura se tornará, dentro em breve, mais sólida, determinando, sem dúvida, sua personalidade.



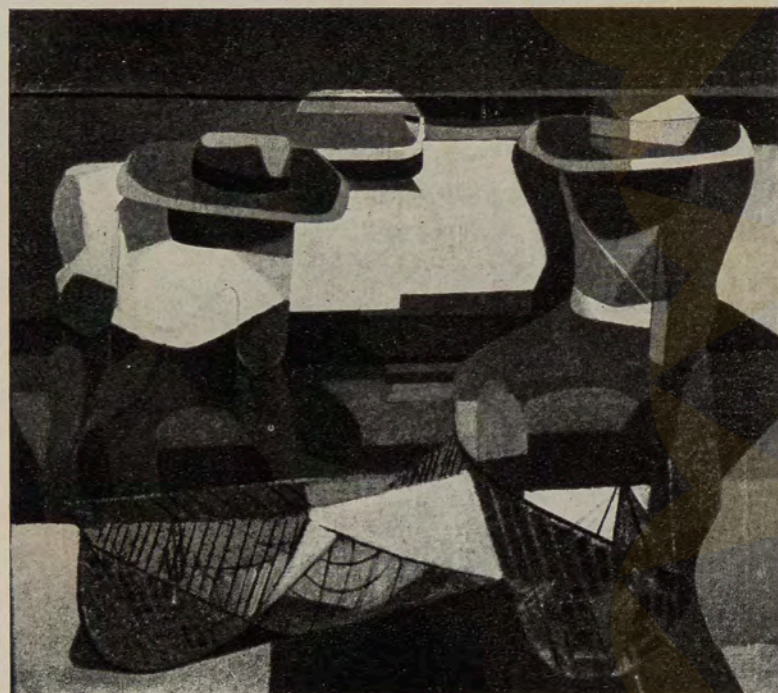
Procissão, 1952



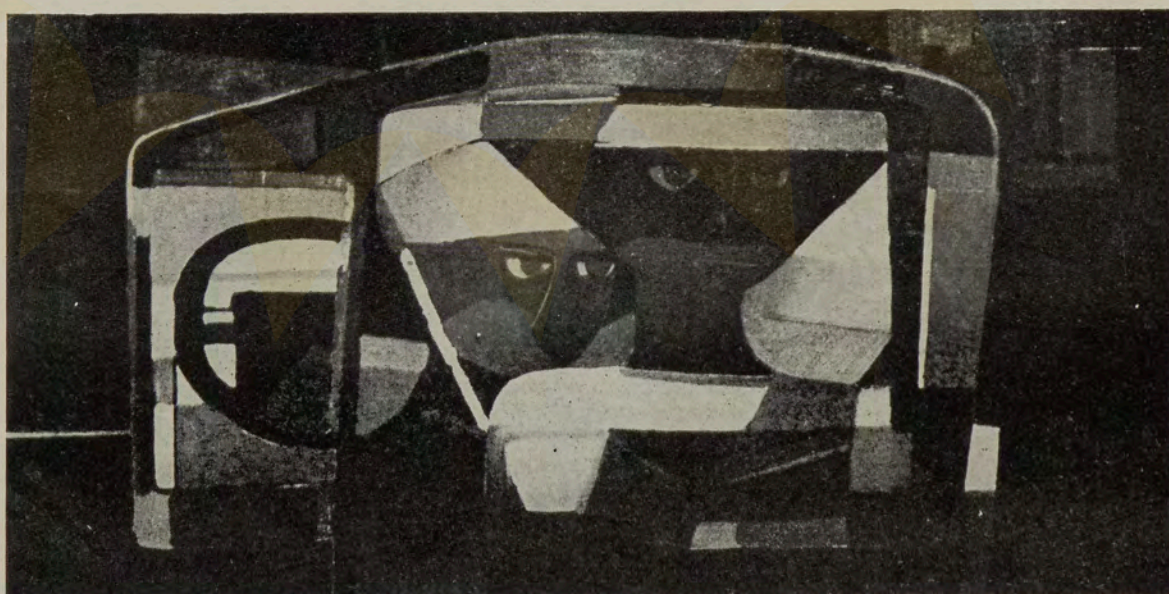
Esboço para um mural, 1953



Vendedora de frutas, 1953



Os pescadores, 1952



Automóvel, 1952/53

Volta de Marina, de Paris

Marina Caram, graças à generosa compreensão que o governo francês demonstra para com os jovens artistas, foi à Paris com uma bolsa de estudos, há dois anos, a fim de trabalhar e agora está de volta. Jovem, contando em seu ativo somente uma exposição de desenhos no Museu de Arte de São Paulo — com o resultado que os cronistas de arte nem perceberam tratar-se de verdadeiro talento plástico — Marina foi e permaneceu em Paris, sem dar notícias de si, quase para não perder minutos preciosos. De Paris trás ela, agora, além do prêmio para artistas estrangeiros, uma série de litografias que, sem fazer injustiça a ninguém, são o que de melhor tem sido feito no campo da gravura, no Brasil. O Museu de Arte apresentará a segunda exposição de Marina, esperando que, desta vez, o público perceba que ela ingressou naquele pequeno grupo de artistas verdadeiros que, no futuro próximo, darão brilho às artes do Brasil.



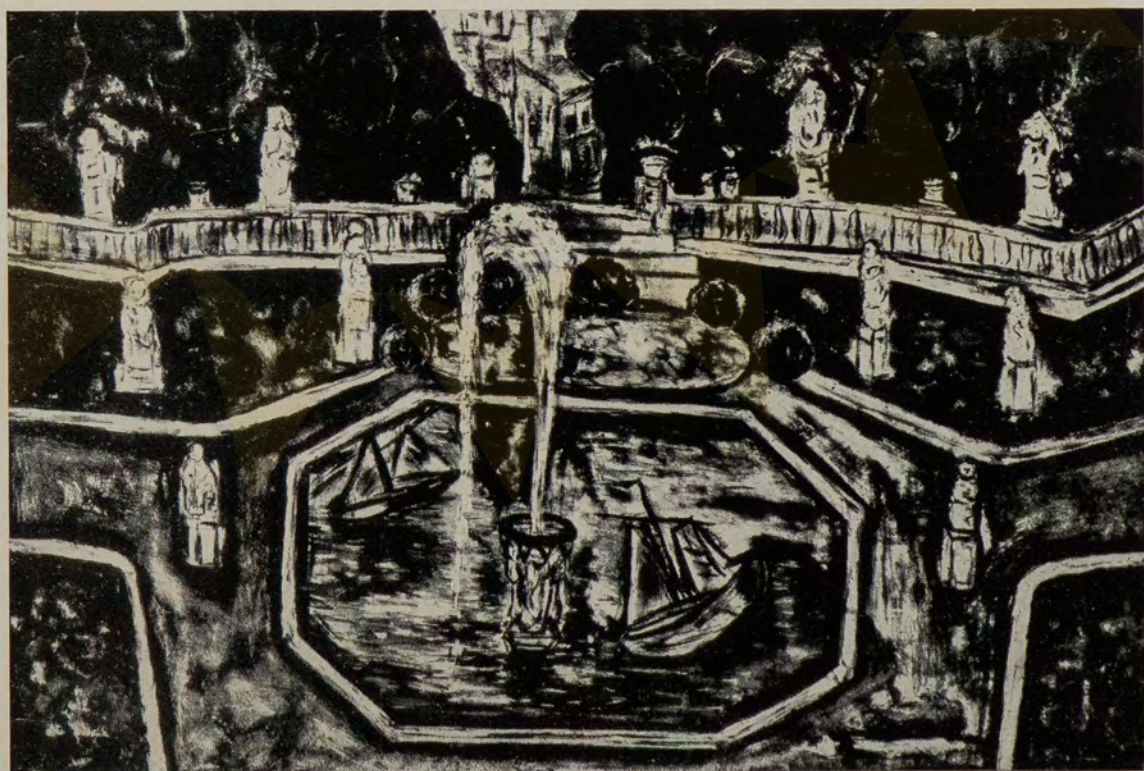
Marina Caram, Ruas de Paris



Marina Caram, Seine



Marina Caram, Sacré Coeur



M. Caram, Luxembourg

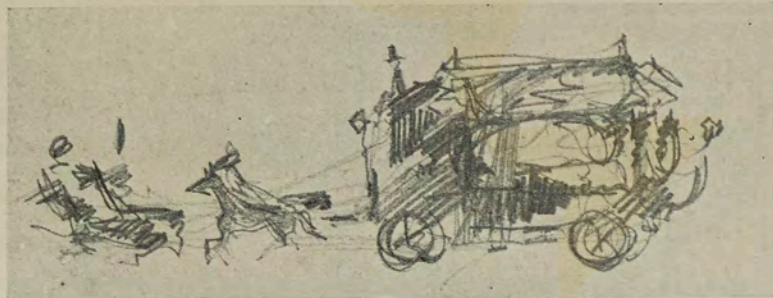


F. C. P. Cuoco, Igreja em Roma



Cuoco, Foro Romano

Cuoco, Na rua



F. C. P. Cuoco, Campanário

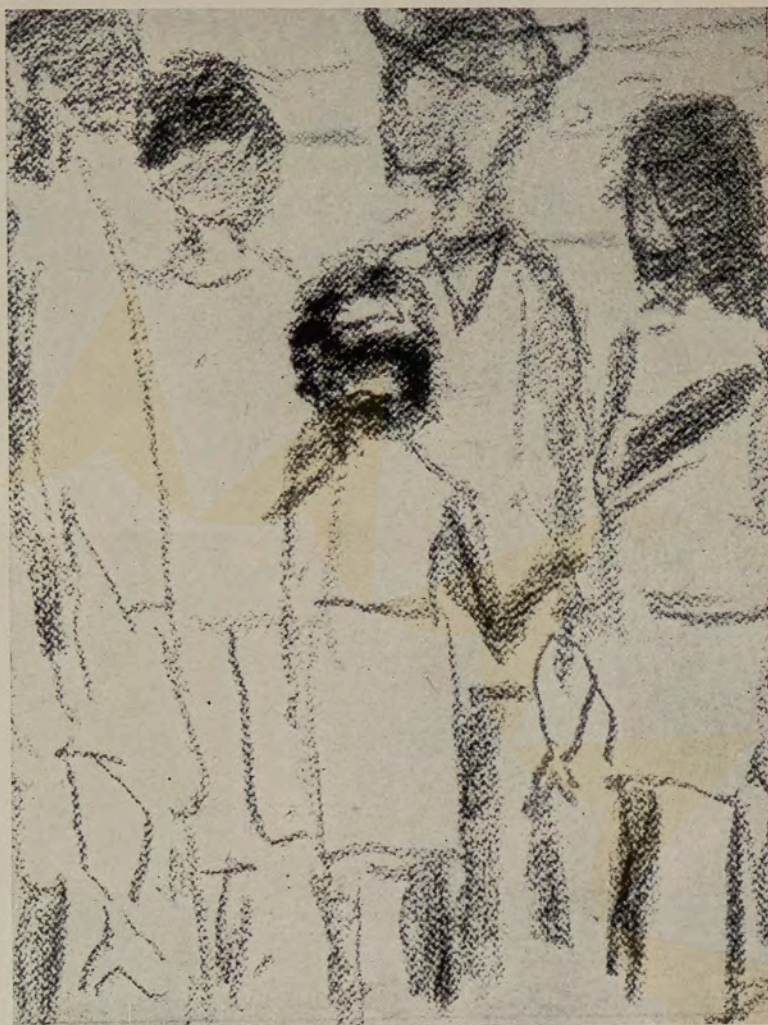


Desenhista na Italia

Publicamos com grande prazer alguns desenhos do jovem pintor paulista, Francisco C. P. Cuoco que, apesar de ter feito estudos rigorosamente acadêmicos, conseguiu manter o bom gosto do desenho. Ele voltou duma viagem à Europa onde executou somente desenhos, com um aproveitamento do qual os próprios desenhos falam; numa hora em que desenhar é um divertimento para senhoras e moças as quais descobriram que, inscrevendo-se no partido abstracionista, era fácil tapear seus primos ou outros parentes não competentes no assunto. Desenhar significa partir com um pensamento, uma consideração do assunto que pode também ser um assunto abstrato, quando se possui a capacidade criadora de, digamos, Kandinsky, Mondrian ou Klee. Mas para os principiantes, como aliás foi para esses três artistas, o desenho é uma disciplina concreta, de representação de sinais, como o estudo do abecedário tem uma referência precisa às letras. Voltando a Cuoco, devemos louvar a insistência com que experimentou, e muito bem resolveu, sua idéia de fixar, mesmo através de invenções imaginativas, a beleza dos monumentos que a história espalhou pela Europa toda. O desenho desse jovem revela uma impressão bem recebida da atmosfera arquitetônica. Sem se apegar a pormenores minuciosos, soube ele exprimir o conjunto e as lições que Piazza Navona e o templo de Paestum oferecem a todos que tenham a mente aberta para compreender. *Habitat* continuará a dedicar as suas páginas aos jovens que compreendem que o caminho da arte é longo e cansativo, que a arte é um jardim onde é difícil colher flores.



Encontro, 1945

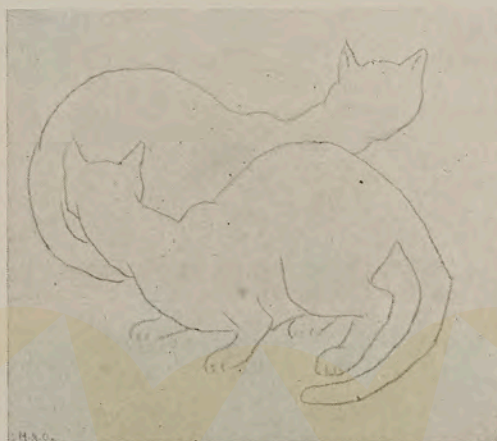


Grupo de meninas, 1952

Pintora alemã no Paraná

O Expressionismo deixou no coração de todos os alemães um sulco profundo que é o denominador comum de todos os que, daquela terra, tomam entre suas mãos um lapis ou pincel: algo de doloroso, desolado, cheio de significados tristes. Também a sra. Marianne Overbeck, que vive desde alguns anos no Paraná, quando desenha ou pinta, tem esse sentido de consideração para a figura humana segundo idéias bem conhecidas por nossos leitores, pois várias vezes ilustramos o período expressionista de Lasar Segall. Aliás, para Lasar Segall, mestre de um Expressionismo íntimo, algo polêmico contra a maneira por demais sublinhada de seus colegas como Emil Nolde ou Schmidt Rottluff, justamente para Lasar Segall a sra. Marianne Overbeck deixa perceber uma simpatia artística que em termos de crítica de arte se chama de "seguimento". Uma sensibilidade cuidadosa na cor, uma preparação muito pessoal no desenho, clareza na composição: essas foram as qualidades mais apreciadas na exposição em que o Museu de Arte de São Paulo apresentou os trabalhos da sra. Marianne Overbeck.

Gatos, 1949



Pescador, 1952





Badia Vilato, cartaz para a Standard no Perú

Badia Vilato

A arte do cartaz teve seu berço na França; se lembrarmos que Manet, Toulouse - Lautrec fizeram cartazes, podemos avaliar a excelência dessa especialidade dos pintores. O cartaz teve sua popularidade principalmente na França e ainda hoje é de Paris que provém os trabalhos mais originais. Os suíços progrediram enormemente na arte do cartaz, porém e um progresso de relojoeiro. O cartaz requer fantasia tumultuosa e cheia de idéias, requer estro, o ráio lançado nos olhos dos transeuntes, a força de persuassão conseguida mediante a pergunta e a idéia mais simples. Para explicarmos: Sinopico, Seneca, Cappiello, Cassandre. Eis que agora um artista francês, Edouard Badia Vilato, vem ao Brasil para apresentar seus trabalhos no Museu de Arte de São Paulo. Ele não vem diretamente da França mas do Perú onde atuou incansavelmente. Está ligada, a sua escola, àquela da qual falamos mais acima. Tem aquele gosto, aquela maneira de dar uma síntese do fato que o cartaz apresenta.

Ilustramos aqui alguns exemplos desse artista e auguramos que ele resolva residir no Brasil, terra que carece de pintores que saibam desenhar cartazes.



Badia Vilato, Cartaz para Mauricio Chevalier

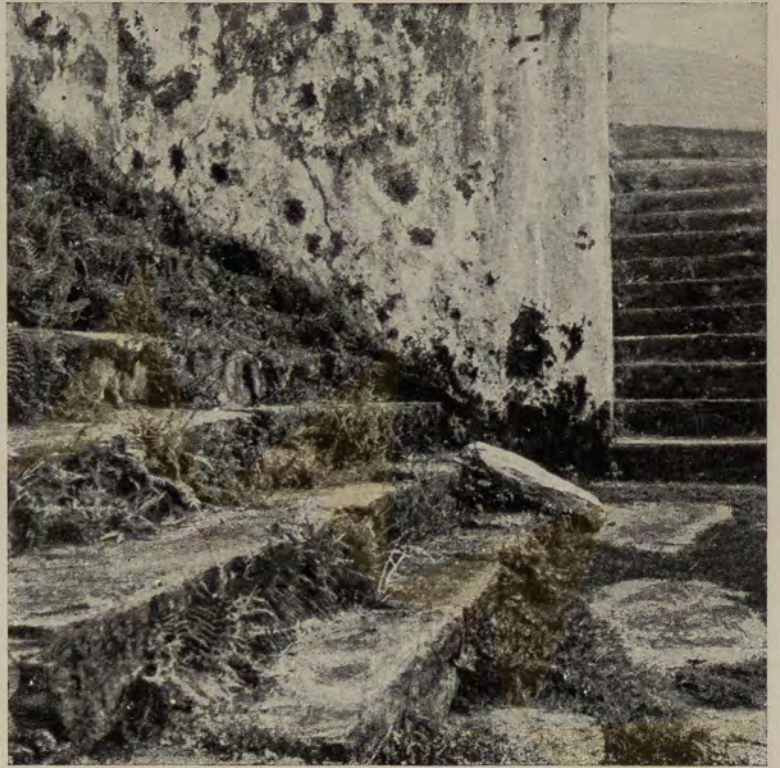
B. V., Cartaz para o Salão das Artes Menagers



B. V., Cartaz para o Salão do Automóvel, em Paris



Detalhes de Ouro Preto



Pedra abandonada na escada



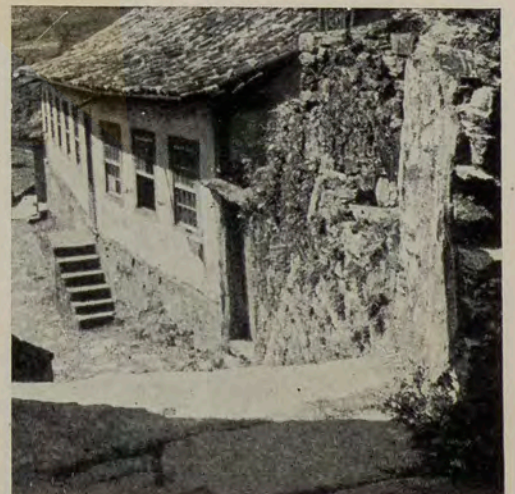
Ferro batido nas moradias

FOTOGRAFIAS DE
LISE MODERN

A calma dos velhos telhados

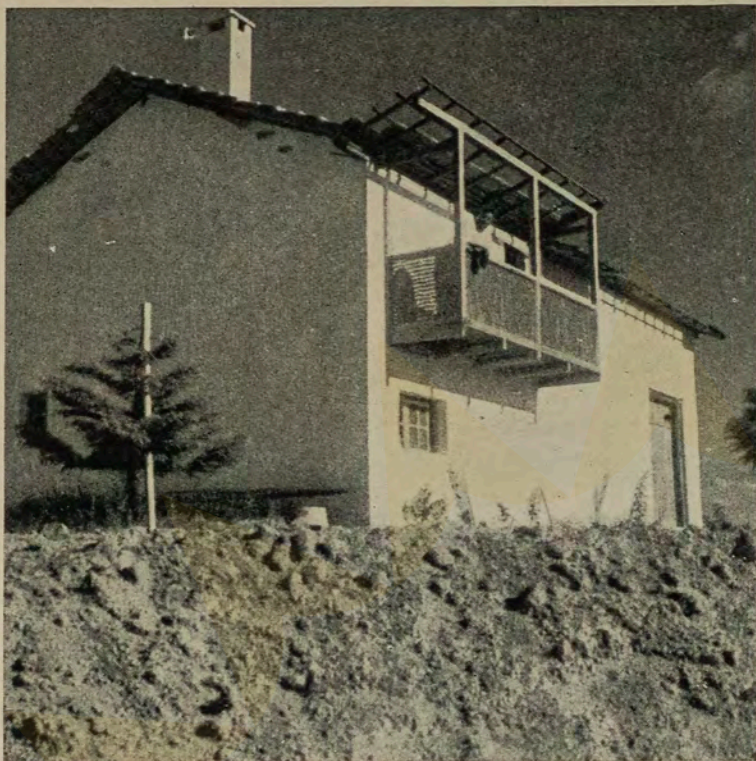


Indismo segredo das ruelas



Quem observa uma obra de arte, seja uma cidade antiga vista do alto, seja uma arquitetura, um quadro, uma estátua, uma cerâmica ou mesmo uma jóia, considera, em geral, um conjunto. Fixar a atenção sobre um detalhe do conjunto, sobre um pormenor, pressupõe já uma suficiente cultura artística, um gosto refinado e penetrante, e o prazer de percorrer outra vez, por assim dizer, o processo inventivo e criador do artista ou de quem produziu a obra de arte. É por esta razão que as fotografias de obras de arte são em geral fotografias de conjuntos, muito raramente fotografias de detalhes. Mesmo aqueles que tiveram que considerar grandes monumentos, ao ter que se fixar sobre uma parte, fizeram-na sempre de forma escolástica: um exemplo disso são as fotografias Alinari e de muitos outros grandes fotografos. E quando pensamos que os livros de arte sempre foram feitos com material fotográfico, e o que é pior, continuam sendo feitos assim, porque é fácil e prático, compreendemos que o público recebe sempre uma visão do conjunto, nunca de detalhes.

É necessário ver uma arquitetura imaginando como o arquiteto a concebeu, como a realizou, colocando pedra sobre pedra, como desenhou elemento por elemento, desde uma folha de acanto, uma voluta, até uma simples modinatura. O conhecedor, aquele que tem prazer em apreciar obras de arte, o observador que não se satisfaz com o genérico, fixa sempre seu olhar sobre o detalhe. Por exemplo, dezenas de milhares de pessoas param diante de um dos monumentos mais famosos da arquitetura barroca: a fonte de Trevi; mas são raros os que percebem que o último pilar da direita está sobre uma pedra que parece estar caindo. E este detalhe, talvez um elemento sem importância alguma; mas como apreciar uma arquitetura não tendo a possibilidade de avaliar todas essas pequenas coisas que, em seu conjunto, formam os monumentos? O mesmo se dá com as pinturas. Uma vez alguém dividiu em pequenas partes a "Primavera" de Botticelli e descobriu que o artista pintara 54 plantas diversas. As pessoas que apreciam profundamente a arte, refazem o processo criador, partindo destes pontos: refazem ao redor duma obra de arte, o espírito, o gosto, a moral duma época ou de um artista. É por isso que publicamos com grande satisfação, uma série de fotografias em que Lise Modern, passeando por Ouro Preto, não com o espírito de turista, mas à procura de sensações artísticas, tentou fixar alguns instantes e coisas daquelas paisagens maravilhosas, sempre cheias de novidades.



Sacada sôbre as montanhas



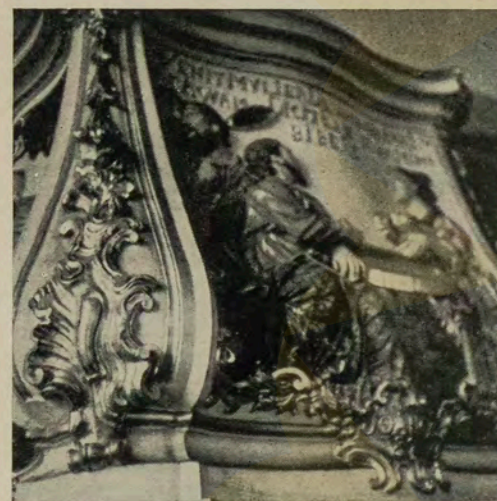
Como acabou a concha do barroco



Degraus

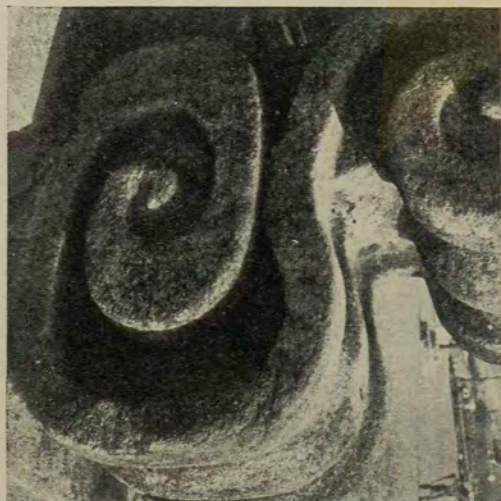


Imagem



Púlpito

Ornamento



Aqui a concha se vê melhor



A voluta do barroco





O tema que na maioria dos casos é mais frequentemente tomado em consideração pelo artezãos é o das flôres. Flôres extravagantes que sempre, através da forma de suas hastes, trazem os palitos



Outros elementos da coleção de paliteiros. Note-se como cada objeto tem sua base estudada e resolvida em harmonia com a figura

Paliteiros numa coleção

O colecionador é um curioso, é o rei dos curiosos com tendência a possuir objetos, isto é, um curioso que vendo uma coisa logo apaixona-se por ela e quer tê-la. Todos conhecem esse personagem que fareja nas lojas de antiquários ou de filatelia ou até nos vendedores de rosas. Pode-se ser colecionador de toda espécie de objetos. No século XIX a grande mania era colecionar figurinhas de caixas de fósforos, depois passou-se às figurinhas "biebig", sem contar que os filatélicos estavam para segurar o colecionismo todo. O articulista já encontrou colecionadores de bengalas, de cachimbos, de baralhos e inúmeras outras coisas. Nas páginas desta revista dirigimos, uma vez, um convite a colecionar quadros e gravuras. Foi essa a única vez que demos uma sugestão nêsse sentido, e foi um malogro.

O colecionismo entre nós não é uma forma de divertimento e estudo muito difundido. Por isso, ao visitarmos aquele belíssimo museu particular que é a residência do dr. Osvaldo Riso, na Gávea, ficamos admirados perante uma das tantas coleções, aquela relativa os paliteiros. São tristes dias os nossos em que os palitos chegam na mesa dentro dum copo de vidro

ou quando muito, de prata, sem forma alguma, anônimo como são anônimos os palitos fabricados à máquina. Com a decadência do sentimento, do prazer, da elegância da mesa, também o palito caiu na mediocridade em que tudo tem caído. O dr. Riso colecionou, um a um, um número enorme de paliteiros portugueses e brasileiros dos últimos dois séculos, são outras tantas obras individuais em que um homem, um artezão, manifestou o gosto para com o trabalho criador. As formas são das mais variadas, os motivos ornamentais não têm limites. São esses objetos do tempo do individualismo quando uma coisa pertencia à determinada pessoa. Hoje em dia a padronização mudou completamente este conceito, e não queremos nos queixar. Contudo gostaríamos de possuir esta coleção do dr. Riso para fazer uma rotação semanal com os paliteiros de nossas mesas. Nestes tempos, em que quase cada dia, abrem-se novos restaurantes "cachorro quente", em que as pessoas comem de pé sem mesmo a dignidade com que comem os cavalos, no meio de barulho e empurrões, em que os pratos parecem uma prefação das latas de lixo, torna-se raro o prazer de olhar para uma mesa e

vêr, sobre a toalha de Flandres, entre cristais e flôres (algum refinado — e muitos são os refinados leitores de *Habitat*, — nos entende) é raro ver, dizíamos, um bonito paliteiro lembrança de tempos passados, daqueles em que comer era parte duma moral, especialmente na dignidade e no saber se portar à mesa. Olhávamos, portanto peça por peça, nas prateleiras do móvel em que nosso amigo havia ordenado sua coleção, olhávamos com um prazer e uma afeição de pensamento que muitos não imaginam, louvando entre nós a boa idéia de ter tirado de mãos mercenárias, de gente incapaz de compreender, aquelas belíssimas pratas. E fomos distraídos de nossas reflexões somente ouvindo o convite do dr. Riso de ver no jardim, os mármore preciosos que havia encontrado numa obra em demolição, no Rio de Janeiro. Os mesmos pensamentos, as mesmas preocupações para o destino do artigo, o mesmo prazer e satisfação de dar parabens ao colecionador. Os colecionadores são aqueles que salvam o antigo, são os conservadores do patrimônio construído por nossos antepassados, a própria dignidade de nós mesmos que não somos outra coisa a não ser a síntese do passado.

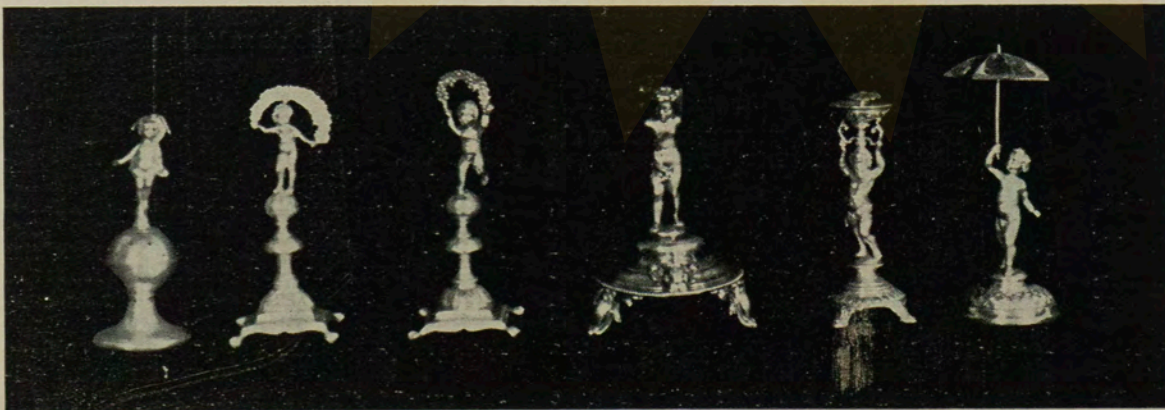


Galos, perús, pombos, mais raramente quadripedes, são os motivos decorativos que mais interessaram os trabalhadores de prata, especialmente os portugueses. Mas ao lado desses animais, eis também figurinhas e mascaras



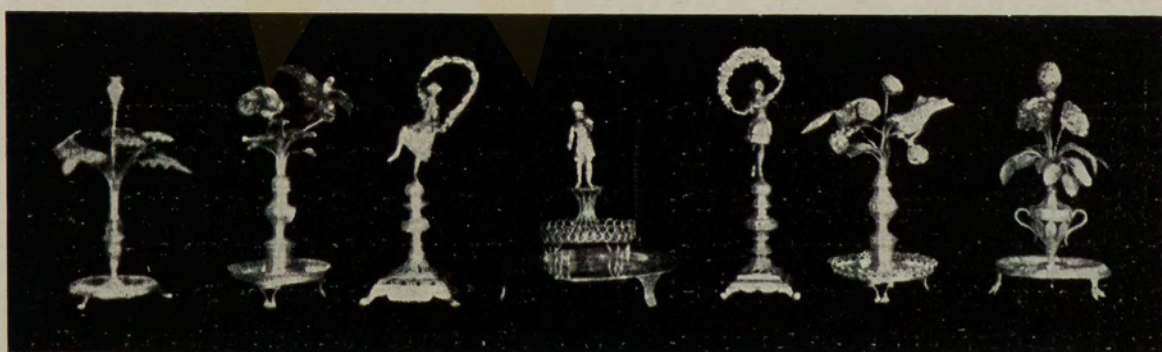
Duas esplendidas peças de prata da bela coleção de Osvaldo Riso, coleção que acreditamos seja única no mundo

Geralmente são os anjos, os cúpidos, ou os "amorini" que têm a tarefa de oferecer os palitos





Osvaldo Riso abre um armário e eis que temos à nossa frente esta fartura de objetos: desde a figura de Atlas cujo globo é furado para conter os palitos, até as vitórias que trazem as coroas de louros, coroas que neste caso têm uma função bem definida; toda uma série de figuras mitológicas, selvícolas, armados de arcos e flechas, outras com grinaldas, guarda-chuvas ou bandejas; todas essas figuras aparecem no bellissimo areópago da coleção que aqui ilustramos





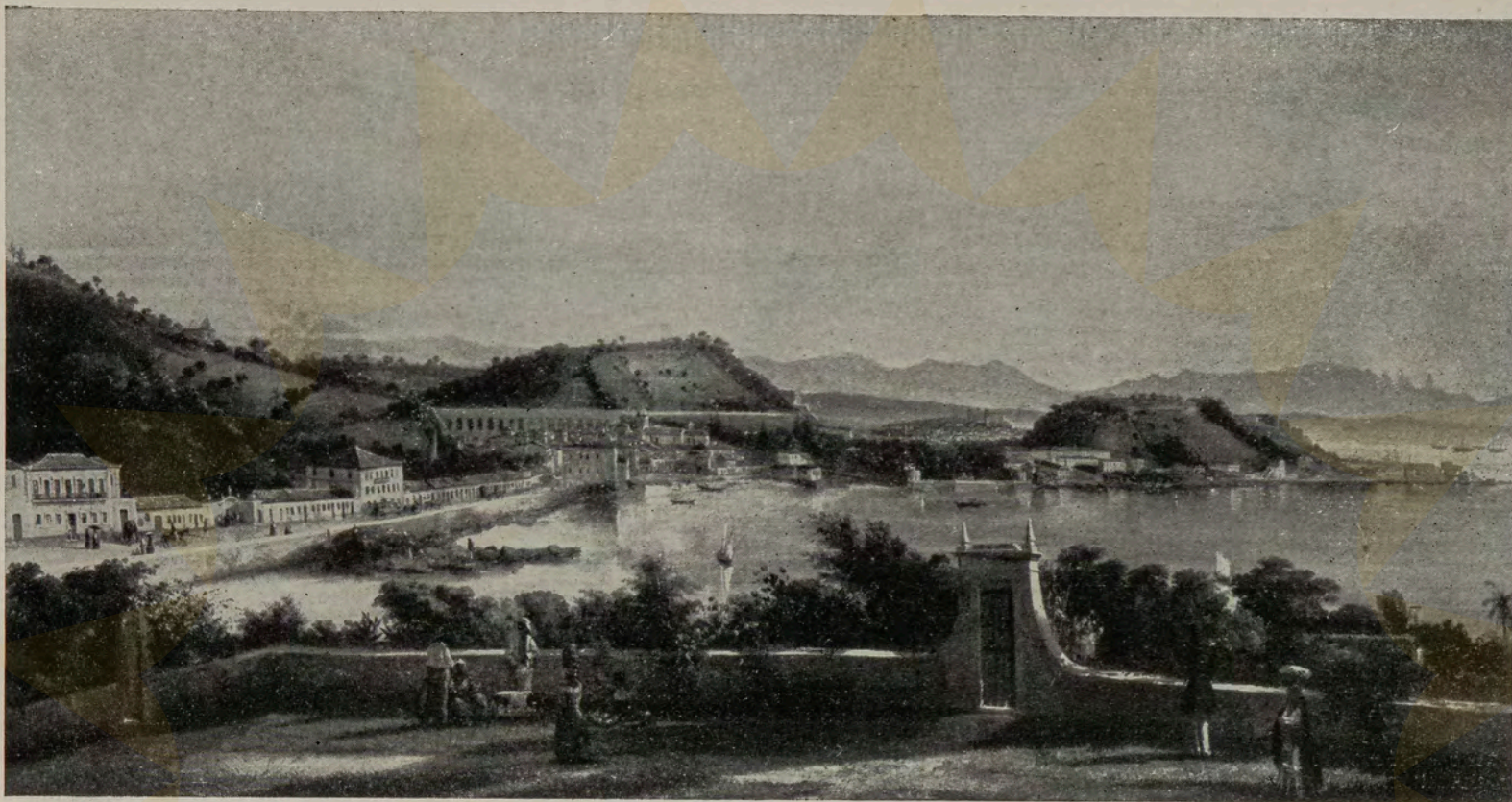
Louis Czerni (1821 - 1889). Vista da igreja de N. S. da Glória do Outeiro em 1850. Coleção Cavalcanti de Lacerda, Rio

Inéditos do Rio

Continuamos a publicar os inéditos da pintura européia dedicada ao Brasil, durante o século passado. Eis mais três telas que completam o panorama daquelas que apresentamos até agora. Do pintor Etienne François Auguste Mayer pu-

blicamos os belos quadros que entraram recentemente na coleção do sr. Otales Marcondes Ferreira. Descobrimos mais dois quadros na coleção do saudoso embaixador Cavalcanti de Lacerda. Na mesma coleção figura uma bela paisagem

com a Igreja da Glória do Rio de Janeiro de autoria do artista austriaco, ou húngaro, Louis Czerni. Esperamos que nossos leitores nos assinalem outros inéditos, possibilitando assim, com o tempo, um relatório completo da pintura européia dedicada ao Brasil.



Etienne François Auguste Mayer (1805 - 1890). Vista da cidade do Rio de Janeiro tomada da cidade de Niteroi em 1844. Coleção Cavalcanti de Lacerda, Rio

Etienne François Auguste Mayer (1805 - 1890). Vista da cidade do Rio de Janeiro tomada do patio da igreja de N. S. da Glória do Outeiro em 1844. Coleção Cavalcanti de Lacerda, Rio



Outras aventuras de um artista malogrado: Adriano Taunay

"Caros amigos, escrevia Adriano Taunay a seus irmãos a 20 de dezembro de 1827, é de um dos salões do palácio deserto dos antigos capitães generais de Mato Grosso que lhes escrevo, destes salões imensos que testemunharam festas de cortejo tão assíduo praticado para com os depositários da autoridade real que agora silenciosos apenas repetem o surdo murmúrio de inseto que roe as madeiras e o ruído do curioso que lhes percorre o recinto."

"Tudo ficou no mesmo estado desde que a sede do Governo se transferiu a Cuiabá! O mobiliário, as pinturas, os armários, as escrevaninhas, tudo ficou. Os pátios estão cobertos de mato; nota-se por toda a parte as provas destruidoras do abandono e o combate das cousas existentes contra o tempo. Tudo reproduz a imagem da morte."

"Já lhes fiz saber que a expedição Langsdorff bipartiu-se até sua nova junção no Pará."

"Estamos alojados, Riedel e eu, à espera de que uma casa a nós destinada, se esvasie, nas salas que pertencem ao recinto do palácio. Uma das portas dá para o pátio e por ela penetrei no interior" da peça. Nada estava. Havia um bafo que crescendo à escuridão produzia sensação altamente singular e poética: a do herdeiro que viesse tomar posse da morada de seus antepassados. Cada passo despertava um eco que o repetia. Tudo abri e percorri todas as salas. Aos escritórios guardam-se os armários e suas mesas. O grande salão, ornado de pinturas representando colunas está ainda fresco e não é desgracioso. Uma das salas acha-se fechada a chave. É sem dúvida aquela onde se acham os retratos dos Capitães Generais. Há na secretaria dois quadros. Representam, assim o penso, o rei D. João VI e o outro a Rainha. Não são maus e as cores estão muito bem conservadas.

De tudo isto falaremos quando eu os tornar a vêr! Quanta cousa a lhes dizer! O Cônsul Langsdorff deve estar em vésperas de partir. Entretanto será possível que não possa descer este ano. Neste caso nós também voltaríamos a Cuiabá. Não sei então o que nos acontecerá, se o Cônsul esperará ainda um ano ou se desceremos pelo Araguaia ao Grão Pará. A expedição está tão complicada que não se pode fazer conjectura alguma para o futuro.

Escrevo a meus Pais a propósito do Ano Bom de 1828.

Tenham vocês a felicidade que meu coração lhes deseja e não se esqueçam de

que estou infeliz. Meu gênio é melancólico, embora demonstre uma aparência de alegria."

(a) Amado Adriano Taunay. Vinte dias mais tarde, a 10 de janeiro de 1828 e de Mato Grosso, escrevia Luiz Riedel aos mesmos destinatários dando-lhes a mais funesta notícia.

"Senhores. Perdi amigo que me era bem caro e vós perdesteis um irmão. Já não mais pertence a este Mundo. A cinco de janeiro e ao meio dia aprouve a Deus chamar-lhe a alma a Si. O funesto rio Guaporé servindo de túmulo. Reapareceu a 7 pela manhã. No mesmo dia foi inhumado na igreja de Santo Antonio, perto do porto e agradavelmente situada no meio de um laranjal. Ao corpo acompanhavam as autoridades e outras pessoas distintas. No dia seguinte, 8 de janeiro, celebraram-se os seus exéquias com a pompa devida a sua família e a sua pessoa. Adeus, até à mala próxima; minhas idéias estarão então menos perturbadas (a) Luiz Riedel."

Três meses mais tarde recebiam os irmãos do inditoso artista o relato da catástrofe que lhes arrebatou o querido e admirado Irmão.

Mato Grosso - 10 de março de 1828. Senhores, moléstias e outros obstáculos impediram-me de mais cedo cumprir a minha promessa.

Aceitem pois esta triste narrativa que reabre chagas ainda mal fechadas e que tanto pezar me causa redigindo-a a quanto lhes proporcionará a leitura.

Chegámos a 18 de dezembro, em perfeita saúde, a Mato Grosso onde devíamos embarcar com destino ao Pará.

Nossa estada nesta cidade devia durar entre três e quatro meses. Querendo aproveitar quanto possível a nossa estadia, resolvemos começar fazendo uma viagem a Casalvasco, na fronteira da República da Bolívia, a quatorze léguas de Mato Grosso."

A tal propósito observa o Visconde de Taunay que Riedel fez aí engano de apreciação pois há de sete a oito léguas de Vila Bela a Casalvasco. Só se avaliou a distância em léguas francesas de 4.444 metros em vez de a computar em léguas brasileiras de 6.600 metros.

"Partimos a 30 de dezembro e chegamos no mesmo dia. Começamos o ano novo visitando São Luiz e Salinas que são os portos avançados do grande Império do Brasil.

De volta a Casalvasco, a 3 e 4 de janeiro, ocupámo-nos de coletar depoimentos do que pode haver de mais interessantes sô-

bre os índios Chiquitos, que ali são muito numerosos, tomando notas sobre sua língua, costumes e progresso de sua civilização.

Deixamos Casal Vasco pela manhã para voltar a Mato Grosso. Seu irmão e meu amigo, que não podia acostumar-se a acompanhar a nossa pequena caravana, adiantou-se e logo perdi-o de vista. As pegadas de seu cavalo me mostraram, durante três léguas, que se achava a caminho de Mato Grosso.

Perdi-as então com um temporal e sob a chuvarada que em pouco tempo inundou todos aqueles vastos campos.

Cheguei à margem do Guaporé, ao lugar da passagem, sem ali encontrar o nosso caro Adriano.

Cria-o abrigado em algum caminho fora da estrada.

Em pequena canôa e não sem risco passei ao rio já entumescido pela chuva e logo depois, às quatro da tarde, cheguei a Mato Grosso onde tive ciência do funesto acontecido.

Aliás já o pressentia, como sucede a todos sempre inclinados a desconfiar dos golpes cruéis do destino.

Logo depois trouxeram o seu cavalo, triste preságio da verdade. Corro ao porto; ali encontro várias pessoas ocupadas em procurá-lo mas o rio entumescido e violento guardava a sua presa e durante este dia tornou-nos inúteis os esforços.

Seu irmão, extraviado algumas léguas antes de chegar à cidade, depois de atravessar o rio Megre, uma segunda vez entrou num canavial onde um preto lhe indicou uma vereda através de matas e pântanos que o devia levar à margem do Guaporé, em frente à cidade e a trezentos passos da montante do porto.

Ali chegado só encontrou uma lavadeira na margem oposta. Pediu-lhe que avisasse o passador. Correu a mulher e voltou a lhe dizer que o barqueiro não tardaria a chegar.

A tempestade roncava e a chuva caía em grossos pingos.

O nosso Adriano, impaciente amarra as rédeas do cavalo e impele-o à água recomendando-o à mulher.

Esta o adverte de perigos, a lhe mostrar o passador que vinha vindo embarcar-se. Nada podia detê-lo da fatal resolução! Lança-se a nado, chega ao meio do rio, perde as forças, afunda, sobrenada com um gesto horrível, põe de fora ainda uma mão... e o nosso amado Taunay desaparece vítima de sua excessiva temeridade. Desaparece no momento exato em que a canôa chegava; infelizmente o barqueiro não sabia mergulhar.



Largada de uma munição cuiabana em Porto Feliz. Pintura de Oscar Pereira da Silva, segundo um original de A. A. Taunay (Coleção do Museu Paulista)



A. A. Taunay, Morro do Castelo (?) 1825

Avisadas procederam as autoridades a todas as diligências possíveis, mas era demasiado tarde.

No dia seguinte, 6 de janeiro, mais de quinze pessoas estiveram debalde ocupadas em procurá-lo.

A comoção que me causava a morte tão inesperada daquele a quem me sentia ligado como a um irmão, e que eu já tivera a felicidade de salvar em várias circunstâncias, a chuva fria que na véspera me transpassara, haviam me tornado enfermo.

Entretanto, no dia 8, pela madrugada, anunciaram-me que o corpo aparecera. Corro, chego, vejo-o estirado sobre o barranco, mutilado pelos peixes! Lanço-me sobre ele... poupai-me este pormenor... A 9 celebraram-se as cerimônias religiosas de acordo com as praxes locais. O Capitão-mór João Paes a quem eu pedira providenciasse acerca de tudo, procedeu como homem perfeitamente honrado.

Lembrem-se de um abandonado que os estima, por serem os irmãos de um amigo, de quem terei saudades a vida toda.

(a) Luiz Riedel.

"E, com efeito, comenta o Visconde de Taunay, passadas muitas dezenas de anos, meu pai e Riedel no Passeio Público, naquelas umbrosas áreas do jardim de Luiz de Vasconcellos, de que o ilustre botânico alemão era diretor, juntos pranteavam ainda o passamento daquele ente, que havia recebido na pia batismal o profético e bem significativo nome de Amado."

Violenta, inexcusável, foi a dor dos irmãos ao receberem no Rio de Janeiro a fatal nova, e grande e filial empenho puzeram em transmiti-la só após as maiores cautelas aos pais em França, trocando-se, então, uma série de cartas que achei todas amassadas e a custo deixo de transcrever, pois as considero verdadeiros primores no gênero epistolar.

Em seu pequeno ensaio biográfico publicou o V. de Taunay duas extensas odes inéditas da lavra de seu pai Felix Emilio e do seu tio Teodoro Taunay, consagradas à memória do querido e admirado irmão.

Destas peças transcrevamos alguns trechos.

Da ode de Teodoro:

Dieu, Tu l'avais formé dans ta munificence!
Entre mille ton doigt l'avait marqué d'avance;
Son front étincelait de ton sceau favori;
Du miel de tes faveurs les cieux l'avaient nourri;
Et le feu du génie embrasait la substance
Dont tes anges l'avaient pétri!...
Hélas! pour lui les arts n'étaient point la torture
Du pontife au trépid combattant la nature
Dans les enfantements d'un rebelle cerveau!
Son âme était le type et la source du beau...
Sans travail, de sa veine intarissable et pure
Coulait le céleste ruisseau.
Un chef d'oeuvre pour lui n'était plus qu'un caprice...
Dieu! quel plaisir de voir, sous sa main créatrice
D'un coup se ranimer par des ressorts nouveaux
Les femmes, les guerriers, les antiques héros,
Des grâces, des amours la troupe séductrice
Et les dieux des bois et des eaux!

E da de seu irmão

Sous un bois d'orangers maintenant tu reposes...

On dit, qu'au sein désert des bois américains
Le sommeil du tombeau tient tes paupières closes...

La mort glace tes mains.

Le croirai-je? Ces mains, ministres du génie,

Qui, du feu créatur usurpant un rayon,
Attachaient à leur gré l'image de la vie
Dans un trait de crayon!...

Soit qu'un sujet comique eut animé ta verve

A' figurer Midas qui décerne son prix...

Le roi, le dieu des arts, le maître de Minerve

Est muet de mépris...

Soit que, plus sérieux, au corps de Melicerte

Tu formasses dans l'onde un cortège brillant...

Prophétique tableau, gage de ton talent,

Symbole de ta perte!

Oublierai-je Adrien?

Lui qu'un trait généreux frappait de sympathie,

Qui des célestes lois sentait tous les accords:

Brillante intelligence, âme bien assortie
Aux formes d'un beau corps!

Da obra de Adriano Taunay pouco resta. Os originais da jornada oceânica de Luiz de Freycinet devem estar arquivados em França.

A eles se reporta o alto elogio constante do parecer assinado por homens da estatura de Humboldt, Cuvier, Gay Lussac, e relatado por F. D. Arago.

No magnífico Atlas da viagem de Freycinet ocorrem duas belas pranchas coloridas gravadas segundo originais do malogrado artista: *Ilha de França, Palanquim e Nova Holanda: Bahia dos Cães Marinhos. Ninho gigantesco encontrado na ilha Dirck-Harchiss.*

Três outras há segundo originais seus e de colaboradores. *Vista da ilha de Tinian, pirogas das Ilhas Carolinas* (Adriano Taunay e A. Bérard); *Ilha de Guam, mulher dirigindo-se à Igreja* (A. Taunay e Jacques Arago); *Ilhas Marianas: utensílios diversos usados pelos indígenas* (A. Taunay e Duperrey).

Numerosas pranchas de zoologia também ocorrem no Atlas, como sejam doze de peixes e cinco de invertebrados diversos, algumas da lavra da vítima do infeliz afogado no Guaporé e outras por ele assinadas e por Brévalet e por Chassel, desenhistas da expedição.

Pinturas a óleo do inditoso moço não me consta que alguma subsista.

Desapareceram os murais da casa paterna da Cascatina Taunay na Tijuca que aliás, com o correr dos anos, ficaram sobremodo alterados pela humidade local e esmaecidos.

Eram, segundo de meu Pai e meus Tios ouvi, de largas dimensões. Representavam assuntos mitológicos: o triunfo de Baco, o Julgamento de Midas e o episódio trágico de Melicerte e sua mãe Ino. Dos originais relativos a expedição do Barão de Langsdorff, remetidos em grande cópia à Rússia, alguns ficaram no Brasil em poder de Hércules Florence. Os filhos deste e meus saudosos amigos Dr. Guilherme Florence, o eminente geólogo e Prof. Paulo Florence, inspirado compositor, fizeram-me presente de quatro grandes desenhos: *A Largada da Monção Langsdorff, de Porto Feliz, Urubús reis devorando uma carniça, Anhuma e Seriemá.*

Em tempo possuiu o Sr. João Fernando de Almeida Prado — o consagrado autor d'*Os Primeiros Povoadores* e outros volumes relativos ao nosso povoamento primitivo — possuiu, dizia eu, o Sr. A. Prado entre as preciosidades de sua *Brasiliiana* opulentíssima, linda *guache* da lavra de Adriano Taunay, representando uma paisagem das cercanias do Rio de Janeiro,



Cafezal na Serra do Tijuca; no fundo o Morro da Gavêa

que já no primeiro artigo desta série foi reproduzida.

Do Sr. Dr. Raimundo Ottoni de Castro Maya, o notável administrador da Floresta Nacional da Tijuca, da qual zelou com tamanho interesse quanto elevado bom gosto e absoluto desprendimento de proventos ou melhor, com sacrifício dos próprios bens, do Dr. Raimundo de Castro Maya, tomei conhecimento da existência de três aquarelas da autoria de Adriano Taunay, peças que ele em França adquiriu para a sua preciosa coleção de antiguidades brasileiras: *Habitantes do interior do Brasil, Cena brasileira e Família do interior do Brasil em viagem.*

Possuo ainda duas belas peças de meu inditoso tio: uma aquarela, *Flores num vaso de cristal com água* e um desenho colorido: *Vista do Rio de Janeiro* tirada da margem oposta da Guanabara, talvez de Icarai ou Jurujuba.

O que de mais precioso conservo do artista vem a ser pequeno album de esboços feitos com a sépia com numerosas composições sobre variados assuntos, paisagens, estudos de figura, retratos, cenas históricas.

Deste album faz parte a série de vistas de diversos pontos do Rio de Janeiro, feitas entre 1820 e 1825, que a este artigo ilustram.

Devo a propriedade destas peças a minha Prima, D. Cecília A. d'Escragnolle Dória, a generosa doadora do Museu Imperial de Petrópolis e do Museu Paulista.

Restam da desventurada vítima de Guaporé dois retratos, um dos quais o auto-retrato que deve ser de 1825, pertence ao Museu Paulista por doação de D. Cecília Dória. O outro é da lavra de Nicolau A. Taunay, que retratou aos cinco filhos mais moços, tendo perdido o primogênito pouco depois de nascido. Acha-se a tela incorporada ao patrimônio da Escola Nacional de Belas Artes e representa Adriano aos 4 anos. Terminando estas ligeiras notas, quero agradecer à Exma. Sra. D. Lina Bo Bardi — a fundadora da magnífica revista vitoriosa que tão largo e justo triunfo tem angariado, esta bela *Habitat* cada vez mais difundida no Brasil e no Exterior — e a P. M. Bardi, o erudito historiador de arte e tão competente diretor do Museu de Arte de São Paulo, a hospitalidade do meu pequeno ensaio nas páginas de sua publicação.

AFFONSO DE E. TAUNAY



Quinta da Boa Vista no Rio



A Imperatriz Dona Leopoldina da Austria e Dom Pedro I, então príncipes reais, a passeio



A cascatinha Taunay na Tijuca



Missa numa Igreja do Rio de Janeiro



A. A. Taunay, *Nossa Senhora da Glória do Desterro*, 1825

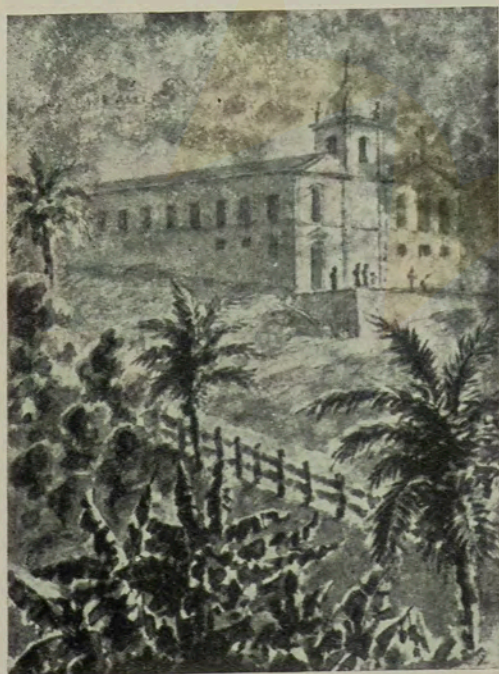
*Convento de
Sto. Antonio*



*Igreja de Nossa
Senhora da Pe-
nha, em Jacare-
paguá*



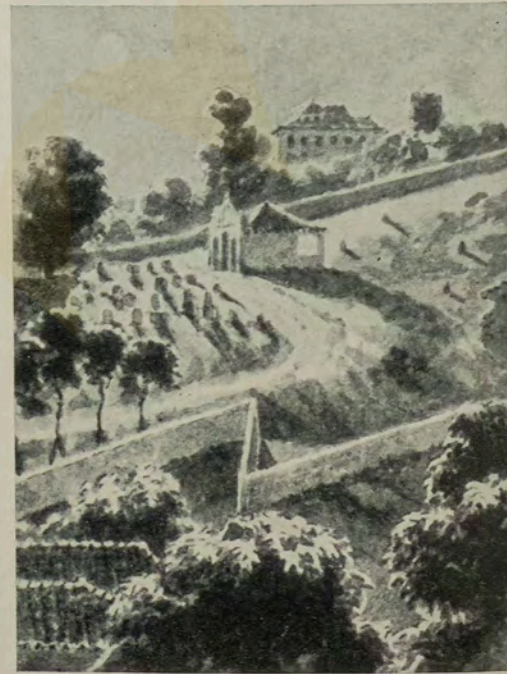
Convento de Santa Thereza



Igreja de São João Baptista em Niteroi



Morro do Santo Antônio





Aquarela de A. A. Taunay



A. A. Taunay, durante suas viagens, fixava tudo o que encontrava, em belíssimas aquarelas



Natureza morta, de A. A. Taunay

Atrás de cada fotografia, os artistas da objetiva carregam de medalhas e de emblemas. A coisa mais interessante é que a declaração de "inalteráveis" é mesma verdade. Depois de oitenta anos as platinotipias são ainda perfeitas

PACHECO & FILHO
Photographos da Casa Imperial

PREMIADOS
 com
 o Habito de Cavalleiro
 da Real Ordem de Christo,
 MENÇÃO DE HONRA
 na Exposição de Vienna,
 e mais
 14 Medalhas nas Exposições
 DE
 PHILADELPHIA, PORTO BRASIL,
 Chile e Buenos Ayres.

ESPECIALIDADE DE RETRATOS
 inalteráveis
 pelo novo systema de platinotypia.

Rua do Ouvidor 102. RIO DE JANEIRO

Album de fotografias

Retrato de um cunhado de um irmão de minha tia avó. Era um orador aplaudido, talvez um homem importante; mas ninguém sabe o certo

Encontramos o velho album de família na antiga residência, ou nova, do senhor Fulano de Tal, que o conservara com ciúmes na mesa do "living" ou na gaveta onde guarda seus documentos. Encontramo-no no Florestano, resto de algum leilão. Foi talvez parar ali por descuido de alguma pessoa da família; foi talvez jogado fora como coisa sem utilidade alguma, ou, mais provavelmente, para tirar, mesmo daquelas fotografias amareladas, algumas dezenas de cruzeiros. (Queremos sugerir que, para se desfazer de um album de família, a coisa melhor é jogá-lo no fogo). Mas isto é ética; e de dia em dia, o amor para o passado, para a vida que foi, mesmo em nossas próprias famílias, torna-se sempre mais uma velharia. A vida moderna é ordenada dum modo que dentro em breve não teremos mais tradições, documentos de identificação da história de nós mesmos, que é, no fundo, a própria história.

Eis o album de família. Publicamos essas fotografias por várias razões. Primeiro, para documentação da história do costume do fim do século, nas cidades brasileiras. Segundo, por ser documentação da arte do retrato fotográfico. Outras razões ainda: homenagem às pessoas, talvez desconhecidas que, nos primeiros anos da República, contribuíram, embora modestamente, à construção desse nosso grande País.



Era um grande amigo do marido da minha tia; um homem de bem; um professor. Depois, não sei que fim levou. É sempre assim a história destes albums. Terminam no anonímato, mas conservam certa poesia

O menino-marujo que desafia as rodias



A capa de nosso album de fotografias

Retrato de minha avó quando ela foi do Rio para São Paulo, a fim de ser internada num colégio. Gastava-se uma semana de viagem

Retrato da irmã de minha avó, poucos meses depois de ter sarado do tifo



Um dos sobrinhos de meu avô paterno. Este menino mais tarde foi figura de projeção na Guarda Nacional e morreu assassinado em Araçatuba



A minha família deu sempre militares e políticos. Nesta série de fotografias vemos à esquerda um que chegou a ser general; o do meio foi expulso da escola e o da direita tornou-se um grande parlamentar que lutou pela República

Meu tataravo era capitão de um navio russo, conheceu minha avó que está à direita, casou-se, ficou no Brasil e quando estava com saudades da Rússia, vestia-me de cossaco. Nestas fotografias, sou o primeiro da esquerda





Fotografia da "Photographia Allemã", de Henschel e Bencke, fotografos da Corte Imperial, Rio de Janeiro, 1890

Diga-se que esta foi noiva e depois freira

E que esta é a mesma, mais moça

A mesma ainda, durante a comunhão



Um restaurador

Veio de Berlim, alguns meses atrás, o sr. Georg Sprengel. Queremos sublinhar a presença dêsse hóspede por dois motivos: porque ingressou no grupo de assistentes do Museu de Arte de São Paulo e porque é ele técnico de primeira ordem em sua especialidade. Sprengel faz molduras, queremos dizer com isto, uma pessoa que conhece e resolve todo problema relativo a essa forma simples, mas extremamente difícil, de mobília. Sprengel possui a mais completa cultura no campo dos estilos e, especificamente, no campo das molduras, isto é, um mundo totalmente a parte, ainda não bem estudado e portanto de difícil compreensão. Trabalhou sempre em sua cidade natal; descende de uma família de artezãos dêsse tipo de trabalho e queremos acrescentar aqui, entre parenteses, que o fato de haver bons artezãos na Europa é devido a tradição que passa de pais para filhos.

Sprengel teve a oportunidade de ver grande número de materiais antigos: isto proporcionou-lhe o perfeito conhecimento dos vários caracteres não somente dos estilos, mas também das suas variações nacionais, regionais e até provincianas, da história das molduras. Com êsse preparo e conhecimento direto dos modelos originais, Sprengel trabalhou no Kaiser Friedrich Museum de Berlim, onde esteve em contacto com duas personalidades, como von Bode e Friedländer, colaborando com estes num vasto laboratório de pesquisa científica com a rigidez e seriedade própria do povo alemão. Com êsse passado extraordinário, com o merecimento de ter executado, com suas mãos, molduras que figuram nos grandes museus da Europa e em famosas coleções particulares, Sprengel trabalha agora em São Paulo e é uma honra para o Museu de Arte tê-lo como conselheiro e técnico no campo das molduras, campo êsse desfalcado no Brasil pela simples razão de nunca ter estado entre nós um especialista.

Existem muitos que fazem molduras, mas são aqueles que conseguiram transformar a moldura Luiz XVI, com suas pequenas volutas bem curvilíneas, naquela pavorosa moldura pintada de ouro que em lugar de volutas exhibe salames enrolados ou outras formas que lembram cobras esmagadas.

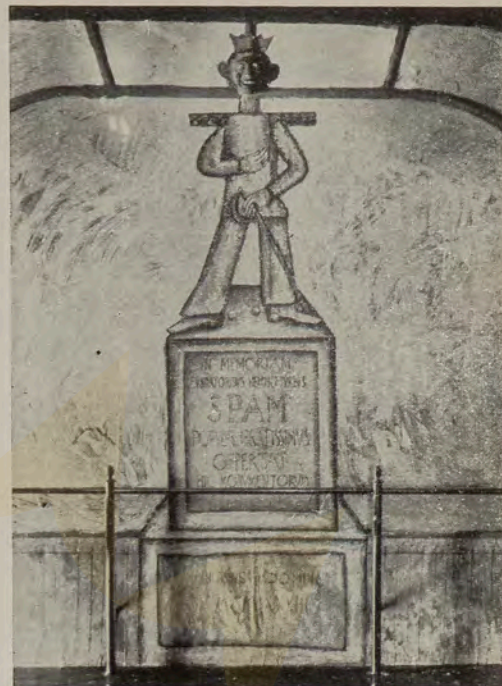


Sprengel restaurando uma estátua de madeira



O diretor Wilhelm von Bode, o prof. Friedländer e o prof. Hauser no Kaiser Friedrich Museum em Berlim

Monumento a Spaminondas erigido na praça de Spam por Lasar Segall



A época do "Spam"

SPAM teve a sua época. Fez um sucesso tremendo, em São Paulo, por volta de 1932 a 1934. Era uma sociedade de artistas modernos. Brotou durante uma série de reuniões preliminares na casa de Dona Olivia Guedes Penteado, Warchavchik e Segall, mas floresceu durante um baile na casa da bailarina Chinita Ullmann. Transformou-se, mais tarde, num verdadeiro país, chamado "Spamolândia". Esta sociedade foi, finalmente liquidada, por uma autêntica "tropa de choque" — como dizia Osvaldo de Andrade, referindo-se ao movimento integralista. Mataram SPAM, porque o falso pudor julgou-a um perigo, um verdadeiro território livre, um estado fora do estado. Como os integralistas queriam um estado dentro do estado, eles não se deram muito bem — o que, alias, é muito natural. Acresce que SPAM representava um estado de espírito e os integralistas usavam camisa verde. Um, era a diversidade; outro, a uniformidade. Já que não estamos interessados na história política, deixamos a "uniformidade" e passamos a SPAM que foi um cantinho da liberdade, da inteligência e da sensibilidade. SPAM nasceu sem pretensão. Nasceu naturalmente. E porque nasceu naturalmente, é que nasceu sem pretensão. Nasceu e cresceu pelo entusiasmo que era a espontânea vitalidade daquele momento e daquela gente. Visto agora, à distância de vinte anos, mostra que havia em São Paulo um grupo unido de artistas, gente que estudava, que pesquisava e era vigiada por uma crítica corajosa. SPAM criava ambientes, congregava pintores, músicos, literatos, arquitetos, jornalistas e reunia alguns "amigos das artes" — porque assim

eram conhecidos os mecenas daquela época; discretos mecenas que apreciavam o convívio com a arte e com os artistas, não exigiam recibos e não andavam a alardear benemerência como alguns grotescos mecenas de hoje. Assim, gente como Dona Olivia Guedes Penteado, o sr. Antonio Alves de Lima ou o senador Freitas Valle, procuravam medir-se na mesma escala de valores com os intelectuais, pela inteligência, e pela sensibilidade. Entre os fundadores de SPAM estavam então: Paulo Prado, D. Olivia Guedes Penteado, Mário de Andrade, Lasar Segall, Paulo Mendes de Almeida, Paulo Rossi, Chinita Ullmann, Minna Warchavchik e outros. Festejou-se a fundação da sociedade como "São Silvestre em farrapos", uma festa estrepitosa que prolongou-se até as seis horas da manhã. SPAM realizou, depois, uma série de concertos sob a direção do maestro Mignone e ainda "com o fito de arrecadar fundos para os cofres sociais, organizou-se o memorável baile de carnaval do dia 16 de fevereiro de 1933, nos salões do Trocadero, graciosamente cedidos pelo dr. Samuel Ribeiro, nosso sócio benemerito, a quem reiteramos os mais sinceros agradecimentos" — porque assim reza o Relatório das atividades gerais da Sociedade Pró Arte Moderna, publicado em março de 1934. Mas, o mais importante era o nome da festa: "Carnaval da cidade de SPAM". Foi por causa dessa ideia de construir uma cidade que Segall ficou excitado, excitadíssimo. Reuniu um grupo enorme de artistas, traçou os planos, sugeriu, entusiasmou, tudo isso numa linguagem que era um misto de russo,

alemão, português e brasileiro (uma nova língua que Mario de Andrade procurava lhe ensinar). Montaram a cidade fantástica, com praças públicas, cadeias, bêcos e monumentos. Era um ambiente bem expressionista. E o programa anunciava: "Carnaval na cidade de SPAM com o circo de SPAM, os Spaminondas, o presidio de SPAM, com cenas domésticas indiscretas reveladas por John Graz, Vittorio Gobbi, Esther Bessel, Anita Malfatti, e outros. A meia noite, na praça pública de SPAM, policiada por um aguerrido pelotão de grilos spamistas, haverá o soleníssimo cerimonial da recepção ao príncipe Carnaval; o desfile do cortejo com música de Camargo Guarnieri; inauguração do monumento a Spaminondas; Hino de SPAM, de autoria do mesmo Guarnieri; concurso de beleza, coroação da rainha; a clássica canção do trovador; bailado das virgens; o Hino Spamtrótico, cantado pelo povo spamista; dança grotesca e o baile popular. A meia noite, em ponto, circulou o jornal "A vida de Spam" que era dirigido por Mário de Andrade e Antoninho Alcântara Machado. O jornal era absolutamente humorístico, pobre em publicidade. Apenas um anúncio: "Quem diz Warchavchik erra na pronúncia mas acerta no arquiteto". O programa dessa festa, elaborado por Dona Jenny Klabin Segall, anunciava ainda: "As 6 horas da manhã será servido graciosamente um café com leite aos sobreviventes". Só se falava em Spam, spamista, spaminondas, spamtrótico. Foi uma febre. Era a simbologia de um mundo imaginário, mas profundamente real, com agudo espírito crítico. Havia até um sistema monetário, onde um spamote valia dez spamins e na

cotação oficial o spamote valia um mil reis. A cidade de SPAM tinha marinha, ministério, exército, corpo policial e corpo coral, donzelas respeitabilíssimas como o corpo policial. Naturalmente, o baile foi um sucesso e restaram “muitos sobreviventes” para o café com leite das seis horas. Dominava em toda essa festa um alegria diferente dos desgarrados Carnavais de salão realizados ultimamente. Cada um pensava a sua fantasia com humor inteligência ou gosto, e levava mesmo, dias e dias se preparando para a festa. Pode-se observar, por exemplo, no atual Carnaval carioca — o mais famoso hoje em dia — que somente o povo, o Carnaval de rua é que se organiza, em escolas de samba, em ensaios e na preparação dos blocos. Mas o carnaval de salão, por sua vez, caracteriza-se pela monotonia que atinge às vezes às raias de um processo de fixação na sensualidade vulgar e decadente. SPAM representava também por isso, uma certa vitalidade, um espírito mais sadio entre os nossos artistas e intelectuais. É na leitura do prefácio da I^a. Exposição de Arte Moderna da SPAM, escrito por Mário de Andrade, que iremos precisar melhor esse espírito criador. Mario faz primeiramente uma análise histórica do movimento modernista, procurando confrontá-lo com outros momentos da Arte, para em seguida situar os pintores brasileiros dentro de panorama crítico e comparativo. Discreto nos elogios, o escritor procurou fazer uma crítica corajosa, em contraste evidente com a maioria dos “críticos” de hoje onde o elogio sistemático é a estrada segura para o sucesso, o dinheiro, as relações sociais, as viagens e o sossêgo, a calma, a deliciosa calma que todos almejam, — em escalas diferentes — é lógico! Dizia Mario de Andrade nesse prefácio: “O que realmente faz falta em nossa pintura spamista são criadores de ordem social. É uma falha sensível essa ausência de arte social entre nós, a não ser que compreendamos como tal o diletantismo estético, caracterizadamente burguês, em que persistimos. Esperamos que em exposições futuras, o ecletismo natural de SPAM apareça completado com pintores que se resolvam a tomar posição qualificada, não apenas diante da natureza, mas da vida também”. Por aí tem uma idéia como as coisas caminhavam e como as coisas caminhavam. A exposição apresentava, além dos nossos pintores, trabalhos de De Chirico do período metafísico, Picasso, Léger, Marie Laurencin, Delaunay, Vuillard, Foujita, Dufy, Lipchitz, Juan Gris, Brancusi, Le Corbusier e outros. SPAM chegou a ter uma sede magnífica, com sala de conferências e concertos, bar, “ateliers”, biblioteca. Promoveu-se uma série de palestras sobre os temas mais variados, desde “sobre as relações da arte da Idade Média com a arte moderna” a cargo do escritor Rudolph George Hund, até a conferência do ator Procópio Ferreira sobre “Como fazer rir”. Os spamistas gostavam de festas. Por isso organizaram outro estranho baile: o K W Y, durante o qual os convivas andaram a cata da melhor

definição dessa palavra. No programa existia um item assim-: “Também o pintor Paulo Rossi Osir prontificou-se a executar o retrato a óleo de uma das senhoras presentes, escolhidas por sorteio”. Mais tarde, na própria sede do SPAM, que era então no palecete Campinas, na Praça da República, 44, inaugurou-se a 2^a. Exposição de Arte Moderna com obras dos artistas do Rio de Janeiro. Entre eles estavam: Portinari, Di Cavalcanti, Guignard, Ismael Nery, Otávio Pinto, Rothkirch, Sylvia Mayer, Teruz, e Zangerl. Finalmente, SPAM promoveu o seu retubante baile “Expedição às matas virgens da Spamolândia. Segall, que era a alma de tudo aquilo — como nos dizia o pintor Paulo Rossi — ficou outra vez excitado, excitadíssimo e comandando um grupo de artistas, pegou um rinqe de patinação, um rinqe velho da rua Martinho Prado, caindo aos pedaços, e transformou numa “bárbara selva” com animais pre-históricos. Revendo velhas fotografias, procurando compreender melhor a atmosfera do meio artístico de São Paulo daquela época e principalmente dêsse baile é que se percebe melhor a grande coerência com a literatura então nascente, inclusive o “Macunaima” de Mario de Andrade. SPAM estava fadado a liderar o movimento modernista em São Paulo, principalmente sobre a orientação de Lasar Segall e Mário de Andrade. Mas, como ficou dito, começaram a surgir naquela época os integralistas, os jacobinos exaltados. Inclusive Dona Olívia Guedes Penteado, que foi grande amiga das artes, alimentava, em boa fé, simpatia pelo grupo extremista que tomou conta e destruiu SPAM. Osvald de Andrade, mais malicioso, pressentiu qualquer coisa. E para o espanto geral, daqueles que sempre mantiveram maior respeito e admiração pela ilustra dama paulista, surge um dia, nos jornais, um artigo de Osvaldo de Andrade, dedicado a Dona Olívia que recebera o líder integralista, o escritor Plínio Salgado. O artigo intitulava-se “Dona Azeitona”. Foi um escândalo. Criada a confusão, de lá para cá nada aconteceu semelhante a SPAM, no sentido de preocupação de ambiente, de aproximar artistas de todos os gêneros, e principalmente movimentos que apresentassem aquela vitalidade criadora, onde os artistas encontrassem estímulo para produzir. De lá para cá aconteceram museus, jornais, revistas, escolas, bienais, mas os artistas foram se isolando cada vez mais. O próprio Segall que era o mais entusiasta spamista, isolou-se. O fenômeno SPAM é da maior importância na vida artística de São Paulo, exemplo de que nesta cidade, de vez em quando se realizam manifestações de certo vulto mas que podem acabar de uma hora para outra, reduzindo tudo a zero, sem deixar ao menos, um ponto de apoio que service à tradição, que ligasse os valores para a formação de uma cultura enraizada.

FLAVIO MOTTA

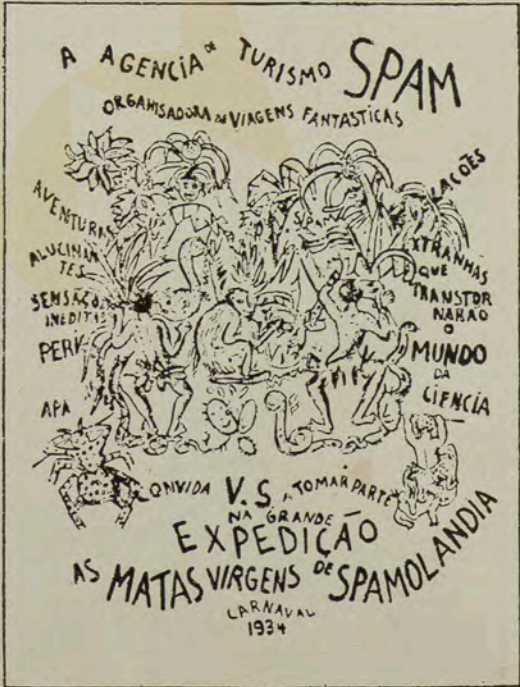


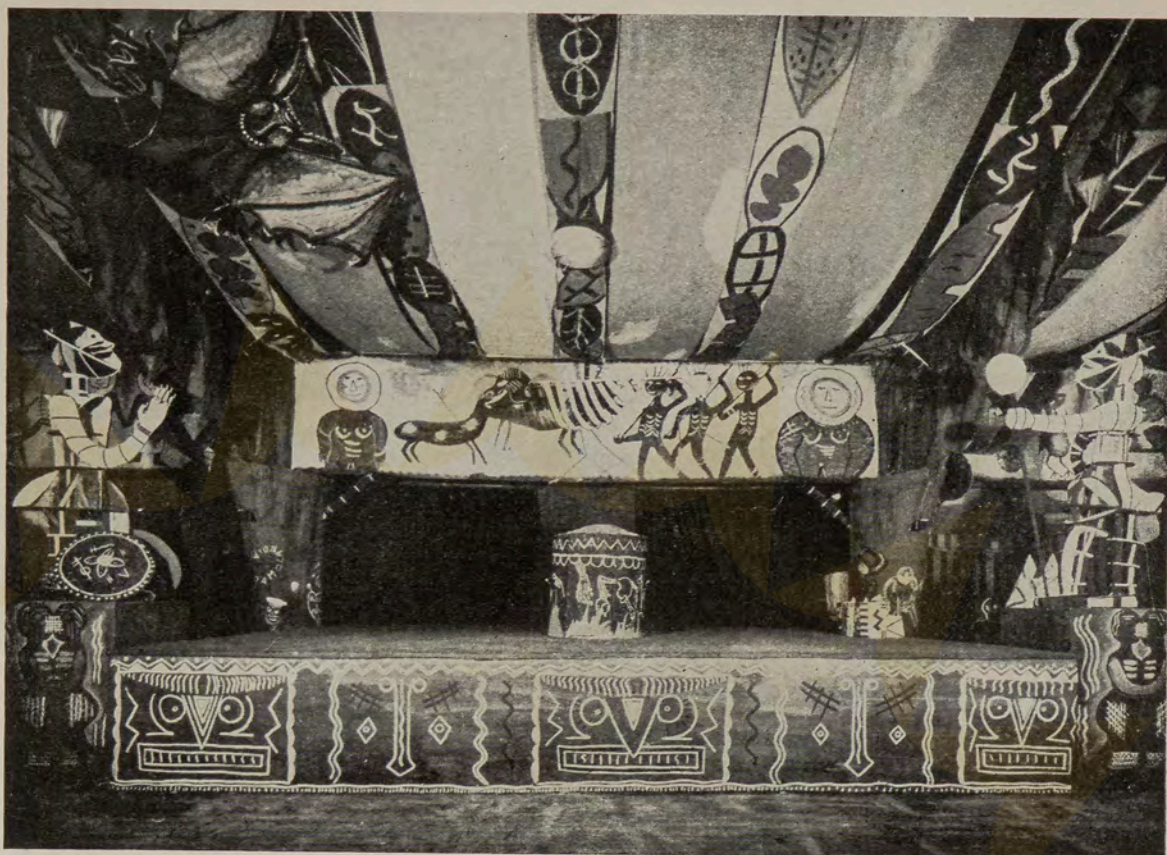
AS ALTAS AUTORIDADES
DA CIDADE SPAM CONVI
DAM V.S. PARA A RECEP
ÇÃO DO PRINCEPE
CARNAVAL A REALI
SAR-SE NA PRAÇA PUB
LICA DA CIDADE SPAM
NO DIA 16 de FEVEREIRO 23H

1 9 3 3

Convite para o baile na “Cidade de Spam”. Capa da Lasar Segall

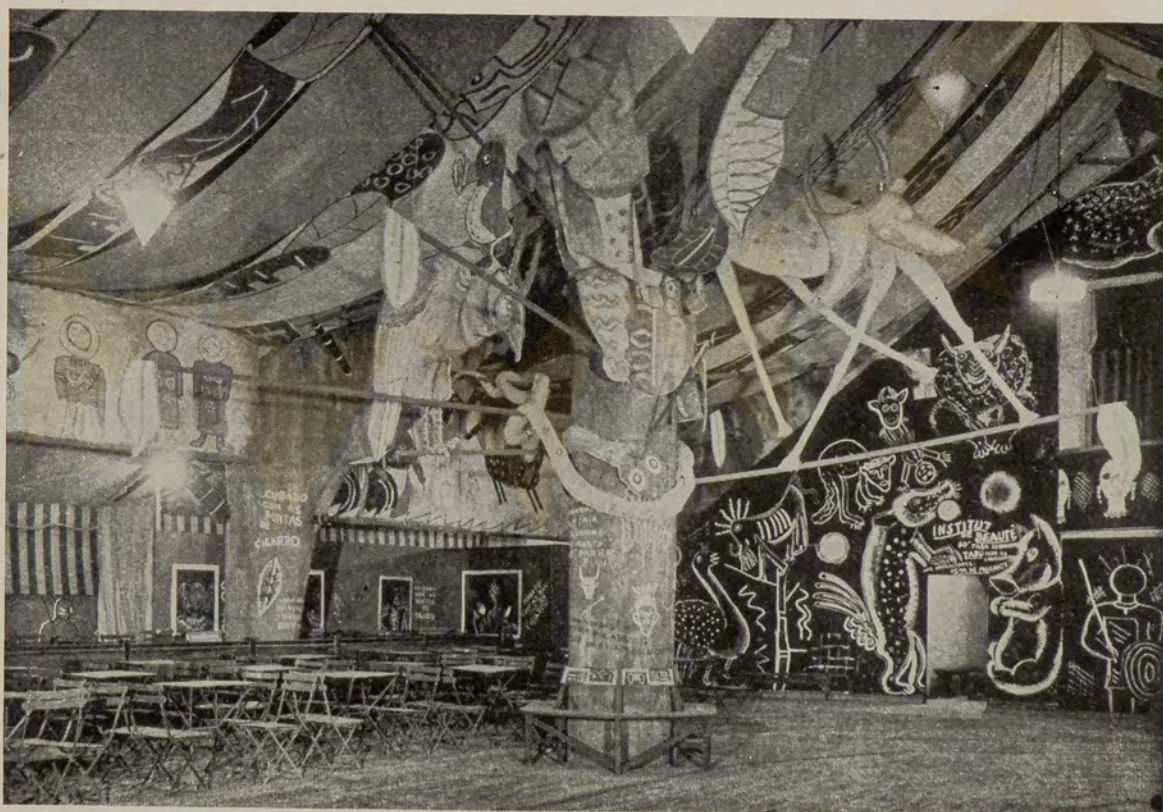
Convite para o baile “As matas virgens de Spamolândia”. Desenho Jenny K. Segall





Eis o motivo indígena maravilhosamente desfrutado na decoração do palco e platéia: selvagens e animais confundem-se num emaranhamento próprio da mata e da bela natureza brasileira. Neste palco, Chinita Ullmann realizou uma série de bailados expressionistas, gênero em que foi pioneiro no Brasil. Baile "As matas virgens de Spamolândia"

Vista da decoração do baile "As matas virgens de Spamolândia", planejada por Segall e executada com o concurso do grupo dos artistas de Spam





L. Segall

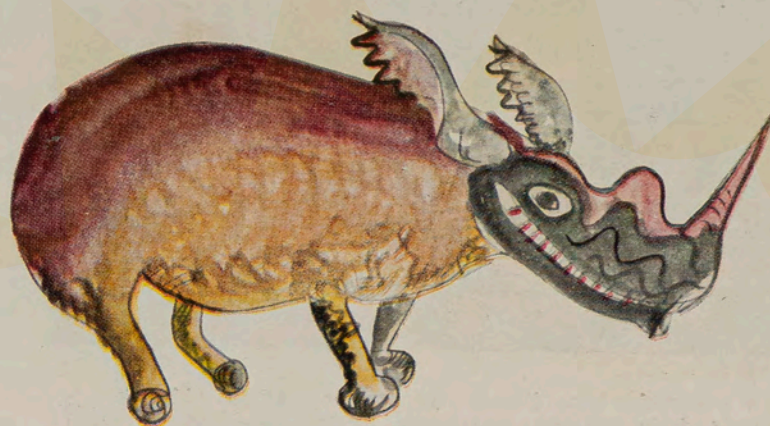
L. Segall, Bicho fantastico, m. 2,50 de altura

DECORAÇÕES NO "SPAM"

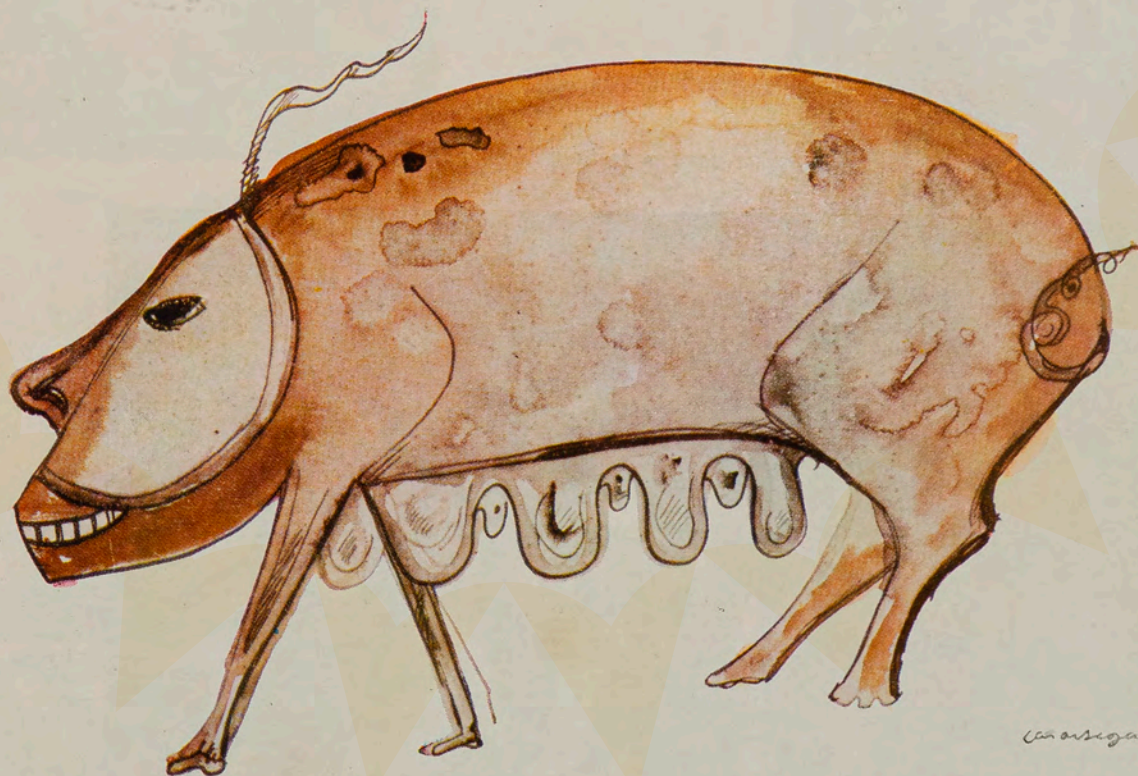


L. Segall

L. Segall, Bicho fantastico, m. 2,50 de altura

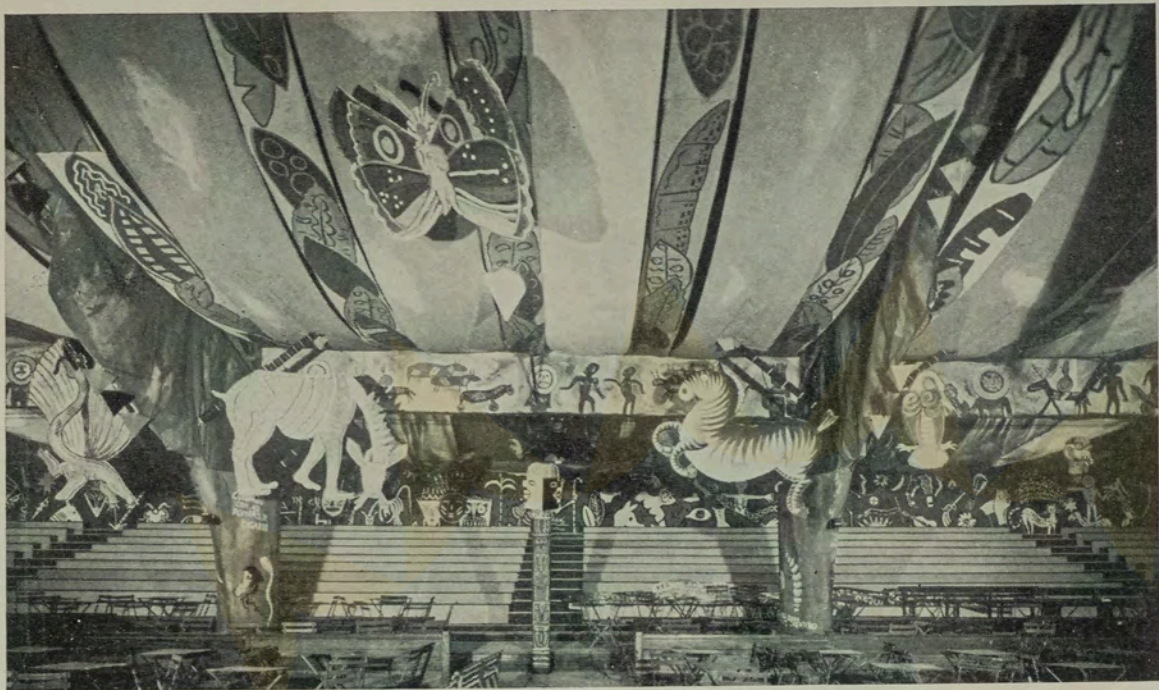


Lasar Segall, Bicho fantástico, m. 2,00 de altura



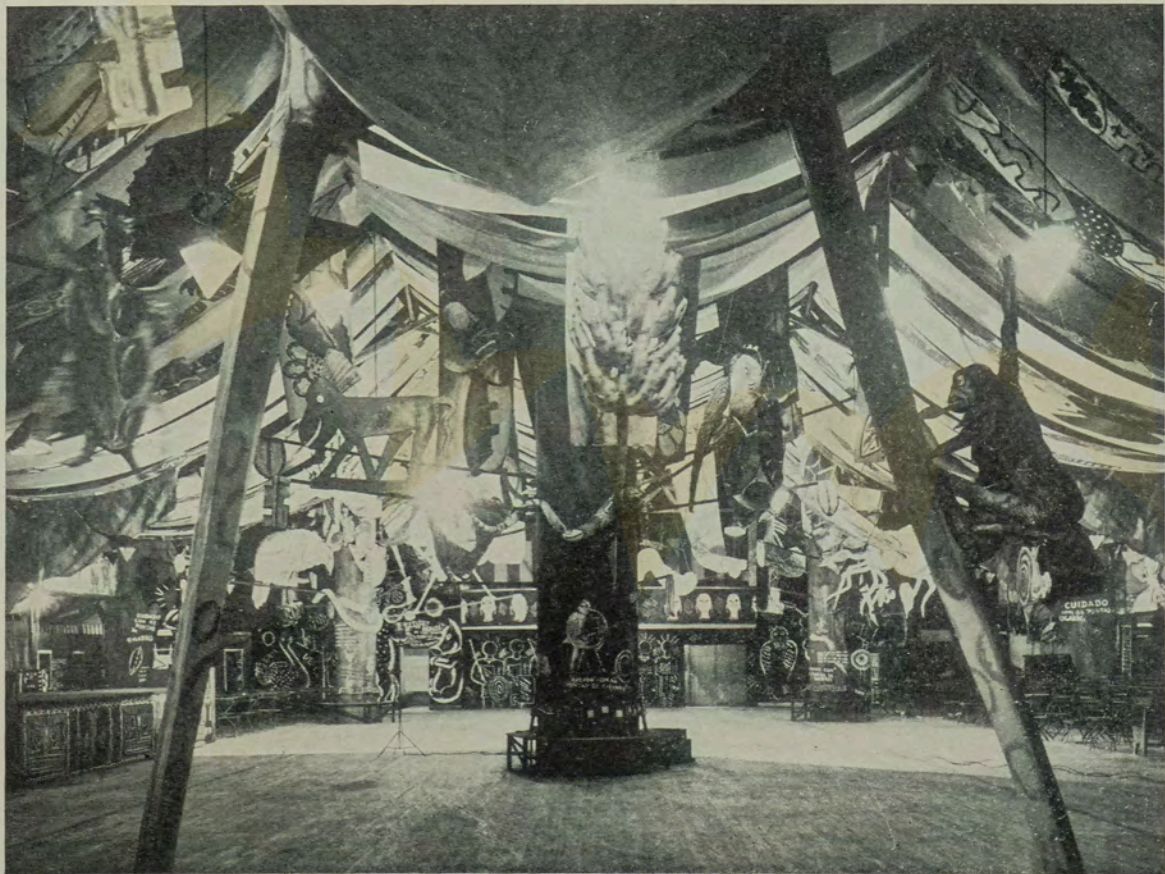
Lasar Segall, Bicho fantástico, m. 2,00 de altura

Lasar Segall '55



O circo, a decoração do ballet russo, o expressionismo à moda do doutor Calligari, tôda experiência da vanguarda, tôda idéia ousada, todo enigma, entravam nestas decorações monumentais das quais hoje se perderam os vestígios. Isso testemunha que no tempo de Spam a atividade artística era mais avançada do que agora

“As matas virgens de Spamolândia” prontas para a festa



As idéias do expressionismo traziam também a este país a sátira feroz que foi dirigida, depois da derrota alemã, contra o mundo burguês de então



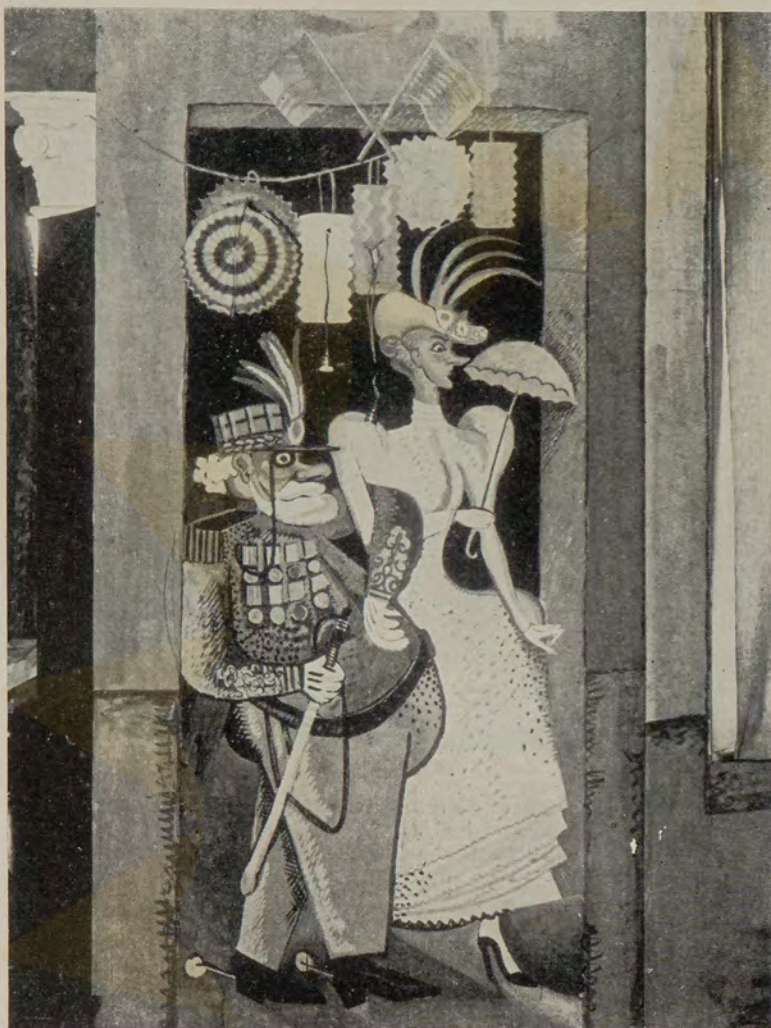
Painel de Paulo Rossi Osir, do período anterior aos azulejos



Recanto do parque da "Cidade de Spam", realizado por Segall



Detalhe do "Circo Segall"



Painel de John Graz para a "Cidade de Spam", dedicado ao "coronel"



Spam criou seu próprio dinheiro. Era uma tentativa à inflação intelectual. Mas a mediocridade arrazou essa inflação, preferindo a inflação do vil metal



Wasth Rodrigues e colaboradores construíram esta cadeia



Recanto da "Cidade de Spam". No alto, à esquerda, um trabalho de Anita Malfatti e à direita um de Vittorio Gobbis; em baixo, à esquerda, trabalho de Jenny K. Segall e à direita, de Lasar Segall



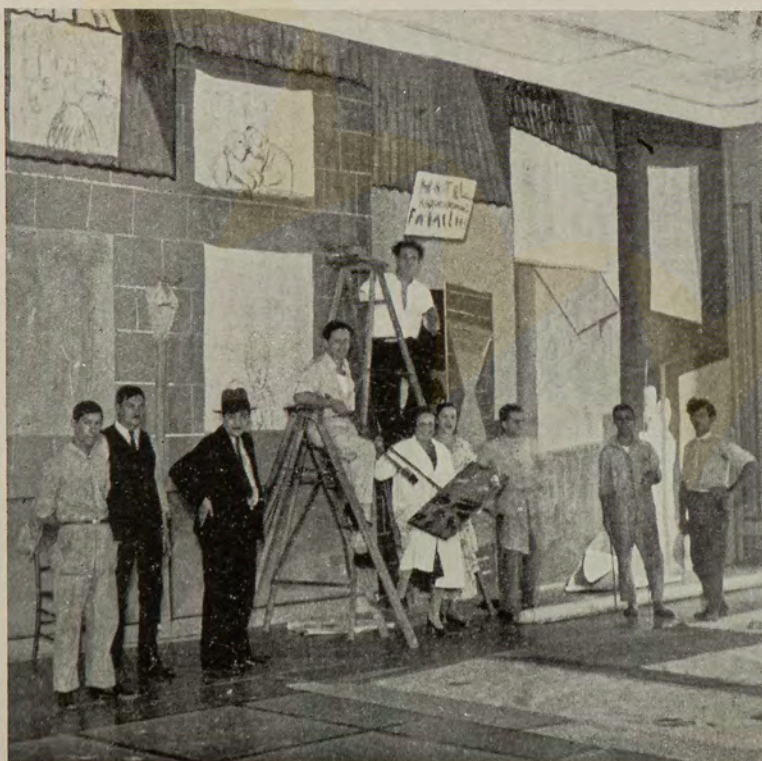
Anita Malfatti pintou o canto da direita e Arnaldo Barbosa a bomba de gasolina "Spamdard"



"O Circo Segall", executado pelo próprio Segall com a colaboração de Vittorio Gobbis, medido 4 x 9 mts



A sátira anti-burguesa vem sempre à tona nas decorações desses bailes que para os "nouveaux riches" de então, constituíam verdadeiros escândalos. Painel de John Graz para a "Cidade de Spam"



Aspecto dos trabalhos de decoração, no Spam, vendo-se, da esquerda para a direita: Wash Rodrigues, Geraldo Ferraz (de chapéu), Lasar Segall, Vittorio Gobbis, Jenny K. Segall, Tarsila e alguns auxiliares

Entre os artistas que participaram nos trabalhos de decoração dos bailes promovidos pelo Spam, estavam: Vittorio Gobbis, Paulo Rossi Osir, Hugo Adami, Arnaldo Barbosa, Anita Malfatti, Tarsila, Gerchow, John Graz, Jenny K. Segall, Esther Bessel, Wash Rodrigues, Lasar Segall e Hasson



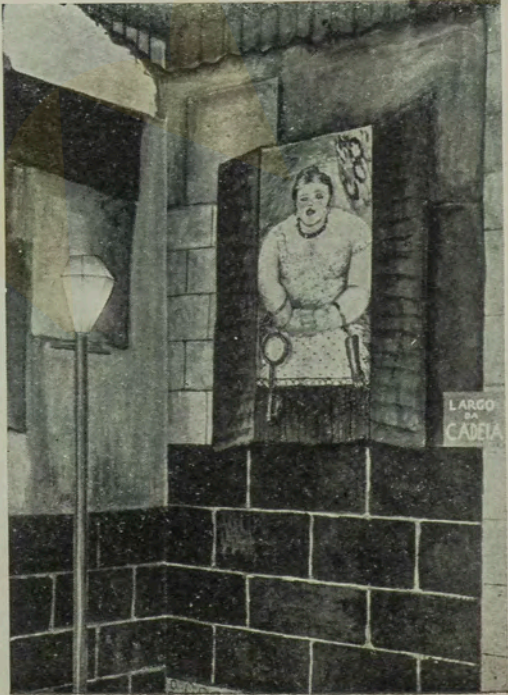
Segall decorador não desmente o Segall ponderado, pintor de cavalete. Nestas duas figuras êle acentua o ritmo mecânico às suas bailarinas, numa surpreendente perspectiva. Este painel de 2 mts. de altura foi realizado para a reunião inaugural de Spam, na residência de Chinita Ullmann



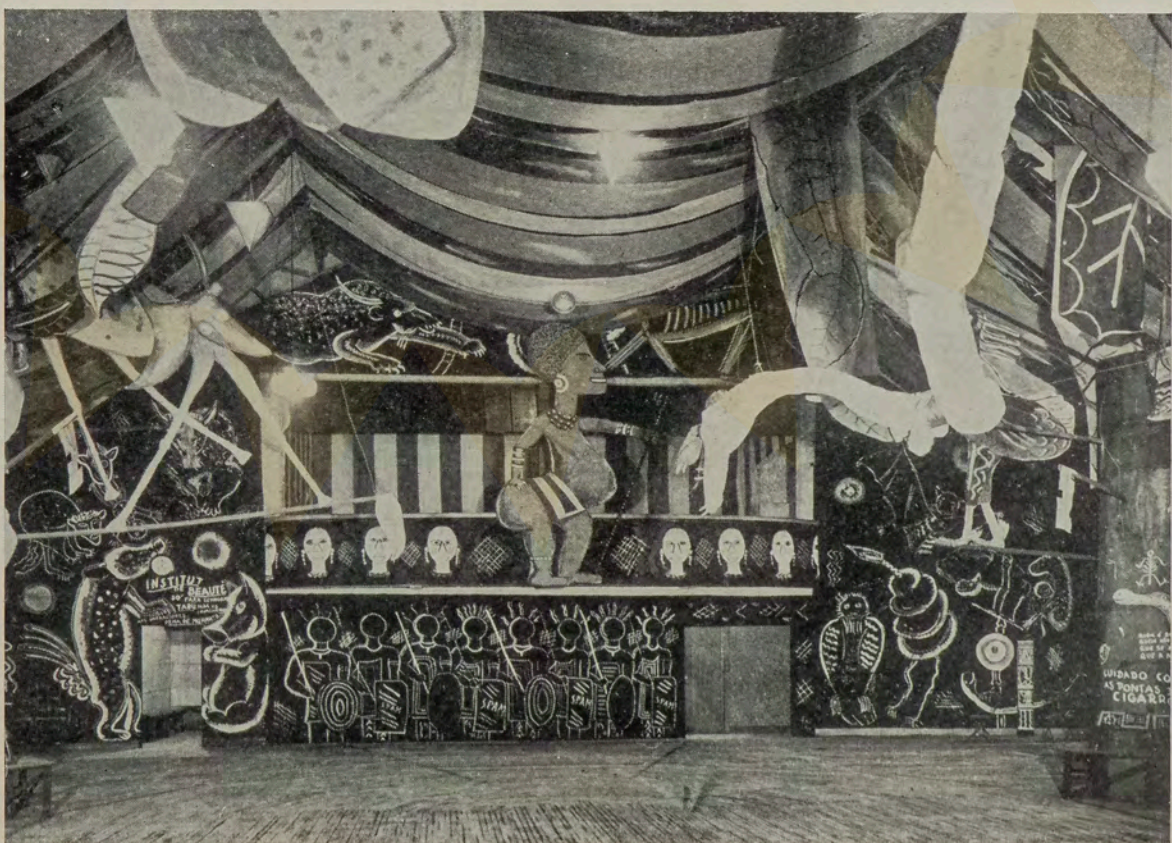
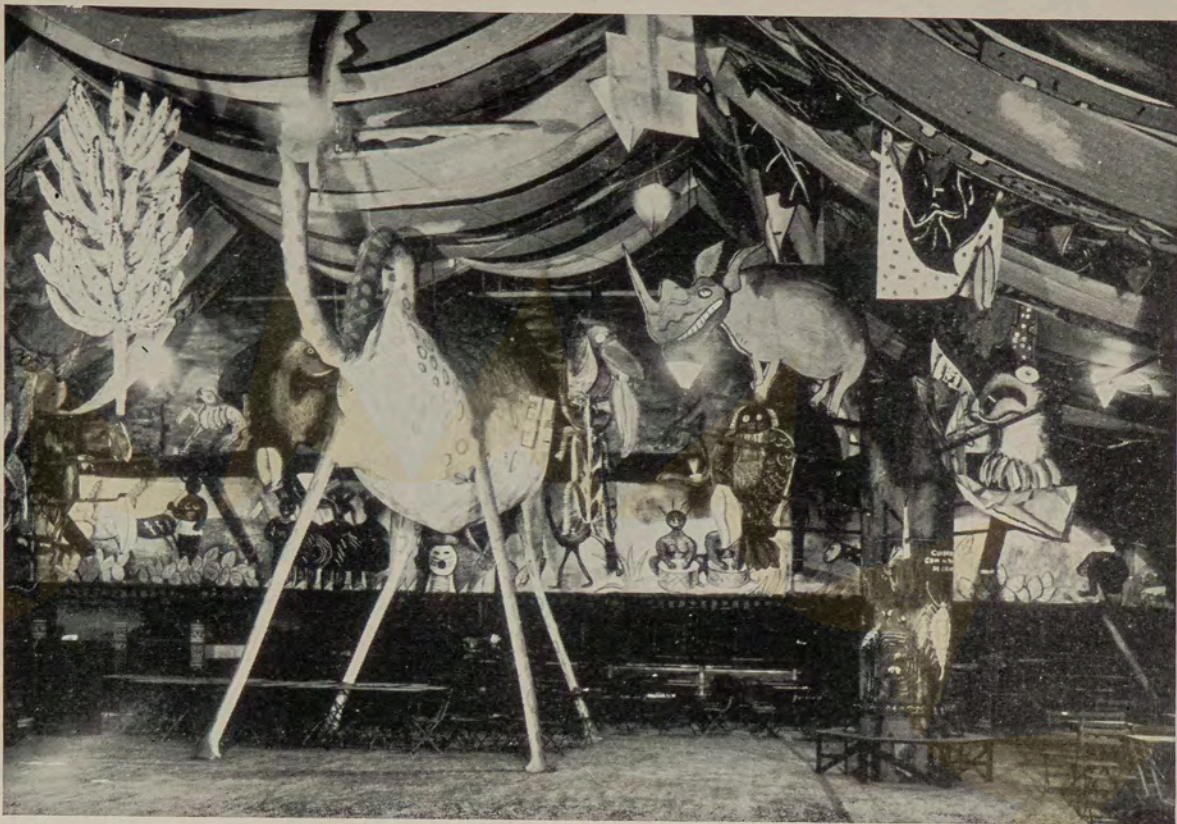
Um outro aspecto do parque da "Cidade de Spam", realizado por Lasar Segall

Durante uma das primeiras reuniões, na casa de Chinita Ullmann, formou-se este grupo. Aqui estão, da esquerda para a direita: em primeiro plano, Paulo Mendes de Almeida, Arnaldo Barbosa, Gregori Warchavchik (de barbas), Antonio Vicente de Azevedo; em segundo plano, Emanuel Klabin, Chinita Ullmann, Mário de Andrade (de bigode), Alice Rossi, Minna Warchavchik, maestro Mozart Camargo Guarneri; e em último plano, Lasar Segall, Jenny K. Segall e Paulo Rossi Osir que a partir dessa data começou a ganhar renome também como artista culinário

Largo da Cadeia na "Cidade de Spam", criado por Hugo Adami



Aspecto do salão de baile
"As matas virgens de Spa-
molândia"



O projeto destes animais foi
executado por Segall e que
reproduzimos, em cores, nesta
reportagem

Segall trouxe para uma cidade em que a arte estava adormecida, um renascimento como sabem proporcionar os jovens chegados à arte com entusiasmo verdadeiro, com fé, com coisas para exprimir. É necessário saber avaliar e antes de mais nada conhecer as proporções, mesmo dum ponto de vista histórico, das contribuições de ambiente e de atmosfera dos artistas melhores. Não é por mero acaso que aqui, em Habitat, recordamos uma iniciativa que, sob o pretexto de festas e bailes, procurava animar e interessar aos problemas de arte o São Paulo de então. Desde já não aceitamos objeções a essa nossa afirmação, porque é necessário esclarecer que se deve a Segall esse entusiasmo, o fato de ter avançado o problema de arte moderna no Brasil. É necessário lembrar que quando Segall chegou em São Paulo, com suas telas expressionistas, a cidade estava ainda, em fato de arte, se de arte se falava, ao tempo daquela pintura de gênero que terminara na Europa quando eram ainda moços os grandes mestres do Impressionismo. Se São Paulo possuisse ainda as decorações que ilustramos nestas páginas, ou pelo menos alguns fragmentos das mesmas, seu patrimônio artístico seria enriquecido com obras que bem se podem definir de modernas.



Grupo de spamistas durante a reunião inaugural na residência da bailarina Chinita Ullmann. Destacamos, da esquerda para a direita: Carolina da Silva Telles, Tácito de Almeida, Paulo Mendes de Almeida, Chinita Ullmann, Warchavchik, Jenny Segall, Lasar Segall, Kitty Bodenheimer, Marcelo Silva Telles, Mina Warchavchik, maestro Mozart Camargo Guarneri, Rubem Borba de Moraes, Dona Olivia Guedes Penteado (ao fundo) com Mário de Andrade, Paulo e Alice Rossi, Antonio Vicente de Azevedo, Camargo Aranha, John Graz e Godofredo da Silva Telles Filho



Pertenciam ao exército de Spam, entre outros, o maestro Souza Lima, o arquiteto Henrique Mindlin (os dois primeiros sentados a esquerda) e o sr. Clovis Camargo. A noiva é Alice Rossi e o seu companheiro, o poeta Lima Neto que fazia papel de trovador irreverente

Intercâmbio com Pellizzari

Há, pelo menos, dois anos que queremos falar em *Habitat* de um nosso hóspede que vem ao Brasil de vez em quando, infelizmente só por poucas semanas, satisfazendo todavia nosso desejo de trocar idéias, por um tempo infinito. De três em três meses revíamos essa nota para atualizá-la com um fato. Antonio Pellizzari vem nos prometendo de dirigir um concerto da nossa Orquestra Sinfônica Juvenil do Museu de Arte de São Paulo, desde aquela noite em que, durante um ensaio, captou, amplificou, exaltou com um esforço de nervos, aqueles rapazes, para transferir seu potencial estático duma normal interpretação escolástica, num furacão misturado à mais pura expressão de homenagem ao gênio: tocava-se Bach. Isto era temerário, mas todo o que há de apagado na ordinária administração foi subitamente cancelado depois de três ou quatro interrupções do maestro italiano; a chamada energética à atenção originou outro empenho: parecia que sobre os rapazes passara um arrepio, uma bênção. Outras pausas, mais explicações, mais gritos e o nervosismo do regente espalhou-se aos presentes: a arte, desde a arquitetura até à música é um estado de nervos. Pellizzari reanimara nossa Orquestra, e prometeu que tornaria a regê-la.

Mas ele adia, porque tem que dirigir a sua orquestra de Arzignano, perto da Vicenza de Palladio: esse conjunto que toca para o público de seus operários. Pellizzari fabrica bombas e transformadores, possui um conceito absolutamente contemporâneo e do futuro da relação entre a capital e trabalho: como industrial, pensa em sua gente, aos dois pães, sendo um o do espírito. O último concerto fora dedicado a Vivaldi. As aulas do último ciclo de história da arte foram dadas por G. C. Argan, um crítico que ama ao mesmo tempo Ticiano e Gropius; as projeções de filmes retrospectivos compreendem os clássicos e de Arzignano saiu o mais filosófico entre os jornais de crítica cinematográfica, "Cinema nuovo", dirigido por Aristarco. Arzignano deve ser uma cidade grande como Ubatuba, ao redor de uma fábrica de motores: mas aí encontram-se o bom senso, o prazer do belo, o civismo, o fato de refletir sobre o amanhã e o mundo em transformação com seu maquinismo social todos juntos na melhor e mais persuasiva vizinhança. É por isso que ao encontrar-

mos o jovem industrial em São Paulo, pensamos que essa visita era, por uma vez, um "intercâmbio" que não se relacionava somente com o Cexim e as Carteiras, mas também um pouco com o otium, o qual foi todo passado no Museu. Para um italiano chegado do país dos museus, aliás do Olympo onde tudo é um museu natural, edil e artístico, esses nossos quatro andares instalados no meio de outros dez destinados aos negócios de São Paulo produtivo, deram-lhe talvez a impressão do estranho modo improvisador do americano, do contra senso ao nosso espírito humanístico. Porém Pellizzari nasceu na pequena América de Arzignano, onde seu pai, começando como pequeno técnico, construiu a fábrica conhecida em todo o mundo. Esquecemos sempre que foram os europeus que vieram criar a fortuna nas Américas. Porisso, a Pellizzari agradou o nosso modo de improvisar, e tudo terminou estreitando os laços de amizade, mesmo materialmente, sempre lembrados no Museu pela presença do pianoforte que serve para os concertos deixou-o o aluno de Arrigo Pedrollo do Conservatório de Veneza, quando circunstâncias familiares chamaram-no de volta para vigiar a sorte da fábrica paterna.

Gostamos de Pellizzari por vários motivos, mas principalmente porque é um constituinte do grupo que reage ao finis latinorum com sua imaginação, previsão dos tempos, crítica política, culto da arte e da tradição. Existem industriais assim, na Itália, e para todos chegará a lembrar o nome de nosso velho amigo Adriano Olivetti. Com o exemplo de Ivrea, Pellizzari envia pelo mundo afora belíssimas apresentações publicitárias, e no Brasil já são familiares ao longo das estradas; esses cartazes são desenhados pelo próprio Antonio. Personalidade complexa, aristocrática e bem individual, todavia devotada e dedicada aos outros.

Não foi por simples acaso que falamos dum amigo longínquo, nessa revista rigorosamente dedicada às artes no Brasil, mesmo se às vezes, a fim de obedecermos ao nosso subtítulo, temos que trepar sobre vidraças: falamos nele porque consideramos Antonio Pellizzari um amigo de nosso país e um artista, e não esquecemos a promessa dum concerto da Orquestra Sinfônica Juvenil sob a batuta desse regente, para aplaudí-lo com todo o coração.



Antônio Pellizzari na Exposição de Max Bill no Museu de Arte de São Paulo, 1951



A pesar da violência da luta, o capoeirista procura manter-se fiel ao ritmo marcado pelo berimbáu

Misticismo e luta atingem às vezes às raízes de um processo alucinatório surpreendente

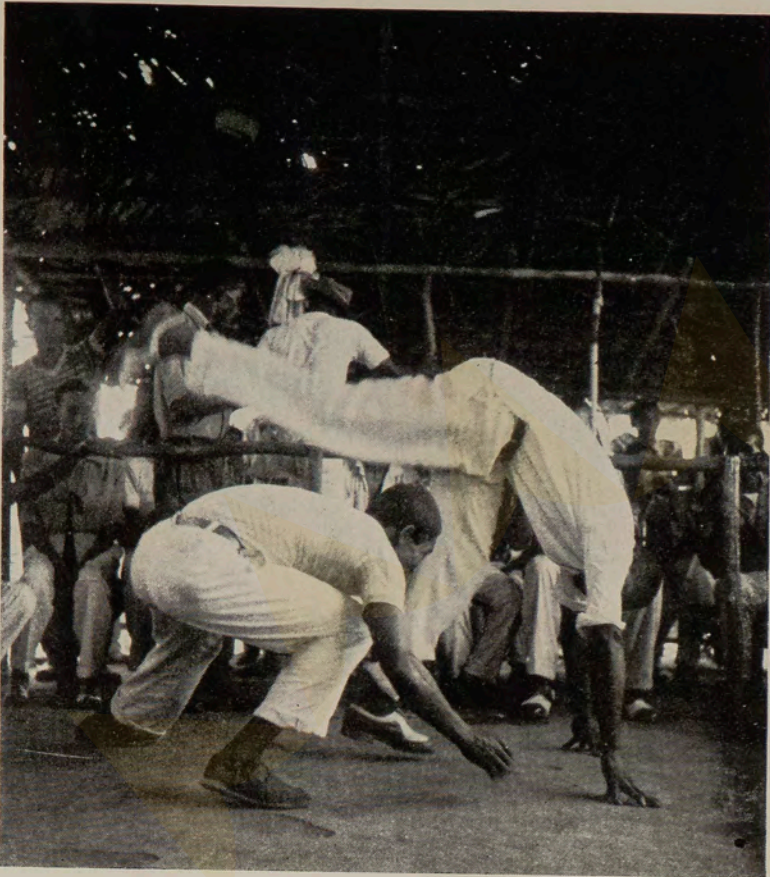


A alma do capoeirista

Quando o vento forte sopra sobre as praias desertas da Bahia, vejo as palmeiras de Itapoan curvadas de pavor. Quando ouço o som da ventania do berimbáu, vejo também nascer um ballet, violento e misterioso, como esse da natureza. É a capoeira de Angola, misto de dança, religião e luta. Talvez seja esta a razão do processo alucinatório de Bugalho, um dos mestres da capoeira. Ele devia estar sob os domínios de Eolo, deus dos ventos e das tempestades, quando viu, nas nuvens, São Jorge matando o dragão. E, quando ia subindo o Plano inclinado, que liga a Bahia baixa a Bahia alta, ele viu, no céu vermelho, que as nuvens eram o monstro sangrando e morrendo como a tarde. Depois o céu se desmanchou diante daqueles olhos alucinados. Achou tudo com côr de fita de coroa de defuntos. As igrejas, as belas igrejas da Bahia, eram mãos do alto, pedindo clemência com suas torres enfiadas no roxo do céu a dentro. Nessa simbologia, este filho de Eolo vê o seu próprio fim.

Bugalho foi o melhor tocador de berimbáu que a Bahia teve. Quando tocava, tocava de olho fechado, balançando a cabeça para que cada uma das orelhas pe-

A capoeira de Angola, praticada entre os trabalhadores das Docas na Bahia, é uma das mais extraordinárias contribuições africanas ao nosso folclore. Esta modalidade de capoeira reúne predicados de "ballet", religião e luta. Os negros emprestam-na um profundo sentido expressivo e místico



Fotos de ALICE BRILL

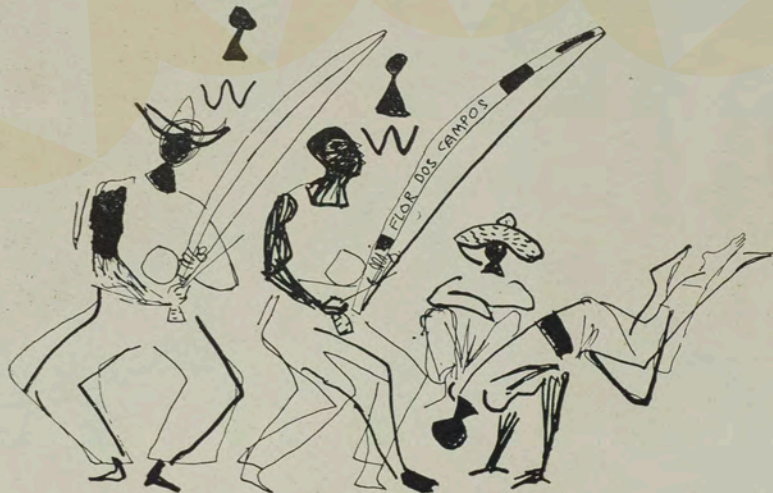


Preparação para a luta, vendo-se em segundo plano os tocadores de berimbáu



Estes são os assim chamados "mestres da capoeira". Neste grupo estão: Mestre Valdemar, Bugalho (o segundo a esquerda) e Cabelo Bom. São personagens respeitadíssimos entre os capoeiristas, não só durante o "jogo", mas também como tocadores de berimbáu, o instrumento que um deles tem na mão

Bugalho, um dos "mestres" da capoeira na Bahia. A sua alucinação inspirou este artigo



O berimbáu é um instrumento indispensável na capoeira de Angola. Trata-se, sem dúvida, de um instrumento muito simples, originário do arco e da flexa. Este produz, batendo-se contra a corda de aço, o som que se transmite a uma cabaça que faz as vezes de uma caixa de ressonância. O berimbáu permite uma escala sonora, mediante a compreensão da corda por uma moeda de bronze (desenho de Carybé)

gasse o som em cheio. A cara escura iluminava-se de um sorriso místico enfeitado de dentes ruins. Agora, está fraco de juízo. Diz que foi "bozó" que botaram nêle. Vê gente nos tetos das casas, ouve vozes e cospe cabelos que lhe crescem na boca, sem parar. São vozes do vento.

No telhado das igrejas vê capoeiristas antigos pedindo para êle tocar. Êle não pode por causa dos cabelos que nascem pela boca. No seu desespero abre tanto a boca que a cabeça vira cabaça e joga no mundo um berro que faz os morcegos que moram no sino, tocar a última melodia do capoeirista.

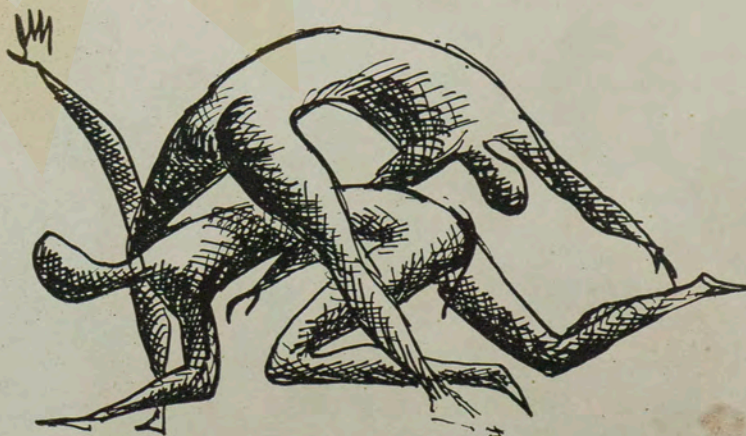
Quando Bugalho descia solitário, naquele anoitecer, a ladeira do Pelourinho, pensei mais uma vez que o som do berimbáu é como a voz da ventania que provoca alucinações na natureza. Pensei também que a capoeira é um tufão que nasce na alma primitiva. É como se a luta entre São Jorge e o dragão fôsse, dentro de nós, mais terrivelmente violenta.

A alma do capoeirista é assim. Quando êle enlouquece, ela retorna para seu verdadeiro mundo, o mundo que lhe está mais próximo, o mundo dos ventos, das nuvens e das tempestades.

BERNARBÓ



A capoeira, desenho de Carybé



Coruja, cobre e metal repoussé



Mario Cravo, o pesquisador

Em matéria de arte o "abstrato" independe da cultura do artista. Nos primitivos encontram-se formas "abstratas" tal como nos modernos.

No Brasil, temos vivido em eterna dependência de moldes importados. Os intelectuais brasileiros, em geral, continuam a ter enraizada na mentalidade a presença do "magister", isto é, do "fenômeno" já encontrado, que poderíamos denominar "fenômeno por imposição". Teimamos em permanecer Brasil-colônia e em não nos libertar da cultura alheia.

Felizmente, nestes últimos anos começou a surgir uma minoria de artistas estudiosos, que vem tentando pôr em relevo o que chamaremos o "fenômeno nacional" de povo que, automaticamente, gera por interpretação própria, expressões artísticas distintivas individuais do País.

O artista nacional, porém, ainda se acha atraído e deixa-se seduzir pelas "escolas novas", orientadas no estrangeiro sob várias denominações com desinência em "ismo"... Deixou-se infiltrar por essas "novidades", tal como as senhoras da alta-sociedade adotam, sem restrições, os últimos modelos de costureiros parisienses. É de crer, que o Brasil já iniciou, em pleno, a jornada espiritual de sua personalidade com marcas características dentro da história da civilização.

Cumpramos nossos artistas e todos nossos pensadores a fixarem suas vistas e estudos sobre os interessantíssimos fenômenos e problemas genuinamente nacionais.

Diremos, por exemplo, que os caracteres dominantes na pintura ou na escultura mexicana, têm particularidades nitidamente mexicanas e não austríacas. Deparamos casos idênticos em todos os povos de cultura sedimentada e independente. O fato provém da ancestralidade de civilização estratificada através profundo conhecimento dos problemas miméticos expressos pelo artista.

O brasileiro, em geral, desconhece as expressões que, realmente, poderiam representar uma força dentro do mundo da arte. Quase nada sabemos a respeito das puras demonstrações de arte dos nossos

antepassados e de nosso homem do povo. Nossas reservas herdadas só agora estão chegando ao conhecimento dos artistas, embora que ainda de modo fragmentário e superficial. Não deve ser o aspecto externo do objeto que nos fale do conteúdo espiritual desse mesmo objeto.

O aspecto arcaico da cerâmica nacional, particularmente, por exemplo, da cerâmica empregada sob forma de ex-voto no Estado de Sergipe, dá-nos a noção nítida de quão grande é o manancial que possuímos de reserva de primitivos. Acha-se aí cabeças em terra-cota que revelam tanta força e vigor quanto as da escultura etrusca primitiva. Dispomos, portanto, do elemento formal primário, ou seja de escultura coexistente ao homem e ao meio que a gerou.

A par dos fenômenos que acabamos de citar existem outros tão importantes como esses: — a cerâmica do recôncavo baiano e ainda o entalhe arcaico dos Santos da Bahia, assim como as cabeças de proa dos barcos do São Francisco e os ex-votos de madeira encontrados em Pernambuco, etc., etc..

É indispensável que a nova geração de artistas brasileiros tome em consideração não só os benefícios que nos traz o espírito de vanguarda de outros povos. Carecemos, antes de mais nada, de um melhor conhecimento das causas e efeitos da produção artística já sedimentada em nosso ambiente.

Os adeptos do abstracionismo usam, continuamente, uma terminologia com visos do universalismo — base de suas especulações. Ora, toda arte é universal e — é óbvio — para ser universal, tem de ser, precipuamente, local.

Entre nossos artistas nacionais, Mario Cravo destaca-se como dos que melhor souberam compreender essas verdades, ou seja o fato de que nada pode ser universal ou internacional sem que, em primeiro lugar, tenha sido regional ou local. Assim, no ingente trabalho de pesquisa a que se dedicou, Mario Cravo obriga-nos a colocá-lo em lugar de honra e primacial, por ter sabido trilhar o caminho ao longo do qual outros deverão acompanhá-lo.

A cópia de um ex-voto, ou de uma caranca de barco do rio São Francisco, não passará, apenas, de uma utilização acadêmica de objeto como tema. Esses trabalhos têm, de fato, real valor quando — desprezado o aspecto externo — penetramos e inquerimos a inspiração do autor e as cogitações que regeram intimamente o trabalho de arte primitiva.

O "primitivo" é o trabalho de arte pura e desprestenciosa; é, sem dúvida, o ponto de partida para as diversas etapas que se sucederam no futuro.

Quando falamos das esculturas de Fídias ou Praxiteles, não devemos esquecer de que estes escultores marcaram o período máximo de uma civilização, mas que foram obreiros e artesãos que, anteriormente, no desenrolar dos tempos, lhes forneceram gradativamente os elementos para a ascensão à fase áurea ou clássica.

No Brasil estamos no limiar de um futuro promissor dentro do cenário internacional da arte; porém, embora na época do pioneirismo, já contamos com poderosos elementos de sedimentação para nossa arte. Entretanto, não nos parece prescindível o contato com a arte alienígena, desde que não nos tornemos submissos a seus moldes.

Refletamos no fato de termos de entrar em competição artística com outros povos. Entretanto, isto não nos impõe a abdicação da arte que nos é peculiar.

O advento da linguagem modernista no Brasil foi, infelizmente, mal aproveitado, porque a valorização da temática popular — foi um aproveitamento externo do fenômeno — deu-se em favor do fenômeno externo. Esse aproveitamento que surgiu com o modernismo no Brasil, restringiu-se no campo documentário.

Na Europa, quando Picasso utilizou como tema a escultura africana, apenas concretizou uma das fases destas. Fez, nada mais nada menos, do que o aproveitamento do aspecto ou forma dos objetos que encontrou. Na verdadeira arte é imprescindível uma ambientação do objeto, projetando-o ao meio, ao fator humano e à sua civilização.

ROSY FRONTINI DE BORBA

Foi Medardo Rosso que um dia, desobedecendo a todos os regulamentos, entrou num museu com um seu trabalho na mão e colocou-o entre as obras de outras épocas e outros autores, para ver como ficava. Lembramos disso pensando com que prazer Mario Cravo deve ter tirado do caminhão esta estátua para colocá-la no jardim e ver como ficava. E aí ficou tão bem que, pensamos, as autoridades não devem ter gostado



A lembrança do pássaro de Brancusi surge num jovem brasileiro juntamente com outros pensamentos e caracteres formais, para criar outras pesquisas. Mario Cravo, sempre ansioso de encontrar um novo e grande caminho ou uma pequena senda, quiz colher uma flor no jardim infinito da arte e oferecê-la em homenagem ao agora solitário escultor rumeno



Peças de cerâmica popular, ex-votos e peças de escultura religiosa da coleção de Mário Cravo Junior

Nas páginas desta revista tentamos, inúmeras vezes, chamar a atenção sobre a importância das coleções e dos colecionadores. E, dentre estes, está uma das mais curiosas modalidades de colecionadores: o colecionador de ex-votos. Mario Cravo Junior, jovem escultor bahiano que nos forneceu os elementos para esta reportagem, faz questão de salientar que a condição de colecionadores de ex-votos exige, além de amor pelas coisas da arte e o prazer da forma, agudo espírito de aventura, resistência física e até coragem. Embora muitas pessoas possuam ex-votos, poucos são aqueles que se permitem dar uma busca no Sertão, onde existem os melhores exemplares. A maioria prefere, através de uma simples sugestão, receber o ex-voto como presente de amigo. A coleção que Mario Cravo Júnior conseguiu formar no seu "atelier", além de constituir um belo conjunto de real valor artístico, muito tem concorrido para aprimorar as suas qualidades de escultor que enriquece a própria sensibilidade e a sua técnica no trato com as manifestações espontâneas da alma popular

Os ladrões de ex-votos

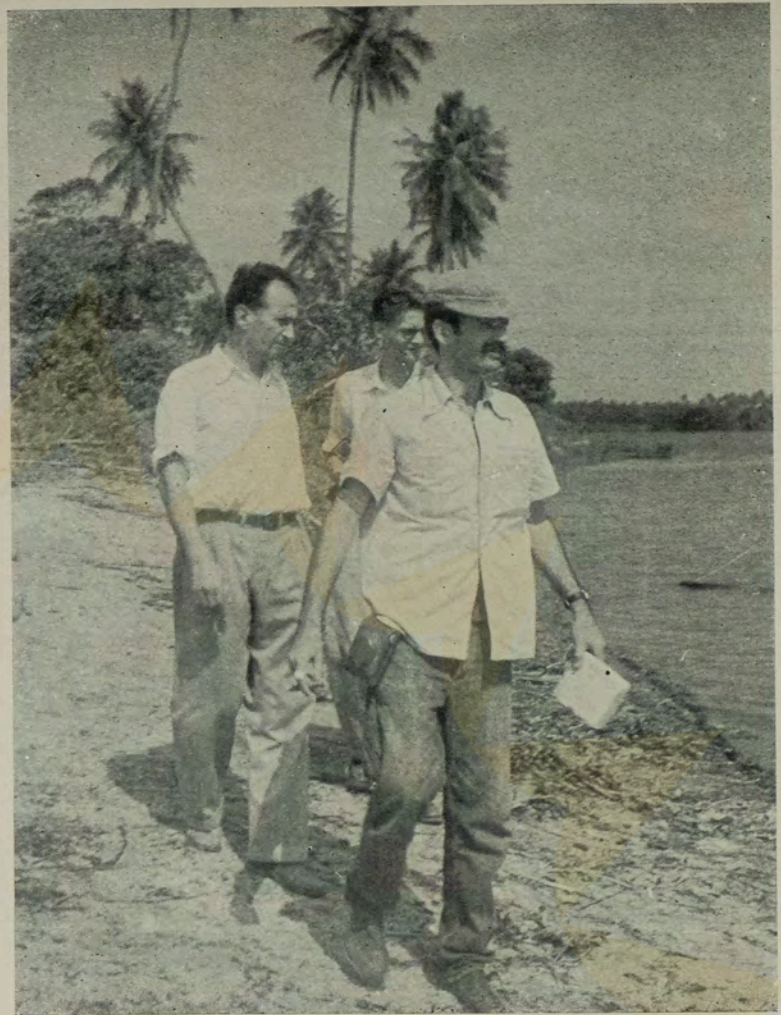
É na paisagem árida, descrita por Euclides da Cunha, no seu "Os Sertões" que iremos encontrar, junto aos cruzeiros abandonados nas caatingas ou nas capelinhas encarapitadas no alto dos morros, verdadeiras peças de arte. São os ex-votos de madeira. Esculturas da melhor qualidade plástica, muitos desses ex-votos foram selecionados pelos nossos artistas modernos, servindo de inspiração e estudo para as suas obras. Não raro, encontramos entre esses ex-votos de madeiras, obras de grande dignidade que em nada se diminuiriam e ao lado estivessem de trabalhos de Picasso, Modigliani ou Marino Marini. Felizmente, de algum tempo para cá, o ex-voto — principalmente o do Nordeste — vem merecendo melhor atenção daqueles que se ocupam da arte no Brasil. Luis Saia, a respeito, já publicou um trabalho. Abelardo e Augusto Rodrigues já recolheram uma série de exemplares bastante expressivos que foram expostos em 1948, no Museu de Arte.

O próprio Augusto chegou a traçar um mapa, apontando as principais localidades onde encontrou seus ex-votos. Entre outros colecionadores de ex-votos está o muralista e ilustrador Lula Cardoso Aires que atribue ao seu velho pai a façanha de furtar ex-votos. Sim, porque na realidade, amparando o colecionador de ex-votos está sempre uma espécie de ladrão-romântico. O ex-voto não se compra, nem se ganha: rouba-se e com grande risco. Poucos podem imaginar, diante da coleção que exhibe o escultor Mario Cravo, quantas aventuras, quantas peripécias inconfessáveis custou aquele amontoado de esculturas. Basta dizer que uma excursão, em busca de ex-votos, partindo-se de São Salvador, leva, pelo menos, de 8 a 10 dias de viagem ininterrupta, num "jeep". Começa pela madrugada, atravessando as estradinhas que vão para o Sertão e depois continua por lugares sem estrada mesmo. Segundo os conhecedores, as melhores "jazidas" são encontradas no in-

terior da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. É uma aventura com pouca comida, pouco banho e muito sacrifício, entre espinhos de cactus, cobras venenosas e também a recepção pouco acolhedora dos moradores dessas regiões. Um "ladrão" de ex-votos está ameaçado constantemente pelos moradores desses lugarejos. Pode levar pauladas, facadas e — porque não dizer! — tiros. Mas, além da possibilidade de encontrar maravilhosos exemplares de ex-votos, esses artistas aventureiros como Augusto Rodrigues, Cravo e Carybé, penetram no mundo fantástico das caatingas e entram em contato com os descendentes dos heróis de Canudos. As caravanas em busca dos ex-votos, custam dinheiro e perigo, inclusive o de ficarem abandonados nas regiões desertas e secas. Todo esse esforço é para recuperar alguns exemplares da nossa arte popular que pelo comodismo da maioria estavam condenados ao esquecimento.

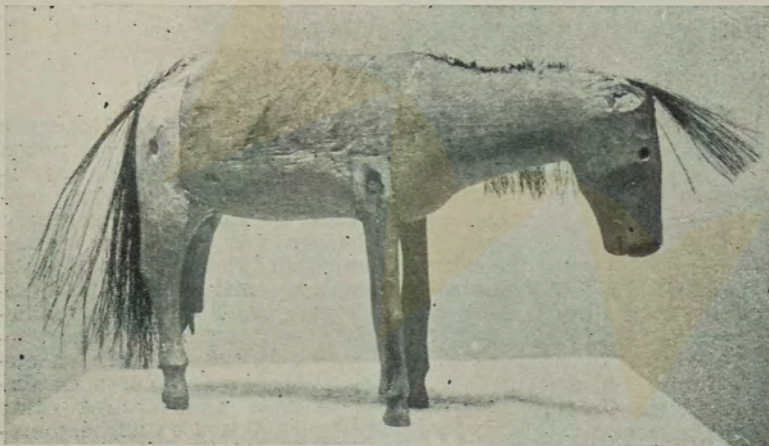


Ex-votos bahianos, Monte Santo, madeira de Umburana



O mestre e seus discípulos

Ex-votos do sertão bahiano, em madeira de Umburana



Ex-voto pernambucano, Garanhuns,





Ex-votos bahianos



Feira de Caruarú, Cerâmica popular



Mario Cravo trabalhando em seu estúdio



Seleção de ex-votos de várias regiões nordestinas



Ex-voto em pau d'alho

Ex-votos de Pita



Ex-voto, Angelin



Ex-voto, madeira policromada, M. Santo



Ex-voto, madeira Umburana, Tucano



Ex-voto, mad. policromada, Pernambuco



Ex-voto, madeira de Angico, Sergipe



Família



Detalhe da cena da Mãe

Bandeirantes

Achamos supérfluo apresentar uma vista do conjunto do monumento que São Paulo dedicou aos bandeirantes, executado pelo escultor Victor Brecheret que trabalhou durante 30 anos recebendo em média, conforme sua declaração aos jornalistas, uma recompensa de Cr\$ 600,00 por mês; achamo-lo superfluo porque todos já conhecem a obra, enquanto se nos afigura oportuno dar uma série de detalhes. Mesmo porque dêsse bloco de granito, são os detalhes que preferimos, aquelas cabeças nas quais o escultor trabalhou com maior amor e cuidado. Todos sabem que é difícil dominar na escultura figuras de proporção mastodôntica: todos os colossos, desde os gregos até a estátua da Liberdade, carecem de relação com uma plástica que caiba na mente e na mão de um artifice. A grande escultura grega é de três quartos do tamanho natural. O próprio fato de terem os colossos desaparecidos da face da terra, significa que são algo de desumano, de desproporcionado. No entanto, em São Paulo, o colossal encontra aceitação, tanto, que para provar isso,

atrás do enorme barco dos bandeirantes, surge agora uma espécie de obelisco pesado que espreitará os edifícios do Parque Ibirapuera. Essa zona nasceu infeliz. Voltando porém à escultura de Brecheret, não podemos deixar de publicar nesta revista algumas cabeças e composições que, do ponto de vista de escultura de efeito, possuem seu valor. Pensamos que, entre os bandeirantes de barba comprida e de chapéu enfeitado e essas cabeças de atletas com pescoço de lutadores, exista uma terceira figura, a figura do corajoso desbravador de matas, mais chegada à realidade histórica e também à realidade da arte: é o bandeirante como nós o imaginamos, simples de costumes, que não tem nada de retórico, usando sua espada ou puxando os barcos de granito; uma figura, digamos, criada por nossa fantasia, que talvez se origine nos textos escolares ou nos desenhos de algum ilustrador. Em outras palavras, o verdadeiro bandeirante que, tendo ocasião de falar nêsse personagem, queremos saudar como paulistas de 1953.

DETALHES DO MONUMENTO AS
BANDEIRAS DE V. BRECHERET



O olhar para o futuro



Cabeças do conjunto



O bandeirante olha para São Paulo



As tres barbas

Variedades curiosas de cactus



Metamorfose e escultura de plantas

Na maioria das exposições coletivas realizadas em São Paulo e no Rio, Walter Lewy se apresenta como o único surrealista do Brasil. Diziam mesmo que era o nosso Salvador Dali ou o nosso Yves Tanguy residente em Vila Galvão. Realmente, ele vive retirado da cidade, sonhando, num jardim — talvez o jardim menos acolhedor de São Paulo — o jardim dos cactus. É uma paixão importada da Alemanha, da Alemanha de antes da guerra. Foi de lá que o artista trouxe a pintura estranha e a mania dos cactus. Mas, só agora, as duas coisas se entrosaram. A sua pintura, caminhando em direção ao abstracionismo, encontra as formas curiosas na anatomia fantástica de milhares de espécies de cactus. Devemos confessar a nossa perplexidade em tentar descobrir o motivo dessa paixão. Não se pode, naturalmente, falar de amor por essas plantas, ou pelo menos, daquele amor virgiliano, impregnado da poesia bucólica que tanto inspirou os pintores românticos. Walter Lewy não procura a nostalgia dos jardins: prefere o fanatismo do deserto. Em vez de humos, ele quer areia; em vez da terra fofa, a pedra seca; em vez da água, o sol impietoso: é isso que deseja. Surpreendemo-lo cuidando do seu “jardim”. Visto de longe, parecia um poeta despreocupado. Visto de perto, era um cirurgião atento. Manejava escámulas, bisturis e pinças. Caminhava agilmente entre os cactus, mas de vez em quando extraía um espinho da própria carne. Apontava-nos cada espécie, dizendo: “esta imita a pedra, esta imita animais, esta é uma anomalia.” Observando a sua pintura, o ambiente em que vive, sentimos então que Walter Lewy alimentava o gosto pela metamorfose, pela decomposição das formas num mundo despovoado. Mesmo na maneira de cuidar do seu “jardim” Walter Lewy continua sendo um surrealista.

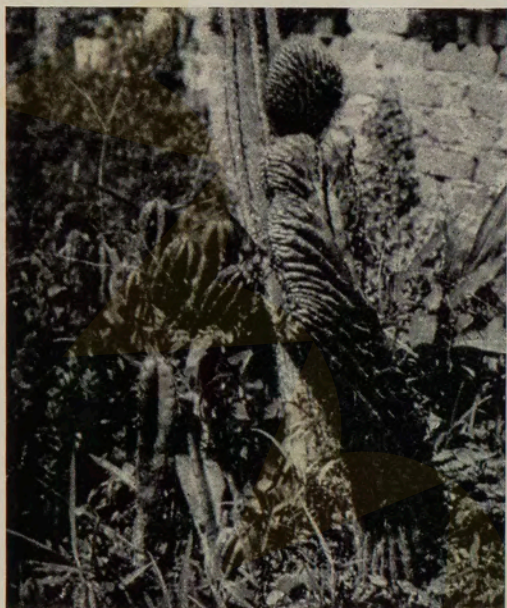


Os cactus nascem talvez como verdadeiras, enormes lagartas

O pintor Lewy mostra ao reporter suas telas na galeria natural: o jardim de cactus cujas linhas são bem semelhantes às linhas abstratas



O pintor se inspira nas formas de suas plantas: mais uma vez a arte abstrata acaba na natureza



Plantas mais cuidadas num recanto da estufa

A escultora Sonja Ebling

A escultura que, ao que parece, está oscilando entre monumentos de 70 metros e "bibelots" a serem colocados sobre os pianos, tem também seus partidários sérios que a essa arte se dedicam com convicção e amor. Não é fácil formar escultores. Todos sabem que o grande número de pintores origina-se unicamente na simplicidade dos meios necessários para pintar uma tela; por outro lado é sabido que o número de poetas é cem vezes superior ao dos pintores, pois os meios práticos para compôr versos, circunscrevem-se a uma pena ou um lapis.

No entanto, para fazer uma forma de barro ou de massa, é mais custoso, mais incômodo, requerendo verdadeiro amor e dedicação: porisso que nosso número de escultores é sempre limitado. No Brasil, aliás, este número é reduzido ao mínimo e muitos reputam-se escultores somente por fazerem estátuas de cemitérios.

De vez em quando apresenta-se a oportunidade de encontrar um escultor, e em geral descobrimo-lo no campo feminino, embora isto pareça um absurdo, pois a história da arte sempre registrou poucas escultoras. Mas a mulher está assumindo sempre maiores atividades e não é difícil imaginar que dentro em breve as mulheres participarão largamente das manifestações artísticas.

Eis uma jovem escultora de Porto Alegre, Sonja Ebling: acreditamos seja uma autodidata, e o autodidatismo, nesses casos, devido à falta de professores, é um bom fator. A cultura plástica de Sonja tem suas raízes nas deformações introduzidas por Lipschitz. Todavia, essas estátuas deformadas são o que menos nos agrada de seu trabalho: registramo-as no entanto para notar, de um ponto de vista de crônica, todos os acontecimentos artísticos do Brasil. Há vinte anos, também Tarsila do Amaral deixava-se convencer por essas deformações, em pintura. Gostamos, pelo contrário, do "Nú deitado", com um pé apoiado sobre a outra perna. É uma estátua que faz lembrar as "Pisane" de Arturo Martini, bem modelada e de boa composição. A escultura que publicamos aqui ao lado, das duas jovens, é também convincente, e contribue a apreciar as qualidades dessa jovem que esperamos julgar, dum ponto de vista crítico, em ocasião duma mostra ou apresentação pública, dum grupo de trabalhos. Por enquanto, queremos enviar os votos de *Habitat*.



Sonja Ebling, *Escultura*, 1951



O retrato da artista Sonja Ebling, perto de uma estatua que foi exposta no Salão de Arte Moderna, no Rio, em 1952



Sonja Ebling, Nú deitado



Sonja Ebling, Nú deitado



Sonja Ebling, Nú sentado

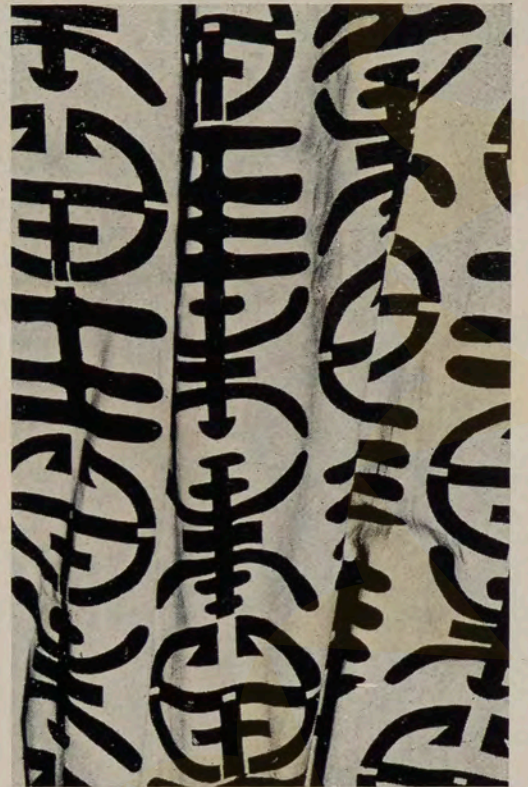


Carajá



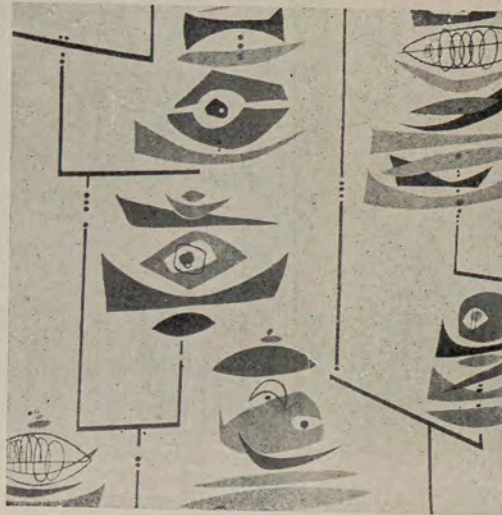
Candomblé

Marajó



Tijolos

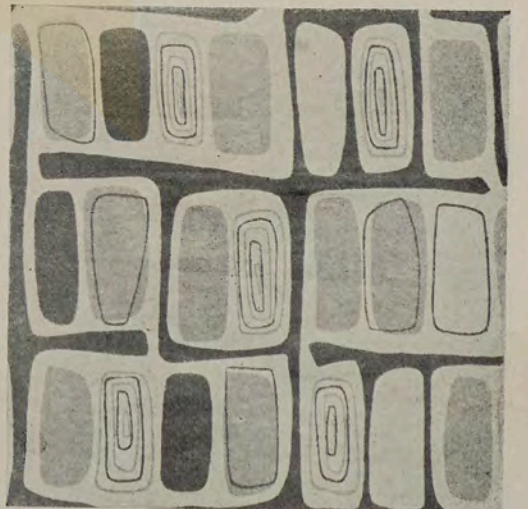
Matic



Bahia



Grades

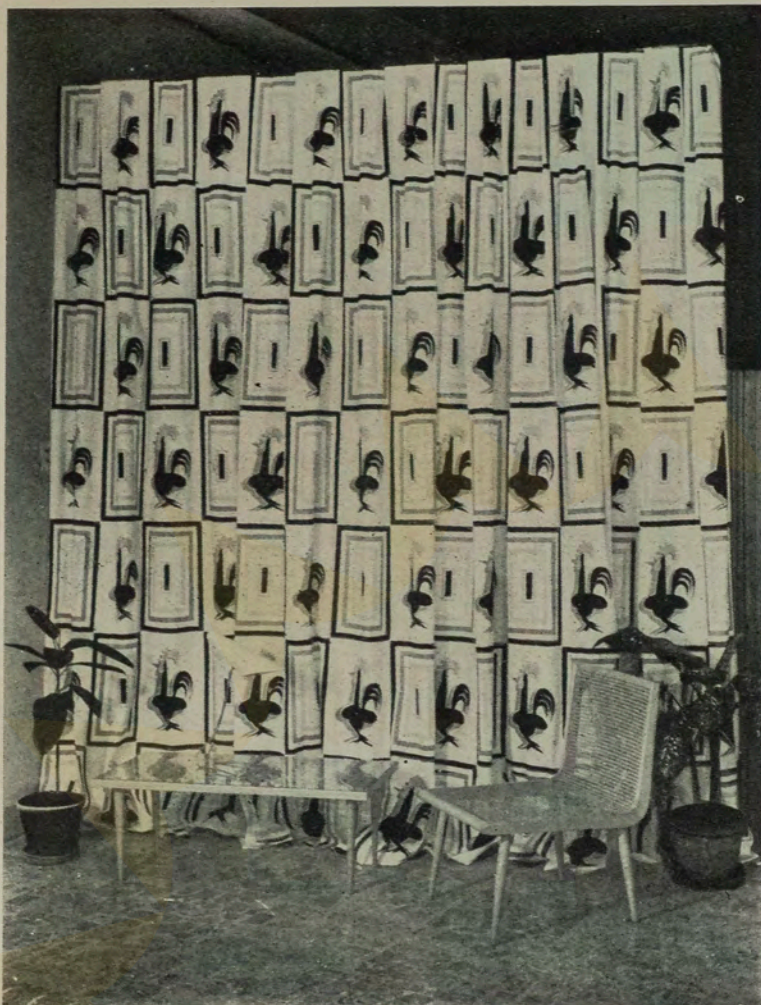


Floresta



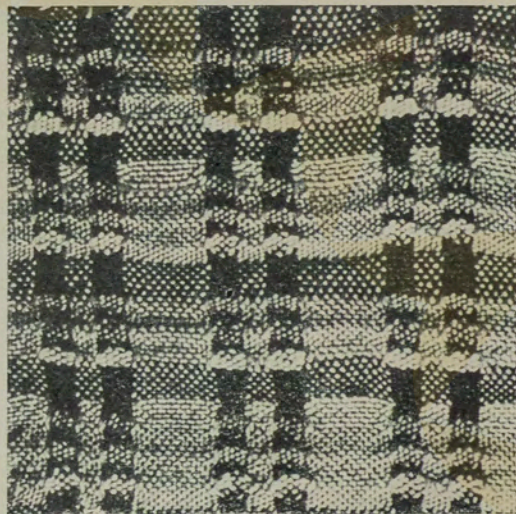
Tecidos decorativos

A indústria de tecidos para decorações está tendo um grande impulso. Pode-se dizer que todo ano a situação melhora, pois novos artistas vem enriquecer esse setor, esquecido até há poucos anos atrás. O que achamos mais interessante é o fato de muitos artistas descobrirem a riqueza de inspiração do nosso país. O folclore brasileiro com sua extraordinária quantidade de formas e cores, motiva inúmeros desenhos para tecidos, dos mais bonitos que se possam imaginar. Depois do exemplo de Roberto Burle Marx, eis outro jovem que, após completado seus estudos na Parsons School, preparou uma série de desenhos em que os elementos índios e afro-brasileiros são desfrutados e interpretados em belas sínteses formais e colorísticas que encontram a melhor aceitação. Essas iniciativas no campo dos tecidos decorativos devem servir de exemplo aos industriais de outros tecidos que repetem banalmente motivos velhos e estereotipados da indústria de Paris.

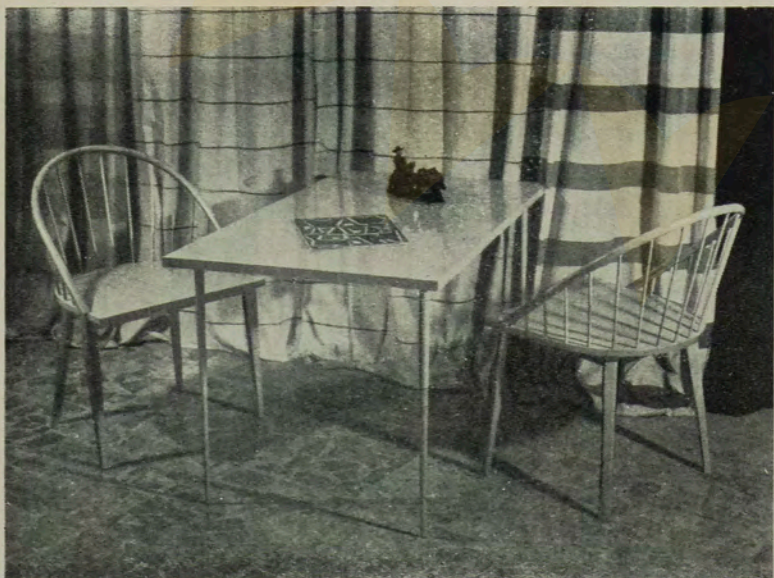


Mesa de pau marfim, tampa em xadrez vasado, com lâmina de cristal em cima, embutida. Poltrona de pau marfim, assento e encosto em palhinha. Tecido estampado de algodão, desenho e combinação de cores de Joaquim Tenreiro

Tecido de Clara Hartoch, professora do curso de Tecelagem do Museu de Arte



Eis outra demonstração do que estamos dizendo na página adiante: o extraordinário impulso que vêm recebendo os tecidos decorativos para cortinas e móveis, na cidade de São Paulo, graças à proveitosa atividade dos desenhistas que querem renovar esse campo, e dos industriais que afinal perceberam que os tempos estão tomando novos rumos



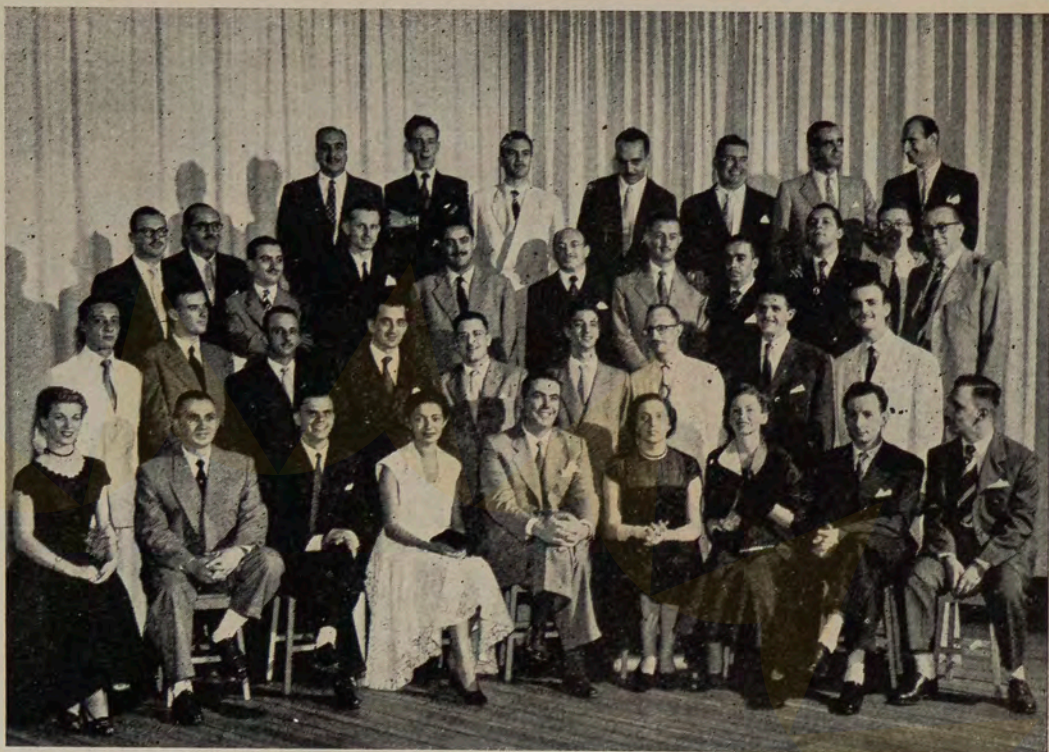
Mesa para pequenas refeições, tampa revestida de Formica inclusive testas, pés de ferro pintados, cadeiras em pau marfim massiço, desenho de Joaquim Tenreiro. Fundo: tecidos de algodão, composição Tenreiro, execução de Ana Maria

1

2

3

4



Primeira fila: Do alto, sempre da esquerda para a direita: Antonio Lacerda Pinto — Ayrton Erhardt Santos — José S. Siqueira — Casimiro Pinto Neto — Wilson Ruivo de Souza — Saulo Guimarães e Geraldo Wilda (os dois últimos, professores).

Segunda fila: Helcio Orlandi Artacho — José Caruso Neto — Otavio Mariot Focques — Giese Gottwalt Hubner — Diogo Gonçalves Marques — Joaquim Brunini — José Ancrieta Falleiros — Antonio Souto Queiroz — Mucio de Paula Teixeira — Geraldo Santos (professor) — Manuel José Anido.

Terceira fila: Edmilson Viana Moura — Alfredo Behrens — José Martins de Barros — Francisco Alberto Labate — Alcino Ribeiro Mello — José Affonso Corrêa Neto — José Maria de Freitas — Angelo Broetto — Samir Razuk.

Quarta fila: Terezinha de Freitas Nuzzi (Secretária) — Euclides Carezzato — João Azevedo Silva — Leila Coury — Rodolfo Lima Martensen (Diretor) — Sílvia de Salles Jatobá — Eva Peiser — Angelo Arthur de Miranda Fontana — Cícero Jesus Corrêa Silveira

A primeira turma da Escola de Propaganda

Rodolfo Lima Martensen deixou recentemente o Brasil para uma longa viagem de estudo e aperfeiçoamento no campo da propaganda. Visitará especialmente a Inglaterra onde tem contactos com a Lever, sendo ele diretor da filial de São Paulo. Foi para nós uma emoção ver sair nosso amigo Rodolfo, embora por uma viagem de só seis meses; e isto por muitas razões. Antes de viajar, Rodolfo Lima Martensen, com seu espírito, capacidade e humor, suas qualidades naturais, assistiu à cerimônia de formatura da Escola de Propaganda do Museu de Arte de São Paulo, escola essa que foi por ele organizada e dirigida com métodos que se nos afiguram os melhores numa escola no Brasil, e que alcançou um grau de desenvolvimento excepcional. Em seu discurso, Rodolfo Lima Martensen traçou um plano de trabalho para a escola, frisando a necessidade de autonomia da mentalidade publicitária brasileira, em que se encontram ainda influências visíveis norte-americanas e européias.

No entanto, não recordamos a viagem de Rodolfo Lima Martensen somente pelas palavras proferidas em seu discurso, mas vendo um profissional de fama como ele é, conhecedor perfeito de todos os elementos que concorrem para a sua difícil atividade, uma pessoa que sabe deduzir numa profissão como aquela do reclame, consequências, idéias, perspectivas absolutamente morais, quase que uma filosofia da propaganda; ver uma pessoa dessa altura, dizíamos, partir numa viagem de contactos e estudos, é algo que entusiasma. Os apressados, aqueles que aspiram a coisa improvisada, aqueles que procuram obter um diploma somente para ostentá-lo durante a vida toda, que procurem compreender o significado do que estamos comentando.

O Museu de Arte de São Paulo deseja a seu colaborador e amigo desinteressado, uma bela e proveitosa estadia no velho continente.



Rodolfo Lima Martensen, diretor da Escola de Propaganda do Museu de Arte de São Paulo

TEATRO

Uma experiência social e estética

Quando assisti em Lima, à representação de "O Imperador Jones" de O'Neill, por um branco pintado de negro, compreendi imediatamente que o Teatro seria o caminho ideal para o trabalho de valorizar a gente de cor. Em companhia dos poetas Efraim Tomás Bó, Gofredo Tito Iomi, Juan Rual Young, argentinos, e o brasileiro Napoleão Lopes Filho, ainda na capital do Peru, tracei os planos da fundação do Teatro Experimental do Negro que só alguns anos mais tarde — 1944 — se tornaria realidade. Desde o lançamento das bases do T. E. N., ficaram explicitos seus dois objetivos essenciais: um social e outro artístico. No próximo ano transcorrem assim, os primeiros dez anos de existência do Teatro Experimental do Negro. Qual foi a evolução do empreendimento? Quais os resultados obtidos?

O Teatro Experimental do Negro constituiu-se, através desses anos de atividades, em matriz de iniciativas e estudos que objetivam, de um lado, acelerar a integração de homens de cor na sociedade brasileira e, de outro lado, examinar o nosso problema do negro à luz de uma sociologia militante que supere os vícios do academismo e indique rumos e soluções práticas. Para isso o T. E. N. patrocinou e convocou uma Conferência Nacional do Negro e o I.º Congresso do Negro Brasileiro, onde os próprios homens de cor, ao lado de estudiosos brancos, discutiram seus problemas frontalmente, superando a fase dos congressos afro-brasileiros onde ele, o negro, era estudado como uma espécie de fóssil ou múmia cultural, ou quando menos de um ponto de vista puramente descritivo — literário, antropológico, etnográfico, etc. O Teatro Experimental do Negro inaugurou em nosso país uma nova fase nos estudos sobre o negro, partindo dessa verdade histórica elementar: o negro deixou a senzala completamente despreparado para a vida livre de cidadão. Não tinha preparo psicológico, nem econômico, nem profissional, e ainda menos cultural. A visão romântica ou idealística dos governos republicanos responde pelo abandono de toda uma população que adquiria uma liberdade jurídica quando, completamente analfabeta, carecia das mais primárias condições para o exercício dos direitos e obrigações da vida livre. O inegável avanço que significa o 13 de maio de 1888, foi mais simbólico do que prático, e as elites brasileiras não souberam ou não quiseram compreender a responsabilidade que lhes tocava na solução de todo um complexo psicológico-social elaborado durante cerca de quatro séculos de dominação do branco sobre o negro. Preferiram a solução do avestruz: enterraram a cabeça na areia e ignoraram a questão negra. "No Brasil não há preconceito de cor e nem problema do negro", foi o "slogan" manipulado para tranquilizar a consciência nacional e que serviu

"Aruanda" abre novo ciclo na literatura dramática brasileira. Joaquim Ribeiro compôs esse drama inspirado nas crenças afro-brasileiras. Na foto, Zeni Pereira e Ruth de Souza



"O Imperador Jones" de Eugene O'Neill foi apresentado no Rio e agora em São Paulo. Na foto, Abdias Nascimento no papel de Imperador e José Ezio, como Jeff



Entre os colaboradores brancos do T. E. N. figura o fotógrafo José Medeiros que aparece, na foto, no ensaio de "Todos os filhos de Deus têm azas", com Antonio Barbosa, Ilena Teixeira, Abdias Nascimento e Eugene Rosencourt



também para sufocar as tentativas de uns poucos negros esclarecidos nos seus esforços de melhorar as condições de vida da sua gente.

A preliminar da fundação do Teatro Experimental do Negro foi a compreensão de que o processo de libertação da massa dos homens de cor do seu estado de marginalismo social, devia se assentar na educação e na criação de condições sociais e econômicas para que esta educação para a vida livre se efetivasse. Partimos do marco zero: organizamos inicialmente cursos de alfabetização onde operários, empregadas domésticas, pequenos funcionários públicos, etc., se reuniam à noite, depois do trabalho diário, para aprender a ler e escrever. Usando o palco como tática desse processo de educação da gente de cor, nossa experiência coroou-se de pleno êxito. Depois de pouco mais de seis meses de aulas, sob a orientação eficiente do professor Ironides Rodrigues, em salas cedidas pela União Nacional de Estudantes, no Rio de Janeiro, vários elementos estavam em condições de pisar o palco e representar dramas da responsabilidade de um Eugene O'Neil, por exemplo. Hoje, quando tantos anos nos distanciam daquela jornada inicial, alguns se destacaram tanto na vida artística brasileira — como é o caso de Ruth de Souza e de outros elementos componentes do Teatro Folclórico Brasileiro, atualmente excursionando na Europa — que mal se recordam de que naqueles tempos revesavam o fogão, a vassoura, e um texto dramático. Infelizmente, uma obra dessa envergadura não pode subsistir apenas na base do heroísmo. Necessita ajuda, compreensão, estímulo. Faltou ao Teatro Experimental do Negro a ajuda necessária à manutenção dos seus cursos e êsses, com grande prejuízo para toda uma coletividade, foram fechados. Não tínhamos local para ensaios, um teto que abrigasse as atividades do T. E. N. espalhadas por vários setores. Então realizamos ensaios em plena via pública, ou sob as colunas do Ministério da Educação. Lutando contra a adversidade, mesmo assim conseguimos apresentar as peças de O'Neil "O Imperador Jones", "Todos os filhos de Deus têm azas", "O moleque sonhador", "Onde está marcada a cruz". Representamos "O Filho Pródigo", de Lucio Cardoso, "Filhos de Santo", de José de Moraes Pinho, "Aruanda", de Joaquim Ribeiro, trechos de "Othelo", de Shakespeare, fazendo "Desdemona" a admirável Cacilda Becker, recitais de Castro Alves e Cruz e Souza, e ainda um espetáculo dançado e cantado inspirado em temas populares e folclóricos, intitulado "Rapsódia Negra". Aliás, já que citamos Cacilda, é justo destacar o nome de outros que contribuíram para as nossas realizações, como Luíza Barreto Leite, Sady Cabral, Wolf Harnisch Jr., Paschoal Carlos Magno, José Medeiros, Santa Rosa, Enrico



Lea Garcia, um dos novos valores lançados pelo T. E. N. na sequência de "Navio Negroiro" de Castro Alves

A segunda produção do T. E. N., "Todos os filhos de Deus têm azas". Na cena. Ruth de Souza, Marina Gonçalves, Abdias Nascimento e Ilene Teixeira





Rosa Mulata é a figura central da peça "Aruanda", de Joaquim Ribeiro. Interpretação de Renê



Vários artistas brancos têm participado dos espetáculos montados pelo T. E. N. Na foto, um exemplo expressivo: Abdias Nascimento e Cacilda Becker, como Desdemonha, em "Othelo"



Agostinha Reis hoje está na Europa, com o Teatro Folclórico Brasileiro. Foi lançada pelo T. E. N. na peça "Aruanda", como uma das filhas do Santo

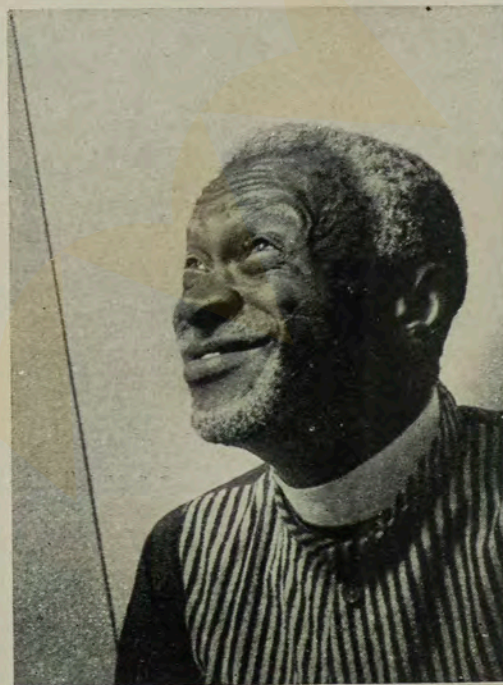
Bianco, Augusto Frederico Schmidt, Clovis Graciano, Andrade Murici, Aldo Galvet, e muitos outros. Do apoio vindo do estrangeiro, sobressaem o de Eugene O'Neil e de Albert Camus, ambos abrindo mão dos direitos autorais de "O Imperador Jones" e "Calígula", e solidarizando-se incondicionalmente com os propósitos do T. E. N. Desde sua fundação, o Teatro Experimental do Negro tem se preocupado com a elevação do nível dramático e intelectual dos espetáculos teatrais brasileiros. Daí o cuidado na escolha do seu repertório. Mas acima de tudo, o T. E. N. preocupa-se com a criação de uma literatura dramática bem brasileira, inspirando autores no caminho de uma dramaturgia negra. Peças como "Aruanda", "Auto da Noiva", de Rosário Fusco, "Sortilégio", de minha autoria, "O Logro", "Laio se matou", "O cavalo e o santo", todas de Augusto Boal, abre um caminho inédito em nossa literatura dramática, com o aproveitamento dos elementos mágicos das crenças negras, da sua profunda vivência ingênua, em obras teatrais de envergadura dramática. O negro abandona de agora em diante o lugar subalterno que sempre ocupou na cena indígena — papéis de criados, negrinhos levando cascudos, pai João banzeiro — para se tornar herói. Este é realmente um evento da maior importância sociológica e artística.

Entre os intérpretes formados pelo T. E. N., citamos Agrinaldo Camargo, famoso por

sua interpretação de "O Imperador Jones"; Lea Garcia, ainda no início de sua carreira mas já demonstrando um temperamento, uma vocação excepcional para o drama; Claudiano Filho, José Maria Monteiro, Marcílio Faria, Aparecida Rodrigues, Antonio Barbosa, Natalino Dionísio, José Ezio, etc. Além dos cursos de alfabetização já mencionados, o T. E. N. manteve cursos de iniciação cultural, de ballet para adultos e crianças, o Instituto Nacional do Negro, órgão de pesquisas, sob a orientação do professor Guerreiro Ramos; um Seminário de Grupoterapia, com experiências de sociodrama e psicodrama, tendo em vista o melhoramento das relações de classes e entre pretos e brancos, a solução dos problemas individuais típicos do negro brasileiro, a eliminação de tensões emocionais negativas em pessoas e grupos, provenientes da diferença de raça e de cor epidérmica.

Neste momento, o Teatro Experimental do Negro se prepara para inaugurar um novo ciclo no seu desenvolvimento, com a cessão, por parte do Museu de Arte, de salas para funcionamento dos seus cursos e ensaios, e auditório para representações. Estribados na experiência do passado, quando tudo nos faltava, é fácil prever o impulso que significa para os destinos do Teatro Experimental do Negro a mão amiga que ora lhe estende, o Museu de Arte de São Paulo.

ABDIAS NASCIMENTO



Agrinaldo Camargo foi uma das maiores expressões do nosso teatro, entre negro e branco. Aí o vemos na peça "Seremos sempre crianças", de Pascoal Carlos Magno, montado pela Companhia Alma Flora

Propósitos e despropósitos de Lima Barreto

"O Cangaceiro", bom ou mau filme, não pode deixar de ser considerado como aquele que maior público atraiu às suas exibições e que, apesar das manifestações desencontradas da crítica especializada, foi recebido com agrado e premiado em Cannes como o melhor filme de aventura. Quando procuramos Lima Barreto, criador, diretor e intérprete dessa película para ouvi-lo sobre o assunto, obtivemos resultado diverso do visado, porque o entrevistado em lugar de falar do "Cangaceiro" falou de si mesmo...

"Eu sou doutor em cangaço", disse Lima Barreto iniciando a entrevista, "ou melhor, tome nota do que lhes digo: sou o que mais e melhor entende de cangaceiros no Brasil, pois desde quinze anos a esta parte, a minha preocupação e mesmo a minha vida é estudá-los, viajar no nordeste brasileiro, entrevistar folcloristas, colecionar canções e músicas nordestinas e mesmo viver a vida agreste desses bravos homens do norte". Assim procedia Lima Barreto porque acalentava há muitos anos a vontade de fazer um filme como o "Cangaceiro". Logo que passou a ser membro da equipe da Empresa Produtora Cinematográfica Vera Cruz, em 1950, manifestou, aí, essa idéia que foi, segundo suas próprias palavras, "repelida por ser considerada violenta..."

Sem esmorecer a sua pretensão, empenhou-se na realização de películas de curta metragem. Em Cataguases, Minas Gerais, filmou, sozinho, o "Painel", documentário sobre arte (baseado num painel de Portinari). Ainda sozinho, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, realiza outro documentário que no "XII Festival de Veneza," na seção de "Filmes sobre arte em geral" foi julgado o melhor dentre os 81 exibidos. "Santuário", título dessa segunda película, encorajou os irmãos Zampari e então Lima Barreto teve permissão para concretizar o seu sonho: fazer o filme sobre o Cangaço. Começa, então, a colher e dispor o material que coordenado daria como resultado a película, projetada há pouco nos cinemas desta Capital. Chama para auxiliá-lo aqueles que posteriormente formariam a equipe. Convida, por exemplo, Caribé, pintor e desenhista argentino radicado na Bahia e considerado um dos maiores conhecedores de indumentaria e costumes do nordeste brasileiro, que se encarrega da decoração de ambientes, criação dos figurinos e desenhos de produção.

A história, escrita pelo próprio diretor, teve origem numa festa familiar. Deixamos que ele mesmo conte aos leitores: "numa festa de aniversário alguns sobrinhos me cercaram e pediram que lhes contasse uma história de 'mocinho'. Nessa ocasião estava muito em voga falar-se do Lampeão. Resolvi, então, inventar uma história de 'mocinho' que se passasse no Nordeste e tendo como personagens os membros do famigerado bando do Capitão Virgolino Ferreira da Silva. As crianças gostaram e eu gostei também da história. Posteriormente, burilei-a e aí está o 'Cangaceiro'. Não passa, assim de uma história de crianças, aliás como todas as histórias".

Os diálogos foram escritos por Rachel de Queiroz.

"Para a escolha dos interpretes", informa o entrevistado, "adotei o critério, diga-

mos, antropométrico, atendendo em seguida às características da capacidade de representação. Se eu fizer novo filme não repetirei essa maneira de escolha, que julgo não ter sido muito feliz, salvo no caso do "Capitão Galdino" ou seja Milton Ribeiro, que foi, sem dúvida o melhor interprete; quanto ao mérito da interpretação feminina, prefiro silenciar e nada dizer."

Os filmes documentários "O Painel" e "Santuário" são, ambos, impregnados de poesia. O seu autor quiz acima de tudo falar, pela imagem, dos sentimentos que sua terra lhe inspirava. No "Cangaceiro", filme que o próprio criador e diretor classifica como documentário, acentua-se esse desesperado amor ao Brasil: mudando, todavia, para a forma épica a poética que anteriormente o seu realizador cultivava. Deixa ele, assim, de ser poeta para ser orador. E como orador, por vezes, usando como força de expressão ou por delírio que a emoção provoca falsas situações, chega às ráias da demagogia.

"Não foi intencional", responde. "Era a primeira vez que eu realizava um filme de enredo e, por isso, fiz concessões, atendendo, principalmente, aos desejos de sua excelência as "Instituições". "Cangaceiro" não é um filme biográfico nem tem história. É um filme episódico. A minha vontade, ao fazê-lo, era apenas e acima de tudo, provar que um caboclo de Casa Branca (interior de São Paulo), sem carteira modelo 19, sem ter atravessado o Atlântico em qualquer sentido, sabia e podia fazer cinema. Portanto, o "Cangaceiro" não passa de uma experiência ou melhor, de uma pesquisa, como aliás têm sido os meus trabalhos anteriores. Eu, como outros cineastas honestos, realizo trabalhos buscando sempre a perfeição, motivo pelo qual não passam meus filmes de pesquisas.

"As concessões que eu fiz foram concientes porque quem vive à serviço do capitalismo, tem de dançar conforme a música. "Cinema puro não teria público porque o público não está preparado para compreendê-lo. Não havendo público, não há financiamento, deixando o filme de ser objeto do interesse comercial. Chamo a atenção, por exemplo, para o filme japonês "Roshamoon" que é quase cinema puro, e se foi exibido no Brasil para um pequeno público, o foi tão somente por tratar-se de uma película premiada e objeto de comentários internacionais de grande repercussão.

"Eu visio, na minha faina de cineasta, em primeiro lugar conquistar o capitalismo para, num fim próximo, realizar cinema puro, que é o meu sonho. Eu desejo revolucionar o cinema mundial para o que já tenho os argumentos e assuntos prontos para iniciar a rodagem, só me faltando dinheiro para a empresa. Cinema não pode ser encarado simplesmente como meio de vida, uma profissão que não exige esforço para se obter êxito, mediocre que seja; há de ser empregados árduos sacrifícios para a colimação do objetivo.

"Desejo fazer um outro "Cangaceiro", diferente do que fiz! Um "Cangaceiro" a minha moda! Antes de tudo será mudo, apenas por questão de ordem técnica. Não há no interior do Brasil aparelhos de projeção perfeitos que possam proporcionar audição tolerável. Quando muito faria mudo apenas acompanhado de mú-

sica que é de mais fácil compreensão nesses péssimos projetores que me referi.

"Como indivíduo sou um neurótico e sou sempre um complexo de inferioridade. Nunca soltei um papagaio ou rodei um pião! E vim pela vida afóra procurando uma oportunidade de me vingar dos meus semelhantes que foram as crianças daquela época! Qual melhor vingança que a de me dedicar a fazer uma coisa que ninguém sabe fazer: cinema! No "Cangaceiro", eu extravasei esse meu complexo de inferioridade (extravasei só) e se não o tivesse feito teria explodido. No outro "Cangaceiro", que eu farei, vou esgotar esse complexo... Um bom psiquiatra (acentuem o "bom") terá visto que o "Cangaceiro" reflete menos o homem que eu sou que o homem que eu gostaria de ser. Que homem é esse? As vezes é o Capitão Galdino com sua tremenda arrogância e brutalidade, outras vezes é o poeta Teodoro que morre por um ideal. Outras vezes, ainda, é o pobre "cabra" que presta um favor ao amigo e por isso é flagelado de forma bárbara e morre arrastado pelo cavalo.

Já é lugar comum dizer-se que a obra reflete o autor e eu como todo mundo tenho uma metade de lobo e outra metade de cordeiro. Se eu mostrasse no filme apenas essa metade, eu não estaria sendo sincero e não teria conseguido arrastar para o cinema e tremenda multidão que arrastei. Se eu mostrasse apenas a fase do lobo, teria realizado um filme mórbido e francamente condenável. Fundindo o lobo e o cordeiro, eu consegui um ritmo harmônico que deu como resultado a retratação de dois tipos distintos que caminhando lado a lado, colimam destinos diversos: "Galdino" e "Teodoro".

É tão difícil ser sincero que quando se é passa-se por besta ou por louco. Eu sou louco, reconheço! E só me distingo dos outros porque sei policiar a minha loucura".

"Qual é seu método de trabalho? — inquiriu Lima e ele mesmo responde: "Não tenho método de trabalho. Entrego o encargo ao meu subconsciente e deixo que ele reaja de forma que lhe aprouver, sugerindo-me a iniciativa que devo tomar no momento.

Entendo que o método é uma função científica ou industrial. O artista não pode ter método. Meditando melhor penso que talvez tenha o artista o "seu método, desde que o produto de sua inteligência apresente um resultado inteligível e agradável."

"De todo o filme que eu fiz contando a história dos nordestinos a melhor cena é a do beijo de Vanja Orico em Alberto Ruschel em "close-up", num grande "close-up". O "beijo de onça" de Maria Clodia em Teodoro... (veja-se Freud)."

Esse primeiro filme seguindo a rotina de outras produções nacionais teve aplausos e críticas. Poucas falaram mal, mas houve alguns que falaram bem mal... Lima Barreto recebeu-as bem, porque "longe estava das minhas cogitações e Deus me livre que eu conseguisse realizar um filme perfeito. Acresce que cada homem é uma sentença. Ora, alguém tinha de condenar para que eu aprendesse. Entendo que o elogio é fácil e não constrói; a censura tem objetivo contrário muitas vezes. Perguntam-me porque não respondo à essas críticas contrárias, que para mim não são contrárias. Respondo assim:



A cena mais dramática do filme "O Cangaceiro": o assalto ao quartel. O filme recebeu o prêmio de aventuras em Cannes

O cineasta não responde à críticas; o cineasta sim."

As perguntas são formuladas ao entrevistado que "negaceia" nas respostas mas continua falando de si...

"Eu sou capaz de fazer um filme diferente e original por dia, durante quarenta anos. Qualquer fato, qualquer reportagem, qualquer incidente, qualquer anedota ou qualquer coisa sugere, sempre, para um cineasta, uma película original e nova. Pretendo realizar o mais breve possível qualquer filme que mais uma vez grite a minha terra com todas as suas belezas e seus defeitos. Farei segundo as tratativas em andamento entretanto, uma outra história de cangaceiros que será mais ou menos como a primeira (não estivesse eu a serviço do Capitalismo!). Realizarei esse filme adotando uma regra que me impôs: todos os meus filmes terão características de documentário. Do documentário puro e simples mudei para documentário de ficção." Para Lima Barreto o cinema nacional não existia antes de seu "O Cangaceiro". Ele, aliás, limita-se a repetir a frase de onde tirou esse ponto de vista, que não sendo sua é de um dos mais abalizados críti-

Desenho de Carybé





O desenho e a realidade

Carybé desenhou centenas de páginas

cos cariócas, encarregado da coluna cinematográfica do "Correio da Manhã": Moniz Viana. Entende Moniz Viana que essa película não é a maior jamais feita no Brasil: é a primeira. Lima Barreto deixa evidente a satisfação que essa frase sobre si, dita por outrem, lhe produz. Não perdem os reporteres a oportunidade e indiscretamente perguntam ao entrevistado se preferia falar de si ou ouvir os outros dele falarem. Uma gargalhada antecede as palavras. A resposta é vaga mas expressiva:

"Quem não gosta de falar de si? Quem não é narcisista? Só não fala de si o hipócrita, porque no fundo todos nós temos dois Deuses: eu e o "outro" (o outro é o Deus de "Todo Mundo"...). Com o o correr dos tempos porém, deixarei de falar de mim porque vocês se encarregarão disto e então estará satisfeita a minha vaidade!...

Extrovertendo-se, Lima Barreto, continua, num delírio: "O Cangaceiro" é o meu primeiro filme de enredo executado materialmente; tenho 40 filmes já realizados na minha cabeça; tenho 44 anos de idade, vou morrer aos 88 anos e espero fazer 44 filmes ainda."

Quem assistiu ao filme "O Cangaceiro" não pôde ter esquecido aquela cena final do tiroteio entre o bando do "Capitão Galadino" e "Teodoro". Há mesmo um quadro que, feito com a intenção de dar maior força dramática, transformou-se numa engraçada paisagem. No meio da fuzilaria é exibido num "grande plano" um dos bandidos com um chapéu de couro na cabeça. Instantes depois que o personagem é mostrado o seu chapéu é furado por uma bala. A máscara de medo e expectativa do "cabra" vale muito mais que qualquer coisa que se quiz aí dizer. Observaram os reporteres à Lima tal fato e ele sorrindo replica que não se justificaria o medo do "rapaz." "Esse e todos os tiros perigosos foram dados por mim porque, mercê do meu subconsciente, jamais erraria um vigésimo de milímetro na pontaria, quer atirasse com metralhadora, fusil ou com espingarda 22.

Para finalizar quero dizer que tenho inimigos. Eles são todos aqueles que são contra mim, ao contrário de mim que não sou contra ninguém e portanto não sou inimigo de ninguém. Mas amigo só tenho um. Segredou-lhes o seu nome: Lima Barreto."



Lima Barreto tomou todo o cuidado na escolha dos jagunços





Valery Oeser ladeada por Serge Lifar, Villa Lobos, Maria Olenewa e Victor de Carvalho, no Rio

BAILADO

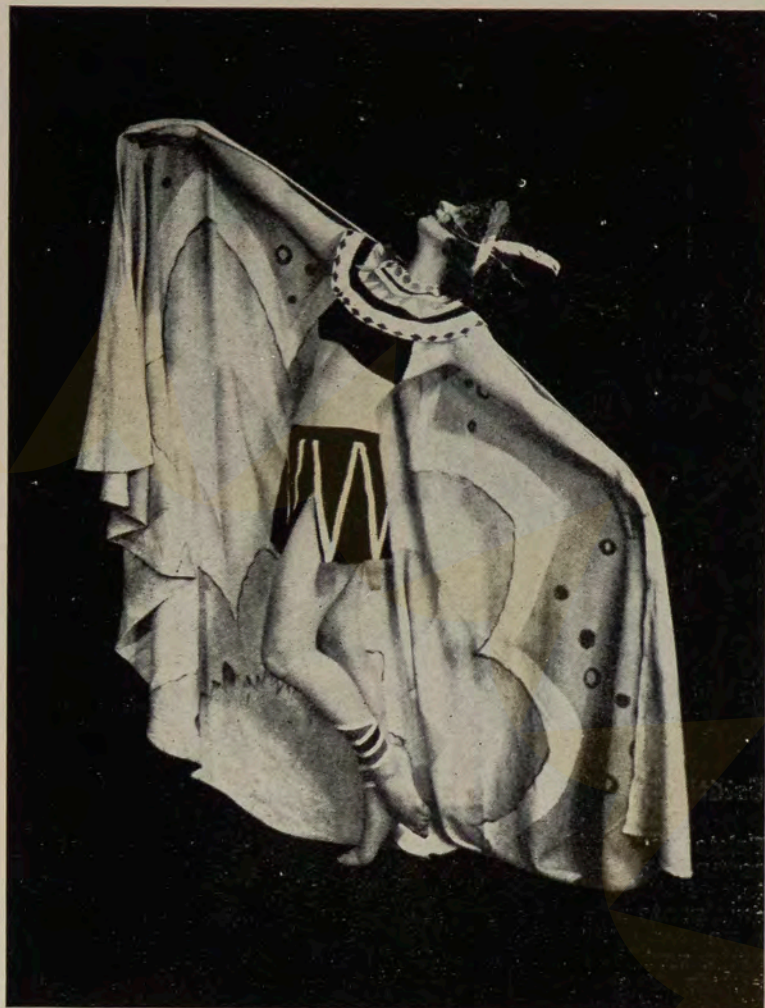
Valery Oeser

Valery Oeser está entre as bailarinas que se preocuparam em difundir o bailado expressionista no Brasil. Estudou as nossas lendas, o nosso folclore, procurando valorizar a poesia e a dança brasileira como elemento de inspiração para os seus bailados expressionistas. Valery que hoje prepara um bailado cujo tema foi extraído de um romance de Paulo Satubal e revive a época da Marquesa de Santos, foi durante alguns anos figura de destaque do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e "partner" de R. Nemanoff. Uma das contribuições memoráveis da sua carreira artística é o trabalho que desenvolveu junto com o maestro Villa Lobos. Foi ela quem interpretou com uma elegância que pareceu então milagrosa num bailado americano de Villa Lobos, não menos famoso, chamado "Amazonas". Todos os conhecedores de música sabem que essa peça foi composta em 1917 e que foi levada à cena somente quando se encontrou uma intérprete que soubesse dar vida à música maravilhosa, através duma coreografia digna da mesma. O bailado foi apresentado em 1933. Valery Oeser cuidou da coreografia e dançou juntamente com Yuco Lindberg, Hygia de Macedo Soares, Helena Jukowa, Flora Lontin, Adalsina Avillon, Elisabeth Langenfeld e Arette Olessow. Os figurinos foram criados pelo professor Henrique Cavalleiro da Escola de Belas Artes. A sua exibição teve lugar perante o mundo oficial brasileiro e diplomatas estrangeiros, quando da visita do presidente argentino ao nosso país, na demonstração oficial de arte brasileira, organizada pelo Ministério das Relações Exteriores e Prefeitura do Distrito Federal, em homenagem ao primeiro magistrado daquela nação amiga, na Feira de Amostras. O bailado trata duma lenda com que a dançarina se identificou de tal modo, tornando-se uma de suas maiores intérpretes. A índia, virgem e moça, consagrada pelos deuses da floresta amazônica, costumava



Valery Oeser

O bailado "Amazonas" interpretado por Valery Oeser, em 1934



O vestuário de Valery, inclusive o grande manto, foi desenhado por Henrique Cavalleiro para o bailado "Amazonas"

A simbologia marajoara inspirou o vestuário para a primeira apresentação da "Amazonas" de Villa Lobos

Valery Oeser que procurou difundir a dança expressionista no Brasil



do aos ritmos da dança expressionista, que em seu país de origem, Áustria, encontrava então a primeira aceitação, Valery Oeser criou plástica e coloristicamente o bailado de Villa-Lobos, que deveria ser revocado, por sua grande importância na poesia sinfônica brasileira. Pelo seu interesse na dança expressionista e no aproveitamento dos elementos autóctones, esta artista representa uma fase característica da nossa evolução na arte do bailado. Pois, temos observado, que é por volta de 1930 que o bailado expressionista ganha em importância no Brasil e vem justamente acompanhado desse culto do nosso folclore. Desde então, muito se tem feito; mas, ainda permanece ignorado um manancial de sugestões. Resta ainda considerar que a dança expressionista mereceria, para que todas essas experiências já realizadas não se perdessem, uma sistematização das suas atividades, concentrando-as em escolas, cursos, institutos ou teatro. Talvez assim o Brasil venha a consolidar uma tradição compatível com a natureza dos seus recursos.

saudar a aurora banhando-se nas águas do Amazonas, o rio dos Marajoaras. A moça selvagem diverte-se, ora invocando o sol com gestos rituais, ora contorcendo o corpo para que possa ser inteiramente contemplado pela luz do astro-rei ou refletido na ondulante superfície do rio. O deus dos ventos tropicais a perfuma com seu sopro acarinhante, mas a moça, desprezando essas implorações, dança, entregando-se aos seus prazeres, como criança ingênua. Então, indignado de tanto desprezo, o deus dos ventos leva o perfume casto da filha dos Marajós até às regiões profanas dos monstros. Um destes, avança, destruindo tudo ao passar e sem ser percebido, aproxima-se da índia. À pequena distância da virgem, o monstro procura esconder-se, porém a sua imagem é refletida pela luz do sol sobre a mancha cinzenta da sombra da índia. É então que, vendo a sua própria imagem transformada, cheia de terror, a virgem consagrada, seguida pelo monstro, se precipita no abismo. Belíssima, com seu corpo flexuoso, educa-



Estética

Existe uma estética na propaganda política? Sim, existe. Falamos naturalmente dum ponto de vista que é próximo aos assuntos tratados nesta revista, isto é, às artes visuais. A última eleição em São Paulo para o novo prefeito foi, do ponto de vista que examinamos, de uma pobreza estética, de uma falta de idéias, que nos perguntamos se os políticos — naturalmente falamos de todos os candidatos e “clans” respectivos — nunca ouviram falar, se não em bom gosto, pelo menos em gosto, ou decência.

Os muros da cidade foram recobertos de cartazes que reproduziam somente as feições dos candidatos: ótimas pessoas, felizes dos cargos para os quais se candidatavam, mas todos constataram não se tratar nem de rostos a Leonardo, nem de fisionomias insinuantes a Tyrone Power. O primeiro pensamento que ocorre é que um candidato deveria usar a publicidade através de suas feições somente quando tivesse a matemática convicção de ser, não bonito, mas pelo menos passável. Alencastro estaria pronto de votar no Apolo do Belvedere, e não para as pessoas que participaram do último pleito baseando sua publicidade sobre um fator físico. Espalhar por todo lado sua fotografia, embora oportunamente retocada, impô-la à atenção do público que passa pelas ruas, que lê os jornais, que abre a TV é uma presunção e, podemos acrescentar, uma ingenuidade tão gravemente provinciana que obrigam as pessoas a se perguntarem: como pode uma cara semelhante administrar a cidade? Uma cidade não se conquista reproduzindo centenas, milhares de vezes os olhos, bigodes e até os óculos do personagem que deveria ser o futuro prefeito.

Queremos agora sugerir como

deveria ser feita a propaganda nas eleições futuras, pois pensamos ter suficientemente demonstrada a bobagem já passada. O candidato capaz de tirar dinheiro para a sua propaganda por meio de papel impresso, deveria concentrar seu esforço em demonstrar gráficamente seu programa. O leitor já compreendeu que somente profissionais especializados, com seus redatores, desenhistas, etc., podem fazer algo neste sentido. Os candidatos e os partidos deveriam organizar suas seções publicitárias ou dirigir-se às casas que cuidam disso. Os profissionais da propaganda resguardariam assim os candidatos do ridículo. Do ridículo que vemos durante a última campanha paulista, do ridículo que estimamos não superado, não somente nas eleições dêsse país, bem como nas eleições de todo o mundo e de todos os tempos.

Jean Manzon cineasta

Jean Manzon, o homem que inaugurou uma nova fase das reportagens fotográficas no Brasil, abandonou praticamente a sua atividade jornalística. Apenas continua como representante do “Paris-Match” no Brasil. Nesse sentido vem realizando boa propaganda do País no estrangeiro. No momento, a principal atividade de Manzon é o cinema. Organizou mesmo uma firma para produzir documentários, a “Jean Manzon Ltda”. Trouxe uma equipe de técnicos da França e já realizou uma série de filmes de propaganda institucional. Quando Manzon apresentou o resultado do seu trabalho na sala de cinema do Museu de Arte a um público selecionado, formado de críticos, cineastas, artistas, intelectuais e homens de propaganda e industriais, recebeu calorosos aplausos. Novato no cinema, o fotógrafo demonstrou que a sua vivacidade, a sua inteligência e

mesmo a sua experiência no jornalismo lhe abriu um grande caminho. A transferência de Manzon das revistas e jornais para o cinema, foi uma lamentável perda para aqueles, mas ótima aquisição para este.

Elite nacional

Continua muito proveitoso o trabalho para a formação duma elite nacional, tendo-se a certeza que dentro de vinte anos veremos os resultados. Todavia esperamos que no entretanto a elite atual não cancele o Brasil do mapa.

Ninhos

Esta crônica devia ser abolida, atendendo aos inúmeros reclamos do “Conselho Superior da Alta Crítica”; mas pensamos de dobrá-la, porque as assim chamadas artes estão fazendo sempre maior número de ninhos.

Bienal (a verdadeira)

A Bienal de Veneza está elaborando seu programa para a próxima manifestação em que é anunciada a sala do Brasil. Agora que todos os dilettantes brasileiros já expuseram em Veneza não seria possível mandar um profissional? Existem poucos, mas existem.

Eixo

Dizem que na Universidade de São Paulo continuam em pé de guerra com o Eixo, não tendo nomeado os titulares das cadeiras de história da literatura alemã e italiana.

Título

Um crítico europeu está escrevendo um livro sobre suas experiências na república das artes e letras: “Cinco anos entre os brancos”.

Brasil em Roma

Enquanto encomendaram aos artistas de Roma, obras de arte para a Catedral de São Paulo, o sr. P. M. Bardi, diretor do Museu de Arte, lançou, pelos “Diários Associados”, um apelo no sentido de que os brasileiros construam, em Roma, a sua igreja. Naturalmente os arquitetos e artistas serão brasileiros. Trata-se, como se vê, de uma verdadeira campanha de “boa vizinhança”.

Centenário & aniversário

Os jornais de 21 de fevereiro passado publicaram a seguinte notícia:

Durante uma reunião íntima, por motivo do aniversário natalício do sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, ontem ocorrido, fez-lhe o escritor Sergio Milliet a seguinte saudação: “Meu caro Cicillo, poderei brigar com o Quirino da Silva, xingá-lo e ser por ele xingado; jamais deixarei de lhe reconhecer a dirimente de nos haver aproximado. Cada um de seus amigos aqui presentes a um dos demais deve idêntica oportunidade. E garanto que ninguém a esquece. Não creio, meu caro Cicillo, que lhe possa fazer maior elogio no dia de seu aniversário.

Você é um homem que sabe ter amigos, porque você é um homem cuja humanidade permanece intacta através de uma vida de empreendimentos, exigentes muitas vezes de sacrifícios sentimentais. Nunca você fez, porém, subordinando sempre, como generosidade e admirável simpatia, a razão ao coração.

Só isso bastaria para reunir em torno de você a gente que aqui se encontra. Mas você tem muitas outras qualidades, o que não significa não tenha também alguns defeitos quase graves... que, por discreção, eu não direi. Mesmo porque os

defeitos dos homens de coração são em geral daqueles que não surpreendem a gente, que a gente gosta até que o indivíduo tenha. Fiquemos nas qualidades.

Você tem uma visão nítida das necessidades culturais de sua terra brasileira e os gestos ousados imprescindíveis a qualquer realização eficiente. Você tem a coragem pioneira que sempre consideramos característica do paulista, tanto do de quatrocentos anos como do filho de estrangeiro. E, unida a essa coragem, você tem a consciência de sua época. Você sabe ousar e sabe de que a ousadia redunde em vitória.

Eu não tenho quatrocentos anos, meu caro Cicillo. Só vim para esta terra pouco depois da Independência, mas esta terra não a trocaram mais os meus pela que tiveram de deixar em dado momento. Nem eu a quis trocar jamais ainda que com vantagens pessoais. E o país de que emigramos era belo e glorioso como aquele a que os seus disseram adeus certo dia. Essa Itália de gente ativa, leal e generosa que nos ajudou a construir esta cidade, a cujos festejos do IV Centenário você é chamado hoje a presidir.

E' que nós viemos para ficar, os seus, os meus, os de muitos que aqui estão. Não para armar uma tenda, amealhar algum dinheiro e voltar para gozá-lo. Não tão pouco para morrer de saudades lamentando um falso paraíso perdido. Viemos para erguer uma mansão de pedra, e decorá-la e organizá-la definitivamente, e entregá-la aos nossos filhos e aos nossos netos e aos filhos de nossos netos. Só que você fez mais do que os outros. Não satisfeito com o solar, você quis também decorar a cidade, dar-lhe um museu, enriquecer-lhe a biblioteca, proteger-lhe os artistas, a fim de que os que nela já residem e os que a ela chegam se sintam em casa e, orgulhosos de sua pátria, a ela se dediquem igualmente, enaltecendo-a e levando-a com entusiasmo a muitos centenários ainda. Por isso você não é apenas um bom paulista e um bom brasileiro. Você é um aliciador de brasileiros, um dos arquitetos do Brasil de amanhã. É com alegria que estamos aqui, Cicillo. Nós lhe queremos bem, muito mais do que você pensa e muito menos do que você merece".

Carajá

É tão ingênuo, tão ingênuo, mas tão ingênuo que falsifica cerâmicas carajás. Existem outros, mais ingênuos ainda, que adquirem essas cerâmicas. Geralmente a ingenuidade que o turista procura é sempre menor que a sua própria ingenuidade.

Mania de novidades

Há verdadeiros maníacos em matéria de santos antigos. Catam tudo que aparece. Odorico Tavares, jornalista e



"O Campeonato não pode parar" — é o que pensam milhares de paulistas que vão ao Pacaembú assistir aos jogos diurnos, às quartas e quintas feiras, a partir das 17,30, além dos jogos do domingo. A média dos frequentadores do nosso estádio, durante esses "dias úteis", foi calculada pelos especialistas em 20.000 pessoas. Está acontecendo esse fenômeno por causa do racionamento de energia elétrica que impossibilita as pejeas noturnas. A princípio pensaram os organizadores do Campeonato que essa transferência acarretaria prejuízo, mas, depois com surpresa, verificaram o contrário, porque a frequência até aumentou. Quem vai assistir realmente aos jogos, nesses dias? Estudantes, pessoas que trabalham de noite, "turistas", pessoas que trabalham até as 4 horas da tarde na nossa já famosa "batalha da produção" — a causa direta do racionamento da energia elétrica. Pois foi esse racionamento que obrigou o Museu de Arte a alterar o seu horário de visitas que abrangia, anteriormente, o período noturno. Muita gente reclamou e ainda reclama em nome do trabalho. Justo, justíssimo! Mas depois que aconteceu esta história do futebol, ficamos pensando que a "batalha da produção", em todos os institutos de cultura, tem que ser intensificada, senão ficaremos apenas com a pergunta: "Onde vai esta gente?"

fotógrafo, possui, entretanto, uma coleção selecionada. Conta ele que de seis em seis meses é procurado por uma sua colega do Rio de Janeiro que lhe pergunta: "Então dr. Odorico, quais são as últimas novidades em antiguidades?"

Adidos

Muito se comenta sobre a pouca propaganda que o Brasil faz no estrangeiro. Realmente, até agora quase nada se fez. Dissemos quase porque há ainda gente que realiza de verdade. É preciso reconhecer. Vamos portanto aplaudir o trabalho do ministro Mário Guimarães, o chefe da Divisão Cultural do Itamarati. Ele acaba de dar as boas novas da criação de uma cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Madrid. Será uma cátedra análogo às de espanhol existentes em nossas universidades. Juntamente com os professores irão também livros, centenas de livros, uma grande biblioteca sobre o Brasil. E, além disso, o ministro Mário Guimarães convidou José Ortega y Gasset, Maranon e Jiménez Díaz, para uma série de conferências no Brasil. Muito bem.

Missa de Requiem

Alguém sugeriu de inaugurar o Teatro Municipal no dia 25

de Janeiro do ano próximo, aniversário de São Paulo, com Missa de Requiem de Verdi. Pensava que Requiem significasse vida.

Incrível

Esta palavra terá valor somente por ocasião do IV Centenário de São Paulo. Porque vai readquirir o verdadeiro conteúdo.

Pão de Açúcar

A Alemanha pré-hitlerista era famosa no mundo afora pela Bauhaus e pela arquitetura dos grandes mestres que aí atuavam. Evidentemente, por cada casa de Gropius ou de Mies van der Rohe havia 100 mil construídas Deus sabe como. A mesma situação se dá hoje em dia no Brasil, com a diferença que, enquanto os agentes de turismo alemães baseavam sua propaganda sobre a Neue Architektur, os brasileiros continuam batendo a tecla do Pão de Açúcar.

399

Os paulistas de 400 anos aguardam com ansiedade o IV centenário da capital, para finalmente regularizar a questão dos 400 anos, de que indevidamente se pavoneiam.

Centenário

Dia 1.º de fevereiro New York completou seu III Centenário, sem festa, sem nada.

Renascimento

René Thiollier prometeu a *Habitat* a história verdadeira da "Semana da Arte Moderna", a verdade sobre esse belo movimento. Podemos adiantar desde já que o ilustre Secretário perpétuo da Academia Paulista de Letras não defenderá a tese de que aquela "Semana" foi, dum ponto de vista histórico, mais importante do que o Renascimento italiano.

Papel

Estão procurando os pintores que deverão decorar as paredes dos edifícios do Centenário; todos querem, evidentemente, afrescar, pintar. Quem procura os novos "Lucas fa presto" é, felizmente, uma pessoa de muita reflexão, o sr. Sergio Milliet, conselheiro artístico do Centenário. É a ele que queremos frizar a necessidade de mudar o papel de carta da Comissão, cujo cabeçalho provinciano não é digno da História que será celebrada no próximo dia 25 de janeiro.



Jovens instrumentistas da Orquestra Sinfônica Juvenil do Museu de Arte de São Paulo

Música para a juventude

Começa a tomar novos rumos, no Brasil, o movimento de preparação musical da juventude. Antes estávamos na terrível rotina das aulas de solfejos, obrigatórios nas escolas. Agora é a participação viva da juventude, formando conjuntos e orquestras. Aqui e acolá aparece sempre um pioneiro que reúne a meninada, proporciona-lhes ensaios, instrumentos e, o que é principal, um ambiente adequado para desenvolver as verdadeiras vocações artísticas. Em São Paulo, há mais de dois anos, o Museu de Arte mantém a sua Orquestra Sinfônica Juvenil, graças ao espírito organizador do musicista de Yvone Levi. No Rio de Janeiro, movimento semelhante já se consolidou com grande entusiasmo e em Porto Alegre, desde 1949, existe a bela iniciativa do falecido professor Julio Oscar Grau, a Orquestra Filarmônica Portoalegrense. Em Santos, em Campinas e mesmo em inúmeras cidades do Interior já existem pequenos e valiosos conjuntos que mereciam, por sinal, melhor atenção das prefeituras. Torna-se necessário ajudar muito esses conjuntos, principalmente facilitando-os na aquisição de instrumentos e proporcionando bolsas de estudos, pelo menos, àqueles que querem se dedicar a instrumentos de sopro. Qualquer maestro empenhado em organizar uma pequena orquestra, cruzará logo com este problema: falta quem toque oboe, trompas, fagote, pistão, clarineta, etc. Tocar qualquer um desses instrumentos só é possível num clima criado por uma orquestra. Torna-se necessário, então, organizar, paralelamente

à orquestra, cursos para formação de musicistas para esses instrumentos. É o que fez o Museu de Arte de São Paulo; é o que fez a Filarmônica Portoalegrense; é o que fará a maioria, quando tiver de enfrentar o problema. Do contrário, ficaremos sempre entre o violino e o piano. Se esse problema fosse enfrentado há mais tempo, não estaríamos em tão precária situação. Em nossas grandes orquestras, atualmente, se faltar um fagote, ou um corno inglês, está tudo perdido, porque não tem substituto. Para o IV Centenário de São Paulo resolveram criar uma nova orquestra. Abriram o concurso. Inútil. Mesmo sem concurso, onde estão os instrumentos de sopro? É preciso pois, começar do começo, com a juventude.

Demóstenes

Os oradores encerram em geral suas prolixas palestras com as palavras: "Minhas senhoras, senhores: por demasiado tempo minhas palavras vos mortificaram..." Por que, então, impor a mortificação?

Lingua

A revista *Habitat*, como todos podem averiguar, é muito difundida em Portugal, país culto e de tradição. Várias vezes temos recebidos cartas procedentes daquele país, nas quais se nota como o Brasil, ao par dos Estados Unidos da América do Norte, está formando sua própria língua. De fato a nossa revista — com os tropeços naturais que a distingue — está justamente trabalhando neste sentido, apesar do coaxar das galhas.

Litem intendere alicui

O prefeito da cidade reformou, por quanto era de sua competência, a Comissão de Festejos do IV.º Centenário de São Paulo, nomeando três juristas, os ilustres advogados Vicente Ráo, Plínio Barreto e José Barbosa de Almeida.

720 x 5

Os jornais noticiaram que 3600 obras foram inscritas na II Bienal de São Paulo. Sendo que cada pintor podia apresentar 5 telas, isto significa que o número de artistas eleva-se a 720.

Alegremo-nos deveras que o número de pintores tenha subido tão vigorosamente. Sômente, a maior parte dos 720 conferiram-se sôzinhos o título de artistas. Corre o boato que alguns inscreveram também telas originais de um famoso maestro europeu, com outro nome, para ver até que ponto chega a perspicácia da comissão julgadora formada por críticos e artistas.

Seria todavia divertido que, por exemplo, um trabalho autêntico de Klee ou de Rouault fosse recusado pela comissão.

Erros

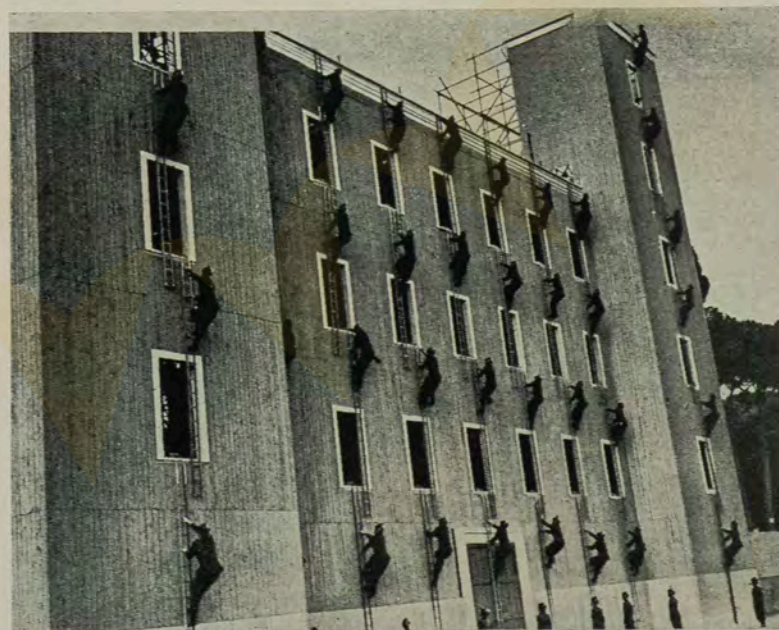
Entre os muitos erros que são feitos normalmente, deve-se apontar o seguinte: considerar as Artes um trampolim publicitário, para o renome pessoal.

Encadernação

Uma cidade com dois milhões de habitantes, etc. etc., que usa um número razoável de livros, não tem um único encadernador ao qual se possa entregar um livro para encadernar, que saiba executar seu trabalho com o mínimo de respeito para com seu ofício. (Aceitamos reclamações).

Cotações

A arte brasileira do Oitocentos, como todos sabem, não pode ser comparada à arte francesa do mesmo século. No entanto, quantas pessoas conservam religiosamente em sua residências quadros de artistas acadêmicos brasileiros ou de pequenos pintores italianos que fizeram aqui sua carreira, falando dessas obras como das de Cézanne. E falam baseando-se no preço. Mas deve-se lembrar que se um quadro de Pedro Alexandrino ou de Victor Meirelles passasse no Hotel Drouot em Paris, alcançaria com esforço 5.000 francos.



Os nossos "construtivistas" tentaram tomar de assalto o II.º Salão Paulista de Arte Moderna. Isso sempre acontece quando se trata de arte feita com demais facilidade e de salões, organizados com demais pressa

Coisas de cinema

Uma das boas iniciativas da UNESCO consiste em pequenas publicações, relativamente pouco conhecidas, editadas em Paris pelo Centro de Documentação do Departamento de Informação daquele organismo internacional. Sob o título geral "Presse-Radio-Film", os n.ºs 2A, 2B e 2C — respectivamente de julho, outubro e novembro de 1952 — trazem um repertório mundial de todas as instituições, associações e organizações oficiais, sindicais ou particulares, comerciais, artísticas ou técnicas, que se interessam pelos filmes educativos, científicos e culturais. Iniciativa extraordinária de veras, pois nenhum país do mundo, nenhum território colonial é omitido nestes cadernos, por menor que seja sua extensão geográfica. Nem todos os dados são precisos. Nem sempre correspondem totalmente à situação real. Os editores sublinham isso, aliás, no preâmbulo da publicação, prometendo a correção dos erros nas próximas edições, mais amplas. As pequenas lacunas, porém, em nada prejudicam o valor da obra.

O n.º 3 contém uma lista (pouco completa) dos filmes sobre os problemas educativos das mais diversas procedências, enquanto o n.º 6 (de novembro de 1952) é dedicado ao projetores cinematográficos que funcionam sem energia elétrica, somente a petróleo. Os dois problemas são importantíssimos no Brasil, onde o número dos filmes educativos é relativamente pequeno, e onde milhares de localidades carecem da energia elétrica, desconhecendo, portanto, o milagre da imagem animada.

Para facilitar o desenvolvimento cultural dos países economicamente fracos que não dispõem dos meios financeiros para a compra dos produtos e, ou dos equipamentos culturais e educativos, em quantidade suficiente, a UNESCO organizou um sistema de talões da UNESCO que tem o valor da moeda internacional: podem ser adquiridos pelos interessados em moeda nacional e servem como o meio aquisitivo nos outros países. Infelizmente o Brasil não ratificou ainda este acordo.

O Museu de Arte de S. Paulo que recebe as admiráveis publicações da "Unifrance-Film" e da "Unitalia-Film", duas instituições oficiais que têm por finalidade a mais ampla divulgação das produções cinematográficas, francesas e italianas respectivamente. O carácter publicitário dessas revistas em nada prejudica seu alto valor informativo e cultural. A publicidade é feita inteligentemente, através dos dados objetivos, honestos, ricamente ilustrados, com a eliminação total de qualquer sensacionalismo barato. Os diversos artigos apresentam, além dos filmes (de longa e de curta metragem) e dos intérpretes, todos os demais criadores e técnicos cinematográficos — diretores, cinegrafistas etc. — expondo seus pontos de vista artísticos e seu métodos de trabalho. Os dados estatísticos sobre a situação econômica completam o conteúdo das revistas que, destinadas teoricamente só aos cronistas e críticos cinematográficos da imprensa mundial, merecem um lugar de destaque em qualquer biblioteca especializada. É pena de que no Brasil os produtores não tenham chegado a publicar uma revista semelhante, onde cada filme nacional, independentemente da metragem, do assunto ou da força econômica da sua produtora, teria a sua descrição detalhada, artística, técnica, dramática e econômica. Evitar-se-ia, dest'arte, que tantos filmes de valor passem despercebidos (como um "Canto da Saudade" ou "Areias ardentes" entre os de longa metragem, ou um "Descobrimento do Brasil" ou "Secas, odisséia do Nordeste" entre os de curta metragem), enquanto muitos outros, nem sempre melhores, tornam-se até mundialmente conhecidos, graças à capacidade publicitária da produtora ou capacidade autopublicitária do seu realizador.

Comparações

Um jogo de futebol dá uma arrecadação de Cr\$ 500.000,00; um concerto de Bach chega somente a cobrir as despesas. Falando com todo o respeito, temos maior estima para Bach do que para Ademir.

Prêmios, não multas

Continua vigorar no Brasil uma lei absurda — moral e anacronicamente falando: é o direito de importar obras de arte, também por parte das pessoas que aqui emigram. As obras de arte não podem entrar no Brasil, e sendo importadas, o responsável deve enfrentar multas pesadas, cuja metade se destina aos conferentes da Alfândega, multas pesadíssimas, baseadas em avaliações arbitrárias.

Querendo o Brasil progredir no campo moral, como é lógico, deverá rever essa lei absurda e troglodita que nega a entrada, no país, de obras que viriam a enriquecer o escasso (talvez o mais pobre do mundo) patrimônio artístico nacional. Num país que só possui museus pequenos e modestos, em que não existem colecionadores, em cujas residências não há nada de artístico, a importação deverá ser favorecida com prêmios, e não criando obstáculos com multas. Não haverá um deputado que se interesse dessa situação ridícula (que nos torna ridículo no mundo afora), resolvendo-a uma vez por todas? Não poderia talvez o Ministério de Educação e Saúde tomar essa iniciativa, a fim de honrar o próprio ministério? As pessoas cultas do Brasil aguardam isto. Não os conferentes da Alfândega. Mas os países progredem, apesar das burocracias.



De volta de Florença, encontramos a senhora Mario Audrá Junior que, com o quadro acima publicado, ganhou o prêmio para estrangeiros instituído por aquela cidade. Por ocasião do conferimento do prêmio, a sra. Audrá Junior foi festejada com um grande banquete. Ve-se no clichê a talentosa pintora ao lado do escultor, Mario Moschi

Cannes

Entre os filmes premiados em Cannes (além do "Cangaceiro" para o qual felicitamos a companhia produtora) há "Mágia Verde" em que falamos em *Habitat 10*. Esse último filme, pela maior parte rodado no Brasil, teve como orientador e supervisor artístico o diretor do Museu de Arte de São Paulo, o sr. P. M. Bardi. Diretor do Film foi G. G. Napolitano, produtor o conde Leonardo Bonzi, camaraman Mario Craveri, ajudante fotógrafo Giovanni Rambaldi. Este é o primeiro filme em cores rodado no Brasil e o prêmio de Cannes

destina-se justamente à excelente qualidade das cores. O filme será exibido quanto antes, no Brasil, pela "Maristella".

Fracasso

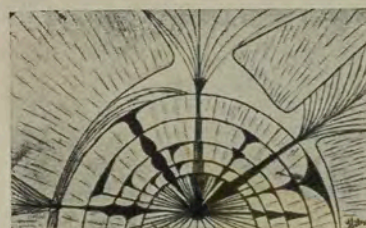
O abstracionismo no Brasil continua sua marcha triunfal rumo ao fracasso.

Ambiente

A página publicitária de Ambiente, publicada no último número de *Habitat* testemunha como é possível melhorar a propaganda no Brasil.



Preocupações, 1948



A libertação do eu, 1947

Isaac Siles

O sr. Isaac Siles, engenheiro civil e construtor do Rio de Janeiro tem-nos escrito perguntando se esses seus desenhos são "arte" ou melhor "se possuem algum valor artístico". Muitas são as pessoas que nos perguntam se isso é ou não é arte, se vale ou não, se devem continuar no caminho da arte, ou melhor desistir. São em geral pessoas ambiciosas ou desprovidas de talento, em todos os casos, insignificantes. Nessas ocasiões, não sabemos o que dizer. Procuramos para responder, palavras não claras, sentenças elegantes, locuções disfarçadas e insignificantes. Entretanto, com esses desenhos, o problema é diferente. Os desenhos do sr. Issac podem ser facilmente examinados por qualquer pessoa; são antes a grafia de uma forte personalidade do que uma assim-chamada obra artística. O sr. Issac, que sabe grafar de maneira tão clara e violenta, o tema "A libertação do eu", não tem certamente a necessidade de nos perguntar se sua explosão de caráter é ou não é arte. É uma manifestação expressiva. Arte? A arte é talvez um vale sem fim: existem, para chegar ao fundo, caminhos e veredas, perigosas, difíceis e ameaçadoras, que muitas vezes nem levam ao destino. Arte é justamente esse fato de exprimir algo, uma idéia, um fato interior e exterior. Seus desenhos, que revelam a presença de emoções fortes, choques, são arte. Pode-se ainda acrescentar que numa tipologia gráfica tão característica, e mesmo mais sincera mais nova das pinturas abstratas que se encontram em toda parte e que são, muitas vezes, exercícios vazios, ociosidade gráfica. Não partilhemos a idéia dos colegas do sr. Isaac que o aconselham de deixar a engenharia civil para se dedicar à arquitetura, pois a "arquitetura é arte séria, quase 100 % séria". É errado. E, sr. Isaac, pode construir suas casas, suas pontes, não fique

pensando na "arte pura". Com a arte pura nunca será feita uma só casa: mas com o cérebro e inteligência pode-se construir tudo. Até a arte. Quando o sr. Isaac tiver algo de importante a manifestar, poderá fazê-lo mediante o lápis ou as cores. A arte vem depois, quando há uma verdade, exprimida com franqueza.

Pré-colombiana

A II.^a Bienal de Arte Moderna tomou a iniciativa de apresentar algumas mostras de arte pré-colombiana (Perú, Guatemala e México). E contudo esqueceram da Arte Marajoara do Brasil. Teria sido então mais lógico tomar desde o início o projeto de uma mostra geral de arte pré-colombiana que o Museu de Arte de São Paulo apresentou há tempo à Comissão de Festejos do IV Centenário, pois é esta Comissão que paga as despesas da Bienal.

Safadeza?

Gondim da Fonseca assinou esta nota publicada na Folha da Noite de 7 de maio, em São Paulo:

Uma caricatura de "O Tempo" vem com esta legenda: "Há, na Câmara Municipal, do Rio, projeto de lei que dispõe sobre a concessão de 10 milhões de cruzeiros para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. — Dos Jornais". O projeto de lei não está na Câmara Municipal mas na Federal — o que nos parece bem mais grave. Esse Museu de Arte Moderna do Rio é uma fantasia de milionários. Gente que ama o cartaz, a publicidade, deu agora para proteger qualquer fandango taratológico sobcolor de que se trata de arte moderna. Ora, toda a arte é moderna. Moderna é eterna. Ou então não é arte. Se esses milionários têm dinheiro para tudo, por que razão querem surripiar dez mil contos do Tesouro? Safadeza". O fato dos poderes públicos cooperarem com as iniciativas particulares, no terreno da cultura, é coisa de se louvar, sr. Condím. Entretanto, o que se discute, na realidade, é o mérito da iniciativa, o seu valor técnico, artístico, museográfico. O que interessa saber é se esse dinheiro vai ser empregado com critério ou vai ser delapidado por amadores.

Yan

Muitos são aqueles que se atrefam em instituir relações culturais entre os países, e também o Brasil está entre eles, especialmente com os países latinos. Mas, além das relações oficiais, além da burocracia da cultura, os escritores brasileiros estreitam laços culturais, por sua conta, e mantêm uma correspondência com os círculos intelectuais de outros países.

J. F. de Almeida Prado, o erudito e finíssimo pesquisador da história nacional e grande co-

necedor da literatura européia de nosso século, é um desses escritores que, em relação ao exterior, valem sôzinhos dez escritórios ou institutos culturais. Jan está sempre presente, com sua cultura, na cultura da Europa. Lemos recentemente um seu ensaio sobre um personagem inédito de Balzac, na bela revista do prof. Francesco Flora, "Letterature moderne". O tema tratado por Jan refere-se a um castrado que aparece na "Grande Armée": a sutileza da pesquisa e o gosto da identificação, feitos com diligência histórica e compreensão de ambiente integram o famoso conto "Serrasine".

Quem deseja saber mais a respeito desse personagem, poderá pedir o número 6 de 1952 da "Letterature moderne" (Milão, Via Mantova, 21) ou até assinar a importante revista do prof. Flora.

Municipal

Há muita gritaria pelo destino do Teatro Municipal de São Paulo; os que mais gritam são aqueles que não o frequentam, que o conhecem talvez somente por fora.

O justo castigo pela incompetência e incapacidade da Comissão do IV.^o Centenário será que os oradores do mesmo terão que falar do palco do teatro Colombo, isto é, de um teatrinho (infelizmente o único) que servia para o Brás de 1903.

Moderna

Foram votados pela Câmara Federal 10.000.000 de cruzeiros para a construção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e muitos deputados aproveitaram dos debates pa-



Pierre Adrien Ekman que expôs, durante o mês de abril, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, é um pintor parisiense que está agora entre nós realizando uma série de decorações murais, principalmente no Norte e no Nordeste. Depois de executar alguns murais no Ceará, foi convidado para projetar trabalhos decorativos para o Hotel Amazonas, em Manaus

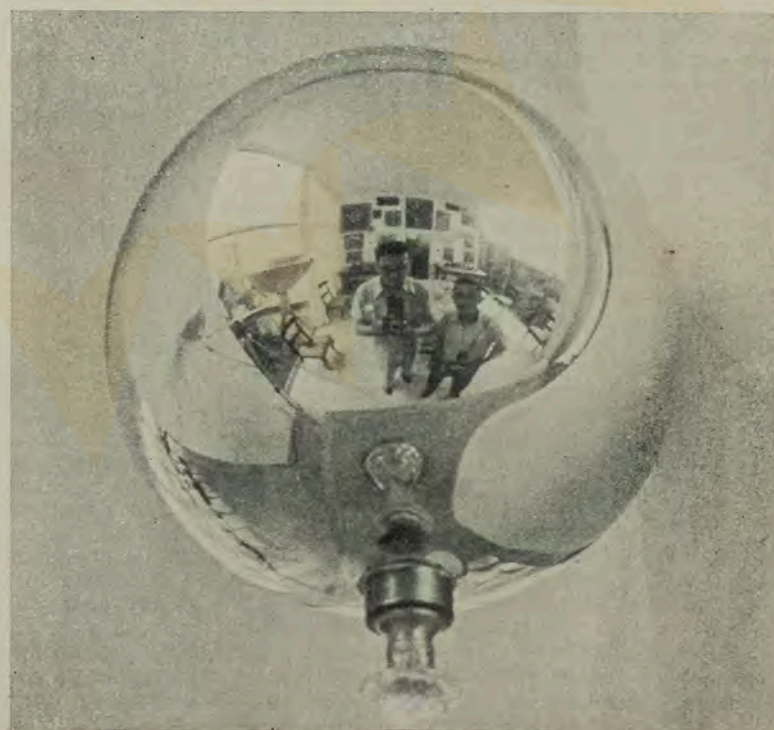
ra se declararem contrários à "arte moderna".

Tinha mesmo chegado a hora de ouvir a opinião dos parlamentares sobre a arte e especialmente sobre a arte moderna. Esses discursos nas salas do Palácio Tiradentes pareciam bem ridículos.

No entanto, pelos votos, ficou provado que a maioria se declarou a favor da "arte moderna". A Câmara é então por Kandinsky, Picasso, Matisse e Braque?

Quer dizer que é contrária à arte acadêmica. E por que então não vota uma lei para abolir todo o mofo acadêmico que envenena o ar da arte oficial e de dependência oficial?

Os anões, Odorico Tavares e José Medeiros fotografados por eles mesmos numa bola mágica



Modernistas de hoje

Imagine o leitor que há poucos anos atrás, ser modernista no Brasil era missão espinhosa. Os modernistas tinham que enfrentar um público enfurecido, receber tomates na cabeça, vaías e até cadeia. Mas, tudo leva a crêr, que evoluímos muito depressa. Os modernistas de hoje, não são mais aquela meia dúzia de lutadores, mas um verdadeiro exército. Basta ver esta notícia que transcrevemos do "Correio da Manhã" do dia 18 de janeiro de 1953, subordinada ao título:

"Os modernistas com o casal Roberto Marinho — Após a "vernissage" da apresentação do patrimônio do Museu de Arte Moderna do Rio, quinta-feira última, o sr. e sra. Roberto Marinho prestaram uma simpática homenagem àqueles que concorreram para o êxito do Museu, durante o ano de atividades de naquela data transcorria, através de uma recepção na bela residência do casal no Cosme Velho. A reunião dos modernistas transcorreu agradável, entre os salões e o jardim da harmoniosa mansão, animada pela figura de Stela Marinho e o cavalheirismo do anfitrião. Também não faltou o espírito de polêmica que invariavelmente surge entre os que se interessam pelos problemas artísticos e pesquisas estéticas. Entre as pessoas, notavam-se: ministros Horácio Lafer, Negrão de Lima, Simões Filho, governador Juscelino Kubitschek e sra. Niomar Monis Sodré, muito festejada pelo desenvolvimento do seu Museu; o embaixador Maurício Nabuco; o sr. Raymundo Castro Maia; o sr. F. C. Santiago Dantas, e a engenheira Carmen Portinho, o prof. Carlos Flexa Ribeiro e sra.; Carlos Amélio Figueiredo, Ministro Agualdo Amélio Boulitreau Frago e sra.; sr. Aloysio de Salles; o poeta Augusto Frederico Schmidt, sr. Lauro Salazar Regueira, Paulo Bittencourt, Antonio Sanchez Larragoiti e sra.; Wladimir Alves de Souza e sra.; prof. Aloysio de Paula e sra.; consul Zazi Manteiro de Carvalho..."

A lista dos "modernistas" é longa. Como se vê, os modernistas de hoje constituem um verdadeiro exército, prestigiado por ministros, governadores, embaixadores e senhoras... milhares de senhoras. Estas, é preciso não esquecer, formam logo na frente, lembrando as heroínas da Revolução Francesa, a força mais poderosa. O artista, o pintor, já foi dispensado de sua tarefa revolucionária. Os modernistas de hoje nem precisam de pintores, escultores ou arquitetos. São tão heróicos que resguardam os artistas para eles trabalharem com maior sossego. Os artistas já estão livres das recepções mundanas. Veja o leitor, portanto, que estamos evoluindo, não é?

São esses que valem

O sr. Cristiano das Neves, ex-prefeito de São Paulo, pretende fundar uma nova sociedade de arquitetos. Naturalmente para congregar aqueles que não aceitam a assim chamada arquitetura moderna. Dá assim, o diretor da Faculdade de Arquitetura Mackenzie mais uma demonstração do seu espírito combativo. O sr. Cristiano das Neves é, "no lado de lá", um lutador incansável. Ainda há pouco escreveu violento artigo contra os modernistas, atacando, sem reservas, o arquiteto Oscar Niemeyer. Não aceitamos e não concordamos, absolutamente, com os pontos de vista do ilustre professor. Mas vemos nele um lado sadio e honesto. É um dos raros que tem coragem para nadar contra-corrente, criticar e responder, por conta própria, assumindo responsabilidade, sem se apoiar em grupinhos. Não faz muito, propuseram, em reunião no Instituto dos Arquitetos, um movimento de conjunto para responder ao dr. Cristiano. Mas tudo foi por água abaixo, porque como observou alguém de bom senso, "si nós formos aplicar argumentos tão severos contra as idéias do sr. Cristiano das Neves, vai sobrar muito pouca gente dentre os arquitetos aqui reunidos". Como se vê, também os "modernos" têm os que sabem nadar contra-corrente. São esses os que valem — tanto do lado de lá, como do lado de cá. O resto é apenas um problema de simpatia.

Pércles

Se a arte tivesse nos jornais a mesma propaganda que têm a crônica negra e a fotografia mais ou menos pornográfica, São Paulo seria Atenas; e nosso século, o século de Pércles.

Filosofia fácil

Como foi noticiado, a Comissão Julgadora do Premio "Horacio Lafer", do Instituto Brasileiro de Filosofia, entendeu conferir dois prêmios iguais de Cr\$ 15.000,00 aos senhores Caio Prado Junior e Euryalo Cannabrava. Sentiu-se, no entanto, o sr. Cannabrava ofendido com aquela decisão, dirigindo à Comissão um curioso repto, a fim de que explicasse as razões pelas quais não haviam sido proclamadas as excelências impares de seu trabalho. O livro do sr. Cannabrava baseia-se em tolices semelhantes:

Pag. 183: — "Não seria, talvez, injusto afirmar que tanto Kant como Hegel, em matéria de gosto artístico deveriam estar catalogados entre os primários, tal o seu irremediável analfabetismo estético."

Rubens

Existe um número considerável de pintores que não sa-



Do Trópico ao Círculo Ártico, o pintor Roberto Sambonet, hospede do arquiteto Alvar Aalto, em Säynätsato

bem como se prepara uma tela e se segura um pincel na mão. A culpa é das facilidades de hoje em dia. E, o que mais vale, acontece que se um pintor consegue fazer essas coisas, imediatamente se considera Rubens.

Adidos

Foram nomeados diversos adidos culturais em nossas embaixadas no exterior. Gostaríamos de receber notícias deles depois de se terem ambientado, notícias positivas sobre seu trabalho, a fim de dar um relatório no interesse do intercâmbio cultural, de que justamente o Itamarati vem se ocupando muito.

4 da madrugada

Existem presidentes que se levantam às 5 da manhã para procurar seus colaboradores inteligentes. Há outros, pelo contrário, que se levantam às 4 para procurar os bobos.

Críticos

Dirigem-se a Irlanda os críticos de arte de todo o mundo para o quarto congresso internacional.

No avião que sai de Londres para Dublin, eis que sobem Lionello Venturi, Herbert Read e Mario Pedrosa, comprimentando-se.

Observa Lionello Venturi e Read:

— Neste avião tomaram lugar dois críticos de arte.

Mulheres

As mulheres continuam ingerindo-se ativamente no campo da arte moderna. Isto é bom, especialmente tratando-se de senhoras jovens e bonitas.

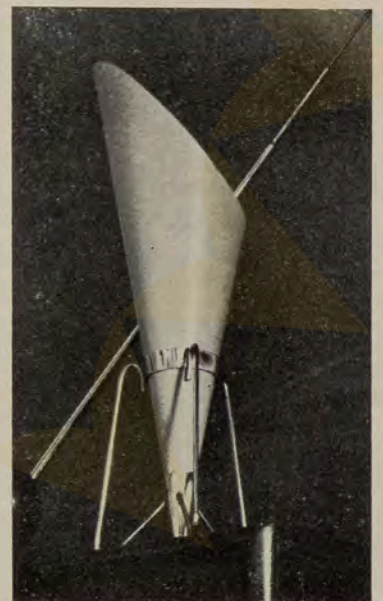
Carnaval

Também este ano o carnaval carioca foi um grande espetáculo de melancolia. Quando será abolido? O prefeito de

São Paulo suspendeu este ano as verbas de carnaval. Bravíssimo.

Raul

Faleceu Raul Pederneiras. Era um dos caricaturistas da mesma geração que J. Carlos e Voltolino. Tornou-se uma das figuras mais populares do Rio de Janeiro. A sua figura, o seu vestuário conservava-nos o século passado. Era um pouco do nosso "fin de siècle" que caminhava pelas ruas e se debruçava na caricatura.



A indústria vai obedecendo ao "industrial design" formado



Painel decorativo de Erico Samson, coleção A. C. Werneck

Lição de história

Por volta de 1922, os homens da II Semana de Arte Moderna descobriram que deveria desembarcar em Santos uma bailarina fantástica, uma verdadeira Pavlova. Chamava-se Tórtola Valência. Menotti del Picchia fez um discurso de saudação, René Thiollier mandou uma enorme "corbeille" e o senador José de Freitas Valle escancarou as portas da sua famosa "Vila Kyrial". Os jornais abriram colunas e colunas. Os modernistas prestaram as maiores homenagens à ilustre visitante. Programaram tudo, inclusive uma visita ao atelier do escultor Brecheret. Ali, Brecheret ia perpetuar a imagem de Tórtola Valência. No dia marcado, lá foi a comissão e a bailarina. Diante de umas dez pessoas, o escultor estudou a artista de todos os ângulos possíveis e depois concluiu, virando-se para os "modernistas": "Desculpem, mas não dá... é impossível". Realmente, a artista já tinha superado aquilo que Brecheret considerava "a idade escultórica". Mas a Comissão só via diante dos olhos a grande, a famosa Tórtola Valência. Acharam mesmo que ela, ape-

sar da idade, deveria dançar. Levaram-na então para o Teatro Municipal repleto. Ali, nem a bailarina e nem o público resistiu. E o espetáculo terminou entre as vaias do povo e os xingos da artista que procurou e nunca mais encontrou a entusiasta comissão. Brecheret tinha razão e coragem. Quando a coisa não dá, é melhor não insistir. É esta uma sugestão para a Comissão de Festejos do IV Centenário de São Paulo.

Lei

"Ficam proibidos de desenhar, pintar ou esculpir formas ameboides todos os jovens e velhos pintores, desenhistas, arquitetos, vitrinistas, decoradores e muralistas. A presente lei entrará em vigor a partir da sua publicação, salvo qualquer indisposição em contrário".

Cexim

Os artistas do Rio fizeram uma representação ao Presidente da República para poderem importar tintas. A CEXIM não queria deixar. Mas o Presidente deixou. Trata-se

de um movimento promovido por associação de classe. Em São Paulo, entretanto, os artistas parece que não cuidaram do assunto. Será que eles não estão pintando mais?

Rafael do Brasil & Cia.

José Antonio da Silva, Heitor dos Prazeres, Agostinho de Freitas e o bahiano Rafael Borges de Oliveira formam um grupo de autênticos pintores brasileiros, juntamente com o falecido pintor de Itanhaem, Emygdio de Souza. Ainda recentemente, quando os jornais noticiaram a exposição de Rafael, no Museu de Arte, muita gente se espantou diante das telas do pintor, pois esperava encontrar um conjunto do grande Rafael, que não era Borges de Oliveira, mas sim, Sanzio e era italiano e não brasileiro. Mas o Rafael que nós temos, fala a linguagem simples do homem do povo e há, em tudo que faz, a poesia autêntica das coisas brasileiras que a maioria dos pintores eruditos ainda não vislumbrou. O nosso Rafael não importou nada; trabalha com matéria prima popular e nacional: é o verdadeiro Rafael do Brasil.

Baurú

A fama do Museu de Arte de São Paulo está garantida nos séculos: da escola do Museu saiu o inventor do "baurú", o ótimo sandwich nacional.

A mais bela saída de 1952

Devíamos louvar, nos nossos críticos e comentaristas de arte, a habilidade e a diplomacia com que se conduzem. Devíamos até premia-los, incluindo-os numa relação que Flávio de Aquino publica no seu "Retrospecto" de 1952 no "Jornal das Letras". Propomos este prêmio para "A mais bela saída de 1952" ao próprio Flávio de Aquino que conseguiu, simultaneamente, condecorar Portinari, Cícero Dias e Segall.

Futurismo

Eis a vanguarda de nossos fabricantes de móveis. Tendo chegado ao "futurismo", nada mais os atemoriza. Impávidos, criam o armário para banheiro, e com o estro de grandes revolucionários, incidem, no alto, uma florzinha, folhas ou espigas: o espelho, corajosamente retangular, tem um lado modinado como todos os espelhos de quartos mobiliados. E atrás do espelho, as prateleiras. A descoberta é napoleônica. E o futurismo?

Resposta

Tendo sido alvo de uma observação de ordem estética por parte de um bispo, Portinari respondeu:

O Senhor na Igreja é bispo, mas na pintura eu sou o Papa.

Luto

Em Campos de Jordão há uma construção deixada-a metade, a construção de um palácio que domina aqueles lindos montes. É uma obra que os guias mostram como uma ruína abandonada, recomendando aos visitantes de olhar bem onde pisam. Trata-se duma construção oficial, iniciada quando Adhemar era interventor, que devia servir de residência de veraneio do governador paulista. Depois, foi deixada pela metade. Do ponto de vista arquitetônico, o palácio, de gosto medieval, é de arrepiar. Desde anos todos sabiam que o cimento e tijolos estavam caindo em ruína, e todos aceitavam a idéia de que a hera soubisse pelas paredes para cobri-las e fazê-las desaparecer da superfície da terra. Soubemos agora, com a morte no coração, que o governo pretende continuar a "obra" iniciada por Adhemar. Com o que suspendemos de escrever em sinal de luto.

Salões

Realizaram-se manifestações artísticas nos Salões, um pouco por toda a parte. Mas só os artistas premiados tomaram conhecimento disso.

Angelicum

O Angelicum do Brasil, milagrosa orquestra de cordas que em tão pouco tempo soube organizar sob a batuta do maestro Rossini, teve a ótima idéia de comemorar Corelli. Mas deve-se ver, como temos visto, o público, a composição desse público, composto especialmente de italianos e de apreciadores dos dirigentes do Angelicum. Não havia nenhum desses "entendidos" de música que correm aos concertos onde se toca até o cansaço Chopin, Tchaikovsky; não havia nenhum daqueles assim chamados "cultos" no campo da música; aqueles "entendidos" que superlotam os concertos mais genéricos estavam "sequinhos" para conhecer, ouvir, compreender Corelli (esplendidamente tocado). Corelli é história; e no fundo, o público musical de que falamos, prefere os sambas, pretendendo de gostar de Bach. A mesma situação nota-se nas artes plásticas: o público que nunca ouviu falar em Borromini prefere, em arquitetura, o estilo falso colonial; na pintura, aquele mesmo público (do ponto de vista intelectual) de formigas que não conhece Paolo Uccello afirma de gostar de Cézanne, mas na realidade prefere os cartões postais com a lua cheia. No que diz respeito a escultura gostam das estátuas de pedra, porque são do mesmo material de seus miolos.

ALENCASTRO



Hospital do Radialista, Rio de Janeiro

PROJETO:

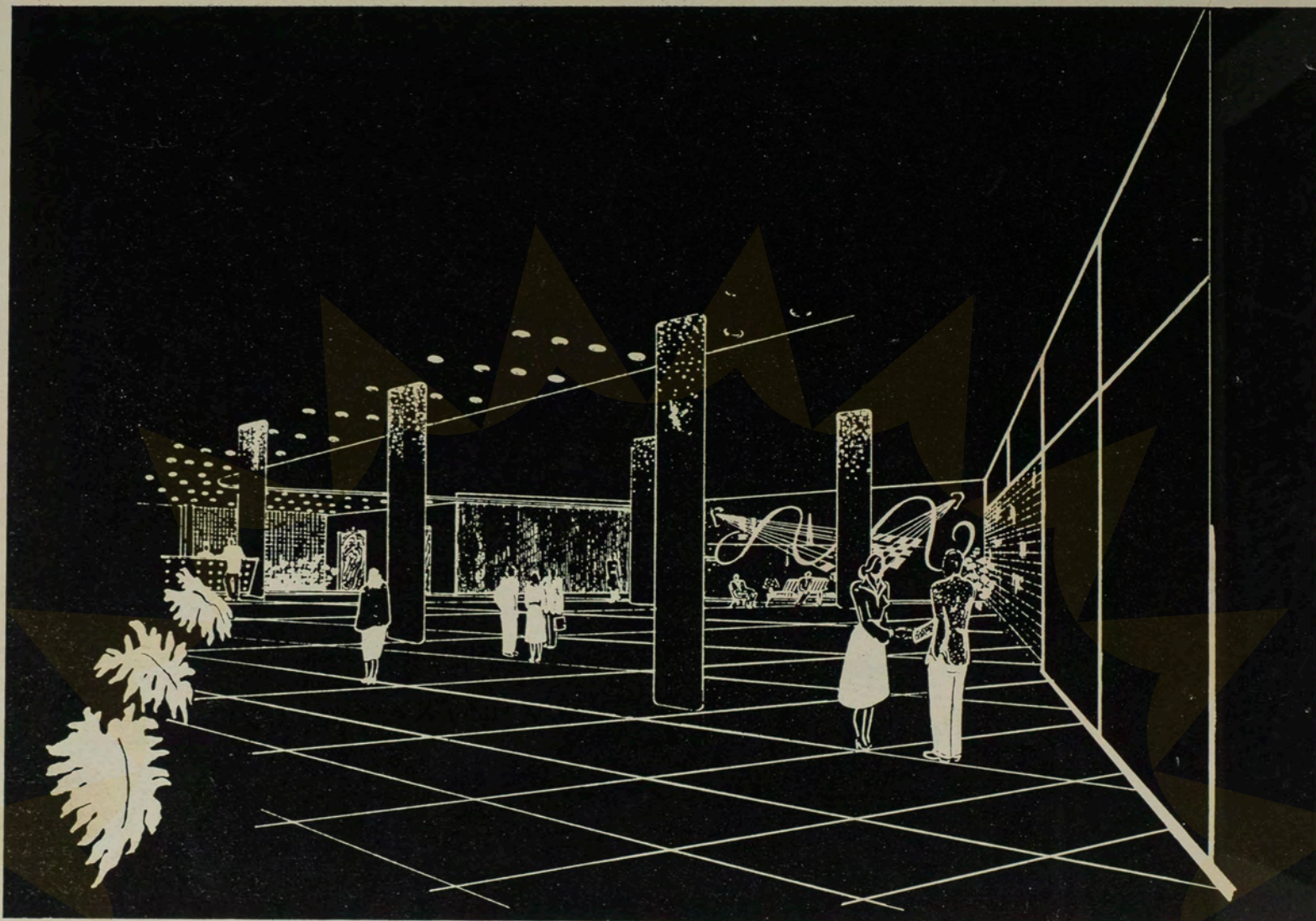
Estanislau V. Zaremba e Helmut Braunschweiger

Arquitetura funcional nas organizações hospitalares

A vitória que a arquitetura moderna, também chamada arquitetura funcional, alcançou hoje, é uma estupenda realidade. Não adianta mesmo combatê-la. Ela vem se firmando dia a dia. Vem sendo aceita por quasi todos os povos que desejam imprimir um sópro renovador no tocante às edificações. Todos desejam que as edificações tenham um cunho de simplicidade, eminentemente funcional, pois entendem que um edificio, seja êle destinado a uma residência, ou mesmo sendo um conjunto de apartamentos, de escritórios, para uma repartição pública, um estádio, uma ponte, um viadúto, um hospital, todos êles devem ser construidos de acôrdo com a técnica moderna, para melhor cumprir suas finalidades. Não há que fugir: as construções, hoje, — e por que não dizer, amanhã — terão que obedecer aos novos cânones, aos novos princípios da sua funcionalidade. Veja-se o exemplo, ou melhor, o critério altamente sábio que os arquitetos vão adquirindo em nosso país na construção de hospitais, num estilo moderno e alta-

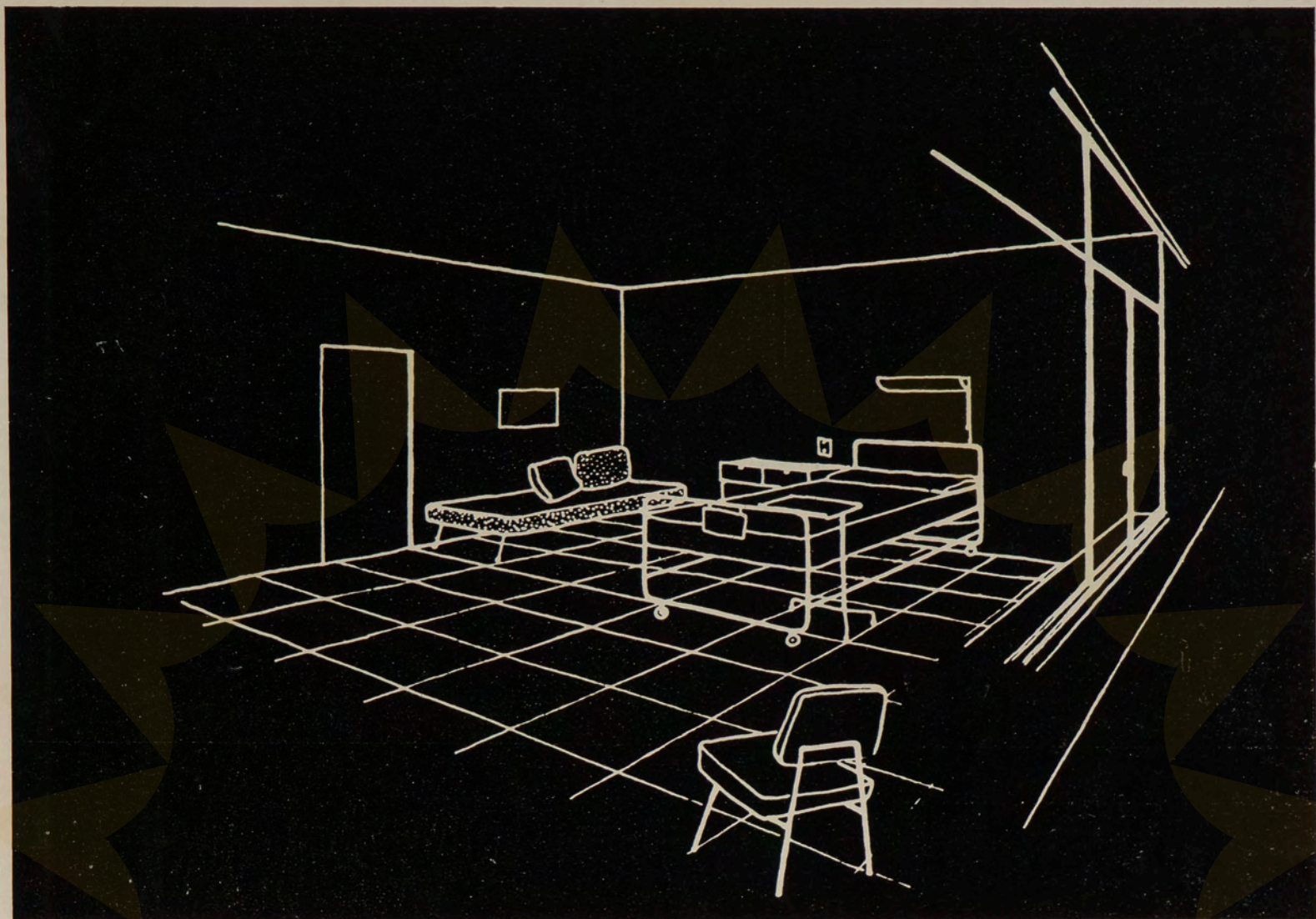
mente funcional. O parque hospitalar vem sendo ampliado com um sem número de novas edificações, quasi todas obedecendo às linhas da moderna arquitetura: a eminente funcional. É a arquitetura que melhor atende aos dias em que estamos vivendo. Ela tem o propósito de melhor servir às suas finalidades, de melhor atender aqueles que procuraram lenitivo para suas chagas ou para debelar as vítimas das endemias, mais dispaes.

O conjunto de casas hospitalares e de ensinamentos das Faculdades de Medicina é bem uma mostra da tendência modernista, funcional. O novo Hospital do Cancêr, em São Paulo, do arq. Rino Levi, o Hospital da Fundação Larragoitti, do Rio, do arq. Oscar Niemeyer, assim como agora o Hospital do Radialista, dos jovens arquitetos Estanislau V. Zaremba e Helmut Braunschweiger, são mais alguns marcos dessa arquitetura funcional. E iniciativas como a da Associação Brasileira de Rádio que ordenou a construção do Hospital do Radialista, na Capital do país, merece os mais francos aplausos.

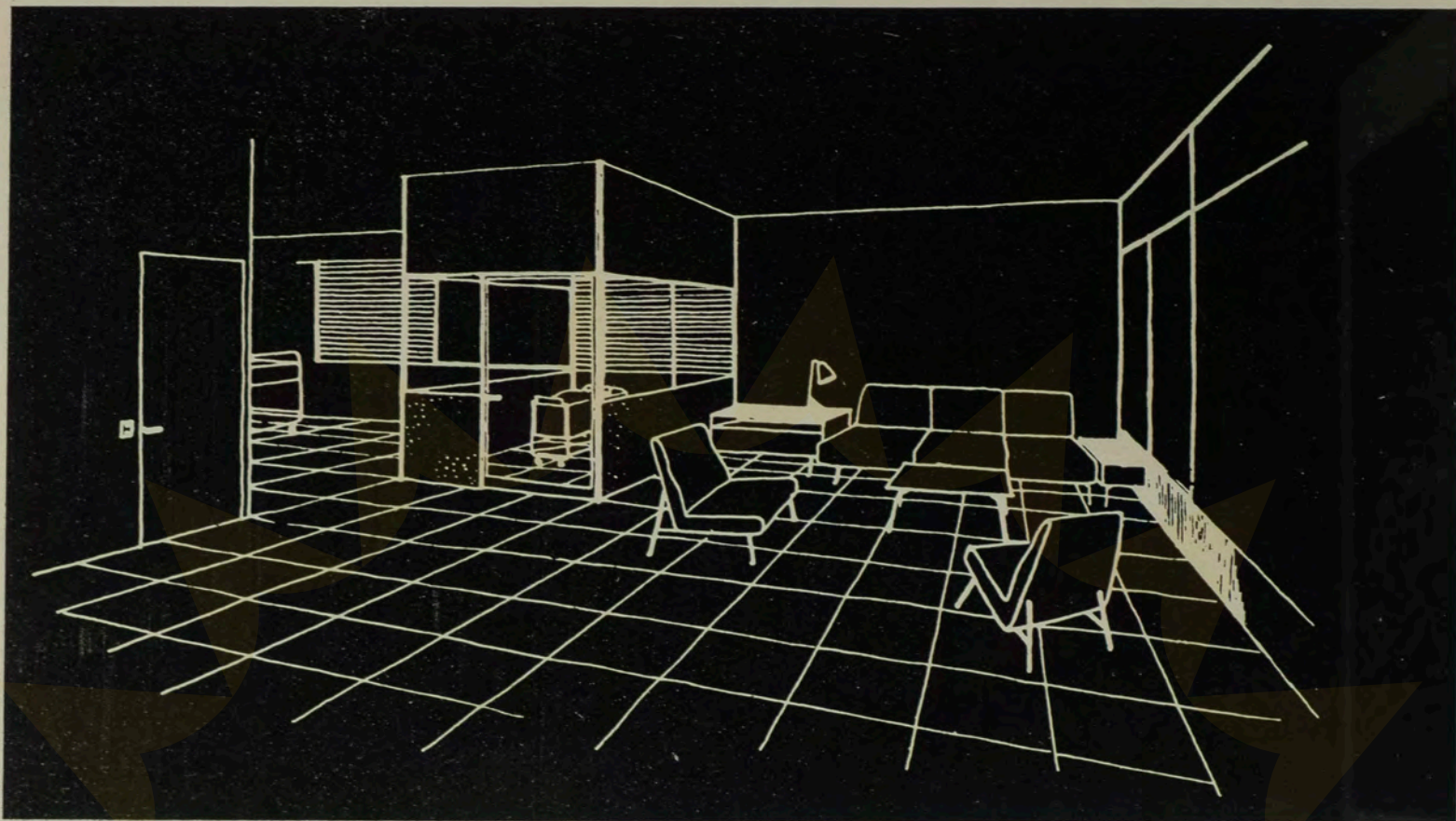


Hospital do Radialista, Rio de Janeiro, Hall de Entrada

PROPRIETÁRIO: Associação Brasileira de Rádio, Rio de Janeiro
PROJETO: Estanislau V. Zaremba e Helmut Braunschweiger
CONSTRUTORA: Federal Imóveis Engenharia "FIEL" Ltda.



Hospital do Radialista, Rio de Janeiro, Quarto com banheiro



Hospital do Radialista, Rio de Janeiro, Apartamento "Luxo"

Programa hospitalar

Dr. Mathias Gama e Silva

O Hospital foi programado dentro de uma sistematização de bases funcionais que compreendem em seu todo quatro setores, nos quais se encontram todas as unidades, seções e departamentos, levados em consideração nos estudos dos planos de projeto. Os setores são os seguintes:

I — DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Hall, administração, almoxarifado, relações com o público, lavanderia, rouparia central, conservação e limpeza, manutenção e reparos, central elétrica, subestação de eletricidade, central hidráulica, central térmica, central de ar condicionado, vestiário para o pessoal subalterno, salão de barbeiro, necrotério, instalações para o pessoal residente.

Garage, estacionamento para automóveis, entradas, outras instalações, sistema de chamar médicos e enfermeiras, instalações contra incêndio, e etc.

II — DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS MÉDICOS

A — SERVIÇOS MÉDICOS GERAIS

Instalações para o corpo clínico, gabinete do diretor, sala e vestiário dos médicos, sala de reuniões, auditório, biblioteca, médicos internos e plantonistas, serviços de admissão, registros médicos.

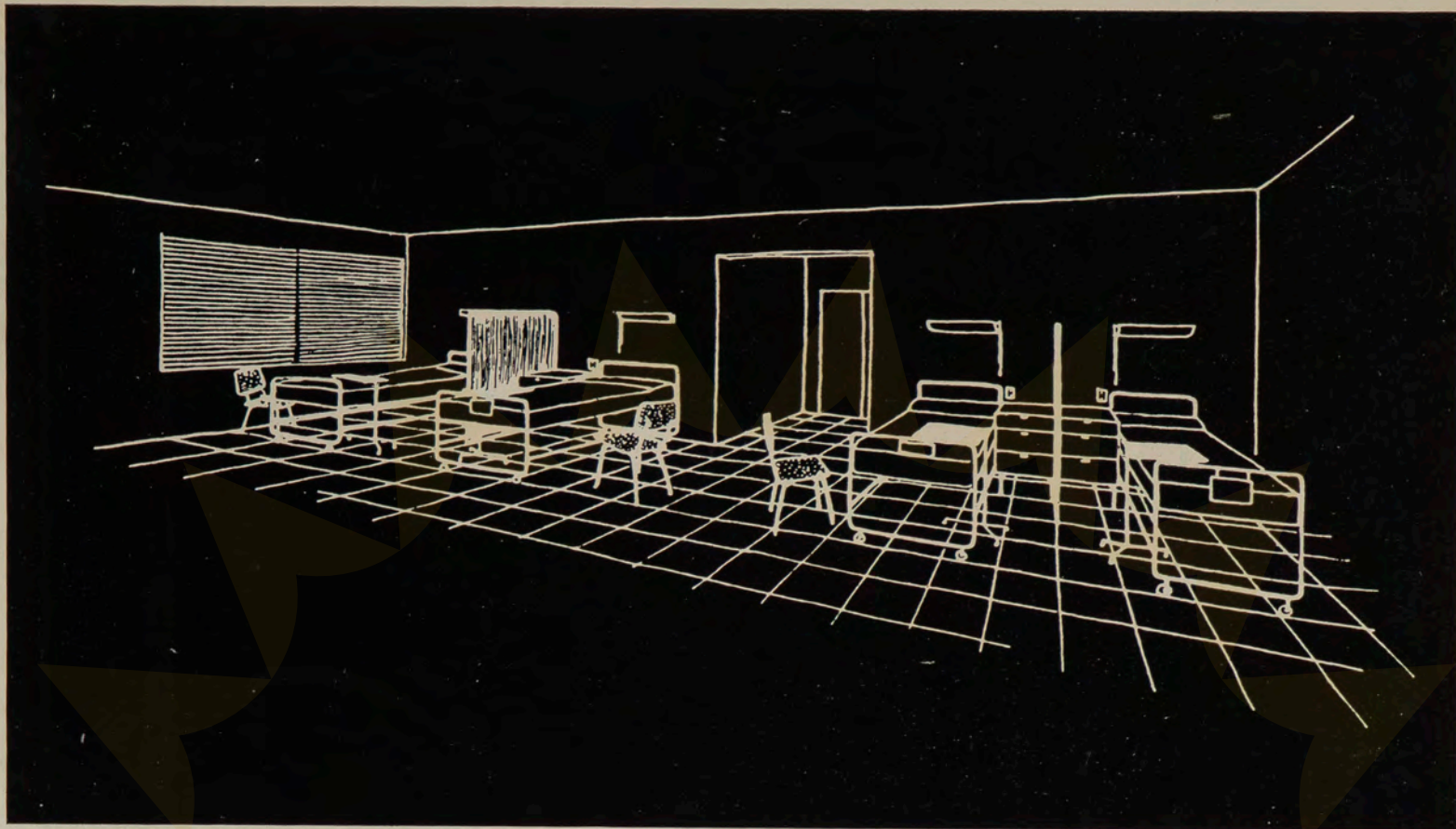
B — SERVIÇOS MÉDICOS ESPECIALIZADOS

1 — Hospitalização segundo a classificação: 10 % apartamentos de luxo, 35 % apartamentos simples, 35 % quartos com

sanitários, conjugados 2/2, 20 % pequenas enfermarias de 4 leitos cada. Segundo a distribuição pelas clínicas: Clínica Obstétrica 35 leitos, Clínica Cirúrgica e especialidades 35 leitos, Clínica Médica 15 leitos, Isolamento 5 leitos. Os dez apartamentos de luxo irão servir às diversas clínicas indistintamente.

2 — *Bloco Cirúrgico* compondo-se de: 3 salas de operações; 1 sala para ortopedia; 1 sala para urologia; 1 sala para olhos, ouvidos, nariz e garganta; 1 para anestesia; 1 para recuperação de recém-operados, com 6 leitos; vestiário para médicos e enfermeiras; sala para a enfermeira supervisora; central de esterilizações; sub-esterilizações, e etc.

3 — *Bloco Obstétrico* compondo-se de: 2 salas de parto, 2 salas de trabalhos de parto, 1 sala de preparo de mamadeiras,



Hospital do Radialista, Rio de Janeiro, Enfermaria "Tipo"

arsenal e material esterilizado, vestiário para médicos e enfermeiras, sub-esterilização. Os berçários serão individuais e anexos aos quartos, enfermarias e apartamentos. Existirão entretanto mais 2 pequenos berçários para infectados e prematuras.

4 — *Serviço de Emergência ou de Pronto Socorro* compoendo-se de: sala de espera; para pequena cirurgia; para curativos homens e mulheres; para repouso homens e mulheres com 2 leitos cada; sub-esterilização e arsenal; e etc.

C — SERVIÇOS MÉDICOS ESPECIALIZADOS COMPLEMENTARES

a) *Serviços auxiliares do diagnóstico*

Laboratórios clínicos e anatomo-patológico; Metabolismo basal; Eletrocardiografia; Raio X.

b) *Serviços auxiliares da Terapêutica*

Eletroterapia e hidroterapia; radioterapia; farmácia; banco de sangue; oxigenoterapia, com central de oxigênio.

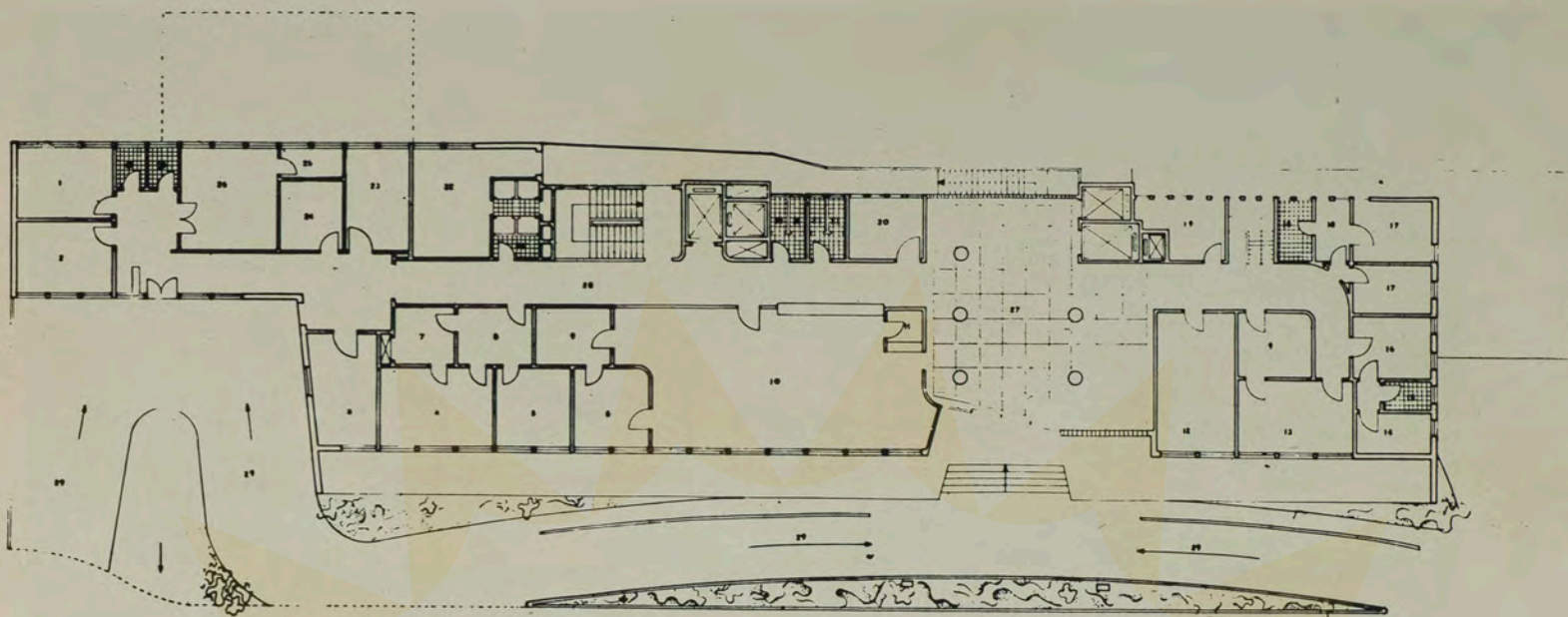
III — DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

Instalações para a enfermeira-chefe; sala de repouso e vestiário para as enfermeiras; serviços de enfermagem próprios dos andares de internamento de doentes.

IV — DEPARTAMENTO DE DIETÉTICA

Instalações para a dietista-chefe e assistentes; cozinha dietética; cozinha geral; restaurantes e salas de refeições.

OBSERVAÇÕES: O Departamento de doentes externos ou Serviço de ambulatório não será instalado neste Hospital, porque, sendo a sua finalidade principal dar toda assistência aos radialistas, membros da A.B.R., este serviço já vem funcionando com grande eficiência nas ótimas instalações existentes na sede da Associação Brasileira de Rádio, no centro da cidade e em ponto de fácil acesso aos interessados; o que não se daria si tivessem eles que dar grandes caminhadas afim de procurar o citado serviço em seu Hospital que está sendo construído na zona sul. Este Hospital também não será dotado de Serviço Social, cuja assistência já vem sendo e continuará a ser prestada pela A.B.R aos seus associados. Quanto as outras classes de doentes, não julgou-se uma necessidade a existência desse serviço.



Hospital do Radialista, Rio de Janeiro, Planta do andar térreo

TÉRREO

- 1 repouso homens
- 2 repouso mulheres
- 3 tratamento homens
- 4 diretor administrativo
- 5 secretário
- 6 chefe da contabilidade
- 7 enfermeira-chefe
- 8 sala de espera
- 9 arquivo
- 10 contabilidade
- 11 caixa
- 12 biblioteca
- 13 sala médicos
- 14 vestiário médico

- 15 B. W. C.
- 16 diretor clínico
- 17 quarto
- 18 vestiário
- 19 barbeiro
- 20 central telefônica
- 21 W. C.
- 22 vest. médico
- 23 trat. mulheres
- 24 trat. homens
- 25 sub-esterilização
- 26 sala de operação
- 27 hall
- 28 circulação
- 29 rampas

Detalhes técnicos

1 — ESTUDOS E PLANEJAMENTO

Os diversos elementos do programa foram fornecidos pela Comissão Organizadora. Essa Comissão estudou as necessidades funcionais do Hospital do Radialista. Os arquitetos procuraram um projeto que, dentro desse programa, permitisse um pessoal reduzido, em espaço mínimo e com o máximo de rendimento, pela disposição judiciosa dos serviços e pela mecanização dos equipamentos. Os arquitetos tiveram sempre duas preocupações principais: ótimo funcionamento e economia na construção e no próprio funcionamento.

2 — PAVIMENTOS

Os princípios acima levaram os projetistas a conceber um hospital em um só bloco de dez pavimentos. Todas as disposições foram fixadas de forma a que cada andar tivesse a autonomia e tranquilidade de um pavilhão isolado colocado no meio de um parque. Isto, entretanto, não impede a maleabilidade do projeto, mas evita os inconvenientes do encarecimento dos pavilhões separados, não só na construção como também na manutenção.

O funcionamento médico e a organização geral são também mais econômicos e fáceis no monobloco projetado, pois permitem a concentração de todos os serviços, gerais, médicos, de diagnósticos e terapêutica, administrativa e etc.

O número de dez pavimentos constitui um limite razoável para a construção de estrutura de concreto e para utilização de elevadores.

3 — ESQUEMA

Como base para o projeto, foram prefixados os pontos básicos, embora os mesmos tivessem determinado bastante dificuldade de ordem arquitetônica. Porém a solução conseguida satisfaz, tomando em consideração os seguintes pontos:

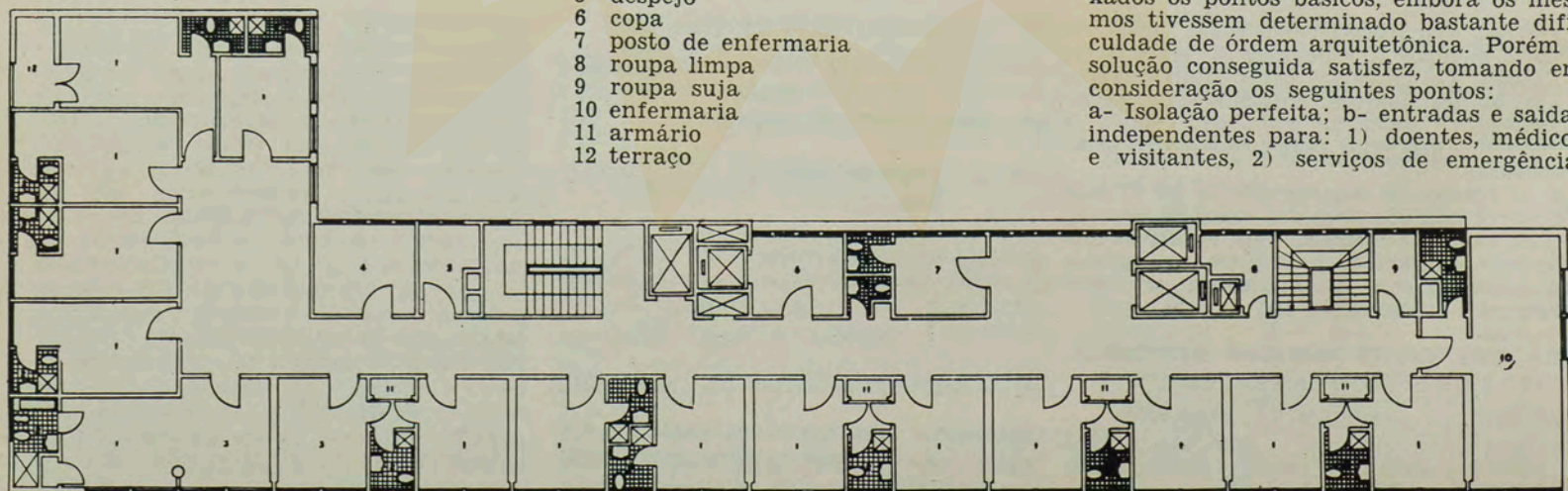
a- Isolação perfeita; b- entradas e saídas independentes para: 1) doentes, médicos e visitantes, 2) serviços de emergência,

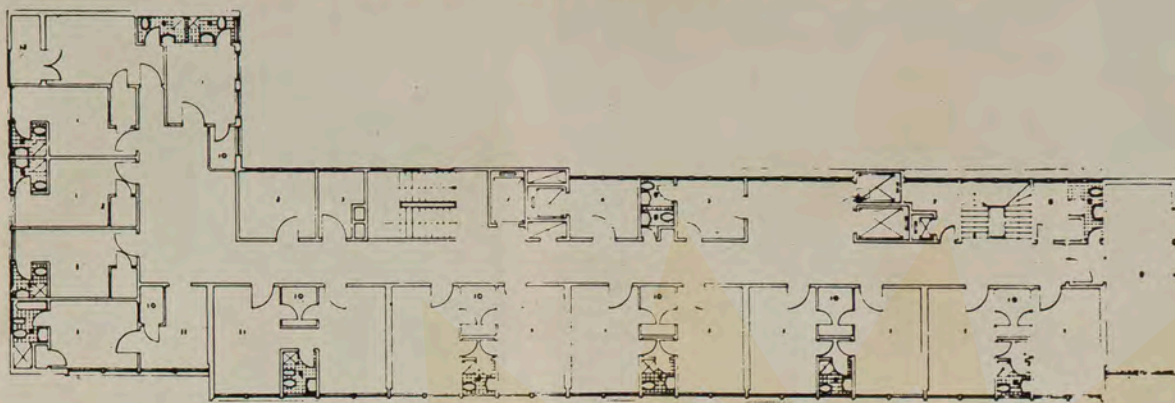
Hospital do Radialista, Rio de Janeiro, Planta do 2.º e 3.º pavimento: Clínica Cirúrgica

2.º 3.º PAVIMENTO

Clínica Cirúrgica

- 1 quarto
- 2 B. W. C.
- 3 sala
- 4 tratamento
- 5 despejo
- 6 copa
- 7 posto de enfermaria
- 8 roupa limpa
- 9 roupa suja
- 10 enfermaria
- 11 armário
- 12 terraço





- 1 quarto
- 2 tratamento
- 3 despejo
- 4 copa
- 5 posto de enfermeira
- 6 roupa limpa
- 7 roupa suja
- 8 enfermaria
- 9 B. W. C.
- 10 berçário
- 11 sala
- 12 terraço

3) serviços de abastecimento; c - centralização, ao máximo possível, dos serviços de diagnósticos e administrativos; d - separação completa na circulação; e - hospitalização de acordo com o programa; f - necessidade da previsão para aumento; g - máximo de economia; h - a conveniência de um projeto flexível.

Estes elementos equacionaram o problema e em seguida veremos separadamente cada elemento.

I — INSOLAÇÃO:

De acordo com a orientação do terreno, não foi difícil determinar a do bloco e tão pouca a própria orientação dos elementos principais, tais como quartos e enfermagem. A orientação do bloco construtivo ficou imediatamente fixada pelos seguintes elementos:

1 — Não seria possível pensar em uma construção no sentido transversal ao terreno, pois o custo da mesma seria elevadíssimo, devido a rocha que se encontra nos fundos do terreno.

2 — A orientação no sentido da frente do terreno, é a indicada como ideal para a construção de hospitais no Rio de Janeiro. Isto feito, determinou-se também a localização dos elementos principais:

a) Quartos - apartamentos - enfermarias: Tinha-se por força no item anterior duas fachadas principais, a fachada SE e a fachada NO.

A primeira é evidentemente a única na qual poderiam ser localizados leitos. Não foi possível pensar de forma alguma em qualquer localização em outro lugar: a localização destes quartos na fachada NO, daria a certeza de não estar apresentando um

bom projeto. Esta condição determinou a forma do bloco: uma lâmina paralela à frente do terreno.

b) *Serviços de enfermagem*: A localização dos elementos de serviços ficou determinada desta forma na fachada NO, isto é, a fachada de insolação mais forte. Desta forma o problema da insolação foi resolvido.

II — ENTRADAS:

Para o bom funcionamento do Hospital inicialmente tinha-se a necessidade da separação completa das entradas de serviço e das entradas dos pacientes. Porém tal ainda não satisfaria; resolveu-se fixar as seguintes entradas e saídas: Médicos, pacientes e visitas - Pessoal de serviço - Serviço de emergência - Abastecimento - Saída do necrotério - Garagens e oficinas. Estas entradas deram a mais absoluta independência de movimentação. Dificilmente poderia-se ter obtido melhor solução.

III — LOCALIZAÇÃO:

O serviço de Administração, de Emergência e de Diagnóstico e Terapêutica, constituíram uma das mais difíceis etapas do projeto. Não se podia de forma alguma, separar qualquer dos serviços acima indicados com a construção de um bloco separado.

Tal solução embora fácil, não interessava, pois complicaria todos os serviços fundamentais do hospital. A solução surgiu com a colocação dos serviços terapêuticos em um andar isolado. Desta forma o projeto dava também mais um passo para a flexibilidade de funcionamento. Todos os serviços em questão, estavam grupados, e a sua localização dará a qualquer técnico

hospitalar moderno a possibilidade de uma organização perfeita.

IV — CIRCULAÇÃO:

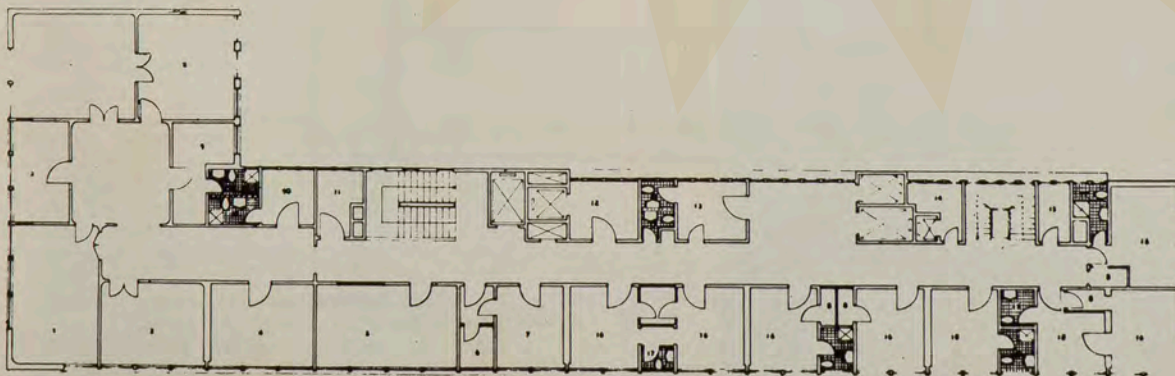
Procurou-se estudar a circulação para obter um uso fácil e sem confusão. O esquema de circulação poderá oferecer uma noção bem mais precisa desses elementos. Além disto foi necessário, também reduzir ao máximo possível esta circulação e por isso optava-se a largura dos corredores a medida de 1,90 mts. concordando desta forma com os técnicos hospitalares que não julgam necessário o retorno de macas em qualquer ponto do corredor de circulação.

V — A NECESSIDADE DA PREVISÃO PARA AUMENTO:

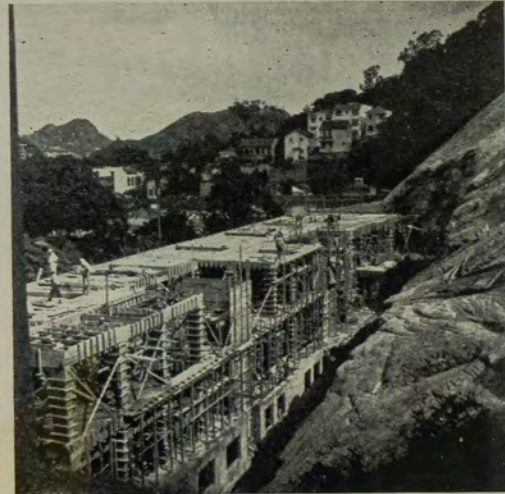
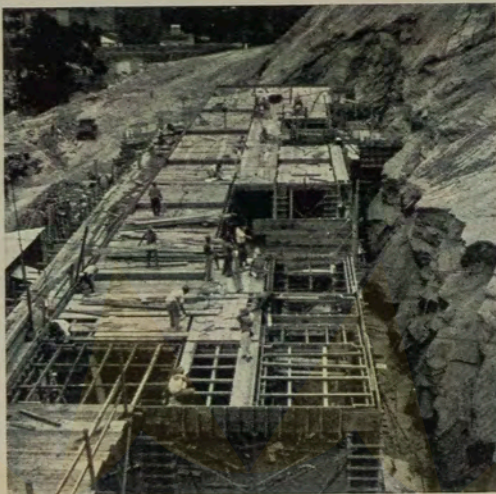
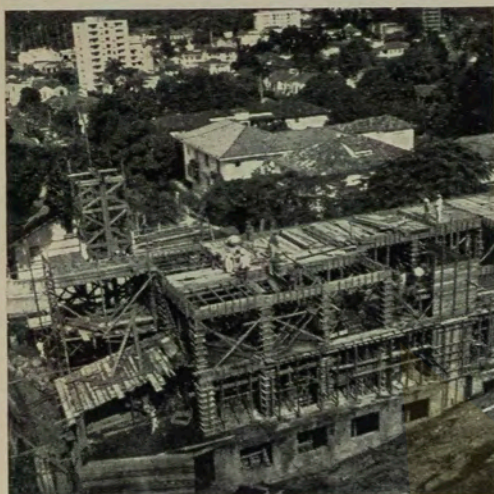
Não foi projetado o Hospital do Radialista sem pensar no desenvolvimento do mesmo e para isto o projeto prevê um aumento de mais cinquenta leitos. Este aumento foi projetado de tal forma que não prejudicará seu funcionamento.

VI — MÁXIMO DE ECONOMIA POSSÍVEL.

Este ponto é crítico no projeto e procurou-se desde o início criar um conceito de economia em torno do mesmo. Foi usado, então, desde o início, o conceito modular de construção o que permitiu uma estrutura absolutamente simples e altamente econômica, tendo ainda como consequência que todos os elementos construtivos permanecem outrossim dentro do sistema modular. O módulo escolhido para este projeto foi o de 1,70 mts; este módulo foi determinado por dois elementos: a largura dos quartos e a indicação de técnicos em concreto e vários industriais da Construção civil.



- 1 sala de parto
- 2 sala de trabalho
- 3 sub-esterilização
- 4 isolamento
- 5 prematuros
- 6 esterilização
- 7 preparação de mamadeira
- 8 berço
- 9 vest. médico
- 10 vest. enfermeira
- 11 despejos
- 12 copa
- 13 posto de enfermeira
- 14 roupa limpa
- 15 roupa suja
- 16 quarto
- 17 B. W. C.
- 18 sala



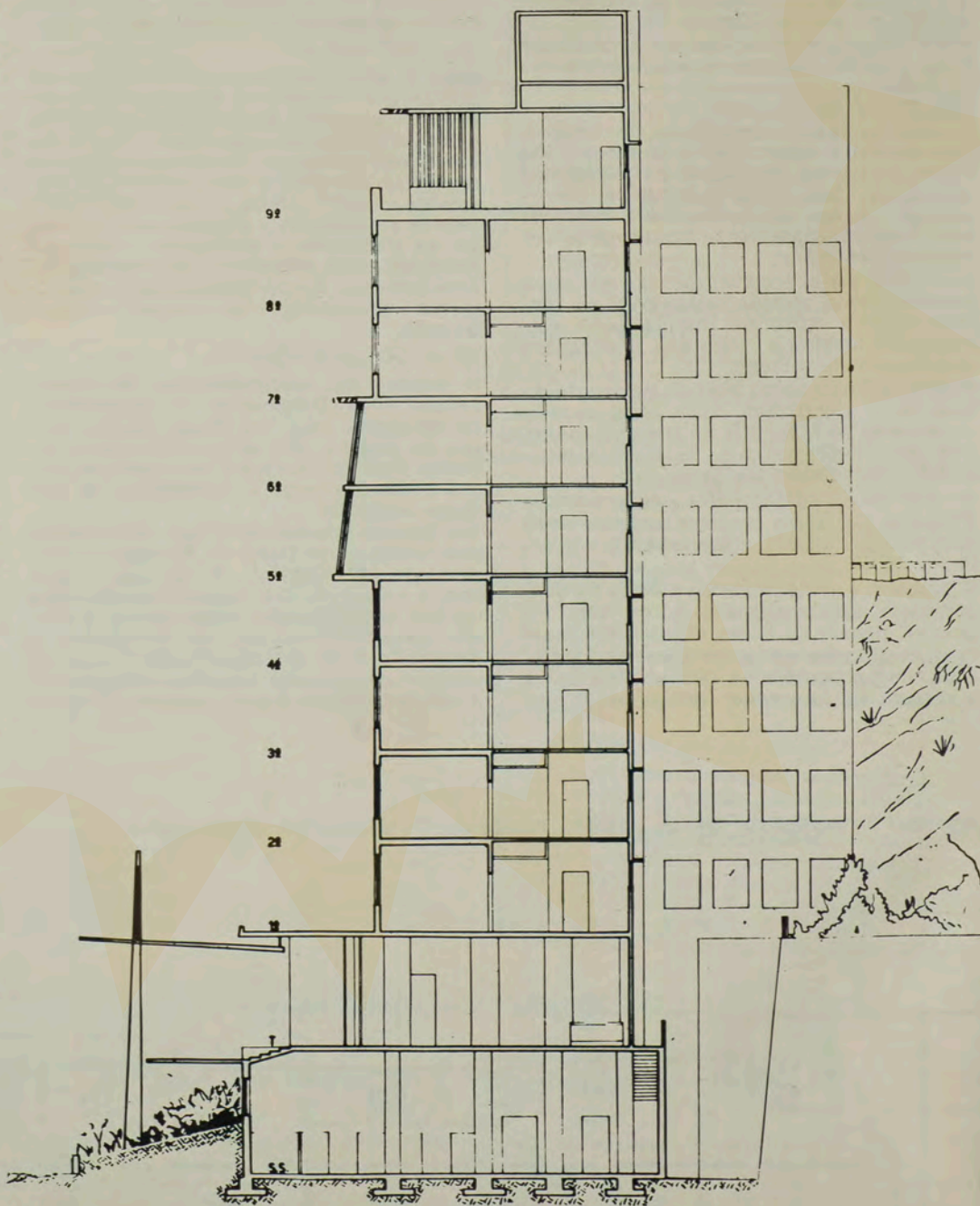
Vários aspectos das fases da construção, no início das obras do Hospital do Radialista, Rio de Janeiro

CONSTRUÇÃO:

Federal Imóveis Engenharia "FIEL" Ltda.
(Depart. de Construções hospitalares)
Rua Santa Luzia, 799. 14.º and., conj. 1402,
fone: 42-3620, Rio de Janeiro, D. F.

FORNECEDORES:

Sociedade Mercantil de Madeiras,
Rua Frei Caneca, 63/5
Sociedade de Madeiras Rio Ltda.,
Praia S. Cristovão, 338
Cobraf - Comp. Bras. de Artefatos de Ferro,
Av. Graça Aranha, 327 - 12.º and. s/1204/5
F. Castro Silva,
Av. Calogeras, 15 - 11.º and. s. 1101
Carlos Racca,
Rua Ibitiúva, 304
Sacifer - Sá Comércio e Indústria Ltda.,
Rua Evaristo da Veiga, 41-A
Império dos Fogões Com. e Ind. Ltda.,
Av. Mem de Sá, 146
Andrade & Abrantes & Cia. Ltda.,
Rua Luiz de Camões, 94 (2.ª Loja)
Elevadores Schindler,
Av. Rio Branco, 128 - 12.º and. s/1206/1210
Capelaro & Cotait Ltda.,
Rua Evaristo da Veiga 20 - 1.º and. S./1 e 2
Confort Air,
Rua Washington Luiz, 81
Siman - Comp. de Metais Anodizados S. A.,
Rua da Alfandega, 93 - 1.º and.
Persianas Super Flex,
Rua Alvaro Alvim, 33-37 - 6.º s/ 617
Com. e Industrial de Fornos Werco Ltda.,
Rua General Gurjão, 102
S. A. White Martins,
Rua Beneditinos, 1/7
Assumpção Fernandes & Cia. Ltda.,
Av. Graça Aranha, 226 - 9.º and. s/916
Bureau Caldas Branco,
Rua da Assembléia, 98 - 4.º and., s./ 46
Codima,
Av. Presidente Vargas, 463-A - 10.º and.
Cogema,
Rua do México, 31 - 8.º and.
Ind. e Com. Ferragens Continental Ltda.,
Rua Benedito Hipólito, 78
João Lemgruber Kropf,
Praça Quintino Bocaiuva, 11 e 13
Spil - Rua Conselheiro Crispiniano, 125
11.º andar, São Paulo
Ferragens Dias Pinheiro Ltda.,
Rua Riachuelo, 9
Vidrarte,
Rua do Senado, 260
Leviathan Comércio e Indústria Ltda.,
Rua do México, 70 - 5.º and. Grupo 502



Hospital do Radialista, Rio de Janeiro. Corte transversal "EF"

Conforto dos lares modernos...

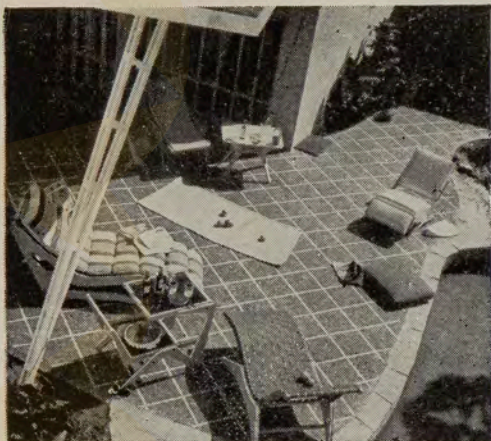
A contribuição da indústria moveleira para o conforto, beleza e bem estar da família, em nosso país, tem sido, através dos tempos e das épocas, das mais importantes.

Essa mesma indústria moveleira nacional, desde os tempos do Brasil-Colônia, passando pelo período do Império e mais tarde, na era republicana, vem, indiscutivelmente, acompanhando todas as mutações e todas as variações dos estilos e dos gostos. Lembremo-nos, que a indústria moveleira sempre sofreu influência das velhas escolas européias e que, portanto, pouco ou quase nada de nós mesmos produzimos no passado.

Cabe, mesmo, nesta oportunidade, lembramo-nos daqueles vetustos móveis que guarneciam as residências, antigamente. Móveis fabricados com madeiras pesadas, com os clássicos entalhes, muito ao gosto da época. Os dormitórios, as salas de estar, os refeitórios, as bibliotecas, e mais compartimentos de uma casa ou de um lugar de trabalho, eram de uma gravidade, de uma austeridade espantosa.



Confortável "living", mobiliado com Móveis funcionais Z



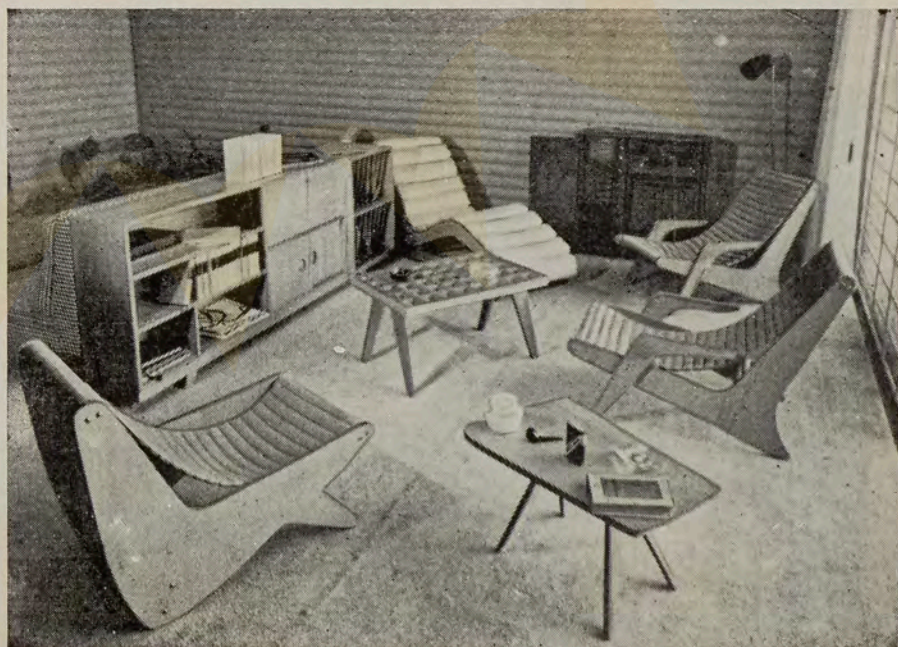
Também no terraço os Móveis Z cumprem perfeitamente sua função

As linhas simples, mais revolucionárias, mas, ao mesmo tempo, perfeitas e graciosas dos móveis dos nossos dias, geraram o chamado móvel funcional, o qual, como seu próprio nome indica, tem o acentuado propósito de servir com mais função o seu destino. A qualidade de madeira, notadamente, as claras, também adquiriram um relevo não menor.

Na moderna arte decorativa, na parte dos móveis, a contribuição que os Móveis Artísticos Z, tem dado, merece um certo destaque. Porque, o magnífico estabelecimento industrial de São José dos Campos vem produzindo toda uma extensa linha de móveis funcionais, com uma tendência para permitir que todos, indistintamente, guarneçam seus lares com móveis mais condizentes com esta época tão cheia de dinamismo. Confortáveis e originais, os Móveis Artísticos Z, indiscutivelmente, representam o que de mais alto se conquistou no artesanato mobiliário do nosso país. E mais: acentuando suas qualidades bem características, os conhecidos móveis funcionais Z valorizam-se pelo emprego de outros excelentes e modernos materiais, como, por exemplo, molas, plásticos e compensados impermeáveis, que resulta em mais perfeição e beleza para eles.

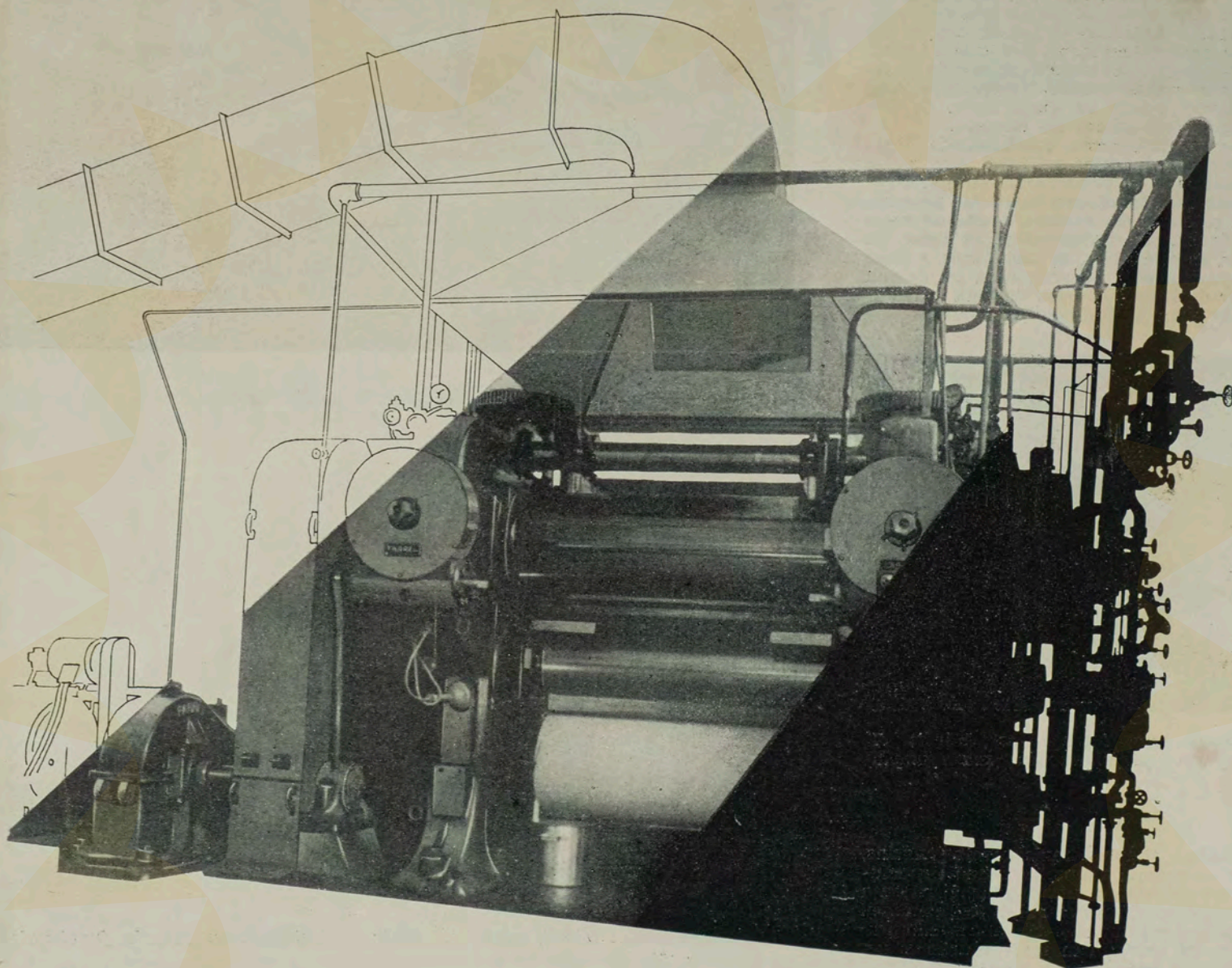
Nesta página, damos uma pequena amostra da linha de móveis mais de acordo com a nossa época, com que a Indústria de Móveis Artísticos Z vem enriquecendo os lares brasileiros.

Moderno "living", magnificamente mobiliado com Móveis funcionais Z



PLAVINIL

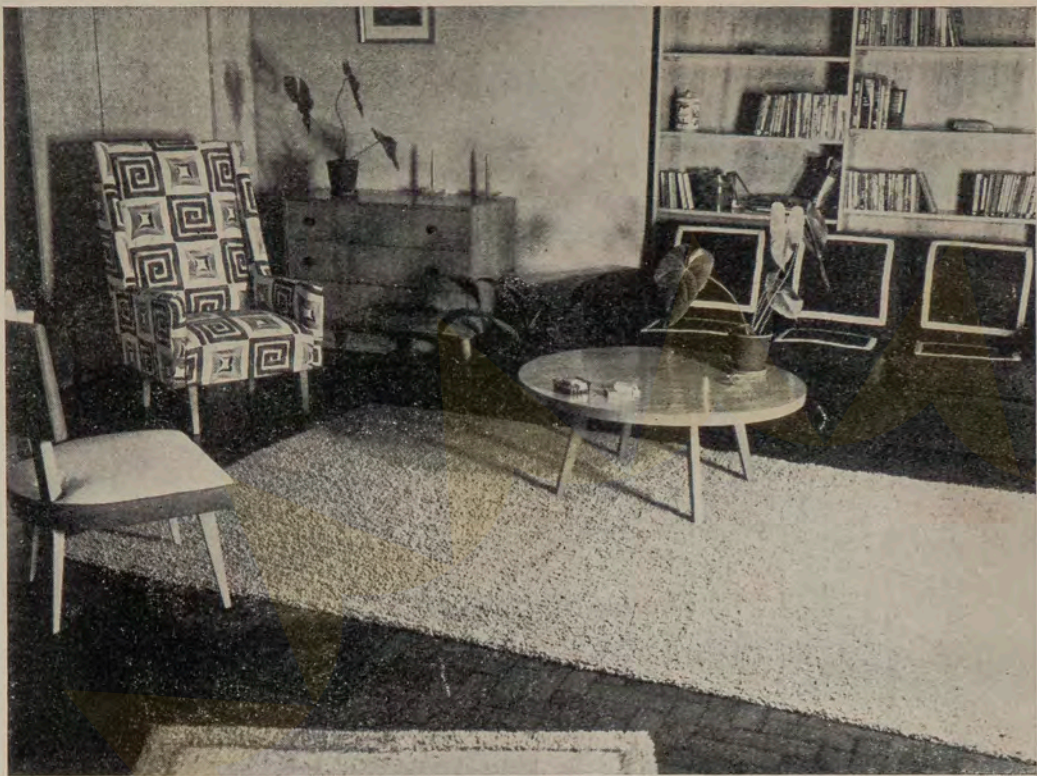
**maravilhosa síntese
de uma grande conquista
técnica - os plásticos**



O material plástico veio assinalar uma nova era no mundos das conquistas técnicas... Estofamentos, revestimentos, tecidos, tubos, chapas, isolamentos — enfim, tôda essa imensa variedade de aplicações não chegam a dar uma pálida idéia sequer da diversidade de utilizações dos plásticos. Além dêsses usos e impressionantes realizações industriais, os plásticos se estendem ainda a outros setores, desde as atividades artísticas, como painéis decorativos e motivos esculpidos, até a construção de peças resistentes, como certas fuselagens de aviões que são construídas com plásticos e demonstram maior rigidez que as de metal.

No Brasil, destacam-se no campo da moderna indústria de material plástico, os PLÁSTICOS PLAVINIL.

A maior organização fabril de laminados vinílicos da América do Sul — PLÁSTICOS PLAVINIL S. A. — veio preencher uma lacuna há muito constatada por estofadores, decoradores e, também, pelas donas de casa. É que surgiram os primeiros tecidos ideais para estofamentos, revestimentos, cortinados, atoalhados, protetores, etc., dotados de características verdadeiramente surpreendentes, pois atingiram a supremacia de CONFORTO, BELEZA, ECONOMIA e HIGIENE! Plásticos Plavinil representam, em suma, uma contribuição inestimável para o progresso e o bem-estar nos lares do Brasil.



Alguns aspectos de interiores de modernas residências, com o aproveitamento dos tapetes "Chenile"

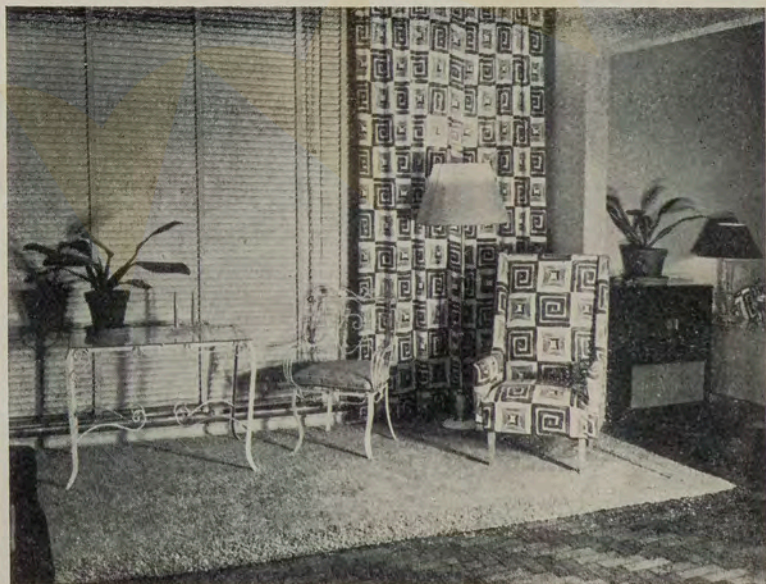
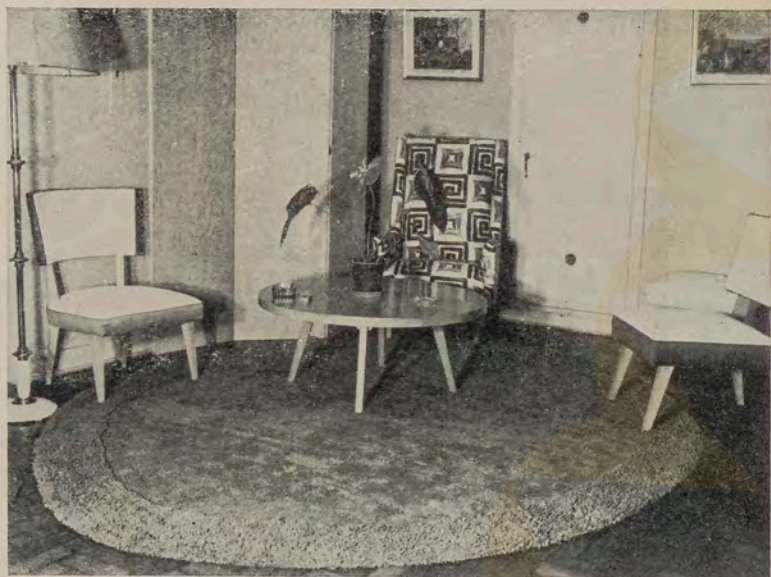
Aos nossos pés a beleza do lar!

As casas, antigamente, principalmente as chamadas solarengas, eram assoalhadas com aquelas monstruosas táboas bem largas; posteriormente, elas se estreitaram. Quando estavam bem sujas, ou melhor, cada fim da Semana, o assoalho era lavado, pois a cêra para soalho ainda não era usada ou melhor conhecida. Mais tarde, em nossos dias, o chamado taco de madeira, assentado no piso de concreto, veio melhorar o aspecto dos vários compartimentos de uma residência e mesmo de um local de trabalho.

Apesar das múltiplas combinações e desenhos feitos com esses tacos de madeira, ainda assim qualquer peça da residência apresenta, hoje, aspectos nem sempre agradáveis à vista. Isto porque, o assoalho feito de taco vai aos poucos, com o enceramento e com a poeira, escurecendo. O tapete assume, indiscutivelmente, papel de acentuada importância na apresentação de um ambiente. O tapete traz majestade ou alegria ao ambiente, sendo complemento indispensável, na moderna decoração. A tendência, em nossos dias, é de se cobrir as salas, os dormitórios, os "halls" com tapetes de uma só cor. Existem também, os que preferem tapetes removíveis, para facilitar a limpeza.

Um dos tapetes que vem sendo aplicado com grande sucesso no embelezamento dos lares modernos, é o fabricado pela firma Chenile do Brasil S. A. Manufaturado por processo especial, este tapete é apresentado em vários padrões, nas mais lindas cores da moda e em qualquer tamanho sendo de preço acessível. E mais: não enruga, não escorrega e pode ser lavado mesmo na própria residência. Apresenta ainda a grande vantagem que, quando se deseja decorar o ambiente de sua casa, o tapete pode ser tingido pela própria fábrica, na cor que combine com a nova decoração.

Os fabricantes destes tapetes, Chenile do Brasil S. A., vem se desdobrando no sentido de aperfeiçoar cada vez mais os seus produtos, que representam uma contribuição para o maior embelezamento dos lares paulistanos e brasileiros.



*Vendas nas
boas casas*

**COLCHÃO
de MOLAS**

SIESTA

Fabricação:

Citytex

Preços líquidos em S. Paulo excluídos embalagem, frete e 4% imposto de consumo: SOLTEIRO Cr.\$ 1.460,00 - CASAL Cr.\$ 2.140,00

GARANTIA 5 ANOS

Séde: São Paulo - Rua da Consolação, 1581 - Telefone: *35-9121

Capital Cr\$10.000.000,00 - Área do Terreno 94.043,00 mt.² - Área Coberta 8.000²
Número de Operários 500 - Capacidade mensal de produção: 8.000 colchões de molas
1.000 sofás-camas - 100.000 mts. de tecidos - 2.500 peças de móveis estofados -
2.000 pares de cortinas prontas - 2.000.000 de molas de aço.

SISTEMA AMERICANO, EM LINHA DE MONTAGEM

ESCADAS ROLANTES

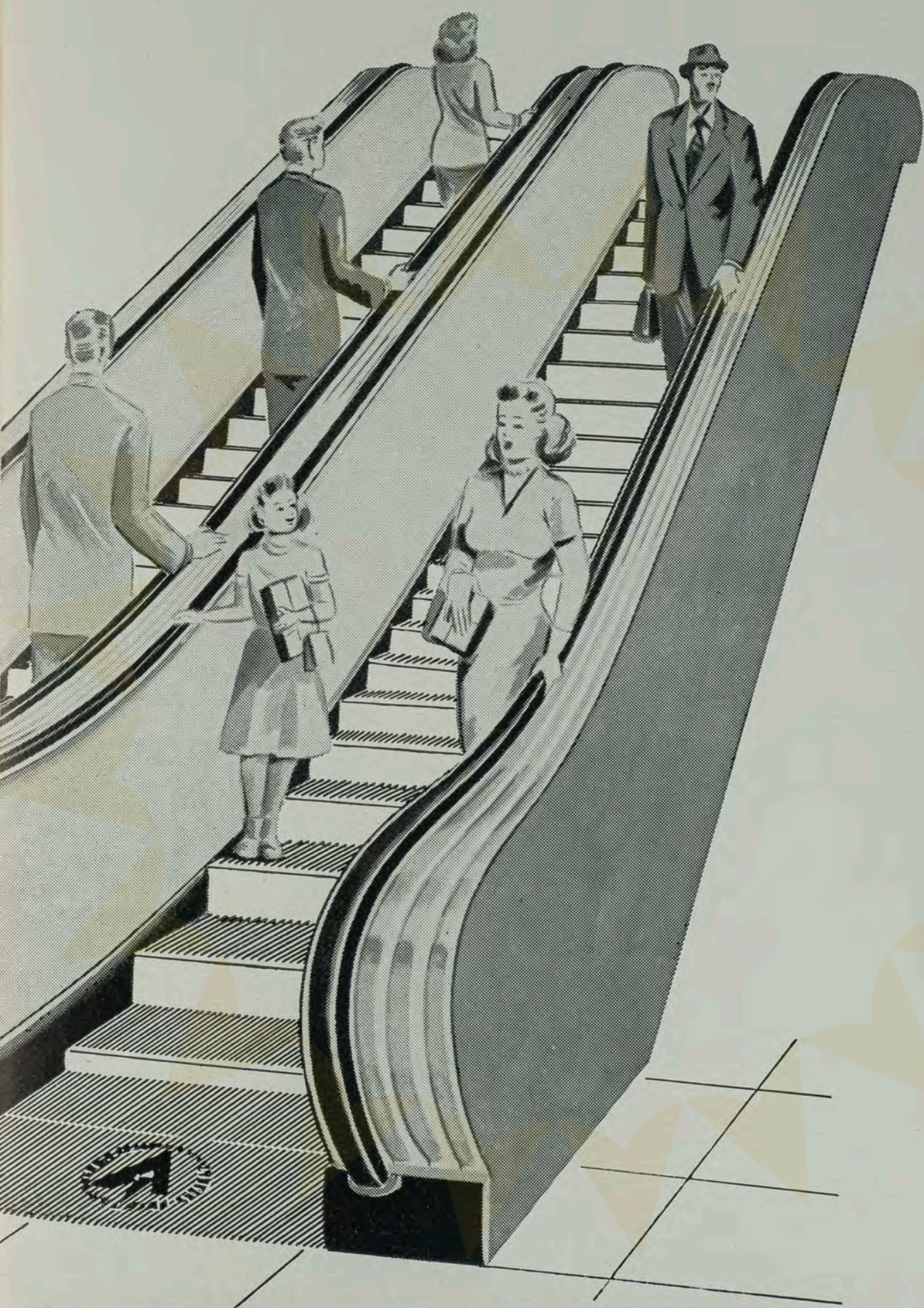


ELEVADORES ATLAS S. A. sente-se orgulhosa de comunicar haver iniciado a produção de ESCADAS ROLANTES, constituindo-se a pioneira desta fabricação no Brasil. Estes equipamentos da maior utilidade e da mais vasta aplicação no transporte confortável e contínuo de grande número de pessoas tanto em logradouros públicos como em lojas, casas de diversões, bancos, repartições públicas etc. Irão doravante ser projetados e fornecidos pela sua fábrica de São Paulo com o rigor técnico já tradicional dos seus produtos. As ESCADAS ROLANTES ATLAS apresentarão os característicos e detalhes de fabricação adotados pela WESTINGHOUSE ELECTRIC CORPORATION, USA, de acordo com contrato com esta empresa de renome mundial. Produzindo agora também ESCADAS ROLANTES, ELEVADORES ATLAS S. A. tem a satisfação de mais uma vez dar sua contribuição ao esforço econômico do país, hoje concentrado no escopo de evitar a evasão de divisas cambiais para o estrangeiro.

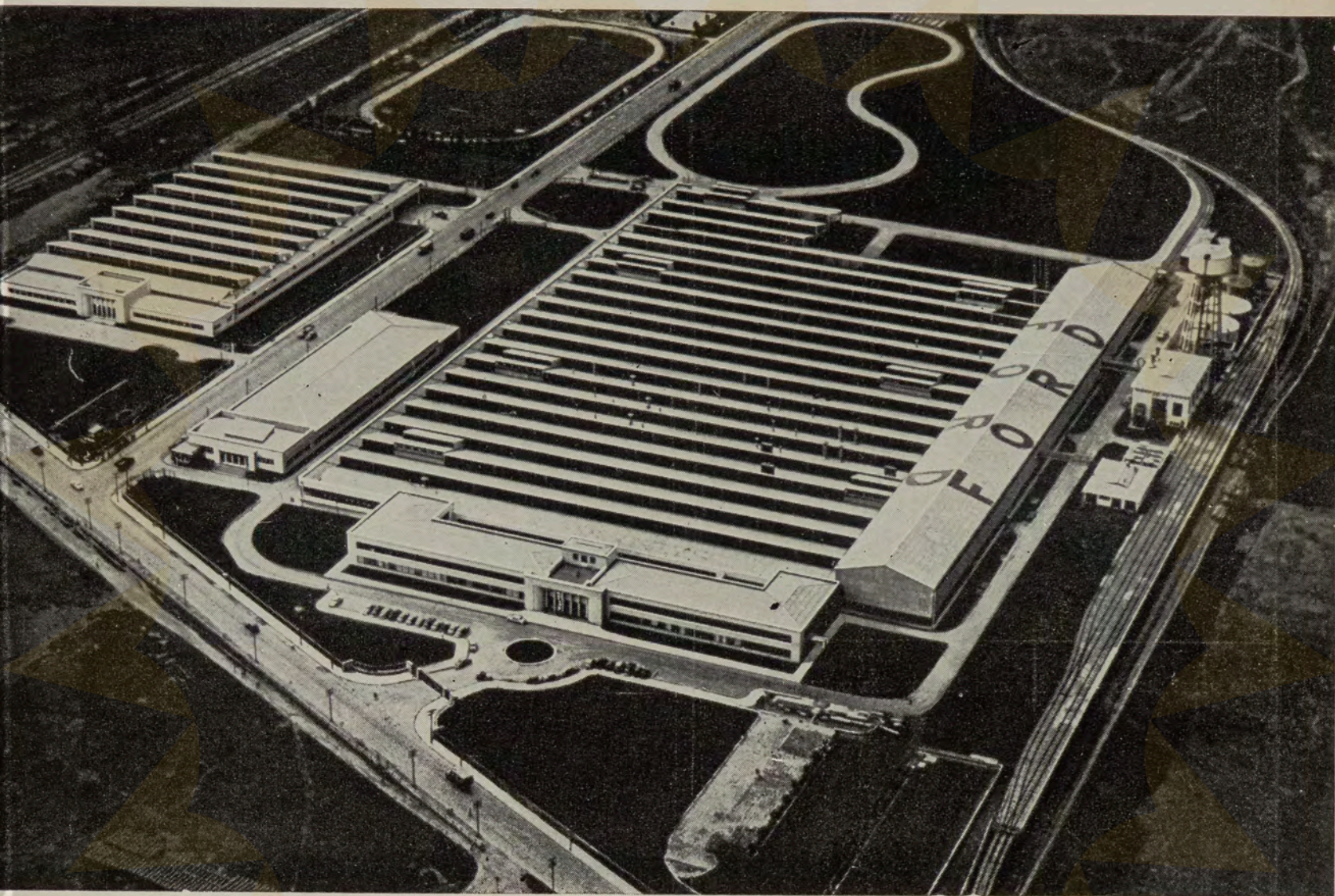


ELEVADORES ATLAS S. A.

SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - BELO HORIZONTE - SALVADOR



R - CURITIBA - CAMPINAS - SANTOS - RECIFE - PORTO ALEGRE



NÓVA FÁBRICA DA
FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS INC., EM S. PAULO

PROJÉTO DE
SEVERO e VILLARES S. A.

São Paulo

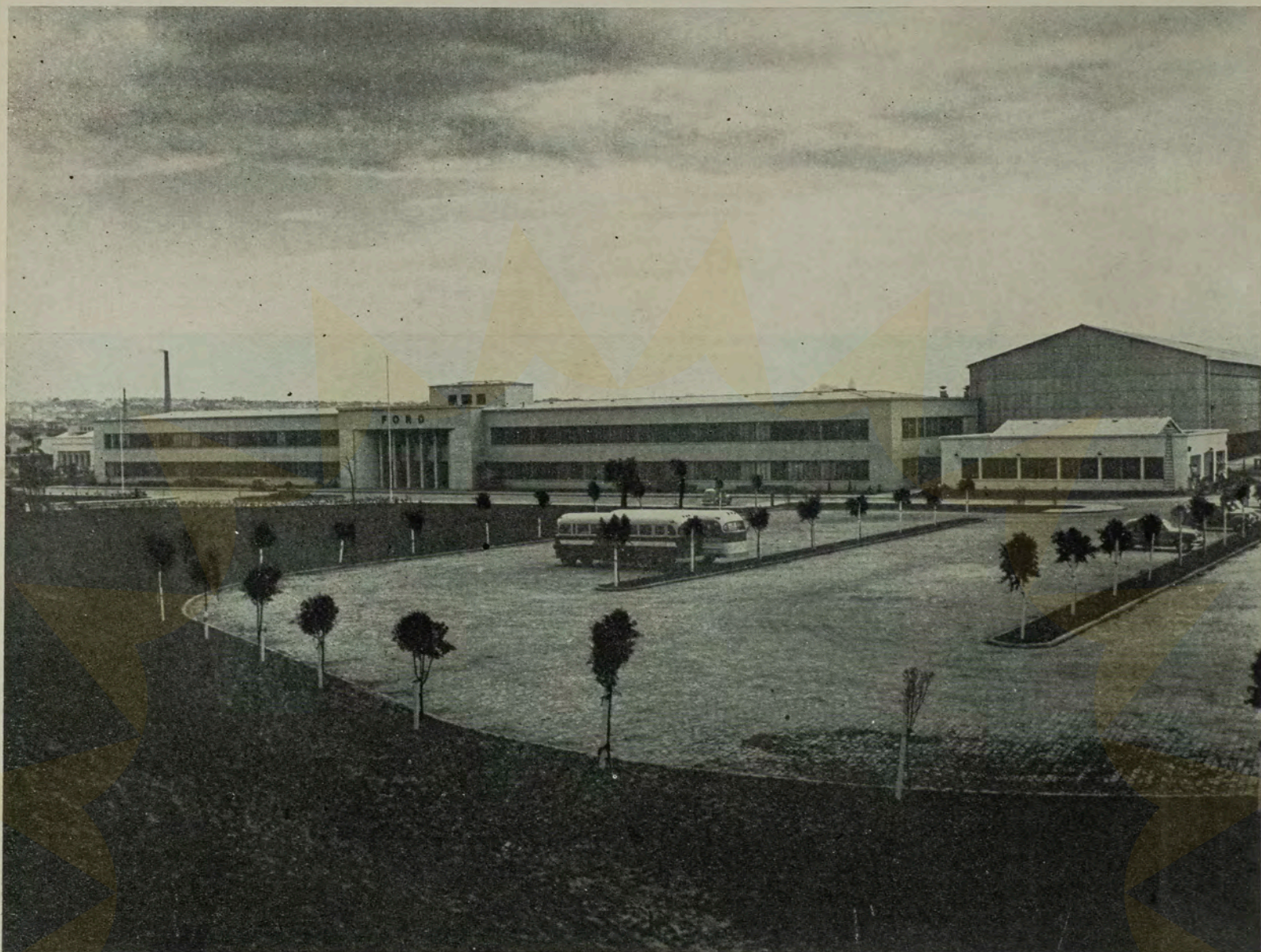
Rua Libero Badaró, 152/12.º

Rio

Av. Franklin Roosevelt, 137/8.º

Santos

Rua Riachuelo, 42/4.º



Vista geral da fachada dos escritórios. Em primeiro plano, o pátio de estacionamento dos veículos dos funcionários

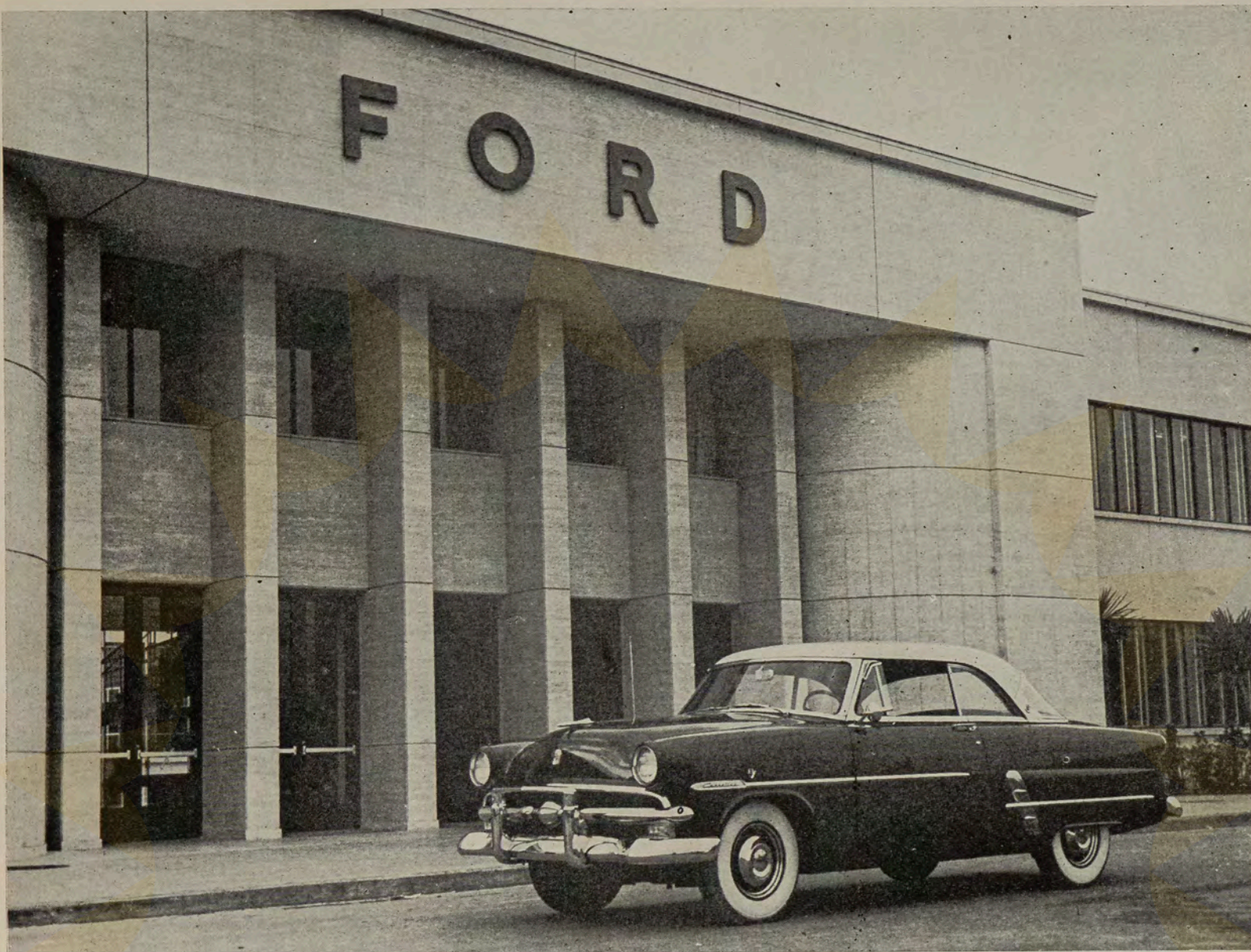
A mais moderna linha de montagem da América do Sul

Foi em 1919, num pequeno armazém da rua Florêncio de Abreu, em São Paulo, que a primeira linha de montagem da Ford Motor Company no Brasil começou a produzir — chegando, no mesmo ano, a vender mais de dois mil — automóveis e caminhões modelo “T”, em virtude da fama conseguida nos dois anos anteriores à instalação da Companhia em nosso país, quando uma firma particular distribuía os produtos Ford no Brasil.

Já no ano seguinte foram as instalações aumentadas e transferidas para um antigo ringue de patinação na Praça da República, continuando a produção de veículos em ritmo crescente, até haver necessidade de nova mudança para instalações ainda maiores, o que aconteceu em 1921, quando a montagem dos produtos Ford passou a ser feita na Rua Solon 809, no bairro do Bom Retiro, local onde até recentemente eram realizadas todas as operações de produção de veículos Ford no Brasil.

A história da Ford no Brasil está cheia de fatos que atestam o espírito pioneiro da grande companhia. Havia, nos períodos iniciais da vida da Ford brasileira, a grande dificuldade causada pela inexistência quasi absoluta de estradas e pela péssima qualidade e estado de conservação das poucas vias de comunicação existentes. A Ford, no Brasil, chegou sempre antes das estradas e mesmo, fez estradas, abrindo sulcos com suas rodas duras e realizando feitos considerados, na época, impossíveis. O Brasil não era um país industrial nem possuía um povo com mentalidade técnica. A Ford formou seus próprios operários especializados e criou escolas para o treinamento de mecânicos na assistência à seus veículos, já espalhados pela nação.

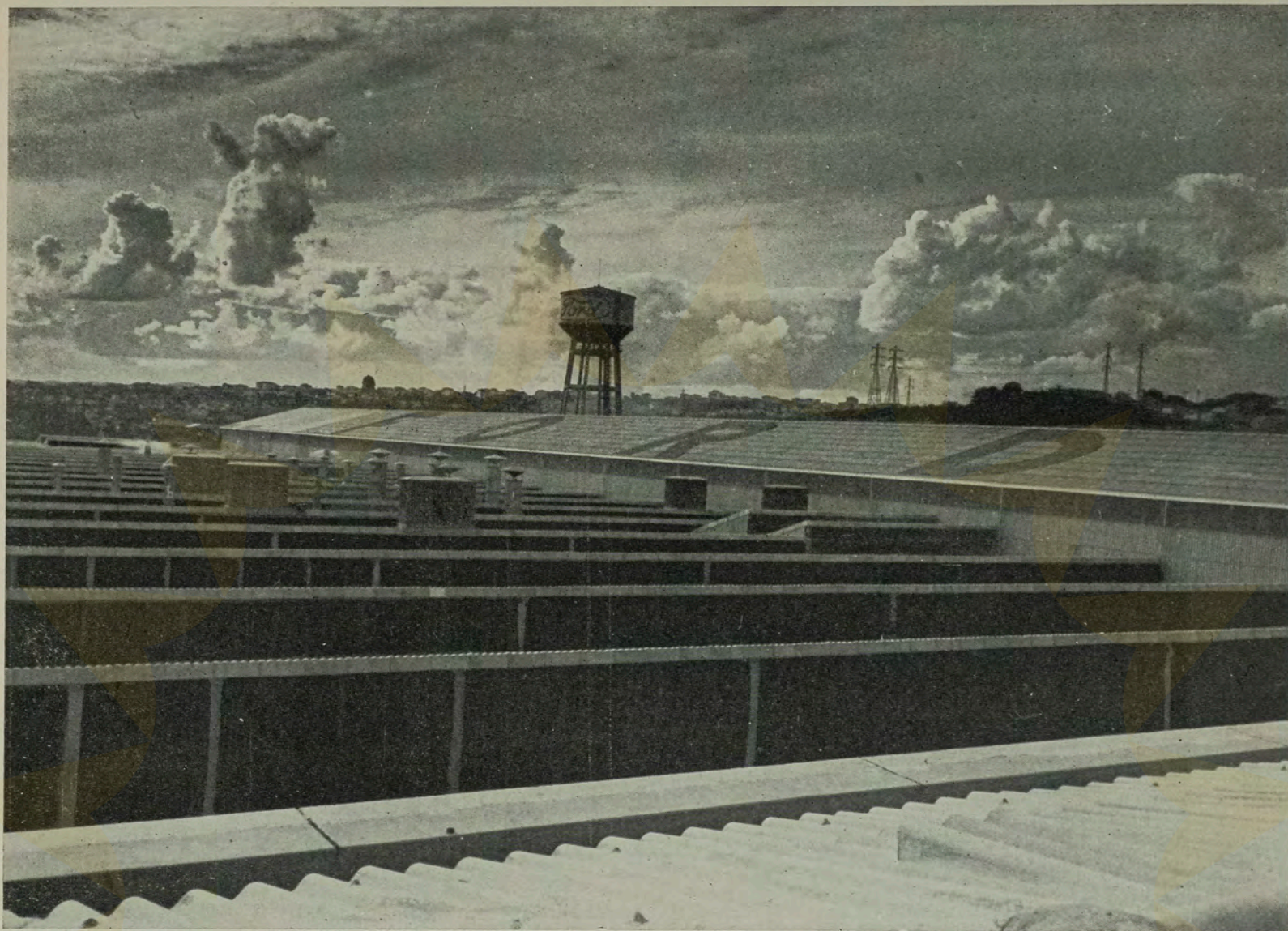
Em 1925, foi de enorme importância e de grande repercussão a mostra realizada pela Companhia Ford na Praia de Santa Luzia



Entrada principal (Ford 1953, Coupé Victória)

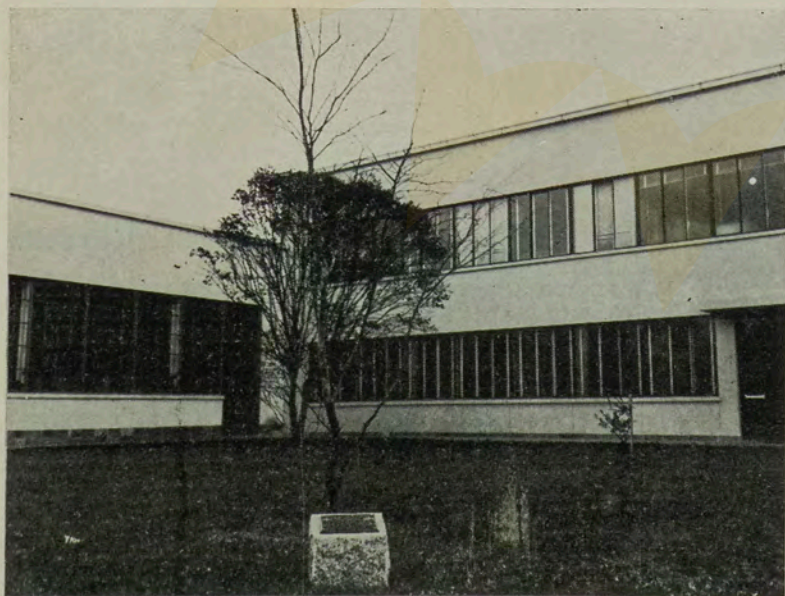
(Rio de Janeiro) apresentando uma linha de montagem em pleno funcionamento, permitindo ao público a observação de todo o complexo e exato mecanismo da montagem de um veículo a motor. O empreendimento foi um sucesso que provocou a vinda de milhares de visitantes e fez com que o ano de 1925 se tornasse o ano recorde de vendas em toda a história da Ford no Brasil. Em Recife, Porto Alegre e Rio também funcionaram linhas de montagem de produtos Ford até que, por volta de 1930, a crise que abalou o mundo, fez recentralizar-se em São Paulo, a atividade produtiva da Companhia. A Ford já vendeu no Brasil mais de 11.000 tratores, sendo também a pioneira no trabalho de mecanização agrícola no país. Sempre planejando com olhos no futuro, a Ford Motor Company já em 1927 adquiriu 60.000 metros quadrados de terrenos no bairro

do Ipiranga, aumentando pela compra de terrenos vizinhos, aquela área para 200.000 m² cerca de dez anos depois. Hoje, ainda planejando para o futuro, a Ford Brasileira fornece à indústria nacional dados, detalhes e especificações técnicas de peças de seus produtos, controlando e verificando as possibilidades locais de produção e utilizando-as em grande escala. Cerca de 2.000 peças diferentes de produtos Ford já são fabricados em nosso país, com matéria prima e mão de obra nacional apresentando qualidade e eficiência comparável à produção estrangeira. Agora, trinta e três anos depois de montar no Brasil seu primeiro veículo, a Ford Motor Company, Exports Inc., inaugurou em São Paulo a mais moderna fábrica do Brasil para a produção de veículos a motor, abrindo novas perspectivas à indústria nacional empregando centenas de brasileiros e progredindo juntamente com o Brasil.



A parte superior do edifício da fábrica, vista do alto do escritório

No dia da inauguração foi plantada a árvore simbólica e colocada a placa comemorativa



A nova fábrica da Ford Motor Company em São Paulo, representa um investimento de 450.000.000 de cruzeiros.

Tendo iniciado suas atividades de montagem de carros e caminhões no Brasil em 1919, a Ford Motor Company sempre traçou seus planos visando o futuro. Tendo por mais de trinta anos utilizado as linhas de produção de veículos da rua Solon, no Bom Retiro, a Ford inaugurou suas instalações, as mais modernas da América Latina, no Bairro do Ipiranga em São Paulo.

Cobrindo uma área de 63.000 metros quadrados, sobre uma área total de terrenos de 200.000 m², as atuais instalações da Ford no Brasil estão equipadas com o mais moderno equipamento, fruto da experiência de 50 anos de montagem e fabricação de veículos em tôdas as partes do mundo. A capacidade de produção para cada dia de oito horas é de 125 veículos, estando a fábrica localizada em ponto que permite fácil acesso às principais vias rodoviárias do Estado. Possui, outrossim, seu próprio desvio ferroviário, o que assegura maior facilidade na organização e distribuição de materiais, segundo os mais modernos métodos. A Secção de Peças acha-se localizada em edifício separado, dispondo de perfeito sistema de armazenagem e distribuição de peças e acessórios, com plataforma interna para descarga de caminhões sem prejudicar o tráfego na via pública.



Caixa d'água



Teto do armazem de descarga

Os edifícios foram desenhados e construídos por firmas brasileiras, sendo as instalações efetuadas por mais de uma dezena de empresas nacionais especializadas. Utilizando a maior quantidade possível de matéria prima local, as novas instalações da Ford no Brasil possuem em sua estrutura aço nacional, cimento, telhas de amianto, etc., fornecido por fontes brasileiras. Na parte destinada à produção, as estufas, guindastes, tintas, instalações elétricas, etc., foram conseguidas de fornecedores nacionais.

DADOS TÉCNICOS

LOCALIZAÇÃO:

Rua Capitão Pacheco Chaves, 313, esquina da Avenida Henry Ford, São Paulo

ÁREAS:

Área total industrial	200.000 m ²
Área coberta, total	65.000 m ²
Escritórios principais	5.000 m ²
Edif. de Serviços dos Empregados	3.000 m ²
Depósito e escritórios — Peças e Acessórios	10.000 m ²
Edifícios auxiliares	5.000 m ²
Fábrica, completa	42.500 m ²
Custo da construção	Cr\$ 450.000.000,00
Tempo de construção	3 anos
Número de edifícios	10
Número de empregados	2.500
Linhas férreas internas	1.680 m
Pista de prova	620 m

CAPACIDADE DA FÁBRICA:

125 veículos por dia normal de 8 horas, representando um aumento de cerca de 100 % sobre as antigas instalações da rua Solon, Bom Retiro, São Paulo

REFEITÓRIO: por turma

600 operários
200 funcionários escritório
50 gerentes e diretores
Capacidade da cozinha: 2.700 almoços (por dia)

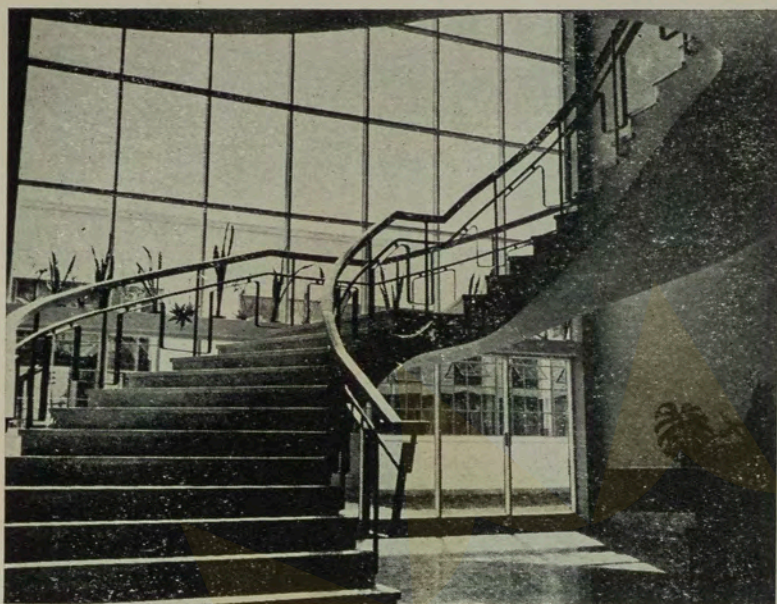


Linha de montagem final, durante a produção de unidades F-8

DETALHES:

Equipamento de montagem de veículos do tipo mais moderno, semelhante ao usado nas fábricas dos Estados Unidos. Desvio particular. Edifício separado para a Secção de Peças e Acessórios, assegurando assim rápido transporte e armazenagem do ma-

terial, segundo os métodos mais modernos. Escritórios com ar condicionado. A fábrica foi planejada pelos engenheiros da Ford; os edifícios foram planejados pela firma brasileira Severo & Villares S.A. e construídos pelos contratantes brasileiros Christiani-Nielsen e Cia. Brasileira de Construção Fichet & Schwartz Hautmont.

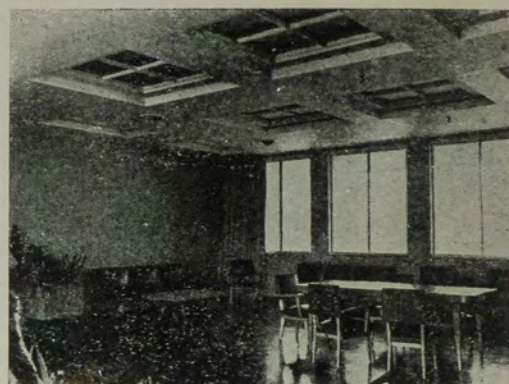
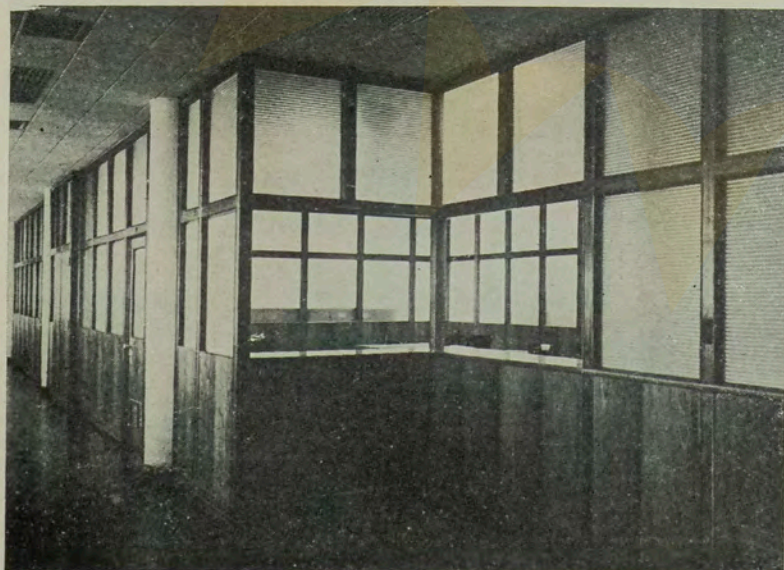


Escada que liga os saguões dos dois pavimentos

Sala de conferências da diretoria



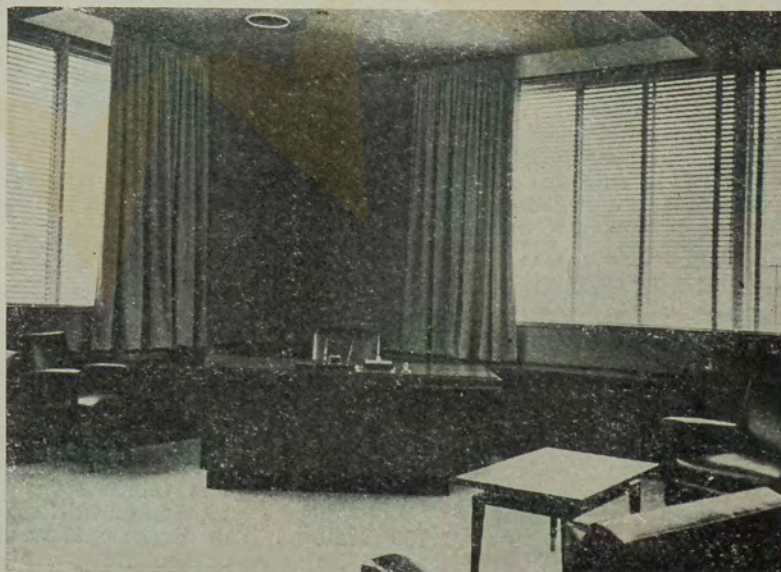
Detalhe do corredor inferior — Contas Correntes

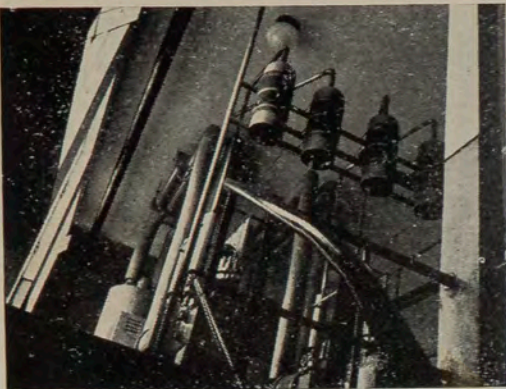


Saguão superior

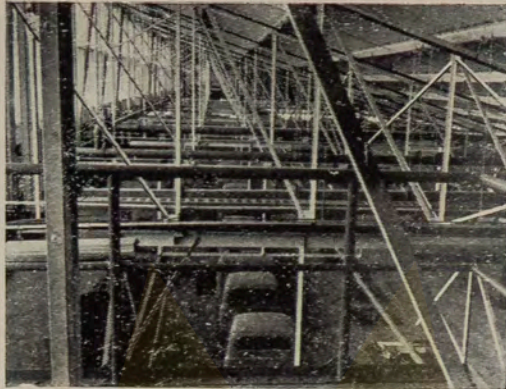
A nova fábrica da Ford Motor Co. em São Paulo pode ser considerada a mais moderna e bem aparelhada de todo o mundo. Construída de acôrdo com os princípios atualizados da arquitetura funcional, possui 4 amplos refeitórios com capacidade total para 900 pessoas, instalações especiais para Centro Médico, Sociedade recreativa dos funcionários etc. Um completo sistema de prevenção contra fogo protege tôdas as dependências da iminência do incêndio. Sua construção é o resultado do trabalho de engenheiros, técnicos e operários nacionais, bem como de volumoso material produzido no País.

Escritório do gerente geral

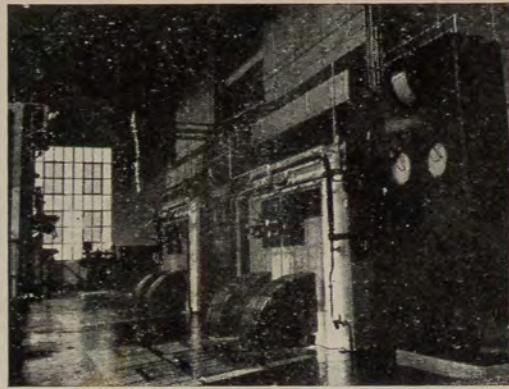




Equipamento de ar condicionado



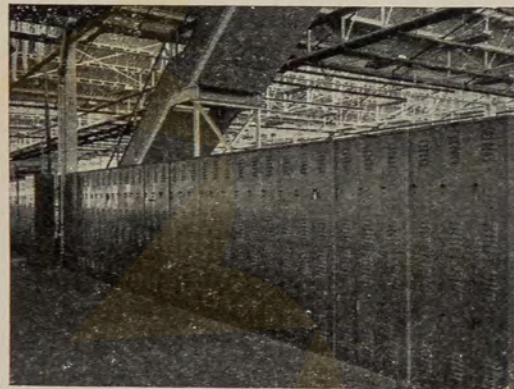
Estrutura do t to da fábrica



Caldeiras da casa de fôrça

Sabe-se que não há indústria de automóveis auto-suficiente, mesmo em países de alto  ndice econ mico e de grande progresso industrial. Num automóvel entram milhares e milhares de peças. E que são em grande parte manufaturadas por produtos especializados e independentes. Abriu a Ford a mesma possibilidade às demais indústrias brasileiras. Estabeleceu os padrões, f z concorrências, convidou os industriais, forneceu elementos e especificações técnicas, rasgou horizontes novos e muitas energias e atividades latentes no país.

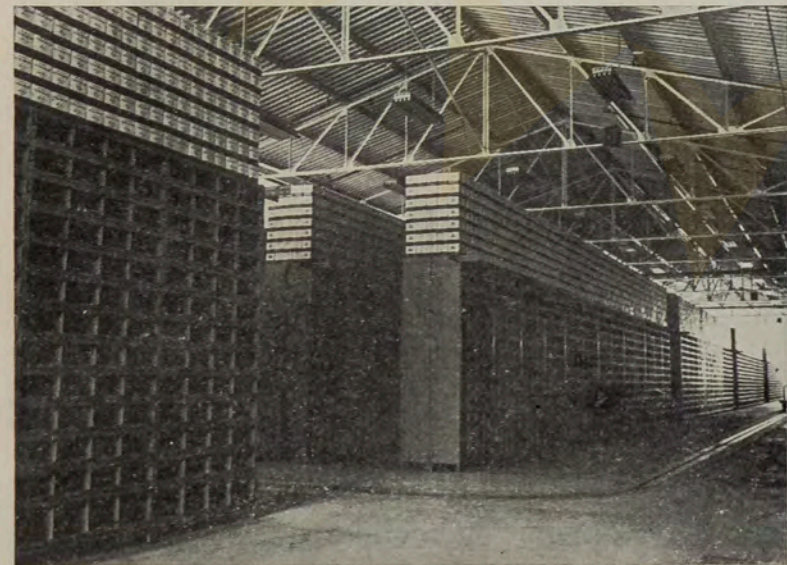
Um dos aspectos mais grandiosos do trabalho de bandeirantismo exercido pela Ford Motor Company, no Brasil é o que diz respeito   mecanização da agricultura. Entre 1917 e 1952, nada menos de onze mil seiscientos e sessenta e um tratores foram distribuidos no país, contribuindo para uma verdadeira revolução contra os processos rotineiros em que se fundava o trabalho agrícola no Brasil.

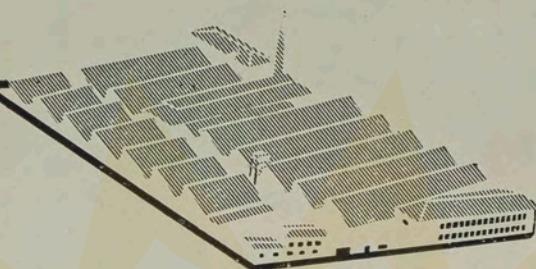


Um dos corredores do armazém de peças

Armários para empregados da fábrica

Armazém de peças com prateleiras de aço



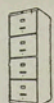


a indústria que cresceu com a siderúrgica nacional

m ó v e i s d e a ç o

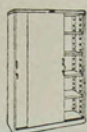


VESTIÁRIOS



ARQUIVOS

ARMÁRIOS



MESAS

ARMAÇÕES



DESMONTÁVEIS ETC.

TAMBORES DE AÇO
todos os tipos
para todos os fins

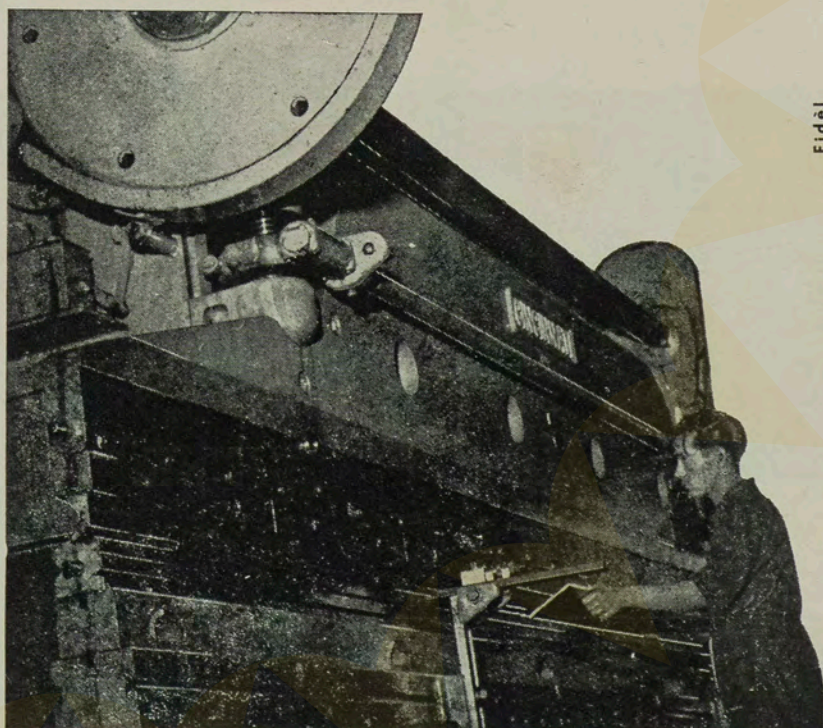
TANQUES DE AÇO
até 50.000 lts. de
capacidade, para
gasolina óleo etc.

BOMBONAS
para ácido e gás

BALDES
para querosene
e graxa

FÓRMAS PARA
GÊLO

REFRIGERADORES
a querosene, a
eletricidade, a gás,
(tipo abs.ção) a
motor e compressor
(unidade selada)



Fidel

Indústria Brasileira de Embalagens S.A.

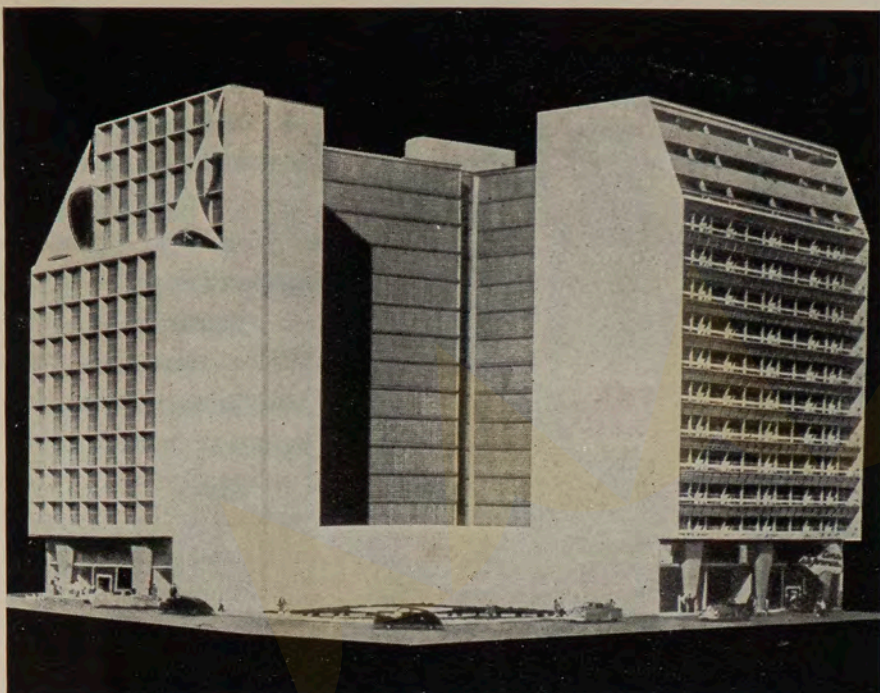
S. PAULO - Fábrica Matriz - R. Clélia, 93 - Tel. 51-2148 - End. Tel.: "Tambores" - Cx. Postal 5659 - End. Tel. Refr. "Gelibesa"

RIO DE JANEIRO - Loja Exposição - Rua Sta. Luzia, 305-B - Tel.: 32-7362 - End. Telegr. "Riotambores"

RECIFE - Filial - Rua do Brum, 595 - Tel. 9694 - Caixa Postal, 227 - End. Telegr. Tamboresnorte"

PÔRTO ALEGRE - Filial - Rua Vol. da Pátria, 1.341 e 1.347 - Tel. 9-1002 - Cx. Postal, 477 - End. Tel. "Tamboresul"

As novas instalações da FORD MOTOR CO. do Brasil são dotadas de Vestiários de Aço IBESA



Maquete do Edifício e Galeria Califórnia, vendo-se as duas frentes, para a Rua Barão de Itapetininga e a Rua Dom José de Barros, São Paulo



Edif. e Gal. Califórnia, fachada para R. B. de Itapetininga, S. Paulo

A cidade levanta seus cimos ao céu

São Paulo, dentro de alguns meses, vai festejar o quarto centenário de sua fundação e, então, terá transformada quasi que completamente a sua fisionomia pela realização das obras grandiosas que ora vêm sendo estudadas pela Comissão do IV Centenário, bem como por iniciativas particulares.

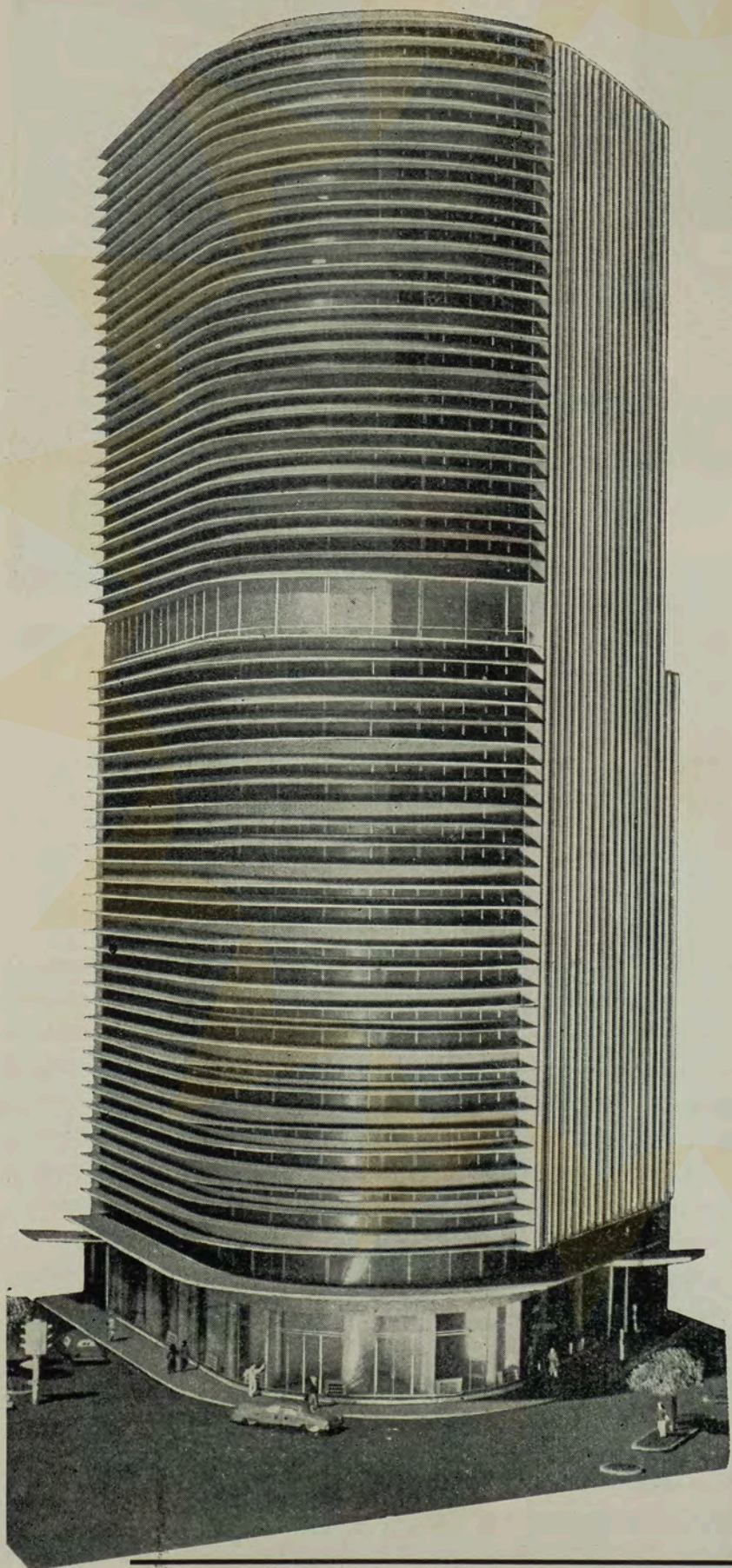
Em 1954 — as estatísticas fazem prever — viverão na área urbana de São Paulo, mais de dois milhões e meio de habitantes. E considerando-se que estejam concluídas as obras iniciadas ou projetadas, essa grande massa humana bem como os milhares e milhares de turistas que aqui aportarão, terão uma das mais modernas metrópoles do mundo. Entretanto, deve-se insistir neste ponto: se houver uma

interrupção na execução do plano urbanístico e se as iniciativas particulares, como é o caso das companhias imobiliárias, debilitarem os seus esforços, o contrário é que se verificará: o crescimento da população urbana e itinerante, processando-se num ritmo vertiginoso como vem se verificando a todo instante, terá corrido para que se agravem ainda mais, numa proporção incalculável, os graves problemas de circulação urbana e da viação entre o centro e os bairros suburbios, cada vez mais distantes, bem como o da moradia. E' por isso que se deve trabalhar febrilmente para que em 1954 já estejam resolvidos os graves problemas como sejam do aumento dos transportes coletivos, da conclusão das várias obras

urbanas, a do Aeroporto de Congonhas, o problema do abastecimento de generos alimentícios, a conclusão da Catedral da Sé, do Monumento a Caxias, e as imponentes e soberbas edificações do Ibirapuera, onde São Paulo poderá mostrar ao mundo e aos brasileiros toda a pujança e toda a sua incomensurável grandeza.

Até há bem pouco, o problema número um de São Paulo era a demolição do casario antigo que enfeiava principalmente o centro da metrópole. Para que isso fosse possível, isto é, pôr abaixo o casario antigo que o século passado legou ao em que vivemos, foi necessário muita coragem e sobretudo muita fibra não só nos governantes municipais como e também a cooperação não menos valiosa dos paulistanos.

Maquete do Edifício Montreal, São Paulo



Veja-se, nesta oportunidade, a contribuição que as companhias imobiliárias deram para que a fisionomia urbana de São Paulo se modificasse. A quasi totalidade dos edifícios, principalmente os arranha-céus que se erguem, hoje, em São Paulo, é um crédito devido ao arrôjo e ao dinamismo dos nossos homens de negócios. Neste particular, desejamos destacar a contribuição por todos os títulos valiosa que a Companhia Nacional de Investimentos, formada por uma equipe de homens de negócios e à cuja frente se encontra a figura não menos extraordinária de Orozimbo Roxo Loureiro, vem dando para que São Paulo não estacione, muito ao contrário, dê largas passadas na senda do cumprimento do seu destino histórico. O segredo que a Companhia Nacional de Investimentos tem é a de procurar, com seu chamado "Condomínio pelo Preço de Custo", com que o paulistano, com as suas pequenas economias, também alcance o grande ideal de todo homem sensato: a aquisição da sua casa própria. E graças a este processo, a esta forma de negócio, foi possível ao referido grupo empreendedor da C. N. I., resolver um dos grandes e graves problemas: dotar o paulistano do

Edifício Versalhes, Higienópolis, São Paulo



seu lar próprio e concorrer para que a fisionomia urbana se modificasse completamente. O número de edifícios para escritórios e apartamentos e mais empreendimentos e negócios erguidos em São Paulo nestes últimos vinte anos, tem sido assombroso; e isto é devido, em grande parte, às Companhias Imobiliárias e de Investimentos, especialmente da Companhia Nacional de Investimentos C. N. I.

Temos graves problemas ainda por resolver. Contudo, pensemos na grandeza de São Paulo no futuro. Temos que acreditar na sua pujança futura. E que tudo quanto se projetar daqui por diante, edifícios, avenidas, estradas, higiene, saúde, transportes, moradias, organizações públicas e privadas, mistér se faz que seja projetado em grande escala, em ponto grande, com coragem, com audacia e discortino, na certeza de que ainda seremos tímidos e mesquinhos em face da grandeza destas plagas de Santa Cruz, berço de grandes homens e de realizações impares e glória imorredoura das figuras tutelares de Anchieta, de João Ramalho e Tibiriçá, espanhol o primeiro, português o segundo e brasileiro o último.



Maquete dos Edifícios "Paris"-"Roma"-"Rio" e do "Teatro Popular de Arte", em continuação à Avenida 9 de Julho, São Paulo

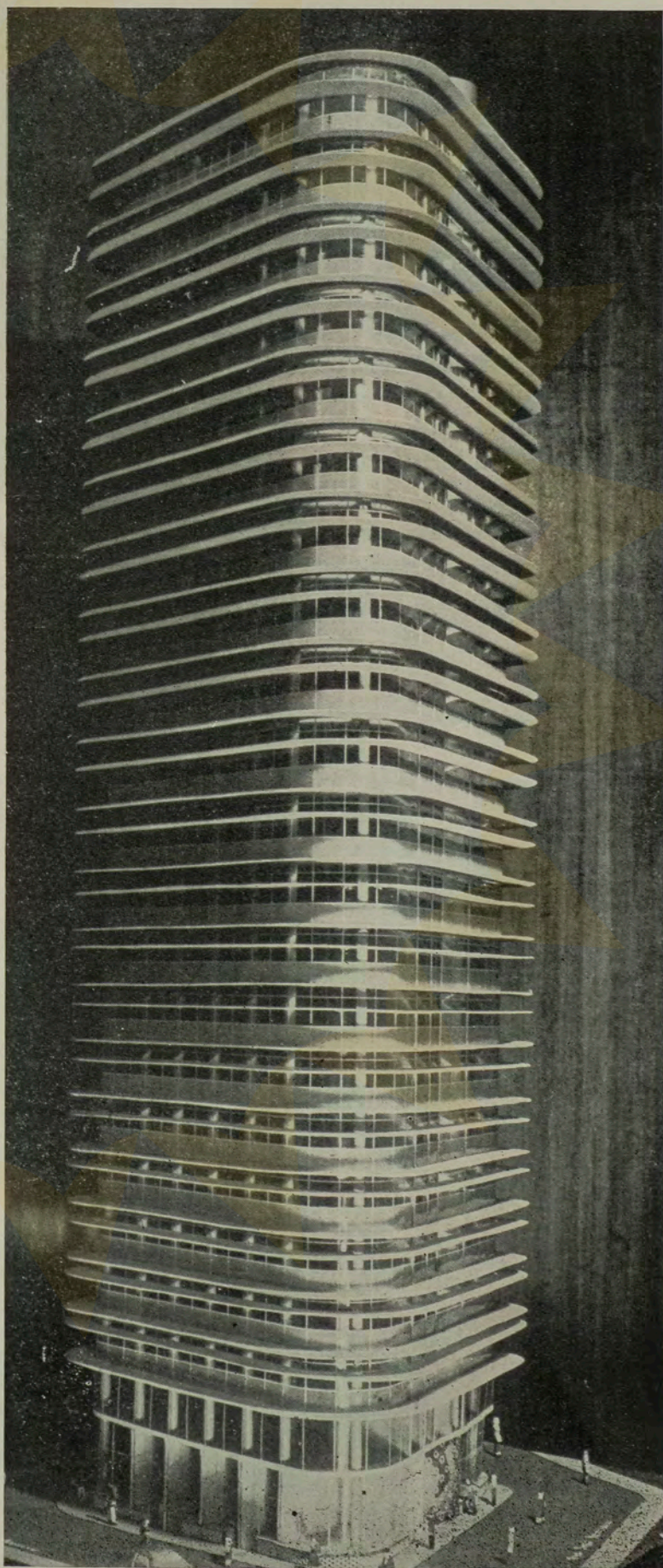


Maquete dos Edifícios "Coliseu", "Capitolio" e "Palatino", no Largo do Arouche, São Paulo



Maquete do Edifício "Tres Marias"

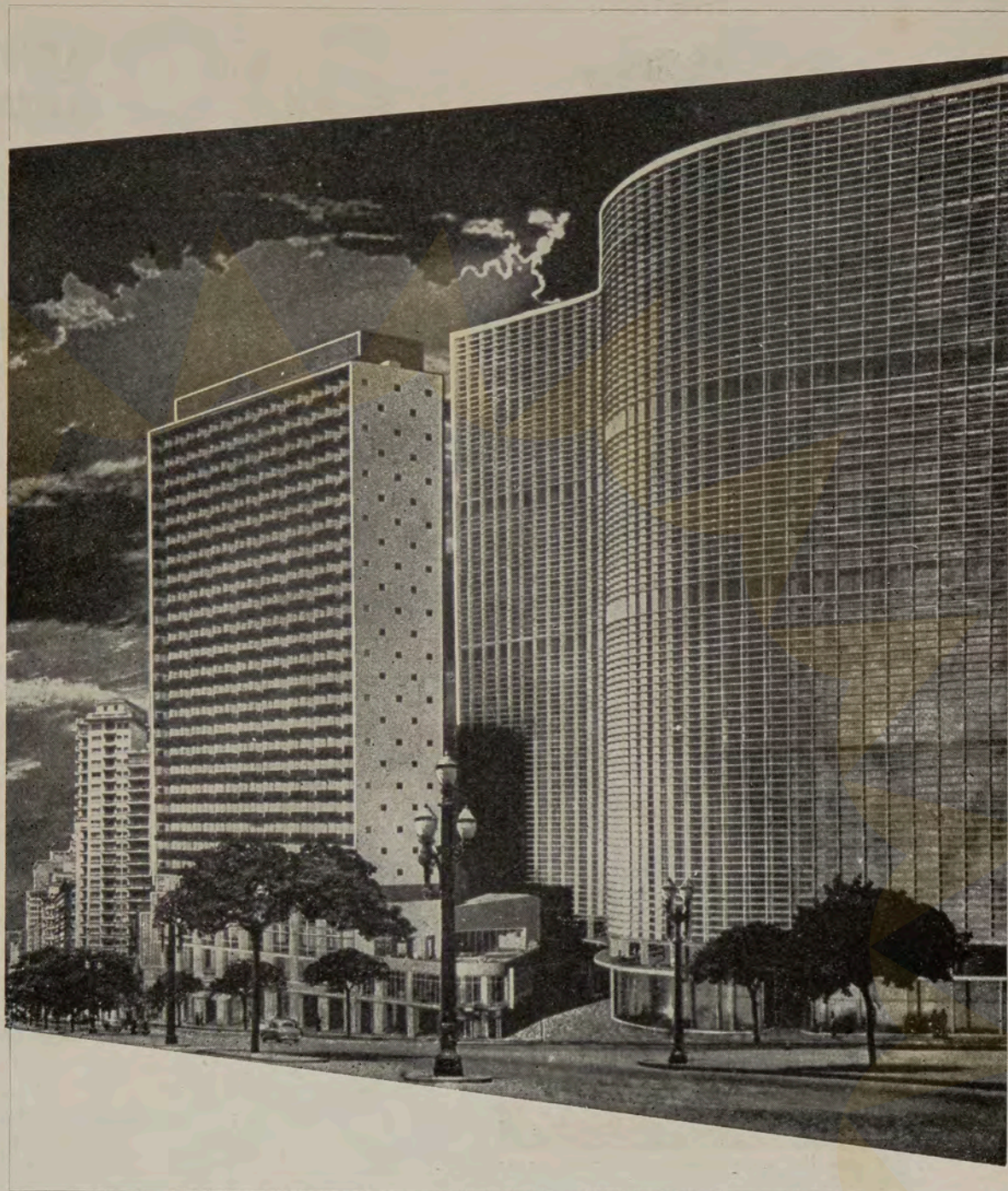
Edifício Triangulo, São Paulo



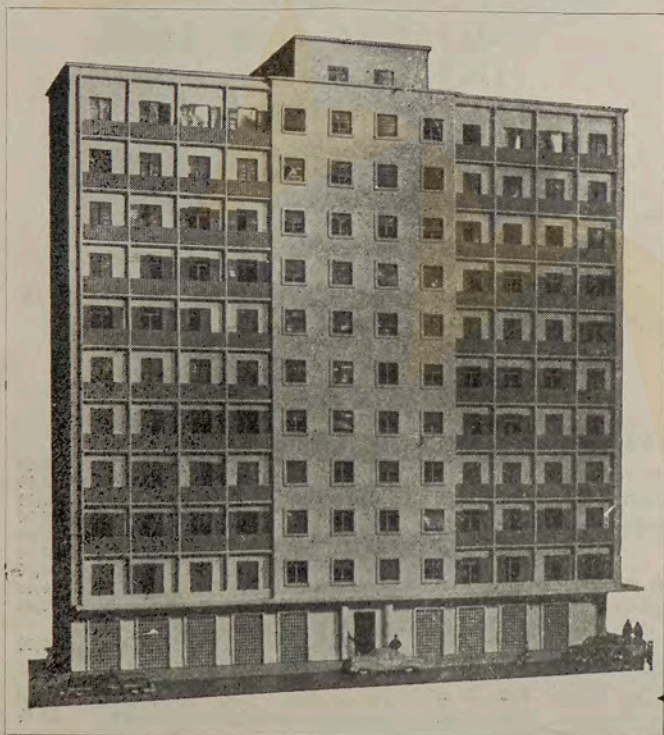
Edifício "Notre-Dame", Higienópolis, São Paulo



Maquete do Edifício "Copan",
à Av. Ipiranga (Vila Norman-
da, Rua Araújo) São Paulo



Maquete do Edifício "Vila Rica" a ser construido na
Av. 9 de Julho, esq. da rua Avanhanda, S. Paulo



Maquete do Edifi-
cio "Tebas" a rua
Aurora, S. Paulo





um **BANCO**
vai à
sua casa...

levar em dia e hora marcados
por V. S. a *Renda Mensal*
de sua economia depositada

A PRAZO FIXO

- que lhe proporciona melhores taxas

Essa modalidade que a Casa Bancária Predial e Fiadora A. E. Carvalho S. A. introduziu em seus serviços, visa oferecer maior comodidade aos seus clientes, especialmente aqueles cujos afazeres particulares os impedem de vir pessoalmente fazer a retirada de sua *Renda Mensal*.

Nossos depósitos a prazo fixo
atingem a cr\$ 149 249 253,30

CASA BANCÁRIA PREDIAL E FIADORA
A. E. CARVALHO S. A.

FUNDADA EM 1930

Rua Formosa, 413 - Fones 36-1104 36-0206 - Prédio Próprio



ARCHITEKTUR UND WOHNFORM ARQUITETURA - DECORAÇÕES (VOL. 60)

A revista alemã mais importante para
o arquiteto progressista

Assinatura anual

(6 números) DM 25. Cr\$ 150.

Número avulso DM 5. Cr\$ 30.

Edições especiais:

**HOTEIS - RESTAURANTES - CAFÉS
E BARES**

303 páginas, 150

ilustrações, enca-

dernação em linho DM 45 Cr\$ 270.

**CONSTRUÇÕES DE LOJAS, CASAS
COMERCIAIS (Elaboração de inte-
riores e exteriores)**

130 páginas, 150

ilustrações, enca-

dernação em linho DM 28 Cr\$ 170.

CAMA E CAMA-TURCA

100 páginas, 150

ilustrações enca-

dernação em linho DM 21,50 Cr\$ 130.

HABITAR - HOJE E AMANHÃ

120 páginas, 200

ilustrações e plan-

tas, encadernação

em meio-linho DM 12,50 Cr\$ 75.

**VERLAGSANSTALT
ALEXANDER KOCH GMBH
STUTTGART, ALEMANHA,
HAUPTSTAETTERSTRASSE, 87**

Pedidos à

HABITAT EDITORA Ltda.,

Rua 7 de Abril, 230, 8.º, conj. 837/8

fone: 35-2837, São Paulo

REVISTA DE
ENGENHARIA **MACKENZIE**

EDITADA AGORA PELA

HABITAT EDITORA LTDA.

R. 7 de Abril, 230, 8.º, Conj. 837/8, fone 35-2837, São Paulo

ASSINATURAS

(6 números anuais)

Brasil, Registrado Cr\$ 120,00

Exterior, Registrado US\$ 6,00

NÚMERO AVULSO

Brasil Cr\$ 20,00

Exterior US\$ 1,00

NÚMERO ATRASADO

Brasil Cr\$ 25,00

Exterior US\$ 1,25

ANÚNCIOS

1/1 página Cr\$ 2.500,00

1/2 " " 1.350,00

1/3 " " 900,00

1/4 " " 675,00

2.ª capa " 3.500,00

3.ª " " 2.750,00

4.ª " " 4.000,00

cada cor à mais (1/2 pag.) " 300,00

" " (1/1 pag.) " 500,00

REPORTAGENS:

Cada página Cr\$ 3.000,00

INTERCALAÇÃO de anún-

cios fornecidos pelo

Anunciante, cada folha Cr\$ 1.250,00

Desconto para 6 publicações: 10 %

Licores **BOLS**



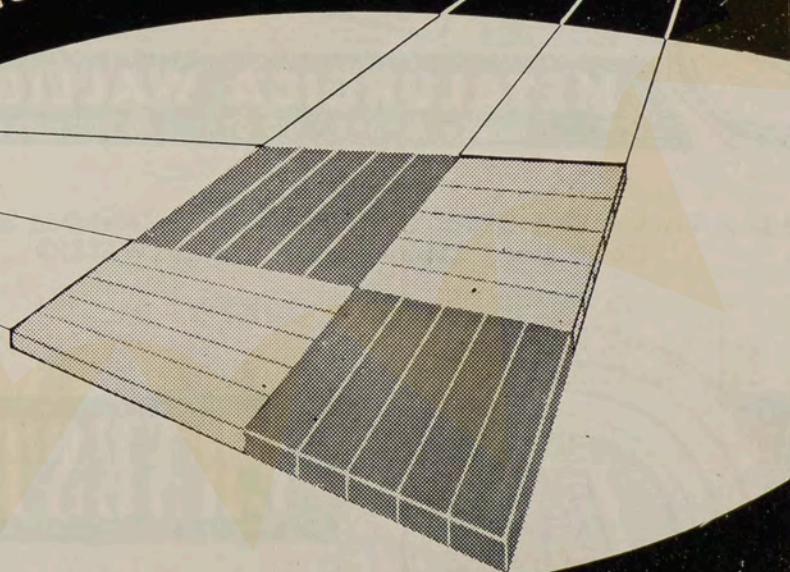
famosos desde 1575

PARKEX

o assoalho de luxo

...projeta-se em todos os pontos de vista
sobre os demais...

qualidade
distinção
perfeição



DISTRIBUIDORES:

de **BRASTAC S.A.**

MONTANA S/A ENGENHARIA E COMÉRCIO

RUA CONS. CRISPINIANO, 20 - 4º. - TEL. 34-5116 - C. P. 3056 - S. PAULO

O melhor aparelhamento

**PARA COZINHAS
INDUSTRIAIS:**

só **WALLIG**

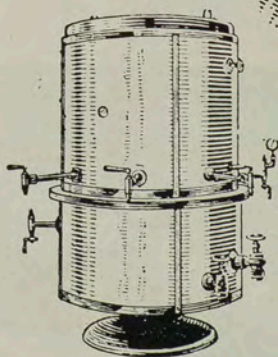


MODERNIZE SUA COZINHA COM:

- ★ CALDEIRÕES
- ★ FOGÕES
- ★ BÁSCULAS
- ★ MÁQUINAS PARA LAVAR LOUÇA
- ★ PICADORES DE CARNE



N.º 10113



PUBLICIDADE WALLIG

METALÚRGICA WALLIG S.A.

PÓRTO ALEGRE • RIO GRANDE DO SUL • BRASIL

SÃO PAULO:

Escritório e Vendas: RUA CONS. CRISPINIANO, 57 - Telefones: 36-1252 - 35-5512

Caixa Postal: 1, 2268 - End. Telegráfico: WALLIG

**LIVRARIA
NOBEL**

**LIVROS DE ARTE
E ARQUITETURA**

★

**LIVROS
PARA
CRIANÇAS**

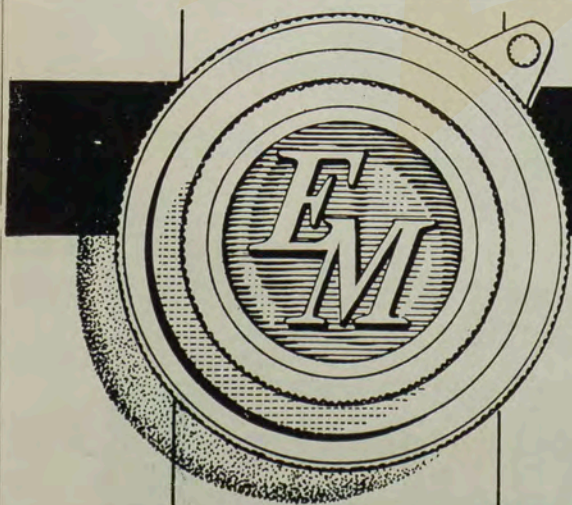
★

RUA DA CONSOLAÇÃO, 49,
(Em frente à Biblioteca Municipal)
TEL.: 35-5612, SÃO PAULO

ERRATA NO ÍNDICE
ILUSTRADO DO N.º 10

Residência em Morumbi
(pag. 31): na relação
dos fornecedores: leia-se

ETERNIT: MONTANA S. A.



ERNESTO MANDOWSKY

FOTOGRAFO INDUSTRIAL

AV. REBOUÇAS, 1806 -- APT. 1
TELEFONES 8-9368 e 70-5015

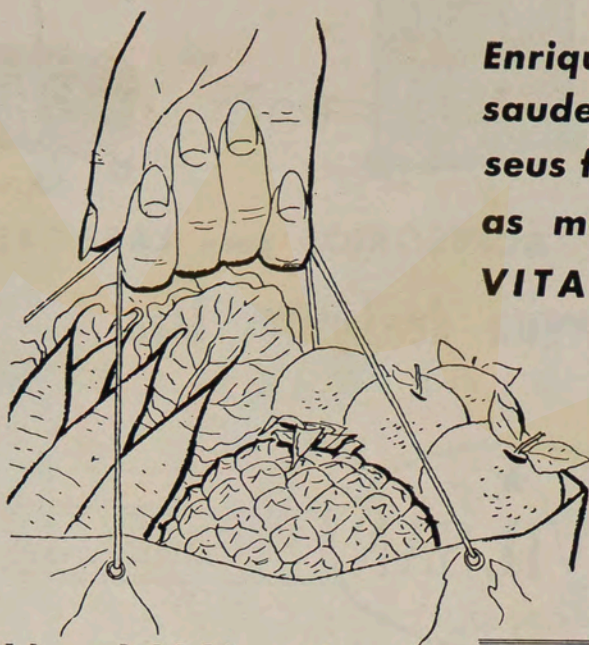


Marky Pole

RUA JOSÉ MARIA LISBOA, 177
SÃO PAULO



Execução de trabalhos para
Decoradores e Arquitetos



**Enriqueça sua
saúde e a de
seus filhos com
as melhores
VITAMINAS!**

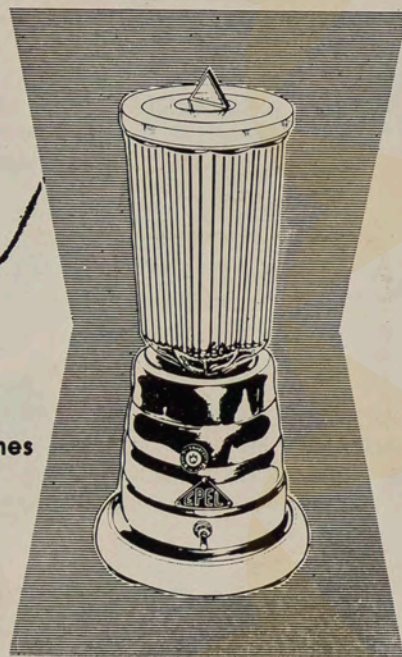
liquidificador



vitaminas puras de frutas e legumes

EPEL S/A

CAIXA POSTAL, 1460 S.PAULO

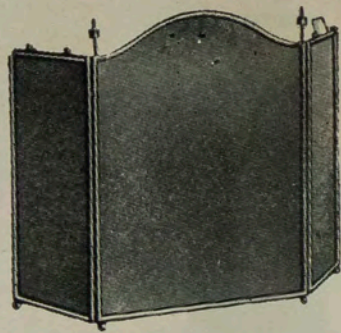
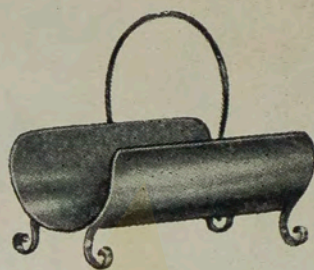
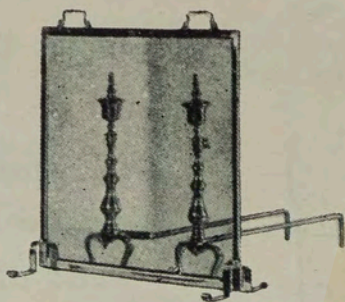
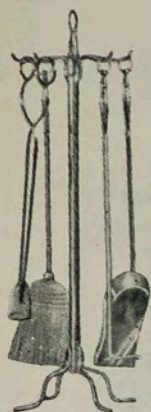


W A R C H A V C H I K

arquiteto

projétos e construções

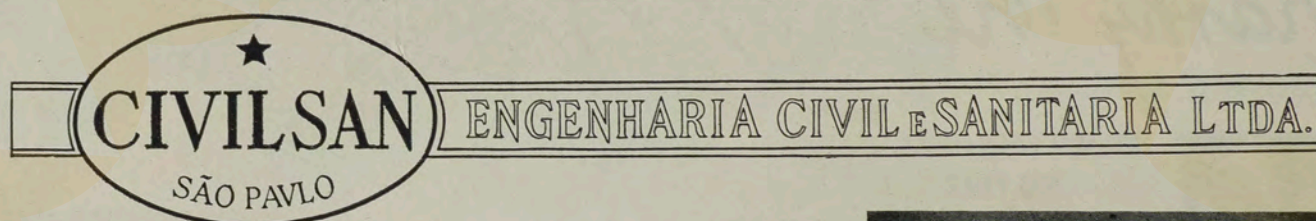
escritório: 120, barão de itapetininga, fone 34-7502; s. paulo



ACESSÓRIOS para LAREIRAS em ferro batido e bronze

Fabrica Metalurgica de Lustres Ltda.

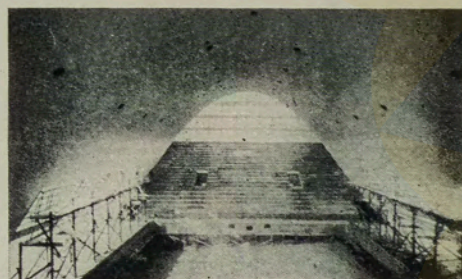
Rua Pelotas, 141 - Tels. 70-4046 e 70-4053
SÃO PAULO



ESTUDO, PROJETO, ORÇAMENTO
ADMINISTRAÇÃO DE OBRAS E
SERVIÇOS DE CONSTRUÇÕES CIVIS
HIDRÁULICA E SANEAMENTO

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 398
3.º ANDAR - CONJUNTO N.º 301
FONES: 36-1714 - 32-1489 - SÃO PAULO

A execução da instalação hi-
dráulica desta moderna obra es-
portiva é confiada à CIVILSAN



MATERIAIS ELÉTRICOS EM GERAL
INSTALAÇÕES DE LUZ, FORÇA
E HIDRAULICA, RADIOTELEFONIA

LUSTRES E ARANDELAS DE ESTILO
ARTIGOS ELÉTRICOS PARA USO
DOMÉSTICO

CASA B. SANT'ANNA DE ELETRICIDADE S. A.
IMPORTADORES

RUA BENJAMIN CONSTANT, 187
CAIXA POSTAL, 1020

SÃO PAULO

END. TELEGR.: "ELETRO"
FONES: 32-2963 e 32-2779

C. PUGLIESE & CIA. LTDA.
FÁBRICA DE LADRILHOS

FÁBRICA DE LADRILHOS - MOSAICOS -
GRANITINA E TERRAZZO - COLUNAS
BALAÚSTRES - TRAFOROS - TANQUES
CAIXAS D'ÁGUA EM CIMENTO ARMADO
DECORAÇÕES EM GESSO E CIMENTO

DISTRIBUIDORES DE LADRILHOS
CERÂMICOS - MATERIAIS DA ETERNIT -
AZULEJOS - ARTIGOS SANITÁRIOS
E MATERIAIS P/ CONSTRUÇÕES EM GERAL

RUA TABÔR, 123 (IPIRANGA) FONE: 3-0481; SÃO PAULO

Sentinela permanente contra um Perigo permanente



Aspecto das fábricas FORD de São Paulo, mostrando o equipamento de "sprinklers" automáticos - a criação máxima do engenho humano na luta contra o fogo. O próprio fogo o aciona, descarregando água diretamente sobre o foco de incêndio que assim se destrói, quando é ainda demasiado pequeno para causar danos apreciáveis. Esta proteção reduz consideravelmente a taxa do seguro. A foto mostra que "sprinklers" podem ser instalados em todas as dependências sem sacrificar o valor estético. Sua planificação é feita em estreita colaboração com o arquiteto.

Mais de 60 anos

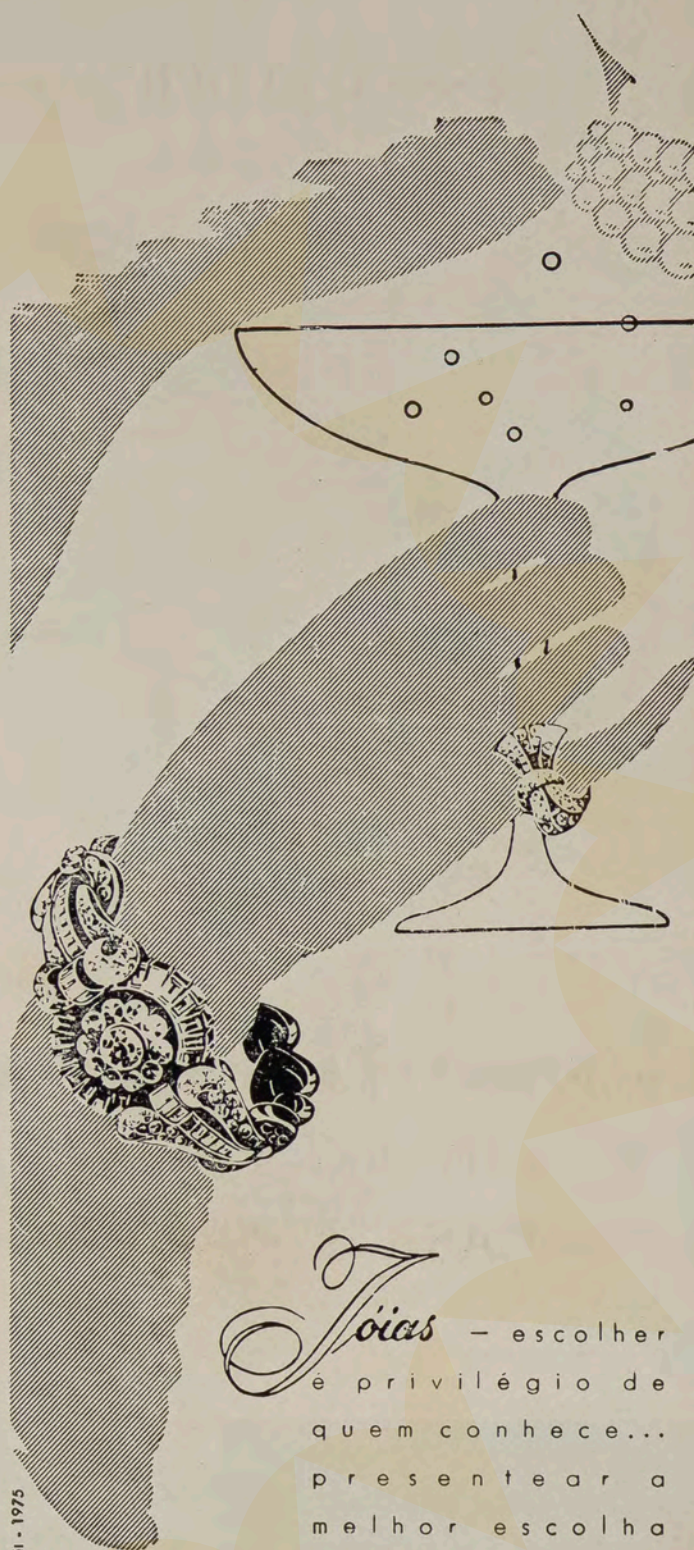


de experiência

"AUTOMATIC" SPRINKLERS DO BRASIL S. A.

Fábrica própria em São Paulo:

C. Postal, 8261 - Fone: 5-0702 - End. Teleg.: ASDOBRA - S. Paulo
Caixa Postal, 4993 - Fone: 43-9523 - Rio de Janeiro



Fidél - 1975

Joias - escolher
é privilégio de
quem conhece...
presentear a
melhor escolha
é uma virtude.

CASA BENTO LOEB

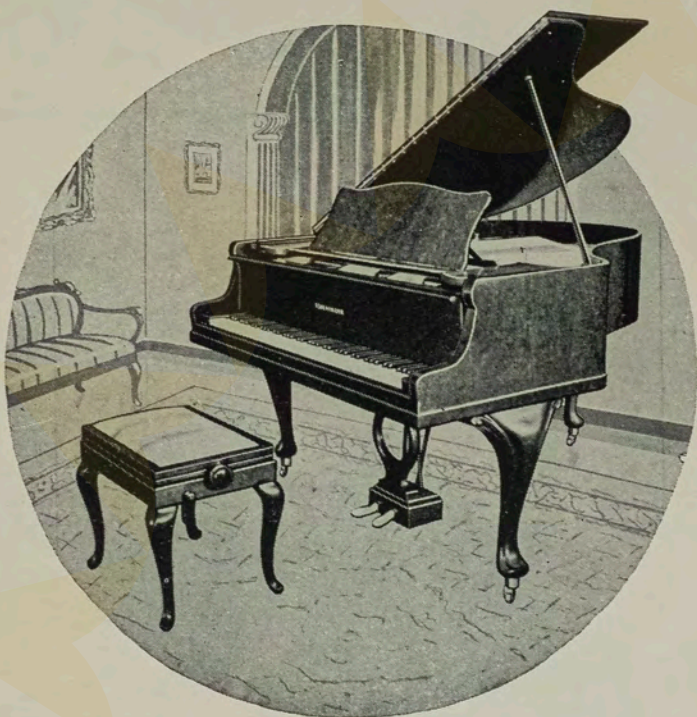
Se vindo a Sociedade Paulista desde 1891

Rua 15 de Novembro, 331 - Fone: 32-1167 - São Paulo

.....

Pianos Verticais e de Cauda

“ESSENFELDER”

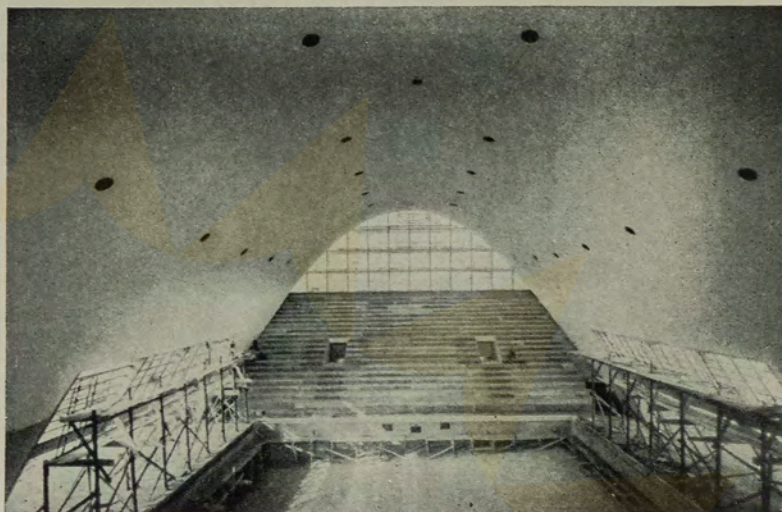


F. ESSENFELDER & CIA.

Curitiba — Paraná

Caixa Potal, 251 — Telefone: 4-5

PURIFICAÇÃO DE ÁGUA EM PISCINAS



Nesta piscina instalamos os filtros e bombas



S. I. A. M.

SOCIEDADE INDUSTRIAL AMERICANA DE MÁQUINAS
TORCUATO DI TELLA S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL:
RUA FLORENCIO DE ABREU, 459
CAIXA POSTAL 1657 — TEL. 36-0146
SÃO PAULO

FÁBRICA DE LUSTRES

LUSTRES para DECORAÇÃO

Executa-se qualquer serviço sob desenho

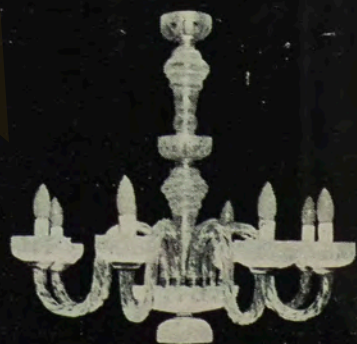
CRISTAIS: nacionais, da Bohemia, da Argentina, de Murano

ALABASTRO — BRONZE — ARANDELAS
LANTERNAS — PENDENTES p/ dormitórios
GLOBOS — PLAFONNIERES — LAREIRAS

V. RIBEIRO LTDA.

Fabricante — Importador — Exportador

ESCRITÓRIO, EXPOSIÇÃO E FÁBRICA
Rua Galvão Bueno, 30 (Praça da Liberdade) - Fone 34-8597 - S. Paulo
A casa mais tradicional do ramo



CARVALHO MEIRA S/A

COMERCIAL E INDUSTRIAL

ARTIGOS SANITÁRIOS
FERRAGENS FINAS

LA FONTE

A Fechadura que Fecha e Dura

ESC. E LOJA, RUA LÍBERO BADARÓ, 605
FONE: 36-9149, C. POSTAL, 201
END. TELEGRÁFICO - "RODOL"
SÃO PAULO - BRASIL

ARTE - DECORAÇÕES

HENRIQUE LIBERAL S/A

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL DE



JANSEN

PARIS

Comunica aos seus prezados clientes que transferiu as
suas oficinas e escritórios da Alameda Casa Branca, para
RUA IMPERIAL, 15 (ITAIM) FONE: 8-3664

DOMINICI

ILUMINAÇÃO MODERNA
Rua 13 de Maio, 53

PEDREIRA TREMEMBÉ, LTDA.

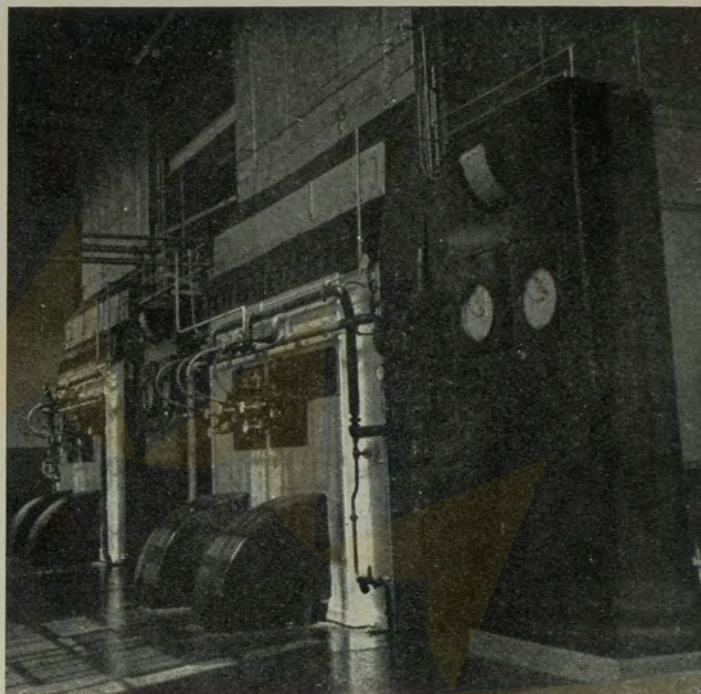


PEDRA BRITADA E EM BRUTO
RACHÃO — PEDRISCO — MOLEDO
PÓ DE PEDRA

ESCRITÓRIO
R. Capitão Salomão, 40
8.º Andar - Sala, 803
Caixa Postal, 6773
Telefone: 35-6074

PEDREIRA
Estrada de Guapira, 13
Bairro do Tremembé
Caixa Postal, 6773
Telefone: 3-8297

SÃO PAULO

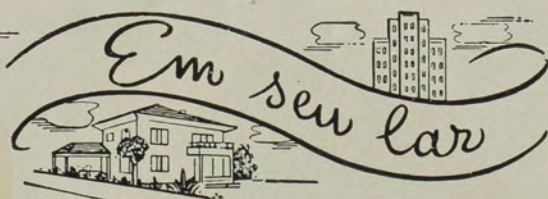


Caldeira instalada na Ford Motor Company, São Paulo

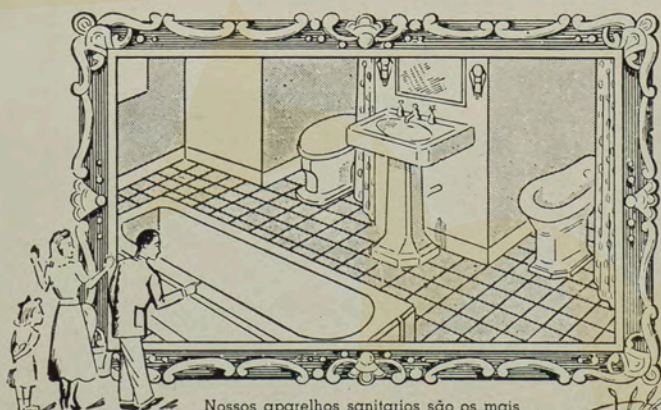
GERADORES DE VAPOR, ECONOMIZADORES, PRAQUECEDORES
GRELHAS ESPECIAIS, EQUIPAMENTOS MODERNOS PARA CASA DE CALDEIRAS

COMBUSTION ENGINEERING LTDA.

RUA 7 DE ABRIL N.º 34 - 6.º ANDAR - S/ 603/4
TELEFONE, 34-1467 — CAIXA POSTAL 3079
End. Teleg. RIOCOMBUSTION — SÃO PAULO



não devem faltar os aparelhos sanitários
SOUZA NOSCHESSE



Nossos aparelhos sanitários são os mais conhecidos porque são os mais perfeitos.

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES

Em nossa loja:

Rua Marconi, 28 - Tel. 4-8876 - São Paulo

SOC. AN. COMÉRCIO E INDÚSTRIAS
SOUZA NOSCHESSE

São Paulo - Matriz: Rua Julio Ribeiro, 243 - Tel. 9-1164 - C. Postal, 920
Filiais: R. Oriente, 487 - Tel. 9-5334 - S. Paulo - R. João Pessoa, 138 - Tel. 2055 - Santos

REPRESENTANTES:

V. TEIXEIRA & CIA. LTDA. Rua Riachuelo, 411 - RIO DE JANEIRO
ALBERTO NIGRO & CIA. - Rua Dr. Muricy, 419 - CURITIBA



LINDAS CORES



DURABILIDADE



LINHAS PERFEITAS



PATENTES MUNDIAIS

estudos
e sugestões
para quaisquer
acabamentos.

SOCIEDADE INDUSTRIAL
"SILPA" LTDA.
BELA CINTRA, 71 — 36-5998
SÃO PAULO — BRASIL

LETREIROS DESARMÁVEIS

FUNCIONAIS • DURÁVEIS • MODERNOS



INDÚSTRIA MOBILIÁRIA

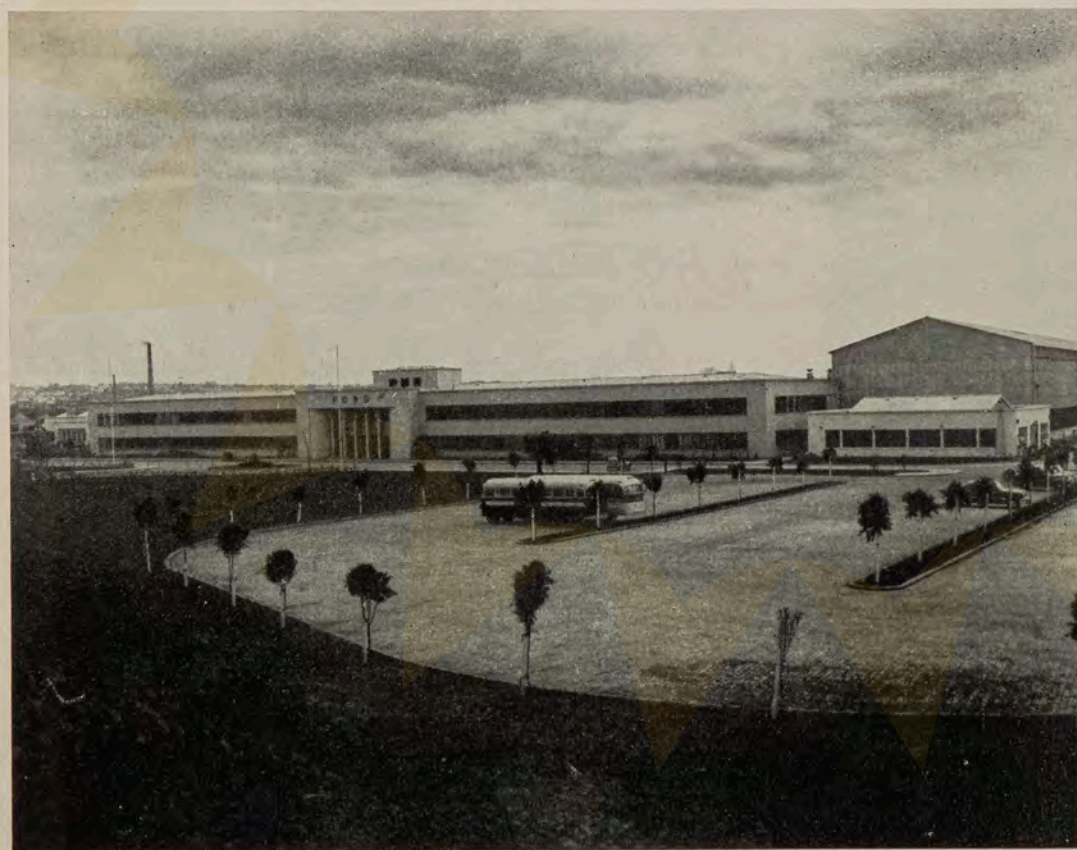
INSTALAÇÕES
MODERNAS PARA
ESCRITÓRIOS E
ESTABELECIMEN-
TOS BANCÁRIOS

OS MÓVEIS TÉCNI-
CAMENTE PERFEITOS

FÁBRICA: Rua Hipólito Soares, 158 — Telefone 3-0269 — São Paulo

VENDAS - RIO DE JANEIRO:
Av. Graça Aranha, 19-A — Tel. 32-6389

VENDAS — SÃO PAULO: Rua Vieira de Carvalho, 63 - Tels. 35-8805 e 35-5466
Avenida São João, 2115 - Tel. 51-9627 — Rua 7 de Abril, 286 - Tel. 36-4678



IRMÃOS PUGLIESE & CIA.

INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS, FUNILARIA MECÂNICA E SERRALHERIA, ESQUADRIAS,
VENTILAÇÃO, TRANSPORTES PNEUMÁTICOS, SERVIÇOS EM AÇO INOXIDÁVEL

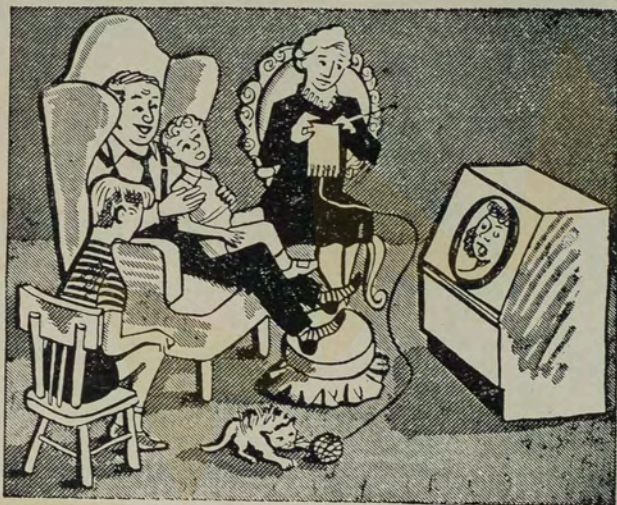
Irmãos Pugliese & Cia.,

sentem-se orgulhosos por te-
rem contribuído na Cons-
trução da nova fábrica da
Ford em São Paulo, com as
suas especialidades de :

Instalações Hidráulicas, Sani-
tárias e Vapor. Tubos para
ventilação, Caldeiras para
água quente, serviços de aço
inoxidável e funilaria em geral.

R. JOAQUIM CARLOS, 527
CAIXA POSTAL, 10.519
TELEFONE 9-5836 - 9-9745
SÃO PAULO

**É ABSURDO ASSISTIR TELEVISÃO
NUMA MAQUINA DE LAVAR ROUPA**



**É ABSURDO TAMBÉM ADQUIRIR UM APARELHO
EM CASA NÃO ESPECIALISADA.**

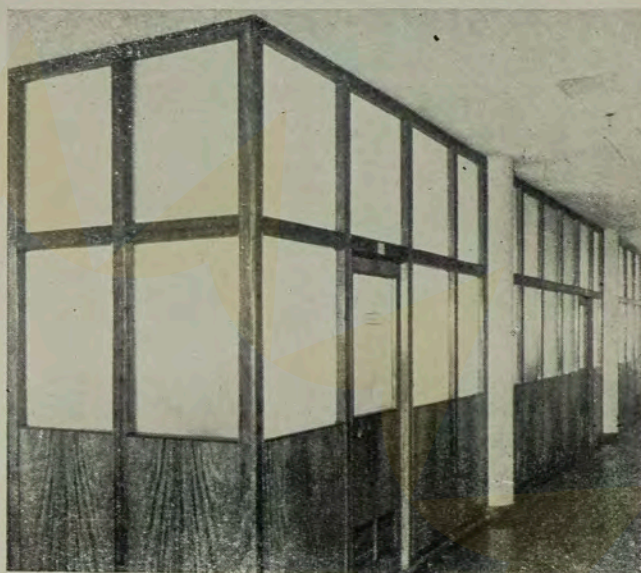
NATAL ELETRICA LTDA.

O MAIOR NOME EM TELEVISÃO NO BRASIL

OFERECE ALEM DOS MELHORES PREÇOS E CONDIÇÕES, A MAIS
RAPIDA E PERFEITA ASSISTENCIA TÉCNICA DO PAÍS.

Rua Antonio de Godoi, 80 — Tel. 35-3377

**Portas, Almotofadas, Lambris, secos em estufa
Madeiras compensadas e Persianas de enrolar**



Divisões de salas, instaladas na nova fábrica da Ford

FIRMEX S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Flórida, 32; Fone: 35-5217; S. Paulo

**QUADROS A ÓLEO
EXPOSIÇÃO PERMANENTE DA PINTURA CONTEMPORÂNEA**



"VELHO CONVENTO DE ITANHAEM".

Magnífica obra do consagrado artista Durval Pereira

A GALERIA DE SÃO PAULO, QUE REÚNE, EM SEUS SALÕES,
OS MAIS DESTACADOS MESTRES DA ARTE PLÁSTICA

Galeria 7 de Abril

Avenida Angélica, 548 — Tel. 52-3948
SÃO PAULO BRASIL

para fachadas, pisos e paredes



**Indústria Paulista de Porcelanas
ARGILEX S.A.**

Rua Nestor Pestana, 47; Fone, 34-8043
SÃO PAULO

Vista de duas portas colocados na secção de peças da Cia. Ford. Superfície de 60 m² cada. Largura de cada vão 8,50 m². Essas e mais 33 portas de acionamento eletro-magnético instaladas na Ford Motor Company, atestam a qualidade e eficiência dos produtos Pinatel.

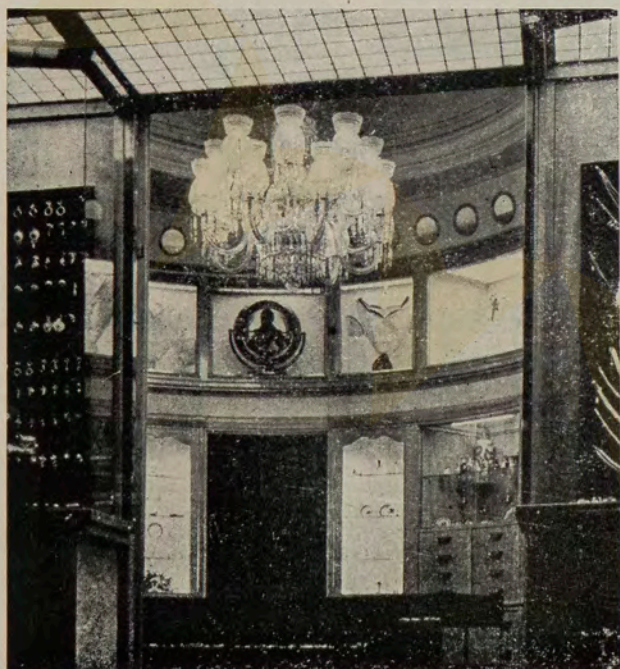


Um produto da:

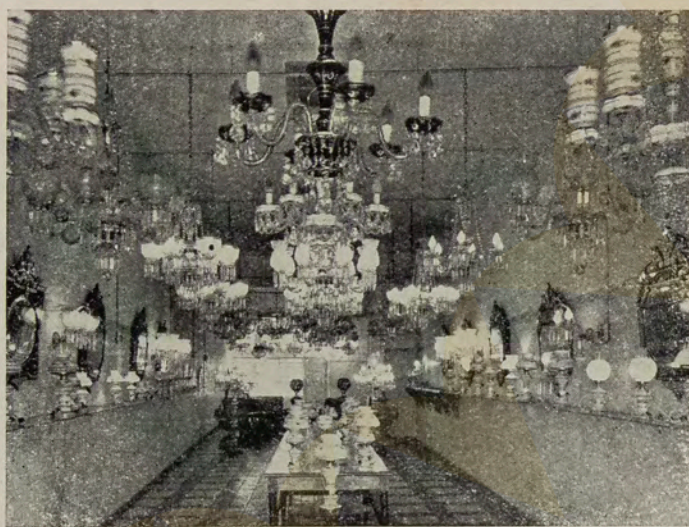
PINATEL S. A. MANUFATURAS METALICAS

Alameda Cleveland, 668 - Fones: 51-6564 e 51-2671 - Cx. Postal 1.894 - São Paulo

LUSTRES, ARANDELAS e LANTERNAS
DE CRISTAL DA BOHEMIA,
ESPELHOS VENEZIANOS E ADORNOS
DE CRISTAL EM GERAL, DAS
MELHORES PROCEDÊNCIAS EUROPÉIAS



Lustre instalado na Loja IF-NOVIDADES

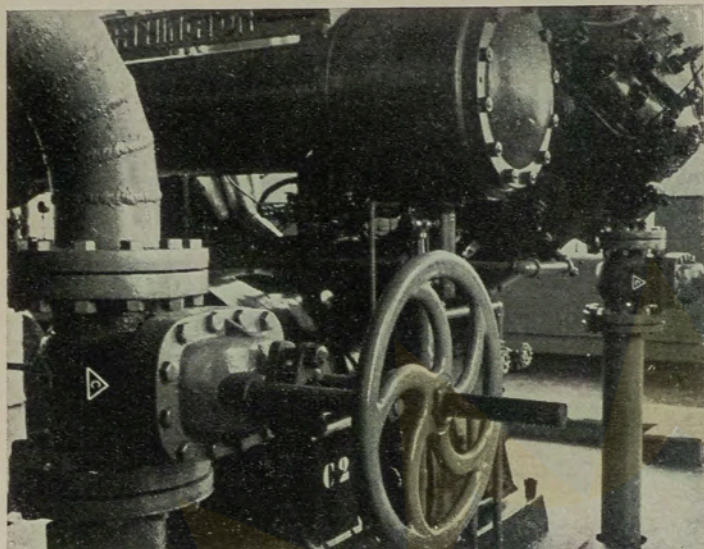


Vista da nossa loja

GALERIA LANGER

DE M. M. Langer

RUA DA CONSOLAÇÃO, 2353 - SÃO PAULO



INDUSTRIAL E IMPORTADORA **CORNER SOL** L I M I T A D A

Rua Florêncio de Abreu, 36; 4.º andar; sala 405
Fone: 33-2053; Caixa Postal, 5900; End. Telegr: CORNER SOL
S Ã O P A U L O

Conjunto de válvulas de aço de alta pressão, colocados na fábrica da FORD Motor Co., São Paulo

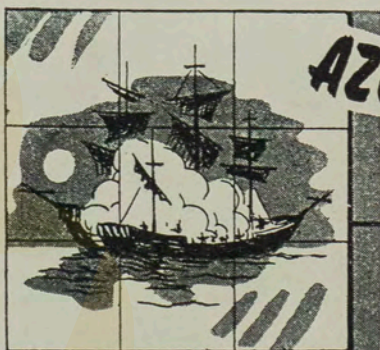
Paralelepípedos e Guias
Rachões e Pedras britadas
Pedreiras próprias

Executa-se qualquer
serviço de pavimentação
e terraplenagem

PAVIMENTADORA LAPA LTDA.

RUA ROMA, 236; TEL. 5-0782 — S. PAULO

Executou a Pavimentação da nova Fábrica Ford



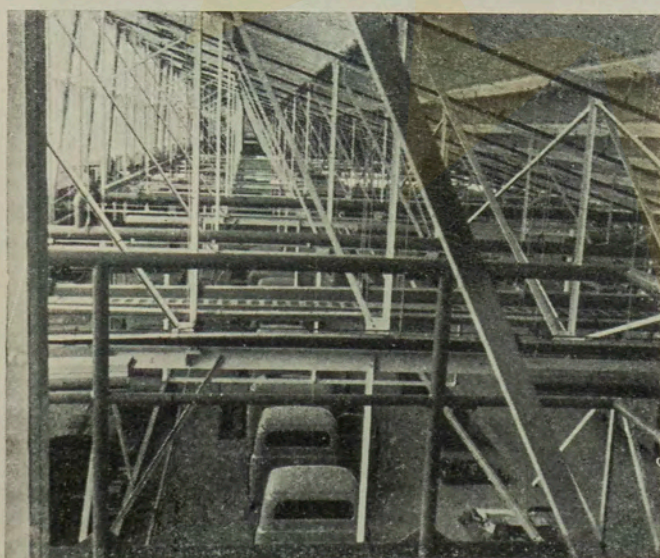
AZULEJOS-ARTIGOS SANITARIOS

Copas e Cosinhas Americanas — Exaustores

A.W. KAUFFMANN

RUA GENERAL COUTO DE MAGALHÃES, 139

Endereço Telegráfico: ARKA — Telefones: 34-5524 - 34-3767



“SOKOFER”

PARAFUSOS EM GERAL

*Orgulha-se de ter fornecido PARAFUSOS para
montagem das estruturas metálicas da nova
USINA FORD, em São Paulo*

Av. Celso Garcia, 939 e 941; Fones: 9-3806 e 9-3807

SÃO PAULO



Aparelhos de Iluminação em geral. Moveis e Decorações em ferro batido. Projeto e execução sob desenho. Serviço de serralheria artística.

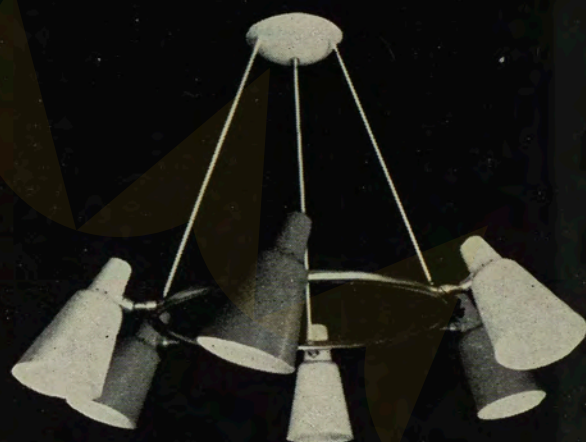


Mostruário:
Rua Augusta, 520
Fones: 34-6495
34-6624



Fábrica e Escritório: Rua Joaquim Antunes, 977
Fone: 8-8427 - End. Telegr.: Preservit - São Paulo

Iluminação moderna



Industria Iluminadora Ltda.

São Paulo - rua dos Parecis, 74
Tel. 31-3493 C.P. 5181

ESTERILIZADORES
- protegem sua saúde!

Salus

LOUÇA REFRAATÁRIA
- proporciona economia!

Vero
LOUÇA REFRAATÁRIA

OBJETOS DE ARTE EM CERÂMICA
- embelezam o lar!

Coroa
CERÂMICA
S. PAULO

Fábrica Salus
FABRICA
ANTONIO NOGUEIRA LTDA.
S. PAULO

Indústria e Comércio
Antonio Nogueira Ltda.

São Paulo - Rua Xavier de Toledo, 60 - Tel. 34-4711
Rio de Janeiro - Rua da Quitanda, 24 - Tel. 22-3707



ARCO - ARTUSI *Gráfica*

IMPRESSOS EM GERAL

COMERCIAIS
ARTÍSTICOS
TÉCNICOS
PUBLICITÁRIOS



OFICINAS:

Rua Marquez de Itú, 282 — Telefone: 35-5797
SÃO PAULO

ESTUDIO, REDAÇÃO, FOTOGRAFIA:
Rua Marquez de Itú, 284 — Telefone: 35-3068
SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO — Filial
Rua Sta. Luzia, 799 - 18.º and. - s/ 1801 - Tel.: 22-3005

SOCIEDADE **CONSTRUTORA BRASILEIRA** **LIMITADA**

— ENGENHEIROS — ARQUITETOS — CONSTRUTORES

RUA BOA VISTA, 133-9º AND

CAIXA POSTAL 164-B

SÃO PAULO

END, TELEGR, MARTEC

TELEFONE 32-3862

CIA. DE EXPANSÃO ECONOMICA ITALO-AMERICANA

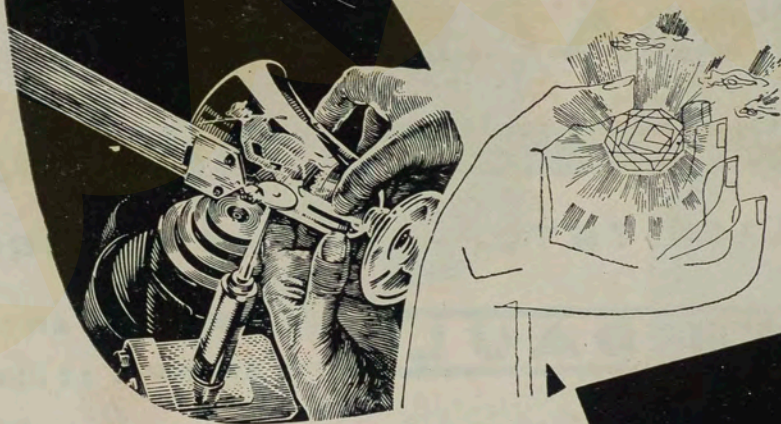
Banco do Trabalho Italo-Brasileiro S. A.

«ITALBRAS» CIA. DE SEGUROS GERAIS

*Uma moderna organização financeira
a serviço da produção e da técnica*

RUA BOA VISTA, 104-116 — TELEFONE 35-1101 — SÃO PAULO

OS MILAGRES DAS MÃOS DO HOMEM...



*Uma lapidação primorosa
valoriza e enobrece...*

O BRILHANTE...

os Cristais Prado

A joia rara, o aderêço, eram, antes, o diamante bruto que o garimpeiro encontrava... Uma lapidação primorosa, entretanto, fez da pedra dos rios, das montanhas, a joia nobre das grandes damas.

No Cristal sucede o mesmo... E aí está porque Prado — é a marca dos Cristais finos, espelhada nas cintilações da mais primorosa lapidação, em desenhos caprichosos... aristocráticos. Cristais Prado — o máximo para presente... e para o seu lar também.

Visite as Exposições de Cristais Prado, nas boas Casas dor amo ou nas

LOJAS PRADO

Rua 24 de Maio, 57 — Telefone, 34-8472
Rua do Arouche, 107 — Telefone, 34-2613
e brevemente à Avenida Celso Garcia, 429



..... ambiente de encanto em sua COPA-COSINHA!



2 motivos de êxito nos produtos
tubularte

**FÓRMICA
E
LAMINADOS
PLAVINÍLICOS**

*Instalações
completas.*
tubularte



tubularte

UM PRODUTO DA

IND. COM. SIDERAUTO LTDA.

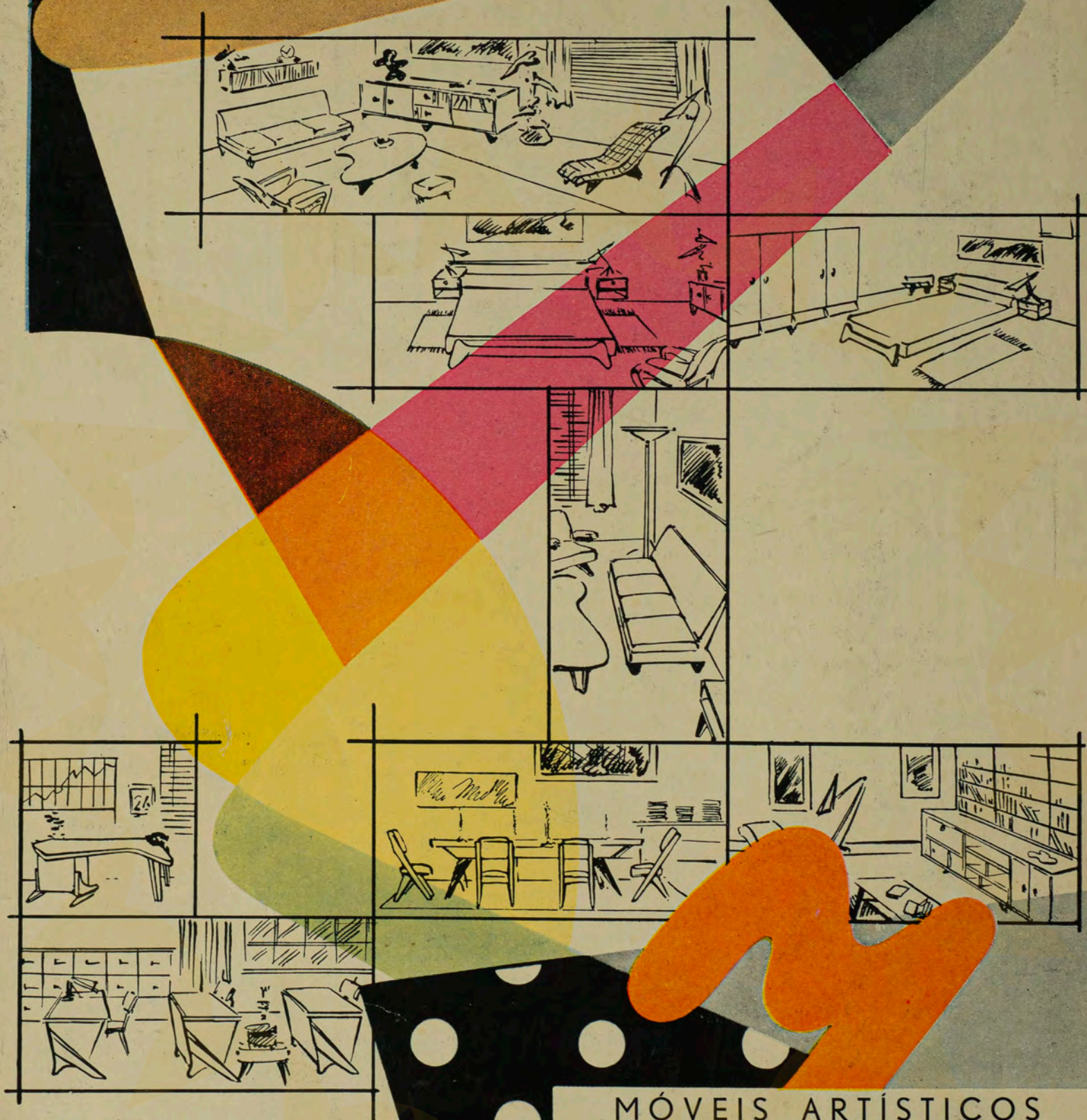
TUBULARTE

**MOVEIS CROMADOS
PARA TODOS OS FINS**



Exposição e Vendas: Rua Bresser, 1163
Brás - (à 50 m. da Av. Celso Garcia)
Fone, 9-3449 - São Paulo
Indústria: R. Bairão, 42 - Fone 9-9441

FORMAS FUNCIONAIS



MÓVEIS ARTÍSTICOS

Fabricados exclusivamente em São José dos Campos, pelos pioneiros no Brasil! - Modelos exclusivos em dormitórios, livings, salas de jantar, escritórios, etc. Examine a marca!

Revendedores autorizados nas principais cidades do país.

Fabricantes:

PONTES & CIA. LTDA.

Av. Rui Barbosa, 688 - S. José dos Campos - E. S. Paulo